VLADIMIR NABOKOV

Lolita

LOLITA

VLADIMIR NABOKOV

Vladimir Nabokov, romancista e poeta russo, distinguiu-se pela riqueza imaginativa das suas obras, redigidas na sua língua natal e depois em inglês, dada a condição de escritor
emigrado. À mestria estilística das narrativas, acrescenta-se a originalidade de perspectivas, que por vezes se aproximam do grotesco, de sátira e do insólito. Entre os seus romances
publicados ao longo do século XX, sem dúvida que o mais célebre é Lolita, no qual se descreve a relação amorosa entre um intelectual de meia-idade e uma jovem de 12 anos.
Uma história escrita com brilhantismo característico deste autor, cuja prosa nunca cessa de surpreender.

Prefácio

Lolita, ou a Confissão de Um Viúvo de Cor Branca, eis os dois títulos sob os quais o signatário desta nota recebeu as estranhas páginas que nela prefacia. Humbert Humbert, o seu
autor, morrera na prisão, vitimado por uma trombose das coronárias, em 16 de Novembro de 1952, poucos dias antes da data marcada para o início do seu julgamento. O seu advogado,
o meu bom amigo e parente Clarence Choate Clark, agora do foro do distrito de Colúmbia, pediu-me que preparasse o manuscrito para ser editado, baseando tal pedido numa cláusula do testamento do seu constituinte, que autorizava o meu eminente primo a proceder de acordo com o seu critério em todos os assuntos relacionados com a preparação de Lolita para ser editada. A decisão de Mr. Clark talvez tenha sido influenciada pelo facto de o escritor que escolheu ter sido há pouco galardoado com o Prémio Poling por um modesto trabalho (Os Sentidos Fazem Sentido?) em que foram debatidos certos estados mórbidos e certas perversões.

A minha tarefa foi mais simples do que qualquer de nós previra. Exceptuando certas correcções de solecismos evidentes e a supressão cuidadosa de alguns pormenores obstinados que, não obstante os esforços do próprio H. H., ainda subsistiam no seu texto, quais marcos e pedras tumulares (denunciadores de lugares ou pessoas que a delicadeza mandava ocultar e a compaixão poupar), exceptuando tais correcções e supressões, esta extraordinária autobiografia é apresentada intacta. O estranho pseudónimo do autor é

da sua própria invenção e, naturalmente, essa máscara - através da qual parecem brilhar dois olhos hipnóticos - não podia ser levantada, a não ser desrespeitando o expresso desejo daquele que a escolheu. Embora "Haze" rime, apenas, com o verdadeiro apelido da heroína, o seu nome está tão estreitamente entrosado na textura mais íntima do livro que não seria possível modificá-lo. Tão pouco (como o próprio leitor notará) existe qualquer necessidade prática de o fazer. Os curiosos encontrarão referências ao crime de H. H. nos jornais diários de Setembro de 1952. A sua causa e o seu móbil continuariam envoltos num mistério total se esta autobiografia não tivesse vindo parar debaixo do meu candeeiro de leitura. Podem dar se alguns pormenores, tal como foram recebidos de Mr. Windmuller, de Ramsdale, que deseja ocultar a sua identidade para evitar que a longa sombra desta lamentável e sórdida história macule a comunidade a que tem a honra de pertencer. A sua filha, Louise, é hoje aluna do segundo ano de uma universidade. Mona Dahl estuda em Paris. Rita casou recentemente com o proprietário de um hotel da Florida. Mrs.Richard F. Schiller morreu de parto, ao dar à luz uma menina nada-morta, no dia de Natal de 1952, em Gray Star, povoação do remoto Noroeste. Vivian Darkblomm escreveu uma bibliografia - My Cue - a publicar em breve, e os críticos que leram o manuscrito consideram-na o seu melhor livro. Os guardas dos diversos cemitérios relacionados com a história comunicam que não apareceram por lá fantasmas.

Considerado simplesmente como romance, Lolita trata de situações e emoções que permaneceriam irritantemente vagas para o leitor se a sua expressão se tivesse estiolado pelo
recurso a evasivas banais. É verdade que não se encontra em todo o livro um único termo obsceno, de tal

sorte que o robusto filisteu, condicionado pelas modernas convenções a aceitar sem repugnância a prodigalidade de palavras porcas de um romance banal, ficará absolutamente escandalizado com a sua ausência aqui. Se, no entanto, para tranquilidade da consciência desse paradoxal moralista, se tentasse diluir ou omitir cenas a que um certo tipo de mentalidade poderia chamar afrodisíacas (ver a tal respeito a monumental decisão proferida, em 6 de Dezembro de 1933, pelo meritíssimo juiz John M. Woolsey acerca de outro livro de linguagem muito mais franca e clara), o melhor seria desistir por completo da publicação de Lolita, pois as cenas que absurdamente se poderiam acoimar de prenhes de conteúdo sensual próprio são o mais estritamente funcionais possível no desenrolar de uma história trágica que se encaminha, inabalável e resolutamente,para nada menos do que uma apoteose moral. Os cínicos poderão dizer que a pornografia comercial afirma exatamente o mesmo e os entendidos poderão ripostar que a apaixonada confissão de H. H. é uma tempestade num tubo de ensaio; e que, pelo menos, doze por cento dos varões adultos americanos – cálculo moderado, segundo a Dr.a Blanche Schwarzmann (comunicação verbal) - gozam anualmente, de uma maneira ou de outra, a experiência especial que H. H. descreve com tanto desespero, e que, se o nosso dementado diarista tivesse, no fatal Verão de 1947, consultado um psicoterapeuta competente, não haveria tragédia nenhuma mas, nesse caso, também não haveria este livro.

Perdoe-se a este comentador que repita o que tem salientado nos seus próprios livros e conferências, ou seja, que ofensivo é, frequentemente, apenas um sinónimo de invulgar
- e uma grande obra de arte é, claro, sempre original e, portanto, pela sua própria natureza, constitui uma

surpresa mais ou menos escandalizante. Não tenho nenhuma intenção de glorificar H. H. Não há dúvida de que ele é horrível, de que é abjecto, de que é um exemplo frisante de lepra moral, um misto de ferocidade e jocosidade que talvez denuncie suprema desgraça, mas que não inspira simpatia. É cansativamente extravagante. Muitas das suas opiniões casuais acerca das pessoas e das paisagens da América são ridículas. A sinceridade desesperada que vibra através da sua confissão não o absolve de pecados de astúcia diabólica. É anormal. Não é um cavalheiro. Mas com que magia o seu melodioso violino consegue inspirar uma ternura, uma compaixão por Lolita, uma ternura e uma compaixão que nos extasiam com o livro, embora detestemos o seu autor!

Como caso clínico, Lolita tornar-se-á, sem dúvida, um clássico nos círculos psiquiátricos. Como obra de arte, transcende os seus aspectos expiatórios - mas, para nós, mais importante ainda do que o significado científico e o valor literário é o impacte ético que o livro deverá produzir no leitor sério, pois neste pungente estudo pessoal oculta-se uma
lição geral. A criança caprichosa, a mãe egoísta e o maníaco anelante não são apenas personagens cheias de vida de uma história ímpar, advertem-nos de tendências perigosas,
apontam-nos males graves. Lolita deveria levar todos nós -pais, assistentes sociais, educadores - a dedicar-nos, ainda com maior cuidado e com uma visão mais atenta, à tarefa de criar uma geração melhor, num mundo mais seguro.

JOHN RAY JUNIOR
doutor em Filosofia Widworth,
Massachusetts

Primeira parte

1

Lolita, luz da minha vida, fogo da minha virilidade. Meu pecado, minha alma. Lo-li-ta: a ponta da língua faz uma viagem de três passos pelo céu da boca abaixo e, no terceiro, bate nos dentes. Lo. Li. Ta.

Pela manhã, um metro e trinta e dois a espichar dos soquetes; era Lo, apenas Lo. De calças práticas, era Lola. Na escola, era Dolly. Era Dolores na linha pontilhada onde assinava o nome. Mas nos meus braços era sempre Lolita.

Teve uma precursora? Teve, sim, teve. Na verdade, talvez até não houvesse Lolita nenhuma se, certo Verão, eu não tivesse amado uma rapariga-menina inicial. Num principado junto ao mar. Oh, quando? Quase tantos anos antes de Lolita nascer quantos eu contava nesse Verão. É sempre de esperar num assassino uma prosa de estilo caprichoso.

Senhoras e senhores do júri, a prova número um é o que os serafins, os simples, mal informados e nobremente alados serafins, cobiçaram. Reparai neste emaranhado de espinhos.

2

Nasci em Paris, em 1910. O meu pai era pessoa branda e indolente, uma salada de genes rácicos: cidadão suíço de mista ascendência franco-austríaca, com umas gotas do Danúbio nas veias. Daqui a um instantinho mostrar-lhes-ei alguns deliciosos postais ilustrados, de um azul muito brilhante. Era dono de um luxuoso hotel da Riviera. O seu pai e dois avós tinham vendido vinho, jóias e seda, respectivamente. Aos trinta anos desposou uma jovem inglesa, filha de Jerome Dunn, o alpinista, e neta de dois párocos de Dorset, especialistas em assuntos obscuros - paleopedologia, um, e harpas eólicas, outro. A minha muito fotogênica mãe morreu num singular acidente (piquenique, faísca) quando eu tinha três anos e, exceptuando uma bolsa de cálida ternura no mais negro passado, nada subsiste dela nos vales e fissuras da memória, sobre os quais, se ainda podeis suportar o meu estilo (estou a escrever vigiado), o sol da minha infância deixou de brilhar: todos vós conheceis, certamente, esses fragrantes restos de dia
suspensos, com os mosquitos, sobre alguma sebe em flor, ou subitamente penetrados e atravessados pelo caminhante, no sopé de um monte, no crepúsculo estival; um calor de velo macio, mosquitos dourados.

A irmã mais velha da minha mãe, Sybil, que um primo de meu pai desposara e depois abandonara, servia na minha família imediata, como uma espécie de preceptora e governanta sem salário. Alguém me contou, mais tarde, que ela estivera apaixonada pelo meu pai e que, num dia chuvoso, ele se aproveitara despreocupadamente disso e já esquecera tudo quanto o

tempo melhorara. Eu gostava muitíssimo dela, apesar da severidade - da fatal severidade - de algumas das suas regras. Talvez desejasse fazer de mim, a seu tempo, um viúvo melhor do que o meu pai. A tia Sybil tinha olhos azuis, orlados de cor-de-rosa, e uma tez de cera. Fazia versos. Era poeticamente supersticiosa. Dizia saber que morreria pouco depois do meu décimo sexto aniversário, e morreu. O marido, um grande caixeiro-viajante de perfumes, passava a maior parte do tempo na América, onde acabou por constituir uma firma e comprar alguns bens imóveis.

Cresci, criança saudável e feliz, num mundo alegre de livros ilustrados, areia limpa, laranjeiras, cães bonacheirões, paisagens marítimas e rostos sorridentes. O magnífico Hotel
Mirana girava em meu redor como uma espécie de universo particular, um cosmo pintado de branco dentro do outro, maior e azul, que cintilava no exterior. Desde a mulher de avental que areava as panelas até ao potentado vestido de flanela, toda a gente me adorava e enchia de mimo. Idosas senhoras americanas, apoiadas às suas bengalas, inclinavam-se para mim como torres de Pisa. Princesas russas arruinadas, que não podiam pagar ao meu pai, ofereciam-me bombons caros. Ele, o mon cher petit papa, passeava comigo de barco e de bicicleta, ensinava-me a nadar, a mergulhar e a praticar esqui aquático e lia-me o D. Quixote e Os Miseráveis, e eu adorava-o e respeitava-o e sentia-me contente, por ele, sempre que ouvia as criadas discutirem acerca das suas amiguinhas, belas e gentis criaturas que me ligavam muita importância, me apaparicavam e derramavam deliciosas lágrimas por causa da minha alegre orfandade.

Frequentava uma escola inglesa a alguns quilômetros de casa, onde jogava tênis e à bola, tinha

excelentes notas e dava-me às mil maravilhas, tanto com condiscípulos como com
professores. Os únicos acontecimentos sexuais definidos que me recordo de terem sucedido antes dos meus treze anos (isto é, antes de ter conhecido a minha pequenina Anabela) foram: uma conversa solene, decente e puramente teórica acerca das surpresas da puberdade, travada no roseiral da escola com um garoto americano, filho de uma então célebre estrela de cinema que ele raramente via no mundo tridimensional, e algumas reações interessantes, da parte do meu organismo, a certas fotografias, em luz e sombra, com linhas divisórias infinitamente suaves, o sumptuoso La Beauté Humaine, de Pichon, por mim surripiado debaixo de uma montanha de Graphirs, com encadernações a imitar mármore, da biblioteca do hotel. Mais tarde, à sua maneira deliciosamente benévola, o meu pai deu-me todas as informações acerca de sexo que julgou me seriam necessárias, antes de me mandar, no Outono de 1923, para um liceu de Lião (onde passaríamos três Invernos); mas, infelizmente, no Verão desse ano ele foi percorrer a Itália com Mme. de R. e a sua filha, e eu não tive ninguém a quem me queixar, ninguém com quem me aconselhar.

3

Anabela era, como o autor, de ascendência mista: meio inglesa, meio holandesa, no seu caso. Hoje lembro-me muito menos claramente das suas feições do que me lembrava há alguns anos, antes de conhecer Lolita. Há duas espécies de memória visual: uma, em que recriamos habilmente uma imagem no laboratório do nosso espírito, com os nossos olhos abertos (e nessa altura eu via Anabela em termos tão gerais como: pele cor de mel", braços magros, cabelo castanho e curto", pestanas compridas,, boca grande e luminosa); outra, em que evocamos instantaneamente, com os olhos fechados, no interior escuro das nossas pálpebras, a réplica objectiva e absolutamente óptica de um rosto adorado, um fantasmazinho em cores naturais (e é assim que vejo Lolita).

Permiti, portanto, que, ao descrever Anabela, me limite escrupulosamente a dizer que ela era uma garota encantadora, alguns meses mais nova do que eu. Os seus pais, velhos amigos da minha tia e tão enfadonhos como ela, tinham alugado uma vivenda não muito longe do Hotel Mirana. O careca e bronzeado Mr. Leigh e a gorda e empoada Mrs. Leigh (nascida Vanessa van Ness). Como os detestava! Ao princípio, Anabela e eu conversávamos de assuntos periféricos. Ela tinha o hábito de levantar punhados de fina areia e de a deixar correr por entre os dedos. Os nossos cérebros estavam sintonizados como os dos pré-adolescentes europeus inteligentes do nosso tempo e do nosso meio, e eu duvido que se pudesse atribuir grande dose de talento individual ao nosso interesse pela pluralidade dos

mundos habitados, pelo tênis de competição, pelo Infinito, pelo solipsismo, etc.
A maciez e a fragilidade das crias dos animais causavam-nos a ambos a mesma dor intensa. Ela queria ser enfermeira num esfaimado país asiático qualquer; eu queria ser um espião
famoso.

De repente, estávamos louca, desajeitada, imprudente e angustiadamente apaixonados um pelo outro – e desesperadamente, deveria acrescentar, pois aquele frenesi de posse mútua só poderia ser apaziguado se, verdadeiramente, absorvêssemos e assimilássemos todas as partículas da carne e da alma um do outro; mas para ali estávamos, incapazes, até, de acasalar, coisa que as crianças dos bairros miseráveis teriam encontrado sem dificuldade oportunidade de fazer. Depois de uma ousada tentativa para nos encontrarmos à noite no jardim dela (de que falarei mais adiante), a única intimidade que nos consentiam era estar longe do alcance auditivo, mas não do visual, da parte populosa da plage. Aí, a poucos palmos de distância dos mais velhos, estendíamo-nos toda a manhã na areia fofa, num petrificado paroxismo de desejo, e aproveitávamos todos os abençoados ardis, no espaço e no tempo, para nos tocarmos: a sua mão, meio oculta na areia, avançava devagarinho na minha direção, com os dedos esguios e morenos a aproximarem-se mais e mais, como sonâmbulos; depois, o seu opalescente joelho iniciava uma longa e cautelosa viagem. Às vezes, um castelo ocasional, construído por garotos mais novos, concedia-nos abrigo suficiente para que os nossos lábios salgados roçassem uns pelos outros. Estes contactos incompletos arrastavam os nossos corpos jovens, sadios e inexperientes para tal estado de exaspero que nem a fria água azul, sob a qual continuávamos a agarrar-nos, nos aliviava.

Entre alguns tesouros que perdi nas perambulações dos meus anos de adulto, contava-se um instantâneo tirado pela minha tia e no qual se via Anabela, os pais e o calmo, idoso e coxo cavalheiro - Dr. Cooper de seu nome - que nesse mesmo Verão cortejou a minha tia, agrupados à volta de uma mesa, numa esplanada. Anabela não ficou muito bem, pois foi apanhada ao inclinar-se para o seu chocolat glacê e os seus ombros magros e nus e o risco do seu cabelo eram praticamente tudo quanto se podia identificar (tanto quanto me lembro) na mancha luminosa em que o seu perdido encanto se esbatia. Mas eu, sentado um pouco afastado dos restantes, aparecia na fotografia com uma espécie de dramática evidência: um rapaz taciturno e de sobrancelhas hirsutas, de camisa desportiva escura e calções brancos bem cortados, de pernas cruzadas, sentado de perfil e a olhar para longe. Essa fotografia tinha sido tirada no último dia do nosso fatal Verão e alguns minutos, apenas, antes da nossa segunda e derradeira tentativa para contrariar o destino. Valendo-nos do mais insignificante dos pretextos (era a nossa última oportunidade e nada mais interessava, realmente), escapámo-nos da esplanada do café para a praia, encontramos uma extensão de areia deserta e aí, na sombra violeta de umas rochas vermelhas que formavam uma espécie de caverna, tivemos uma breve sessão de sôfregas carícias, com um par de óculos de sol perdidos por alguém como única testemunha. Eu estava de joelhos, e prestes a possuir a minha adorada, quando dois banhistas barbudos, o velho banheiro e o irmão, saíram do mar e soltaram exclamações de obsceno encorajamento. Quatro meses depois ela morreu de tifo, em Corfu.

4

Folheio e torno a folhear estas tristes memórias e pergunto-me incessantemente se foi então, no brilho daquele remoto Estio, que começou o angustiante da minha vida. Ou o
meu desejo excessivo por aquela criança terá sido apenas o primeiro sintoma de uma singularidade inerente? Quando tento analisar os meus anseios, as minhas razões, os meus atos, etc., rendo-me a uma espécie de imaginação retrospectiva, que alimenta a faculdade analítica com alternativas sem fim e faz que o caminho visualizado bifurque e torne a bifurcar infinitamente na perspectiva enlouquecedoramente complexa do meu passado. Estou, no entanto, convencido de que, de certo modo mágico e fatídico, Lolita começou com Anabela.

Sei também que o abalo da morte de Anabela consolidou a frustração daquele Estio de pesadelo, o transformou num obstáculo permanente a qualquer novo romance nos anos frios da minha juventude. O espiritual e o físico tinham-se fundido em nós com uma perfeição por certo incompreensível aos jovens práticos, grosseiros e de mentalidade estandardizada nos nossos dias. Muito depois da sua morte continuarei a sentir os seus pensamentos flutuarem através dos meus. Muito antes de nos conhecermos tivéramos os mesmos sonhos. Comparamos as nossas recordações e encontramos estranhas afinidades. No mês de Junho do mesmo ano (1919), um canário perdido entrara na casa dela e na minha, em dois países muito distantes um do outro. Oh, Lolita, se tu me tivesses amado assim!

Reservei para remate da minha fase Anabela o relato do nosso primeiro e frustrado encontro a sós. Uma noite, ela conseguiu iludir a odiosa vigilância da sua família. Num bosquezinho de mimosas de folhas esguias, do fundo do jardim da sua casa, encontramos lugar para nos sentarmos nas ruínas de um muro baixo, de pedra.

Através da escuridão e do rendilhado das árvores, distinguíamos os arabescos das janelas iluminadas, que, retocadas pelas tintas coloridas da memória sensitiva, me parecem agora cartas de jogar - talvez porque um jogo de bridge mantinha o inimigo ocupado. Ela estremeceu e contorceu-se quando lhe beijei o canto dos lábios entreabertos me o lobo quente da orelha. Um cardume de estrelas brilhava palidamente por cima de nós, entre as silhuetas das folhas finas e compridas, e aquele céu vibrante parecia tão nu como ela estava, sob o vestido leve. Vi o seu rosto reflectido no céu, com uma nitidez extraordinária, como se emitisse uma ténue radiância. As suas pernas, as suas pernas encantadoramente vivas, não estavam muito unidas, e, quando a minha mão encontrou o que procurava, gravou-se-lhe nas feições infantis uma expressão sonhadora e misteriosa, em que havia prazer e dor. Estava sentada num plano um pouco mais elevado do que eu e, sempre que o seu êxtase solitário a impelia a beijar-me, inclinava a cabeça com um movimento sonolento, suave e lânguido, quase angustiado, e os seus joelhos nus prendiam e apertavam o meu pulso, para o libertarem em seguida. A sua boca tremula, franzida pela acidez de qualquer misteriosa poção, aproximava-se do meu rosto e sustinha a respiração, num hausto sibilante. Tentava, primeiro, apaziguar o sofrimento do amor comprimindo violentamente os lábios ressequidos contra os meus; depois, a minha amada afastava-se e sacudia nervosamente o cabelo, para a seguir se aproximar de novo, sombriamente, e me deixar beber a

vida na sua boca aberta, enquanto, com uma generosidade disposta a oferecer-lhe tudo - o coração, a garganta, as entranhas -, eu lhe dava a segurar na mão inexperiente o ceptro da minha paixão.

Recordo-me do perfume de um pó-de-arroz qualquer - creio que o roubou à criada espanhola da mãe -, uma fragrância adocicada, ordinária, almiscarada. Confundia-se com o seu próprio odor a pãezinhos frescos, e os meus sentidos ameaçaram, subitamente, romper todas as barreiras. Um ruído inesperado, numa moita próxima, impediu-os de transbordar, e, enquanto nos desenlaçávamos e, de veias latejantes, doridas, esperávamos ver aparecer, talvez, um gato vadio, ouvimos, vinda de casa, a voz da mãe dela a chamá-la, num crescendo frenético - e o Dr. Cooper apareceu no jardim, a coxear pesadamente. Mas o bosquete de mimosas, a névoa de estrelas, o frémito, a chama, a seiva e a dor ficaram comigo, e aquela rapariguinha de membros tisnados pela praia e língua ardente nunca mais deixou de me perseguir - até que, vinte e quatro anos depois, quebrei o seu encanto ao encarná-la noutra.

5

Ao recordá-los agora, os dias da minha juventude parecem fugir-me numa lufada de fiapos repetidos, como aquelas nevascas de papel de seda usado que um passageiro de comboio vê remoinhar na esteira da última carruagem. Nas minhas relações higiênicas com mulheres fui prático, irônico e despachado. Enquanto estudei em Londres e Paris, as damas pagas bastavam-me. Os meus estudos eram meticulosos e aturados, embora sem resultados particularmente proveitosos. Ao princípio, pensei formar-me em Psiquiatria, como acontece a muitos talentos manqués, mas eu era ainda mais manqué do que isso. Instalou-se em mim uma exaustão peculiar - sinto-me tão oprimido, doutor! - e transferi o meu interesse para a literatura inglesa, onde tantos poetas frustrados vão acabar como professores, de fato de tweed e cachimbo na boca. Paris agradou-me. Discutia filmes soviéticos com eLivross. Sentava-me com uranistas no Deux Magots. Publicava ensaios tortuosos em jornais obscuros. Compunha pastiches:

... Fraulein von Kulp
pode votar, colocar a mão na porta;
Não a seguirei. Nem a Fresca.
Nem Àquela Gaivota.

Um trabalho meu intitulado O tema proustiano numa carta de Keats a Benjamim Bailey, foi motivo de galhofa para os seis ou sete eruditos que o leram.

Lancei-me a escrever uma Histoire abrégée de la poésie anglaise para uma editora importante e depois comecei a compilar o Manual da Literatura Francesa para estudantes de língua inglesa (com exemplos comparativos tirados de escritores ingleses), que me ocuparia durante toda a década de 1940, e cujo último volume estava quase pronto para o prelo aquando da minha prisão.

Arranjei emprego: ensinar inglês a um grupo de adultos, em Auteuil. Depois uma escola de rapazes contratou-me durante dois Invernos. De vez em quando, aproveitava-me dos conhecimentos que travara entre assistentes sociais e psicoterapeutas para visitar, na sua companhia, várias instituições, como orfanatos e reformatórios, onde pálidas e púberes rapariguinhas de fartas pestanas podiam ser olhadas numa impunidade absoluta, que fazia lembrar a que nos é concedida nos sonhos.

Permiti agora que apresente uma ideia. Entre os limites etários dos nove e dos catorze anos ocorrem donzelas que, a certos viajantes enfeitiçados, duas ou muitas vezes mais velhos do que elas, revelam a sua vera natureza, que não é humana, e sim nínfica (isto é, demoníaca) - criaturas eleitas que me proponho designar por ninfetas.

Note-se que substituo por termos de tempo os termos espaciais. Efetivamente, gostaria que o leitor visse nove, e catorze como os limites - as praias translúcidas e as rochas róseas - de uma ilha encantada povoada pelas minhas ninfetas e rodeada por um mar imenso e brumoso. Entre estes limites de idade todas as raparigas-meninas são ninfetas? Claro que não.

Caso contrário, nós, que conhecemos o segredo, nós, viajantes solitários, nós, os ninfoleptos, há muito que teríamos ensandecido. Tão-pouco a beleza serve de padrão, e a

vulgaridade, ou, pelo menos, o que dada comunidade assim classifica, diminui forçosamente certas características misteriosas: a graça desvairada e o encanto esquivo, astuto, abalador da alma e insidioso, que distingue as ninfetas de certas coevas suas incomparavelmente mais dependentes do mundo espacial de fenômenos síncronos do que na tal ilha intangível de tempo enfeitiçado onde Lolita brinca com as suas iguais. Dentro dos mesmos limites etários, o número de ninfetas verdadeiras é espantosamente inferior ao das rapariguinhas essencialmente humanas e provisoriamente feias, ou apenas bonitas, ou engraçadas,, ou até deliciosas, e atraentes, meninas vulgares, gorduchas, informes e frias, com barriguinhas e trancinhas, que podem ou não transformar-se em adultas de grande beleza (lembrai-vos das patinhas feias, de peúgas pretas e chapéu branco, que se metamorfosearam em espampanantes estrelas de cinema). Um homem normal a quem se mostre uma fotografia de um grupo de colegiais ou escuteiras e se peça que indique a mais bonita não escolherá necessariamente a ninfeta que porventura se encontre entre elas. É preciso ser um artista e um louco, um ser infinitamente melancólico, com um fervilhar de veneno escaldante no ventre e uma labareda supervoluptuosa perenemente acesa na flexível espinha (oh, como temos de nos encolher de medo e de nos esconder!), para identificar imediatamente, por inefáveis indícios - o contorno ligeiramente felino de um zigoma, a esbeltez de um membro penugento e outros sinais que o desespero e a vergonha e lágrimas de ternura me proíbem de enumerar -, o demoniozinho fatal entre as outras crianças normais; ela não é reconhecida pelas outras e tão-pouco tem, pessoalmente, consciência do seu fantástico poder.

Além disso, como a ideia do tempo desempenha um papel tão carregado de magia no assunto, o estudioso da matéria não deverá surpreender-se ao saber que deve haver um hiato de vários anos - eu diria que nunca menos de dez, geralmente trinta ou quarenta e nalguns casos conhecidos nada menos de noventa- entre donzela e homem, para que este possa ser apanhado pelo encantamento de uma ninfeta. E uma questão de ajustamento focal, de uma certa distância que a visão interior vibra ao vencer, de um certo contraste que a mente apreende com um suspiro sufocado de perverso deleite. Quando eu era criança e ela era criança, a minha Anabela não era uma ninfeta para mim; eu era seu igual, um faunito por direito próprio, nessa mesma encantada ilha de tempo. Mas hoje, em Setembro de 1952, decorridos vinte e nove anos, julgo poder distinguir nela o demônio fatal e primeiro da minha vida. Amámo-nos com um amor precoce, assinalado por um ardor que tantas vezes destrói vidas adultas. Eu era um rapaz forte e sobrevivi; mas o veneno estava na ferida, a ferida nunca fechou e a breve trecho dei comigo a amadurecer entre uma civilização que permite a um homem de vinte e cinco anos cortejar uma rapariga de dezesseis, mas não uma de doze.

Não admira, portanto, que a minha vida adulta, durante o meu período europeu, tenha sido uma monstruosa duplicidade. Abertamente, tinha as chamadas relações normais com certo número de mulheres terrenas com abóboras ou pêras como seios; intimamente, consumia-me uma fornalha infernal de luxúria localizada em cada ninfeta que passava e que eu, como poltrão respeitador das leis, nunca me atrevia a abordar. As mulheres humanas com as quais me era consentido lidar não passavam de agentes paliativos. Estou disposto a admitir que as sensações que me causou a fornicação natural foram muito semelhantes às

experimentadas pelos machos adultos normais da espécie, nas suas relações com as suas companheiras adultas normais, nesse ritmo rotineiro que faz estremecer o mundo. A diferença residia no fato de esses cavalheiros não terem tido, e eu ter tido, vislumbres de um gozo incomparavelmente profundo e intenso. O mais vago dos meus sonhos profanadores era mil vezes mais deslumbrante do que todo o adultério que o mais viril escritor de génio ou o mais talentoso impotente poderiam imaginar. O meu mundo estava dividido. Eu tinha a noção da existência não de um, mas, sim, de dois sexos, nenhum dos quais era o meu, dois sexos que seriam ambos classificados de femininos por qualquer anatomista. Mas, para mim, através do prisma dos meus sentidos eram tão diferentes como neve e nave". Só agora racionalizo tudo isto. Entre os vinte e os trinta e poucos anos não compreendi as minhas angústias com tanta clareza. Se o meu corpo sabia o que desejava, o meu espírito repelia todos os seus apelos.

Num momento sentia-me envergonhado e assustado; no seguinte, temerariamente otimista. Os tabus estrangulavam-me. Os psicanalistas acenavam-me com pseudolibertações ou pseudolíbidos. O fato de, para mim, os únicos objetos de frémito amoroso serem irmãs de Anabela, suas aias e seus pajens femininos, parecia-me, por vezes, um prenúncio de insanidade. Noutras ocasiões, afirmava a mim próprio ser tudo uma questão de atitude, não haver, realmente, nada de errado em me emocionar até à loucura por raparigas-meninas. Permiti que recorde aos meus leitores que em Inglaterra, depois da aprovação da Lei das Crianças e Jovens, de 1933, a expressão rapariga-menina" é definida como uma menina de mais de oito e menos de catorze anos, (depois disso, dos catorze aos dezessete anos, a definição legal é jovem"). Por outro lado, no Massachusetts, E. U., uma criança desobediente" é, tecnicamente, abrangida entre

os sete e os dezessete anos de idade" (e, além disso, habitualmente associada com pessoas perversas ou imorais). Hugh Broughton, polemista que viveu no reinado de Jaime I, provou que Rahab era uma prostituta aos dez anos de idade. Tudo isto é muito interessante e ouso supor que já me estais vendo com a boca a espumar, num ataque. Mas não estou; estou apenas a fechar um olho, para fazer pontaria, e a arremessar pensamentos felizes para uma taça, como num jogo de argolas. Mas eis mais algumas imagens. Aqui está Virgílio, que podia cantar a ninfeta em tom singelo, mas que talvez preferisse o peritônio de um rapaz. E aqui estão duas das filhas pré-núbeis do faraó Akenaton e da rainha Nefertite (este par real teve uma ninhada de seis), cobertas apenas por muitos colares de contas brilhantes e repousando descontraidamente em cima de almofadas, intactas após três mil anos, com os seus macios e castanhos corpos de cachorrinhas, o seu cabelo curto e os seus rasgados olhos de ébano. Aqui estão algumas noivas de dez anos, obrigadas a sentar-se no fascinum, o marfim viril dos tempos da cultura clássica. O casamento e a coabitação antes da puberdade ainda se praticam em certas províncias da Índia oriental. Velhos lepchas de oitenta anos copulam com rapariguinhas de oito e ninguém se importa. No fim de contas, Dante apaixonou-se loucamente por Beatriz quando ela tinha nove anos e era uma cintilante garota pintada, encantadora e coberta de jóias, de comprido vestido escarlate - e isto passou-se em 1274, em Florença, numa festa particular efetuada no alegre mês de Maio. E, quando Petrarca se apaixonou perdidamente pela sua Laura, ela era uma loura ninfeta de doze anos a correr ao vento, entre pólen e poeira, uma flor em fuga, na bela planície vista dos montes de Vaucluse e descrita pelo poeta.

Mas sejamos decentes, civilizados. Humbert Humbert esforçou-se, esforçou-se muito, para ser bom. Esforçou-se verdadeira e sinceramente. Tinha o máximo respeito pelas crianças normais, com a sua pureza e a sua vulnerabilidade, e em circunstância alguma interferiria com a inocência de uma criança, se houvesse o mínimo risco de complicações. Mas, oh!, como o seu coração batia quando, entre a inocente multidão, descobria uma criança-demônio, enfant charmant et fourbe, olhos sombrios, lábios brilhantes, dez anos de cadeia só por ser apanhado a olhar para ela. E assim a vida continuava. Humbert era perfeitamente capaz de ter relações íntimas com Eva, mas era Lilith que desejava. A fase inicial do desabrochar do seio começa cedo (10,7 anos), na sequência de alterações somáticas que acompanham a puberdade. E o indício seguinte de amadurecimento é o aparecimento dos primeiros pêlos púbicos pigmentados (11,2 anos). A minha tacinha trasborda de argolas!

Um naufrágio. Um atol. Sozinho com a filha, tremula de frio, de uma passageira afogada. Queridinha, isto é apenas um jogo! Como eram maravilhosas as minhas imaginárias aventuras, sonhadas sentado no banco duro de um jardim, fingindo-me imerso num livro que me tremia nas mãos! À roda de um estudioso tranquilo brincavam despreocupadamente ninfetas,como se ele fosse uma estátua familiar ou parte da sombra e dos ramos de uma velha árvore. Uma vez, uma belezinha perfeita, de vestido axadrezado, pôs ruidosamente o pé em cima do banco, perto de mim, para apoiar os braços esguios e nus em mim e apertar a correia do patim, e eu dissolvi-me no sol, com o livro transformado em folha de parreira, quando os seus caracóis ruivos lhe caíram sobre o joelho esfolado, e a sombra das folhas que eu compartilhava palpitou e fundiu-se com o seu membro radioso, junto da minha camaleônica face. Noutra

ocasião, uma colegial ruiva debruçou-se por cima de mim, no metro, e a revelação da penugem axilar que descortinei permaneceu-me no sangue durante semanas. Podia enumerar muitos pequenos romances unilaterais deste gênero, alguns dos quais terminaram num forte ressaibo a Inferno. Por exemplo, da minha varanda via uma janela iluminada, do outro lado da rua, e o que me parecia uma ninfeta a despir-se, diante de um espelho cúmplice. Assim isolada, assim distante, a visão revestia-se de um encanto particularmente vivo, que me lançava a toda a velocidade numa orgia de gozo solitário. Mas bruscamente, diabolicamente, o terno modelo de nudez que eu adorara transformava-se, à luz de um candeeiro, no braço repugnante de um homem em trajos menores, a ler o jornal junto da janela aberta, na quente, húmida e desesperada noite estival.

Saltar à corda, amarelinha. Aquela velha de preto que se sentou a meu lado, no banco, na minha roda de gozo, que não de suplício (uma ninfeta procurava debaixo de mim, às apalpadelas, um berlinde perdido), perguntou-me – insolente estafermo! - se me doía o estômago. Ah, deixai-me sozinho no meu parque pubescente, no meu jardim musgoso! Deixai-as brincar eternamente em meu redor, sem nunca crescerem!

6

A propósito, que acontecerá, mais tarde, a estas ninfetas? Tenho feito esta pergunta a mim próprio, muitas vezes. Será possível, neste férreo mundo em que causa e efeito se entrecruzam, será possível que a palpitação secreta que lhes roubei não afecte o seu futuro? Possuí-a e ela nunca o soube. Muito bem. Mas isso não teria os seus efeitos, em qualquer altura posterior? Não teria eu, fosse como fosse, interferido no seu destino, ao envolver a sua imagem na minha voluptuosidade Oh, isso foi, e continua a ser, uma fonte de grande e terrível perplexidade!

Vim, no entanto, a saber qual era o aspecto dessas ninfetas encantadoras e de braços magros, que me enlouqueciam, qual era o seu aspecto quando cresciam. Lembro-me de caminhar por uma rua movimentada, numa tarde cinzenta de Primavera, algures nas proximidades da Madeleine. Uma rapariga baixa e delgada passou por mim, de saltos altos e passos rápidos e curtos. Olhamos para trás ao mesmo tempo, ela parou e eu abordei-a. Mal chegava aos pêlos do meu peito e tinha aquele tipo de rosto redondo e com covinhas tão frequentes nas raparigas francesas. Gostei das suas pestanas compridas e do vestido justo, de bom corte, que cingia de cinzento-pérola o seu corpo jovem que ainda conservava - e isso foi o eco nínfico, o arrepio de gozo, o sobressalto da minha virilidade - um não-sei-quê de infantil, de mistura com o frétillement profissional do seu pequeno e ágil traseiro. Perguntei-Lhe o preço e ela respondeu prontamente, com uma precisão melodiosa e argentina (um pássaro, um vero pássaro!): Cent. Tentei regatear, mas ela viu o desesperado e solitário desejo

que se espelhava nos meus olhos baixos, postos: na sua testa redonda e no seu chapéu rudimentar (uma fita, um ramalhete de flores), e, com um bater de cílios, replicou-me: «Tant pis», e fez menção de se afastar. Talvez três anos antes, apenas, eu a pudesse ter visto regressar a casa, da escola! Esta evocação arrumou o assunto. Conduziu-me pela habitual escada íngreme acima, com a habitual campainha a tocar, a fim de abrir caminho ao monsieur, que talvez não gostasse de encontrar outro monsieur na melancólica subida para o quarto abjecto, todo cama e bidé. Como de costume, pediu imediatamente o seu petit cadeau e, como de costume, eu perguntei-lhe o nome (Monique) e a idade (dezoito anos). Estava muito habituado à atitude banal das mulheres da rua. Respondem todas «Dix-huit» - um gorjeio estudado, uma nota decisiva, uma mentira com laivos saudosos que as pobres criaturinhas chegam a repetir dez vezes por dia. Mas no caso de Monique não havia dúvida de que, se mentia, era para acrescentar um ou dois anos à sua idade. Deduzi-o de muitos pormenores do seu corpo firme, esbelto, curiosamente imaturo. Depois de se despir com fascinante rapidez, parou um instante parcialmente envolta na modesta cassa do cortinado da janela, a escutar com infantil prazer, com a maior das naturalidades, um tocador de órgão, no pátio, que, em baixo, o crepúsculo escurecia. Quando Lhe examinei as mãos pequeninas e chamei a sua atenção para as unhas sujas, respondeu-me com um ingênuo franzir de cenho: «Oui, ce n'est pas bien.» Dirigiu-se para o lavatório, mas eu afirmei-Lhe que não tinha importância, que não tinha absolutamente importância nenhuma. Era encantadora, com o seu curto cabelo castanho, os seus luminosos olhos cinzentos e a sua pele clara. As suas ancas não eram maiores do que as de um rapaz acocorado; não hesito em confessar (e essa é, na verdade, a razão por que me demoro,

gratamente, a recordar Monique), que, dentre as oitenta e tal grues a cujos talentos profissionais recorrera, ela foi a única que me causou uma punhalada de genuíno prazer. «Il était malin, celui que a inventé ce truc-là», comentou, risonha, e vestiu-se com a mesma rapidez de grande estilo com que se despira.

Pedi-lhe outro encontro mais demorado, nessa mesma noite, e ela disse que se encontraria comigo no café da esquina, às nove horas, e jurou que jamais na vida tinha posé un lapin. Voltamos ao mesmo quarto e não me pude conter que não Lhe dissesse como era bonita, ao que respondeu, com falsa modéstia: «Tu est bien gentil de dire ça.» Depois, reparando no que eu também já reparara no espelho que reflectia o nosso pequeno Éden - os dentes cerrados num horrível ricto de ternura que me deformava a boca -, a obediente Monique (oh, não havia dúvida de que tinha sido uma ninfeta!) desejou saber se devia tirar a camada de carmim dos lábios, avant qu'on se couche, no caso de tencionar beijá-la. Claro que tencionava beijá-la. Abandonei-me a ela mais completamente do que jamais me abandonara a qualquer outra jovem, e a minha última visão da Monique de longos cílios, daquela noite, é nimbada por uma alegria que raramente encontro associada a qualquer acontecimento da minha humilhante, sórdida e taciturna vida amorosa. Mostrou-se contentíssima com o bónus
de cinquenta francos que Lhe dei, ao sair para a chuva miúda da noite de Abril. com Humbert Humbert a seguir-Lhe pesadamente o estreito rasto. Parou diante de uma montra e disse, com grande satisfação: «Je vais m'acheter des bas!» Jamais esquecerei o modo como os seus infantis lábios parisienses pareceram explodir ao emitir o bas, pronunciado com um apetite que praticamente transformou o a num breve e impetuoso o, como na palavra inglesa bot.

Marcara um encontro com ela às duas e um quarto da tarde seguinte, nos meus próprios aposentos, mas as coisas não correram tão bem. Dir-se-ia que, da noite para o dia, se
tornara menos juvenil, mais mulher. Uma constipação que me pegou levou-me a cancelar um quarto encontro, e confesso que não lamentei interromper assim uma série emocional que
ameaçava sobrecarregar-me com dolorosas fantasias e terminar em melancólica decepção. Deixemo-la ficar como foi durante um ou dois minutos: uma ninfeta delinquente a brilhar através de uma prosaica jovem prostituta.

As minhas breves relações com ela desencadearam em mim uma sequência de ideias que talvez pareça muito evidente ao leitor que conhece os cordelinhos. Um anúncio numa revista duvidosa levou-me, um belo dia, ao escritório de uma tal Mlle. Edith, que começou por me convidar para escolher uma alma gêmea numa coleção de fotografias muito formais, num álbum muito seboso («Regardez-moi cette belle brune!»). Quando afastei o álbum e, não sei bem como, consegui explicar os meus criminosos anseios, olhou-me como se lhe apetecesse apontar-me a porta da rua. No entanto, depois de me perguntar quanto estaria disposto a desembolsar, condescendeu em pôr-me em contacto com uma pessoa qui pourrait arranger la chose. No dia seguinte, uma mulher asmática, grosseiramente pintada, tagarela, a feder a alho, com um sotaque provençal quase cômico e um bigode por cima do beiço purpúreo, levou-me, aparentemente, ao seu próprio domicílio e, aí, depois de beijar explosivamente as pontas unidas dos dedos gordos, para me garantir a deliciosa qualidade de botãozinho de rosa da sua mercadoria, afastou teatralmente a cortina e revelou o que eu supus ser aquela parte da casa onde uma família numerosa e

pouco exigente costuma dormir. Naquele momento só lá se encontrava uma rapariga monstruosamente gorda, macilenta e repugnantemente feia, de, pelo menos, quinze anos e com grossas tranças pretas enfeitadas com fitas encarnadas, sentada numa cadeira a embalar maquinalmente uma boneca sem cabelo. Quando abanei a cabeça e tentei sair da armadilha, a mulher, a falar muito depressa, começou a despir a desengraçada camisola do torso da jovem gigante. Por fim, vendo que eu estava decidido a partir, pediu son argent. Abriu-se uma porta ao fundo do aposento e dois homens, que tinham estado a jantar na cozinha, juntaram-se à discussão. Eram disformes, de pescoço nu e muito morenos, e um deles usava óculos escuros. No seu encalço apareceram um rapazinho e um bebê encardido, de pernas arqueadas. Com a lógica insolente de um pesadelo, a furiosa alcoviteira apontou o homem dos óculos e disse que ele trabalhara na Polícia, lui, por isso seria melhor eu fazer o que me mandavam. Aproximei-me de Marie - era esse o seu nome estelar -, que entretanto transferira as pesadas ancas para um banco da cozinha e recomeçara a comer a sopa interrompida, enquanto o bebê apanhava a boneca por ela abandonada. Com um ímpeto de compaixão a dramatizar o meu gesto idiota, coloquei uma nota na sua mão indiferente. Ela entregou a minha oferta ao ex-detetive e consentiram finalmente que eu saísse.

7

Não sei se o álbum da alcoviteira teria sido outro elo do meu colar de margaridas, mas pouco depois, para minha própria segurança, resolvi casar. Pensei que um horário regular,
comida caseira, todas as convenções do casamento, a rotina profilática das suas atividades de alcova e - quem sabe? O importante desabrochar de certos valores morais, de certos substitutos morais, me poderiam ajudar, se não a libertar-me dos meus degradantes e perigosos desejos, pelo menos a descontrolá-los pacificamente. Algum dinheiro que recebera por morte do meu pai (não muito, pois o Mirana fora vendido muito antes), além do meu atraente, ainda que um tanto ou quanto brutal, aspecto físico, permitiu que me entregasse à procura de companheira com certa equanimidade. Depois de muito deliberar, a minha escolha recaiu na filha de um médico polaco: por coincidência, o bom homem andava a tratar-me de crises de tonturas e taquicardia. Jogávamos xadrez. A filha observava-me por trás do seu cavalete e pregava com os meus olhos ou os nós dos meus dedos na sucata cubista que as meninas prendadas da época pintavam, em vez de lilases e carneirinhos. Permiti que repita, com serena energia: eu era e ainda sou, não obstante mes malheurs, um varão excepcionalmente interessante; lento de movimentos, alto, de suave cabelo escuro e um ar sombrio, mas por isso mesmo ainda mais sedutor. A virilidade excepcional reflete, muitas vezes, nas feições visíveis do indivíduo, um não-sei-quê de sorumbático e congestionado, que se relaciona com o que ele tem de ocultar. Era esse o meu caso. Bem sabia - ai de mim! - que podia obter, com um estalar de dedos, qualquer

mulher adulta que quisesse. Efetivamente, até adquirira o hábito de não me tornar demasiado atencioso com as mulheres, por temer que me chovessem como fruta madura no regaço frio. Se fosse um
français moyen apreciador de mulheres vistosas, talvez encontrasse facilmente, entre as muitas beldades loucas que fustigavam o meu soturno rochedo, criaturas muito mais fascinantes do que Valéria. No entanto, a minha escolha foi ditada por considerações cuja essência era, como compreendi tarde de mais, um lamentável compromisso. O que mostra como o pobre Humbert foi sempre um grandíssimo estúpido em questões de sexo.

8

Embora afirmasse a mim próprio que procurava apenas uma presença apaziguadora, um glorificado pot-au feu e uma companheira de leito, o que na realidade me atraía em Valéria era o fato de ela imitar uma rapariguinha. Não o fazia por ter adivinhado qualquer coisa a meu respeito; era apenas o seu estilo - e eu deixei me levar. Na verdade, ela devia ter, pelo menos, quase trinta anos (nunca consegui saber a sua idade certa, pois até o passaporte mentia) e perdera a virgindade em circunstâncias que variavam consoante as suas venetas reminiscentes. Eu, pelo meu lado, era tão ingênuo como só um pervertido pode ser. Ela parecia fofinha e travessa, vestida à la gamine, mostrava uma boa quantidade de perna macia, sabia realçar a brancura do peito do pé nu com o negro de uma chinela de veludo, e amuava, fazia covinhas na cara, pulava, dizia brejeirices e sacudia o cabelo curto e encaracolado do modo mais banal e engraçado que era possível imaginar.

Após uma breve cerimónia na mairie, levei-a para o novo apartamento que alugara e surpreendi-a um pouco ao insistir para que vestisse, antes de Lhe tocar, uma simples camisa de dormir juvenil que conseguira surripiar do roupeiro de um orfanato. Diverti-me um bocado com aquela noite nupcial e ao nascer do Sol tinha a idiota praticamente histérica. Mas a realidade não tardou a impor-se. O caracol descolorado revelou a raiz melânica; a penugem transformou-se em espinhos nas canelas rapadas; a boca móbil e húmida, por muito que eu a enchesse de amor, revelava ignominiosamente a sua semelhança com a feição correspondente de um

retrato, que guardava como um tesouro, da sua sapiforme mãezinha. Às duas por três, em lugar de uma pálida rapariguinha da rua, Humbert Humbert tinha nas mãos um grande e gordo estafermo, de pernas curtas, seios enormes e cabeça praticamente oca.

Este estado de coisas durou de 1935 a 1939. A sua única vantagem era uma natureza silenciosa, que ajudava a criar uma estranha atmosfera de conforto no nosso pequeno e triste
apartamento: duas salas, uma vista brumosa de uma janela, uma parede de tijolo na outra, uma cozinha minúscula e uma banheira do feitio de um sapato, na qual me sentia como Marat, mas sem uma donzela de níveo pescoço para me apunhalar. Passávamos alguns serões aconchegados, ela mergulhada no seu Paris-Soir, eu a trabalhar numa mesa desconjuntada. Íamos ao cinema, a corridas de bicicleta e a combates de boxe. Recorria à sua carne cediça muito raramente, só em caso de grande necessidade e desespero. O merceeiro tinha uma filhinha cuja sombra me enlouquecia; mas, com a ajuda de Valéria, sempre encontrei algumas maneiras de escapar legalmente ao meu fanático tormento. Quanto a cozinhados, desistimos tacitamente do pot-au fot e comíamos a maioria das nossas refeições num restaurante sempre cheio da rue Bonaparte, cujas toalhas tinham nódoas de vinho e onde se ouvia falar muito estrangeiro. Na porta ao lado, um negociante de arte exibia na atravancada montra uma esplêndida estampa americana antiga, vistosa, verde, encarnada, dourada e azul-tinta: uma locomotiva com uma gigantesca chaminé, grandes lanternas barrocas e um tremendo limpa-trilhos, puxando as suas carruagens verde-malva através da tempestuosa noite da pradaria e misturando uma quantidade de fumo negro, salpicado de faúlhas, com as nuvens borrascosas e algodoadas.

Era de rebentar. No Verão de 1939 mon oncle d'Amérique faleceu e deixou-me um rendimento anual de alguns milhares de dólares, na condição de eu ir viver para os Estados Unidos e demonstrar algum interesse pelos seus negócios. A perspectiva atraiu-me muito, pois achava que a minha vida estava a precisar de um solavanco forte. E havia ainda outra coisa: começavam a aparecer buracos de traça na pelúcia do conforto matrimonial. Nas últimas semanas notara que a minha gorda Valéria não parecia a mesma. Demonstrava um estranho desassossego e, até, por vezes, algo parecido com irritação, o que não se coadunava nada com o seu caráter plácido que costumava personificar. Quando a informei de que partiríamos em breve para Nova Iorque, mostrou-se angustiada e perplexa. Houve algumas dificuldades aborrecidas com a documentação.
Ela tinha um passaporte Nansen{1} - melhor seria chamar-lhe Nonsense{2} -, que, por qualquer motivo, a sua participação na sólida cidadania suíça do marido não conseguia transcender facilmente. Achei que era a necessidade de andar em bichas na Prefecture e o cumprimento de outras formalidades que a tornava tão agitada, apesar da paciência com que eu lhe descrevia a América, o país das crianças rosadas e das grandes árvores, onde a vida seria muito melhor do que na enfadonha e pelintra Paris.

Saímos de uma repartição qualquer, certa manhã, com os documentos dela quase em ordem, quando Valéria, que se bamboleava pesadamente a meu lado, começou a abanar a cabeça de cão-d'água com toda a força, sem dizer palavra. Deixei-a fazer o gosto ao dedo durante um bocado e, depois, perguntei-Lhe se pensava que tinha alguma coisa lá dentro. Respondeu (traduzo do seu francês, que, suponho, era, por sua vez, a tradução de qualquer lugar-comum eslavo): Há outro homem na minha vida.

Feias palavras para os ouvidos de um marido. Confesso que me atordoaram. Espancá-la na rua, ali mesmo, como qualquer vulgar marido que se prezasse podia ter feito, estava fora de questão. Anos de secreto sofrimento tinham-me munido de um autodomínio sobre-humano. Por isso meti-a num táxi, que, havia momentos, nos acompanhava vagarosa e convidativamente, junto da berma, e ao abrigo da sua relativa intimidade pedi-lhe calmamente que explicasse as suas loucas palavras. Sufocava-me uma fúria crescente - não por sentir qualquer afecto especial por aquela ridícula Mme. Humbert, mas, sim, porque só a mim competia decidir em assuntos de união legal ou ilegal, e ali estava ela, a esposa de comédia, a preparar-se atrevidamente para dispor à sua maneira do meu conforto e do meu destino. Perguntei-lhe o nome do amante. Repeti a pergunta. Mas ela lançou-se num palavreado burlesco acerca da sua infelicidade comigo e comunicou-me os seus planos de um divórcio imediato. «Mais qui est-ce?», gritei-lhe por fim, e dei-lhe um murro no joelho. E ela, sem estremecer sequer, fitou-me, como se a resposta fosse simples, tão evidente que nem precisasse de palavras. Depois encolheu os ombros e apontou para o pescoço largo do motorista de táxi. O homem parou junto de um pequeno café e apresentou-se.

Não me lembro do seu ridículo nome, mas passados tantos anos ainda me parece vê-lo claramente: um atarracado russo branco, ex-coronel, de bigode farfalhudo e cabelo em escova. Havia milhares deles desempenhando aquela estúpida profissão, em Paris. Sentámo-nos a uma mesa. O czarista mandou vir vinho e Valéria, depois de aplicar um guardanapo húmido no joelho, recomeçou a falar - a falar mais para dentro de mim do que comigo, a despejar palavras neste digno receptáculo com uma volubilidade que jamais me

passara pela cabeça existir nela. E, de vez em quando, disparava uma rajada eslávica contra o seu imperturbável amante. A situação era grotesca, mas ainda mais grotesca se tornou quando o coronel-taxista mandou calar Valéria com um sorriso mandão, de dono e senhor, e desatou a apresentar as suas próprias opiniões e os seus planos. Falando um francês cuidadoso, mas com uma pronúncia atroz, delineou um mundo de amor e trabalho em que se propunha entrar de mãos dadas com a sua infantil esposa Valéria. Entretanto, ela ataviava-se entre nós dois, pintava os lábios franzinos, triplicava o queixo para chegar ao decote da blusa, etc. E o indivíduo falava dela como se estivesse ausente e, também, como se fosse uma espécie de pequena pupila em vias de ser transferida, para seu próprio bem, da guarda de um tutor sensato para a guarda de outro tutor ainda mais sensato. Embora admita que a minha cólera impotente possa ter exagerado e desfigurado determinadas impressões, posso jurar que ele me consultou, mas consultou mesmo, acerca de coisas como a sua dieta, os seus períodos, o seu guarda-roupa e os livros que ela lera ou deveria ler. «Suponho que gostará de Jean Christophe?", perguntou-me. Oh, Mr. Taxovich era um verdadeiro erudito!

Para pôr fim àquela tagarelice idiota sugeri que Valéria fosse imediatamente buscar as suas coisas, e o vulgar coronel ofereceu-se galantemente para as transportar no táxi. Regressando à sua categoria profissional, conduziu os Humberts à sua residência, enquanto Valéria falava, falava, e Humbert o Terrível debatia com Humbert o Pequeno se Humbert Humbert a deveria matar a ela, ou ao amante, ou a ambos, ou a nenhum. Lembro-me de uma vez ter mexido numa automática pertencente a um condiscípulo meu, no tempo (creio que não mencionei o assunto, mas não importa) em que encarava a ideia de me regalar com a

sua irmãzinha, uma ninfeta diáfana, com um laço preto no cabelo, e depois matar-me com um tiro. Naquela altura, perguntei a mim próprio se valeria realmente a pena abater a tiro, estrangular ou afogar Valechka (como o coronel lhe chamava). Lembrei-me de que ela tinha umas pernas muito vulneráveis e decidi limitar-me a magoá-la horrivelmente assim que nos encontrássemos sozinhos.

Mas nunca nos encontramos sozinhos. Valechka - a derramar torrentes de lágrimas tingidas pelo arco-íris da sua maquilhagem ordinária - começou a encher a mala grande, e duas mais pequenas, e uma caixa a abarrotar, e a ideia de calçar as minhas botas de montanhista e aplicar-lhe um pontapé no traseiro foi impossível de pôr em prática com o maldito coronel constantemente nas imediações. Não posso dizer que se tenha portado com insolência ou coisa parecida; pelo contrário, revelou, como pequeno complemento da farsa para que me vira arrastado, uma civilidade discreta, de outros tempos, sublinhando os seus gestos com toda a espécie de mal pronunciados pedidos de desculpa («j'ai demande pardonne» - peço perdão - «est-ce que j'ai puis» - permite que -, etc.) e virando as costas, com muito tacto, quando, com um floreado, Valechka tirou as calcinhas cor-de-rosa da corda estendida por cima da banheira. Mas parecia estar em toda a parte ao mesmo tempo, le gredin, adaptando o corpanzil à anatomia do apartamento, lendo o meu jornal na minha cadeira, desatando os nós de uma corda, enrolando um cigarro, contando as colheres de chá, indo à casa de banho, ajudando a amásia a embrulhar a ventoinha elétrica que o pai lhe oferecera e transportando-Lhe a bagagem para a rua. Quanto a mim, permaneci com uma nádega apoiada no parapeito da janela, de braços cruzados, a consumir-me de ódio e de tédio. Finalmente saíram ambos do tremente apartamento - a vibração da porta

que lhes bati nas costas ainda ecoa em todos os meus nervos, fraco substituto da bofetada que, segundo as boas regras cinematográficas, devia ter aplicado, com as costas da mão, na cara da adúltera. A desempenhar desajeitadamente o meu papel, corri à casa de banho, para ver se tinham levado a minha loção inglesa. Não tinham. Mas notei, com um espasmo de feroz repugnância, que o ex-conselheiro do czar não puxara o autoclismo depois de esvaziar completamente a bexiga. Aquela solene poça de urina alheia, na qual se desintegrava uma beata mole e acastanhada, pareceu-me o supremo insulto, e olhei, como louco, à minha volta, à procura de uma arma. Na realidade, creio que foi apenas um gesto de cortesia burguesa (talvez com um ressaibo oriental) que levou o bom do coronel (Maximovich! Lembrei-me, de repente, do seu nome), pessoa muito formal, como todos eles são, a abafar a necessidade íntima num silêncio cheio de decoro, para não realçar o pequeno tamanho do domicílio do seu anfitrião com o turbilhão de uma grande cascata a seguir ao seu esguichozinho discreto. Mas este raciocínio não me entrou, então, na cabeça e, a gemer de raiva, virei a cozinha do avesso, à procura de algo melhor do que uma vassoura. Por fim desisti da busca e saí de casa, com a heróica decisão de o atacar com as mãos nuas – não obstante o meu vigor natural, não sou nenhum pugilista, ao passo que o baixo mas entroncado Maximovich parecia feito de ferro gusa. O vazio da rua, onde o único indício da partida da minha mulher era um botão de vidro a imitar diamante, que ela deixara cair na lama depois de o ter guardado desnecessariamente três anos numa caixa partida, talvez me tenha poupado um nariz esmurrado. Mas adiante. Tive a minha vingançazinha em devido tempo. Um homem de Pasadena disse-me, um dia, que Mrs. Maximovich, née Zborovski, morrera de parto cerca de 1945; o casal

conseguira, não sei como, chegar à Califórnia e aí fora utilizado, mediante um excelente ordenado, numa experiência com a duração de um ano, dirigido por um distinto etnólogo americano. A experiência relacionava-se com as reações raciais e humanas a uma dieta de bananas e tâmaras, na postura constante dos quadrúpedes. O meu informador, um médico, jurou ter visto com os seus próprios olhos a obesa Valechka e o seu coronel, então grisalho e também muito corpulento, a arrastar-se diligentemente pelos bem varridos soalhos de um conjunto de aposentos brilhantemente iluminados (fruta num, água noutro, esteiras num terceiro, e por aí fora), na companhia de vários outros quadrúpedes contratados, escolhidos entre indigentes e grupos de pessoas sem meios. Tentei encontrar os resultados das experiências na Review of Anthropology, mas parece que ainda não foram publicados. Claro que estes produtos científicos levam algum tempo a frutificar. Espero que, quando forem publicados, sejam ilustrados com boas fotografias, embora seja muito improvável que a biblioteca de uma prisão albergue obras tão eruditas. Aquela em que presentemente me encontro confinado é, apesar dos favores do meu advogado, um perfeito exemplo do ecletismo oco que orienta a seleção de livros das bibliotecas prisionais. Têm a Bíblia, claro, e Dickens (uma velha coleção, editora G. W Dillingham, N. I., MDCCCLXXXVII), além de uma Enciclopédia Infantil (com algumas boas fotografias de escuteiras de calções e cabelo dourado) e
A Murder is Announced, de Agatha Christie. Mas também têm fulgurantes bagatelas como A Vagabond in Italy, de Percy Elphinstone, autor de Venice Revisited, Boston, 1886, e um relativamente recente (1946) Whos Who in the Limelight - atores, produtores, argumentistas e instantâneos de cenas estáticas. Ao folhear este último volume, a noite passada, fui brindado com uma das

espantosas coincidências que os lógicos detestam e os poetas adoram. Transcrevo a maior parte da página:

Rolando Pym. Nascido em Lundy, Mass., 1922. Estudou teatro na Elsinore Plavhouse, Derby, N. I. Estreou-se em Sunburst. Entre os seus muitos trabalhos, contam-se A Dois Quarteirões Daqui, A Rapariga de Verde, Maridos Trocados, O Estranho Cogumelo, Toca e Foge, John Lovely, Sonhava Contigo.

Clare Quilty, escritor dramático americano. Nasceu em Ocean City, Nova Jérsia, em 1911. Estudou na Universidade de Colúmbia. Iniciou uma carreira comercial, mas depois dedicou-se ao teatro. Autor de A Pequena Ninfa, A Senhora que Gostava de Relâmpagos (de colaboração com Vivian Darkbloom), Idade Sombria, O Estranho Cogumelo, Amor Paternal e outras obras. As suas muitas peças para crianças são notáveis. A Pequena Ninfa (1940) percorreu vinte e dois mil e quinhentos quilômetros e representou-se duzentas e oitenta vezes em tournée, durante o Inverno, antes de terminar a sua carreira em Nova Iorque. Passatempos: carros de corrida, fotografia, animais domésticos.

Dolores Quina: Nascida em 1882, em Dayton, Oaio. Estudou teatro na Academia Americana. Representou pela primeira vez em Otava, em 1900. Estreou-se em Nova Iorque em 1904, em Nunca Fales com Desconhecidos. Desapareceu depois em... (segue-se uma lista de umas trinta peças).

Que dor desesperada ainda me causa ver o nome do meu querido amor, ainda que relacionado com uma velha actriz qualquer! Talvez ela também pudesse ter sido uma actriz. Nascida em 1935. Apareceu (reparei no deslize da minha caneta, no parágrafo anterior, mas por favor não o corrija, Clarence) em O Dramaturgo Assassinado. Quina, a Suína. Culpado de matar um Safado. Oh, a minha Lolita, já só posso brincar com palavras!

9

Os trâmites do divórcio atrasaram a minha viagem, e a sombra de mais outra guerra mundial descera sobre o globo quando, depois de um Inverno de tédio e pneumonia em Portugal, cheguei finalmente aos Estados Unidos. Em Nova Iorque aceitei sem hesitar o calmo emprego que o destino me ofereceu: consistia principalmente em inventar e compor anúncios de perfumes. Agradou-me o caráter ligeiro e os aspectos pseudoliterários do trabalho, a que me dedicava quando não tinha nada melhor que fazer. Por outro lado, uma universidade de tempo de guerra, de Nova Iorque, instou comigo para que concluísse a minha história comparativa de literatura francesa para estudantes de língua inglesa.

O primeiro volume ocupou-me uns dois anos, durante os quais raramente trabalhei menos de quinze horas por dia. Ao recordar esses dias, vejo-os ordenadamente divididos em ampla luz e sombra estreita: a luz pertencente ao conforto de efectuar pesquisas em bibliotecas palacianas; a sombra, aos meus angustiantes desejos e insônias, de que já falei o suficiente. Conhecendo-me como já me conhece, o leitor pode imaginar sem dificuldade os tormentos que passei ao tentar captar um vislumbre de ninfetas (ai de mim, sempre distantes!) brincando
no Central Park e a repugnância que me causava o esplendor das desodorizadas empregadas que um brincalhão de um dos escritórios não se cansava de me lançar para os braços. Mas
passemos por cima de tudo isso. Um grave colapso nervoso atirou-me para uma casa de saúde, onde passei

mais de um ano. Regressei ao meu trabalho, mas tive de ser outra vez
hospitalizado.

Uma vida sadia, ao ar livre, parecia prometer-me algum alívio. Um dos meus médicos favoritos, um tipo encantador e cínico, de barbicha castanha, tinha um irmão, o qual se
preparava para chefiar uma expedição ao Canadá árctico. Juntaram-me a ela, como anotador de reacções psíquicas, Com dois jovens botânicos e um velho carpinteiro, compartilhei uma
vez por outra (nunca com muito êxito) os favores de uma das nossas nutricionistas, uma tal Dra Anita Johnson - a qual me apraz declarar que não tardou a ser recambiada, de avião.
Confesso que não compreendia muito bem qual era o objetivo da expedição. A julgar pelo número de meteorologistas que nela participavam, talvez seguíssemos a pista, até ao seu covil (algures na ilha Príncipe de Gales, segundo me consta), do errático e vacilante pólo norte magnético. Um grupo, juntamente com os Canadianos, estabeleceu uma estação meteorológica na Pierre Point, e um terceiro dedicou-se ao estudo da tuberculose na tundra. Bert, um operador cinematográfico - tipo instável, com quem a certa altura fui obrigado a compartilhar uma quantidade de tarefas de natureza muito modesta (ele também padecia de certas perturbações psíquicas) -, afirmava que os homens importantes da nossa equipa, os verdadeiros chefes que nunca víamos, estavam principalmente empenhados em verificar a influência da melhoria do clima na pele das raposas árticas.

Vivíamos em barracas de madeira pré-fabricadas, no meio de um mundo de granito pré-cambriano. Tínhamos montes de provisões - o Readers Digest, uma máquina de sorvete, sanitas químicas e chapéus de

papel para o Natal. A minha saúde melhorou extraordinariamente, a despeito, ou por causa, de todo aquele fantástico vazio, de todo aquele tédio. Rodeado por uma vegetação raquítica de arbustos e líquenes; permeado, e suponho que purificado, por uma ventania uivante; sentado num rochedo sob um céu completamente translúcido (através do qual, no entanto, não se via nada de importante), sentia-me curiosamente distante de mim próprio. Não me enlouqueciam quaisquer tentações. As gorduchas e lustrosas rapariguinhas esquimós, com o seu fedor a peixe, o seu horrível cabelo negro e as suas caras de cobaias, ainda me inspiravam menos desejo do que a Dr.a Johnson inspirava. Não há ninfas nas regiões polares.

Deixei aos meus superiores a tarefa de analisarem as correntes glaciares, os aluviões e todas as outras complicações, e durante algum tempo tentei anotar aquilo que, enternecidamente, julgava serem reações, (reparei, por exemplo, que os sonhos, sob o sol da meia-noite, tinham tendência para ser muito coloridos, pormenor que o meu amigo operador cinematográfico confirmou). Também me competia interrogar os meus vários companheiros acerca de numerosos assuntos importantes, como nostalgia, medo de animais desconhecidos, fantasias alimentares, emissões noturnas, passatempos, escolha de programas radiofônicos, mudanças de pontos de vista, etc. Todos eles se fartaram tanto das minhas perguntas que não tardei a abandonar completamente o projeto e só quase no fim dos meus vinte meses de trabalhos frios (como um dos botânicos disse jocosamente) elaborei um relatório absolutamente espúrio e muito picante, que o leitor encontrará reproduzido nos Annals of Adult Psychophysics de 1945 ou 1946, assim como o número de Arctic Explorations dedicado àquela expedição em particular - a qual, em suma, não estava

verdadeiramente interessada no cobre da ilha Vitória nem coisa parecida, como vim a saber mais tarde por intermédio do meu jovial médico. O seu verdadeiro objetivo era algo altamente secreto", como se costuma dizer, e por isso permiti que acrescente, apenas, que, fosse ele qual fosse, o seu objetivo foi admiravelmente alcançado.

O leitor lamentará saber que pouco depois do meu regresso à civilização tive novo ataque de insanidade (se é lícito aplicar termo tão cruel a uma sensação de melancolia e
insuportável opressão). Devo o meu restabelecimento completo a uma descoberta que fiz enquanto estava a ser tratado na tal dispendiosíssima casa de saúde. Descobri uma fonte infinita de sadia recreação em brincar com psiquiatras: ludibriando-os manhosamente; não permitindo nunca que percebam que conhecemos os truques da profissão; inventando, para eles, sonhos complicados, clássicos puros em estilo (que os leva a eles, aos extorsionistas do sonho, a sonhar e a acordar aos gritos); arreliando-os com simuladas cenas primitivas, e nunca lhes consentindo o mais leve vislumbre dos nossos verdadeiros problemas sexuais.

O suborno de uma enfermeira deu-me acesso a algumas fichas e descobri, quase a rebentar de riso, que me classificavam de potencialmente homossexual, e totalmente impotente. O desporto era tão formidável, e os seus resultados - no meu caso – tão salutares, que me deixei ficar mais um mês inteirinho, depois de estar perfeitamente bem (a dormir como um prego e a comer como um colegial). E a seguir acrescentei-lhe ainda mais uma semana, só pelo prazer de intrujar um recém-chegado importante, uma celebridade refugiada (e, com certeza, desaparafusada), conhecida pelo hábito de convencer os pacientes de que tinham assistido à sua própria concepção.

10

Depois de sair da casa de saúde, pus-me a procurar um lugar qualquer em Nova Inglaterra, ou nalguma sonolenta cidadezinha (olmos, igreja branquinha), onde pudesse passar um Verão dedicado ao estudo, subsistindo de uma caixa cheia de notas que acumulara e banhando-me nalgum lago próximo. O meu trabalho recomeçara a interessar-me - refiro-me aos meus esforços eruditos; a outra coisa, a minha ativa participação nos perfumes póstumos do meu tio, fora reduzida ao mínimo.

Um dos seus antigos empregados, descendente de uma família distinta, sugeriu-me que passasse uns meses na residência dos seus empobrecidos primos, um tal Mr. McCoo, reformado, e esposa, que desejam alugar o andar superior da casa, onde uma falecida tia habitara delicadamente. Disse-me que o casal tinha duas filhas, uma ainda bebê e outra de doze anos, e um bonito jardim, não muito longe de um bonito lago, e eu respondi-lhe que parecia perfeitamente perfeito.

Troquei correspondência com as pessoas em questão, a quem convenci de que tinha hábitos domésticos, e passei uma noite fantástica no comboio, imaginando em todos os pormenores possíveis a enigmática ninfeta, a quem ensinaria francês e acariciaria humbertinianamente. Não me esperava ninguém na minúscula estação onde me apeei, com a minha luxuosa mala nova, e ninguém atendeu, quando telefonei. Eventualmente, todavia, um McCoo muito angustiado e todo molhado apareceu no único hotel da verde-e-rosada Ramsdale com a notícia de que a sua casa acabava de ser arrasada pelo fogo quiçá devido à

conflagração síncrona que toda a noite lavrara nas minhas veias. A sua família, informou-me, fugira para uma quinta que possuía e levara o automóvel, mas uma amiga da mulher, uma pessoa formidável, chamada Mrs. Haze e moradora na Lawn Street 342, prontificara-se a acomodar-me. Uma senhora que morava defronte de Mrs. Haze emprestara a McCoo a sua limusina, uma carripana de tejadilho quadrado, maravilhosamente antiquada e conduzida por um negro jovial. Desaparecida a única razão da minha ida para ali, a supracitada situação de remedeio parecia-me ridícula. Muito bem, a casa dele teria de ser completamente reconstruída, e que tinha isso? Não a segurara por quantia suficiente? Estava furioso, decepcionado e aborrecido, mas, como europeu bem-educado, não pude recusar que me levassem para a Lawn Street naquele carro fúnebre, pois pressentia que, caso contrário, McCoo inventaria um meio ainda mais complicado de se ver livre de mim. Vi-o afastar-se apressadamente e o meu motorista soltou uma gargalhadinha suave. En route, jurei a mim próprio que não ficaria em Ramsdale fosse em que circunstâncias fosse, que naquele mesmo dia me meteria num avião para as Bermudas, ou para as Baamas, ou para o Inferno. Havia já algum tempo que as possibilidades da doçura de praias em tecnicolor me arrepiavam deliciosamente a espinha, e a verdade é que o primo de McCoo desviara de modo brusco esse curso de pensamento com a sua bem intencionada mas, como acabava de verificar, absolutamente insensata sugestão.

Por falar de desvios bruscos: quase atropelamos um intrometido cão suburbano (um daqueles que parecem mesmo estar à espera de automóveis), ao virar para a Lawn Street. Um pouco mais adiante, apareceu aos meus olhos a casa Haze, um horror de madeira pintada de branco, com um ar encardido, mais cinzenta do que branca - uma daquelas casas que sabemos de

ciência certa terem um tubo de borracha enfiado na torneira da casa de banho, em vez de chuveiro. Dei uma gorjeta ao motorista e esperei que ele partisse imediatamente, para que eu pudesse regressar sem ser visto ao meu hotel e à minha mala. Mas o indivíduo limitou-se a atravessar para o outro lado da rua, onde uma senhora idosa o chamara, do alpendre. Que podia eu fazer? Premi o botão da campainha.

Abriu-me a porta uma criada de cor, que me deixou especado no tapete de borracha, enquanto corria à cozinha, onde se queimava qualquer coisa que não se deveria queimar.

O vestíbulo da frente ostentava campainha de carrilhão na porta, uma carantonha de madeira e olhos brancos de origem mexicana - comercial - e o banal mais-que-tudo da classe média com peneiras artísticas: a Arlesiana de Van Gogh. Uma porta entreaberta, à direita, proporcionou-me um vislumbre de uma sala de estar, com mais tralha mexicana num armário-cantoneira e um sofá às riscas, ao longo da parede.
Ao fundo do corredor havia uma escada e, enquanto eu limpava a testa (só então tivera consciência do calor que fazia na rua) e fitava, para fitar alguma coisa, uma velha bola cinzenta de tênis, que se encontrava em cima de uma cômoda de carvalho, veio do andar de cima a voz de contralto de Mrs. Haze, que se debruçou do corrimão e perguntou, melodiosamente: «É Monsieur Humbert?» Juntamente com a voz caiu um bocado de cinza de cigarro. Pouco depois, a própria senhora - sandálias, calças castanhas, blusa de seda amarela e rosto quadrado, por esta ordem - desceu a escada, ainda a bater com o indicador no cigarro.

Acho melhor descrevê-la, já, para ficar livre disso. A pobre senhora andava pelos trinta e cinco anos, tinha testa luzidia, sobrancelhas depiladas e feições simples, mas não inteiramente destituídas de atrativos, de um

tipo que se pode descrever como uma solução diluída de Marlene Dietrich. Conduziu-me à sala, a dar palmadinhas no rolo de cabelo castanho-bronzeado, e durante cerca de um minuto falamos do fogo de McCoo e dos privilégios de residir em Ramsdale. Os seus olhos verde-mar, muito afastados um do outro, tinham uma maneira esquisita de percorrer uma pessoa dos pés à cabeça, evitando cuidadosamente o olhar do visado. O seu sorriso limitava-se à contração irônica de uma sobrancelha. Enquanto falava, esticava o corpo para fora do sofá, como uma mola a desenrolar-se, e estendia espasmodicamente o braço para três cinzeiros e para o guarda-fogo da lareira, onde se encontrava o caroço acastanhado de uma maçã. Depois deixava-se cair de novo no sofá, com uma perna dobrada debaixo do corpo. Saltava aos olhos tratar-se de uma daquelas mulheres cujas palavras refinadas podem refletir a frequência de um clube do livro ou de bridge, ou qualquer outro chato convencionalismo, mas nunca a sua alma - mulheres completamente desprovidas de espírito, mulheres absolutamente indiferentes, no íntimo, à dúzia, ou mais, de possíveis assuntos de conversa de sala, mas muito exigentes quanto às regras de tais conversas, através de cujo luminoso celofane se podem adivinhar sem dificuldade frustrações não muito apetecíveis. Tive perfeita consciência de que, se por qualquer acaso muito remoto me tornasse seu hóspede, trataria metodicamente de proceder a meu respeito de acordo com o que, porventura, para ela significava tomar um hóspede, e eu ver-me-ia de novo metido num daqueles enfadonhos romances que tão bem conhecia.

Mas, claro, não havia questão nenhuma de eu me instalar ali.

Não me sentiria feliz naquele tipo de casa, com revistas velhas em todas as cadeiras e uma espécie de horrível hibridismo entre a comédia do chamado

mobiliário moderno funcional, e a tragédia de cadeiras de baloiço decrépitas e periclitantes mesinhas com candeeiros que não acendiam. Fui conduzido ao andar de cima e, para a esquerda, ao meu quarto. Inspecionei-o através de uma névoa de total rejeição, que nem por isso me impediu de vislumbrar, por cima da "minha" cama, a Sonata de Kreutzer, de Renê Prinet. E ela chamava àquele quarto de criada semiestúdio,! «Saiamos daqui imediatamente», ordenei com firmeza a mim próprio, enquanto fingia pensar no preço absurdo e ominosamente baixo que a minha anelante senhoria pedia por cama e mesa.

A cortesia europeia, porém, obrigava-me a suportar aquela provação. Atravessamos o patamar para o lado direito da casa (onde eu e a Lo temos os nossos quartos, sendo a Lo,
presumivelmente, a criada) e o inquilino-amante, homem esquisito e difícil de contentar, mal pôde disfarçar um calafrio quando lhe foi proporcionada uma antestreia da única
casa de banho, um minúsculo retângulo entre o patamar e o quarto de Lo", com moles e húmidas peças de roupa penduradas por cima da duvidosa banheira (o ponto de interrogação de um cabelo no interior) - e lá estavam os esperados anéis da serpente de borracha e o seu complemento, uma cobertura rosada a tapar recatadamente a tampa da sanita.

- Vejo que não está muito favoravelmente impressionado - observou a dama, e pousou por momentos a mão na minha manga; combinava uma audácia fria - superabundância daquilo que julgo chamar-se aplomb - com uma timidez e uma tristeza graças às quais o seu modo indiferente de selecionar as palavras parecia tão artificial como a entonação de um professor de arte de dizer, - Admito que não é uma casa bem arranjada - continuou a condenada criatura -, mas

garanto-lhe (olhou para os meus lábios) que se sentirá aqui muito confortável, muito confortável mesmo. Permita que lhe mostre o jardim – proferiu as últimas palavras em tom mais animado, com uma espécie de cativante altear de voz.

Segui-a pela escada abaixo, relutante, e depois através da cozinha, do lado direito da casa - o lado onde ficava também a casa de jantar e a sala (debaixo do meu quarto, à esquerda só havia uma garagem). Na cozinha, a criada negra, uma mulher roliça e ainda nova, tirou a grande mão preta, brilhante, do puxador da porta que dava para o alpendre das traseiras e
disse: "Agora vou andando, Mrs. Haze." "Pois sim, Louise", respondeu Mrs. Haze, suspirando. "Faço contas consigo na sexta-feira." Passamos por uma pequena copa e entramos na casa de jantar, paralela à sala que já admiramos. Reparei numa meia branca, caída no chão. Mrs. Haze murmurou uma desculpa, apanhou-a sem parar e atirou-a para um armário que ficava perto da copa.

Efetuamos uma inspeção passageira a uma mesa de mogno, que tinha no centro uma fruteira onde se encontrava apenas o caroço ainda brilhante de uma ameixa. Apalpei o horário que tinha na algibeira e tirei-o sub-repticiamente, a fim de ver, na primeira oportunidade, quando tinha um comboio. Continuava a caminhar atrás de Mrs. Haze, através da sala de jantar, quando, para lá dela, avistei como que uma súbita explosão de verdura - A piazza, anunciou a minha guia, e a seguir, sem o mínimo aviso, uma oceânica onda azul soergueu-me o coração:
numa esteira estendida num charco de sol, seminua, ajoelhada e girando sobre os joelhos, estava o meu amor da Riviera, a espreitar-me por cima de uns óculos escuros.

Era a mesma criança - os mesmos ombros frágeis cor de mel, as mesmas costas nuas, sedosas e flexíveis e a mesma cabeleira castanha. Um lenço às bolinhas, atado em redor do peito, ocultava dos meus olhos de macaco a envelhecer, mas não dos da memória da juventude, os seios moços que acariciara certo dia imortal. E, como se eu fora a ama de alguma princesinha de conto de fadas (perdida, raptada, descoberta envolta em farrapos ciganos, através dos quais a sua nudez sorria ao rei e aos seus cães de caça), reconheci o pequeno sinal castanho-escuro do seu flanco. Reverente e deleitado (o rei chorando de alegria, as trompas soando clangorosamente, a ama enlevada), vi de novo o seu encantador abdômen retraído, onde a minha boca, em demanda de regiões mais ao sul, se detivera brevemente, e aquelas ancas infantis, onde beijara a marca crenulada deixada pelo elástico dos calções, naquele derradeiro, louco e imortal dia, atrás do Roches Roses. Os vinte e cinco anos que vivera desde então afuselaram-se até formarem um ponto palpitante e desapareceram.

Tenho muita dificuldade em exprimir com a força adequada aquele clarão, aquele arrepio, o impacte do reconhecimento apaixonado. No decorrer do momento saturado de sol em que o meu olhar deslizou pela criança ajoelhada (os seus olhos piscavam por cima dos severos óculos escuros - o Herr Doktorzinho que me curaria de todas as minhas dores), enquanto passei por ela no meu disfarce de adulto (um grande e bonito pedaço de virilidade cinematográfica), o vácuo da minha alma conseguiu aspirar todos os pormenores da sua luminosa beleza, que comparei com as feições da minha noiva morta. Passado pouco tempo, claro, ela, aquela nouvelee, aquela Lolita, a minha Lolita, eclipsaria completamente o seu protótipo. Só pretendo frisar que a sua descoberta por mim foi uma consequência fatal do

principado junto ao mar, do meu pungente passado.
Tudo quanto existira entre os dois acontecimentos não passava de uma série de tentativas e erros, e falsos rudimentos de ventura.
Tudo quanto elas partilhavam as transformava numa só.

No entanto, não tenho ilusões. Os meus juízes considerarão tudo isto uma mascarada da parte de um louco com um gosto indecente pelo fruit vert. Au fond, ça m'est bien égal. Só sei
que, enquanto Mrs. Haze e eu descíamos os degraus de acesso ao sufocante jardim, os meus joelhos dir-se-iam reflexos de joelhos em água ondulante, e os meus lábios dir-se-iam areia,
e...

- Aquela era a minha Lo - disse a mulher -, e aqui estão os meus lírios.

- Sim - respondi -, sim. São lindos, lindos, lindos!

11

A prova número dois é um diário de bolso, com capa de imitação de couro preto e, no canto superior esquerdo, um ano em algarismos dourados - 1947 - e en escalier. Falo deste
perfeito produto da Blank Blank Co., Blankton, Mass., como se o tivesse, realmente, diante dos olhos. Mas, na verdade, foi destruído há cinco anos e o que examinamos agora (por
gentileza de uma memória fotográfica) mais não é do que a sua breve materialização, uma minúscula fénix implume.

Lembro-me dele com tanta exatidão porque, na realidade, o escrevi duas vezes. Primeiro garatujei todas as notas a lápis (com muitas apagadelas e emendas), nas folhas daquilo a que vulgarmente se chama um livro de apontamentos; depois, copiei-o, com abreviações óbvias, na minha letra mais pequenina e mais satânica, no livrinho preto atrás mencionado.

O dia 30 de Maio é um dia de abstinência no New Hampshire, por proclamação local, mas não o é nas Carolinas. Nesse dia, uma epidemia de gripe intestinal, (o que quer que tal possa ser) obrigou Ramsdale a encerrar as suas escolas durante o Verão. O leitor poderá verificar os dados meteorológicos no Journal de Ramsdale de 1947. Mudei-me alguns dias antes disso para a residência Haze, e o pequeno diário que me proponho agora desbobinar (muito ao modo de um espião que repete de cor o conteúdo do bilhete que engoliu) abrange quase todo o mês de Junho.

Quinta feira. Dia muito quente. De um ponto de observação (janela da casa de banho) vi Dolores tirar

coisas de uma corda de roupa, na luz verde-maçã das traseiras da casa. Fui até ao quintal. Ela vestia uma blusa axadrezada e blue jeans e calçava sapatos de tênis. Cada movimento seu sob o sol que tudo sarapintava tangia a corda mais secreta e sensível do meu
abjecto corpo.

Passados momentos, sentou-se a meu lado no primeiro degrau do alpendre das traseiras e começou a apanhar as pedrinhas que se encontravam entre os seus pés - pedrinhas, meu Deus, e depois de um caco curvo de uma garrafa de leite, que lembrava um lábio arrepanhado num rosindo -, e a atirá-las para uma lata. Ping! Não se consegue segunda vez... não se consegue acertar... é um tormento... segunda vez. Ping! Pele maravilhosa - oh, maravilhosa! Macia e bronzeada, sem a mínima imperfeição. Os sorvetes com frutas e nozes causam acne. O excesso das substâncias oleosas chamadas sebo, que nutrem os folículos pilosos da pele, origina, quando demasiado profuso, uma irritação que abre caminho para a infecção. Mas as ninfetas não têm acne, embora se empanturrem de alimentos ricos. Jesus, que tormento, aquele brilho tremulo e sedoso por cima da sua têmpora, a transformar-se gradualmente em brilhante cabelo castanho! E o ossinho a repuxar a pele do lado do seu tornozelo salpicado de poeira! A filha dos McCoos? Ginny McCóo? Oh, é um estafermo! É feia. E coxa. Quase morreu de poliomielite., Ping! A penugem luminosa, a esculpir-me o antebraço. Quando se levantou para levar a roupa para dentro, tive ensejo de adorar de longe os fundilhos desbotados das suas blue jeans arregaçadas. Vinda do jardim, a suave Mrs. Haze, munida de máquina fotográfica, surgiu como uma falsa árvore de faquir e, depois de alguns ajustamentos heliotrópicos - olhos tristes erguidos, olhos contentes descidos -, teve o descaramento de me fotografar, tal

como me encontrava, pestanejante, nos degraus. Humbert, le Bel.

Sexta feira. Vi-a sair não sei para onde com uma rapariga morena chamada Rose. Porque será que a sua maneira de andar - é uma criança, notem, uma simples criança - me excita tão abominavelmente? Analisai. Uma ténue sugestão de dedos voltados para dentro. Uma espécie de frouxidão serpenteante abaixo do joelho e prolongando-se até ao fim de cada passo. A sombra de um arrastar de pés. Muito infantil, infinitamente impudico. Humbert Humbert também se sente infinitamente enternecido com o falar de calão da pequenita, com a sua voz aguda e áspera. Mais tarde ouvi-a mimosear Rose com algumas tolices grosseiras, de um lado para o outro da vedação. Vibrando através de mim num ritmo crescente. Pausa. "Agora tenho de ir, garota."

Sábado. (Começo talvez emendado.) Sei que é loucura escrever este diário, mas causa-me uma estranha emoção - além de que só uma pessoa amante conseguiria decifrar a minha caligrafia microscópica. Permitam que declare, com um nó na garganta, que a minha L. esteve, hoje, a tomar banhos de sol na chamada piazza, mas a mãe e uma outra mulher qualquer tiveram sempre perto. Claro que também me podia lá ter sentado na cadeira de baloiço a fingir que lia. Mas, por precaução, não ousei fazê-lo, com receio de que o horrível, insano, ridículo e deplorável tremor que me tolhia me impedisse de efetuar a minha entrée com alguma aparência de naturalidade.

Domingo. A ondinha de calor continua connosco; semana muito favónia. Desta vez, ocupei uma posição estratégica na cadeira de baloiço da piazza, com volumoso jornal e cachimbo novo, antes de L. chegar. Para minha intensa decepção, ela chegou com a mãe, ambas de fato de banho de duas peças, pretos e tão

novos como o meu cachimbo. O meu amorzinho, a minha adorada, parou um instante junto de mim - queria a página das anedotas - e cheirava exatamente como a outra, a da Riviera, mas mais intensamente, com matizes mais violentos - um odor tórrido que agitou, ato contínuo, a minha virilidade -, mas arrancou-me logo a página cobiçada e retirou-se para a sua esteira, perto da mamã, lustrosa como uma foca. A minha beldade deitou-se então de bruços, mostrando-me, mostrando aos mil olhos escancarados no meu sangue todo olhos, as omoplatas ligeiramente erguidas, e o aveludado de pêssego ao longo da curva da espinha, e a turgescência das suas nádegas estreitas vestidas de preto, e o litoral marinho das suas coxas de colegial. Em silêncio, a adolescente saboreou a sua página de anedotas, impressa a verde, vermelho e azul. Nem o próprio Priapo verde-vermelhoazul poderia imaginar ninfeta mais encantadora. Enquanto a olhava através de camadas prismáticas de luz, de lábios secos, focalizando a minha lascívia e balouçando-me devagarinho atrás do jornal, senti que, se convenientemente concentrada, a percepção que dela tinha bastaria para que atingisse imediatamente um êxtase de mendigo; mas, como um predador que prefere uma presa em movimento a uma presa imóvel, planeei arranjar maneira de essa mísera bem-aventurança coincidir com um dos vários movimentos agarotados que ela fazia de vez em quando, enquanto lia, como, por exemplo, tentar coçar o meio das costas, revelando nesse gesto uma axila penugenta. Mas a gorda Haze estragou, de repente, tudo, ao voltar-se para mim e pedir-me lume e iniciando uma conversa de faz-de-conta acerca de um livro idiota de um autor popular idiota qualquer.

Segunda feira. Delectatio morosa.

Passo os meus tristes dias num mar de melancolia e sofrimento. Tencionávamos (mamã Haze, Dolores e eu)

ir, esta tarde, ao lago Our Glass, tomar banho e refestelar-nos ao sol. Mas ao meio-dia a manhã nacarada degenerou em chuva e Lo fez uma cena.
Averiguou-se que a idade média da puberdade, nas raparigas, é de treze anos e nove meses em Nova Iorque e Chicago. A idade individual varia, porém, aos dez anos, ou menos, até aos
dezessete. Virgínia ainda não completara catorze quando Harry Edgar a possuiu. Ele dava-lhe lições de álgebra. Je m'imagine cela. Passaram a lua-de-mel em Petersburgo, Florida. Monsieur Poe-poe, como aquele rapaz de uma das turmas de Monsieur Humbert Humbert, em Paris, chamava ao poeta-poeta.

Segundo os que escrevem acerca dos interesses sexuais das crianças, possuo todas as características susceptíveis de despertar uma rapariguinha: queixo bem talhado, mãos
musculosas, voz profunda e sonora, ombros largos. Além disso, dizem que me pareço com um cantor da rádio ou um ator qualquer pelo qual Lo tem uma paixoneta.

Terça feira. Chuva. Lago das Chuvas. A mamã saiu, para fazer compras. Sabia que Lo estava algures, muito perto. Em consequência de algumas manobras sub-reptícias, encontrei-me com ela no quarto da mãe. A abrir o olho esquerdo com os dedos, para tirar qualquer partícula de pó que para lá entrara. Vestido aos quadrados. Embora adore a embriagante fragrância dos seus cabelos castanhos, acho que devia lavar a cabeça uma vez por outra. Por momentos, ficámos ambos no mesmo tépido banho verde do espelho, que reflectia a copa de um choupo e nós dois no céu. Agarrei-a firmemente pelos ombros, depois ternamente pelas têmporas e fi-la voltar-se. Está aqui mesmo, sinto-o, disse-me. Uma camponesa suíça servir-se-ia da ponta da língua. Tirava-o com uma lambidela? Claro. Posso experimentar? Com certeza. Suavemente, passei o meu

tremulo ferrão pelo globo salgado e irrequieto do seu olho. "Que bom, que bom!", exclamou, pestanejando. "Já saiu!" "Agora o outro?" "Seu pateta, não há na...", começou, mas reparou nos meus lábios que se acercavam, franzidos. "Está bem", aquiesceu, cooperante, e, inclinando-se para o seu rosto avermelhado,
cálido e voltado para cima, o soturno Humbert comprimiu a boca contra a sua pálpebra palpitante. Ela riu-se e saiu do quarto, roçando por mim. O meu coração parecia estar em toda a parte ao mesmo tempo. Nunca na minha vida... nem mesmo quando acariciara a minha amada-menina em França... nunca...

Noite. Jamais experimentei tal angústia. Gostaria de descrever o seu rosto, os seus modos... mas não posso, porque o próprio desejo por ela me cega quando está perto. Com os
diabos, não estou habituado à companhia de ninfetas! Se fecho os olhos, só vejo uma fração imobilizada do seu corpo, uma imagem cinematográfica estática, um súbito, suave e infernal
encanto, como quando, com um joelho erguido sob a saia de xadrez, tenta abotoar o sapato, Dolores Haze, "ne montrez pasvos zhambes" (isto é a mãe, que julga saber francês).

Poeta "à mes heures", compus um madrigal às fuliginosas pestanas dos seus vagos olhos cinzento-claros, às cinco sardas assimétricas do seu nariz arrebitado, à penugem loura dos seus membros bronzeados... Mas rasguei-o e agora não consigo recordá-lo. Só sou capaz de descrever as feições de Lo nos termos mais banais (em estilo resumido de diário): poderia dizer que o seu cabelo é castanho-avermelhado, que os seus
lábios são vermelhos como um chupa-chupa vermelho lambido, com o inferior deliciosamente carnudo... Oh,

fosse eu uma escritora e pudesse fazê-la posar" nua, à luz de uma lâmpada nua! Mas sou um Humbert Humbert, esbelto, ossudo e de peito veloso, com densas sobrancelhas negras, um sotaque esquisito e um monturo cheio de monstros em putrefação atrás do sorriso indolente e juvenil. E ela tão-pouco é a frágil criança de um romance feminino. O que me enlouquece é a dupla natureza desta ninfeta - de todas as ninfetas, talvez -, esta mistura, na minha Lolita, de uma terna infantilidade sonhadora e uma espécie de misteriosa vulgaridade, oriunda da graciosidade petulante dos retratos de anúncios e revistas; e do rosado vago de criadas adolescentes da Velha Pátria (cheirando a margaridas esmagadas e a suor); e de prostitutas muito jovens disfarçadas de crianças em bordéis provincianos - e, como se não bastasse, tudo isso se mistura ainda com a deliciosa e imaculada ternura que se filtra através do almíscar e da lama, através da sujidade e da morte, oh, Deus, oh, Deus! E o que é mais singular é que ela, esta Lolita, a minha Lolita, individualizou a antiga concupiscência do autor, de modo que, antes e acima de tudo, nada mais existe do que... Lolita.

Quarta feira. "Ouça, convença a mãe a levar-nos amanhã, aos dois, ao lago Our Glass." Foram estas as palavras textuais que me disse a minha paixão de doze anos num sussurro voluptuoso, quando nos cruzamos acidentalmente no alpendre da frente, eu a sair e ela a entrar. O reflexo do sol da tarde, um ofuscante diamante branco com inúmeros raios iridiscentes, tremeluzia na retaguarda redonda de um automóvel estacionado. A folhagem de um olmo frondoso lançava as suas sombras brandas na parede de madeira da casa. Dois choupos tremiam e estremeciam. Distinguia-se o som amorfo do trânsito distante e uma voz de criança a chamar: "Nancy, Nan-cy!" Em casa, Lolita pusera a tocar o seu disco preferido, Little Carmen, a que eu chamava Maestros

Anões, provocando-lhe um resmungo de fingido desdém pelo meu fingido gracejo.

Quinta feira. A noite passada sentámo-nos na piazza, a Haze, Lolita e eu. O crepúsculo cálido transformara-se em amorosa escuridão. A mulher acabava de contar, com grande lamúria, o enredo de um filme que tinha visto com L., no Inverno. O pugilista fora-se muitíssimo abaixo quando encontrara o bom e velho padre (que na sua robusta mocidade também fora pugilista e ainda era capaz de esmurrar um pecador). Estávamos sentados em almofadas amontoadas no chão, e L. encontrava-se entre a mãe e mim (aninhara-se no meio dos dois, a querida). Por minha vez, lancei-me num hílare relato das minhas aventuras árcticas. A musa da invenção emprestou-me uma espingarda e eu abati um urso branco, que se sentou e exclamou: "Ah!" Durante o tempo todo tive aguda consciência da proximidade de L. e, enquanto falava, gesticulava na cúmplice escuridão e aproveitava esses gestos invisíveis para lhe tocar na mão, no ombro e na bailarina de lã e gaza com que ela brincava e ia constantemente parar ao meu colo. Por fim, depois de enredar por completo a minha resplendente queridinha nessa teia de etéreas carícias, ousei afagar-lhe a perna nua, ao longo da canela penugenta, enquanto ria dos meus próprios gracejos, e tremia e disfarçava os meus tremores, e uma ou duas vezes os meus lábios lestos sentiram o calor do seu cabelo quando, num rápido aparte humorístico, chegava o rosto à sua cabeça e lhe afagava a boneca.

Ela também não parava quieta, de modo que, por fim, a mãe lhe ordenou rispidamente que acabasse com aquilo e atirou a boneca para a escuridão. Eu ri-me e dirigi-me à Haze por cima das pernas de Lo, para que a minha mão aproveitasse e subisse sorrateiramente pelas costas magras da minha ninfeta, sentindo-lhe a pele através da camisa de rapaz.

Mas sabia que tudo aquilo era inútil, sentia-me doente de desejo, o vestuário parecia-me incomodamente apertado e foi quase com gratidão que ouvi a voz serena da mãe anunciar, no escuro: "E agora todos nós pensamos que a Lo deve ir para a cama." "E eu penso que tu és uma chata", replicou Lo. "O que significa que não haverá piquenique amanhã", sentenciou a mãe. "Estamos num país livre", protestou Lo. Quando a furiosa Lo se foi embora com uma expletiva bronxiana, deixei-me ficar, por inércia pura, enquanto a Haze fumava o décimo cigarro da noite e se queixava da filha.

Já com um ano era má a valer e atirava os brinquedos do berço abaixo, a perversa garota, para que a pobre da mãe não fizesse outra coisa senão apanhá-los! Agora, com doze anos, era uma verdadeira peste, afirmava a Haze. Tudo quanto ambicionava na vida era vir a ser, um dia, uma pomposa e empertigada marjorette ou dançarina de jitterbug.

As suas notas eram fracas, mas adaptava-se melhor à nova escola do que à de Pisky. (Pisky era a cidade natal de Haze, no Médio Oeste. A casa de Ramsdale pertencera à sua defunta sogra. Tinham-se mudado para Ramsdale havia menos de dois anos. "Porque era ela infeliz, lá? "Pobre de mim, tinha obrigação de o saber!", respondeu-me a mulher. "Passei pelo mesmo, em miúda: rapazes a torcerem-nos os braços, a chocarem connosco carregados de livros, a puxarem-nos o cabelo, a magoarem-nos os seios, a levantarem-nos a saia... Claro que a melancolia é um concomitante comum do crescimento, mas a Lo exagera. Obstinada e esquiva.

Grosseira e provocante. Na escola, espetou Viola, uma garota italiana, com uma caneta de tinta permanente. Sabe do que gostaria? Se o senhor ainda cá estivesse no Outono, pedir-lhe-ia que lhe desse uma

ajuda nos trabalhos de casa... Monsieur parece saber tudo: geografia, matemática, francês..."
"Oh, tudo quanto quiser!", respondeu o monsieur.
"isso significa que estará cá!", exclamou a mulher, muito depressa. Apeteceu-me gritar-lhe que ficaria ali eternamente, se pudesse, ao menos, acalentar a esperança de acariciar, de
vez em quando, a minha incipiente pupila. Mas, como tinha um certo receio da Haze, limitei-me a emitir um monossílabo indistinto e a espreguiçar-me não concomitantemente (le mot juste), e pouco depois subi para o meu quarto. Ela, no entanto, não parecia nada disposta a dar o dia por findo. Já estava deitado na minha cama fria, a comprimir com ambas as mãos, contra o rosto o fragrante fantasma de Lolita, quando ouvi a minha infatigável senhoria aproximar-se pé ante pé da porta do meu quarto e sussurrar através dela - apenas para saber, explicou, se já acabara de ler a revista Glance and Gulp, que na véspera lhe pedira emprestada. Lo gritou do seu quarto, que era ela que a tinha. Oh, ira de Deus, naquela casa éramos uma autêntica biblioteca de empréstimos!

Sexta feira. Gostaria de saber o que os meus acadêmicos editores diriam se citasse no meu livro de ensino «La vermeillette fend», de Ronsard, ou «un petit feutré de mousse délicate, tracé sur le millieu d'un fillet escarlatte», de Ramy Belleua, e outras coisas do mesmo género. Provavelmente terei outro esgotamento nervoso se permanecer mais tempo nesta casa, sob a tensão desta intolerável tentação, ao lado do meu amor - meu amor - minha vida e minha noiva. Já terá sido iniciada pela mãe natureza no mistério de menarca? "Sensação de intumescência. A Maldição dos Irlandeses. A visita da avozinha. O Sr. Útero (cito de uma revista para raparigas) começa a formar uma cama espessa e macia,

para o caso de um possível bebê lá ter de se aninhar." O minúsculo louco na sua cela acolchoada.

A propósito: se alguma vez cometer um assassínio grave...Notem o "se". O impulso deve ser algo de mais violento do que o tipo de coisa que me sucedeu em relação a Valéria. Queiram ter o cuidado de notar que então fui muito inepto. Se e quando desejarem "grelhar-me" até à morte, lembrem-se de que só um ataque de loucura poderia, jamais, proporcionar-me a simples energia necessária para ser um bruto (tudo isto acrescentado, talvez). Algumas vezes tentei matar, em sonhos. Mas sabem o que acontece? Por exemplo, empunho uma arma. Por exemplo, aponto a um inimigo calmo e serenamente interessado. Oh, comprimo o gatilho, lá isso comprimo! Mas as balas caem, frouxamente uma após outra, pingam do cano acobardado. Nesses sonhos, tenho um único pensamento: ocultar o meu falhanço ao meu inimigo, que se vai aborrecendo pouco a pouco.

Esta noite, ao jantar, a gata velha disse-me, lançando a Lo um olhar de soslaio, impregnado de maternal zombaria (eu acabara de descrever, em tom frívolo, o delicioso bigodinho em escova que ainda não me decidira bem a deixar crescer): "É melhor não o deixar crescer, para uma certa pessoa não ficar absolutamente patetinha." Acto contínuo, Lo empurrou o prato de peixe cozido, por um pouco não entornou o copo de leite e saiu, lesta, da sala de jantar. "Aborrecê-lo-ia muito", perguntou-me a Haze, "ir amanhã connosco dar uns mergulhos no lago Our Glass, se a Lo pedir desculpa das suas maneiras?"

Mais tarde, ouvi um grande bater de portas e outros sons, vindos de agitadas cavernas onde as duas rivais travavam violenta briga.

Ela não pediu desculpa. Adeus, passeio ao lago. Podia ter sido divertido.

Sábado. Há já alguns dias que deixo entreaberta a porta do meu quarto, enquanto escrevo, mas só hoje a armadilha funcionou. Com muito mais nervosismo, evasivas e rapapés do que é habitual - para disfarçar o embaraço que lhe causava visitar-me sem ser convidada -, Lo entrou e, depois de meter onariz aqui e ali, interessou-se pelos rabiscos de pesadelo que eu acabara de traçar numa folha de papel. Oh, não, não eram obra de um inspirado beleletrista, numa pausa entre dois parágrafos! Eram os horrendos hieróglifos (que ela não podia decifrar) da minha fatal concupiscência. Quando a Lo inclinou os caracóis castanhos para a secretária à qual estava sentado,Humbert, o Rouco, enlaçou-a, numa triste imitação de parentesco consanguíneo. Ainda a observar, com olhos um pouco míopes, a folha de papel que segurava, a minha inocente visitinha deixou-se escorregar para uma posição de meio sentada, no meu joelho. O seu adorável perfil, os seus lábios entreabertos e o seu cálido cabelo estavam a uns oito centímetros dos meus arreganhados caninos, e eu sentia o calor das suas pernas, através do tecido áspero das roupas de maria-rapaz.

Compreendi, de repente, que lhe podia beijar, com absoluta impunidade, o pescoço ou o canto dos lábios. Sabia que ela consentiria e até fecharia os olhos, como Hollywood ensina. Um sorvete duplo de baunilha com creme quente de chocolate - seria algo pouco mais invulgar do que isso. Não sei dizer ao meu erudito leitor (cujas sobrancelhas desconfio que, nesta altura, já se devem ter arqueado até à nuca da sua cabeça calva), não lhe sei dizer como adquiri tal conhecimento; talvez o meu ouvido de macaco tivesse captado inconscientemente qualquer ligeira modificação no seu ritmo respiratório - pois, entretanto, ela deixara de examinar os meus gatafunhos e aguardava, com curiosidade e compostura - oh, minha transparente

ninfeta! -, que o seu fascinante hóspede fizesse o que estava mortinho por fazer. Calculei que uma garota moderna, ávida leitora de revistas cinematográficas e perita em close-ups lentos como um sonho, talvez não achasse muito estranho que um amigo adulto, interessante e intensamente viril... Tarde de mais. A casa vibrou subitamente com a voz da gárrula Louise, a comunicar a Mrs. Haze que ela e Leslie Tomson tinha encontrado não sei o quê de morto na cave, e a pequenina Lolita não era pessoa para perder semelhante história.

Domingo. Mutável, mal-humorada, alegre, desajeitada, graciosa com a graciosidade picante da sua subadolescência inexperiente -, dolorosamente apetecível da cabeça aos pés (toda a Nova Inglaterra pela pena de uma escritora!), do laço preto, já feito, e dos ganchos que lhe prendiam os cabelos à pequena cicatriz da parte inferior da barriga da perna perfeita (onde um patinador a atingira em Pisky), uns cinco centímetros acima do grosso soquete branco. Foi com a mãe a casa dos Hamiltons - uma festa de anos ou coisa parecida. Vestido de saia rodada, de tecido de algodão às riscas. As pombinhas dos seus seios parecem já bem formadas. Precoce armadilha!

Segunda feira. Manhã chuvosa. «Ces matins gris si doux...»

O meu pijama branco tem um desenho lilás nas costas. Sou como uma dessas pálidas e inchadas aranhas que se costumam ver nos velhos jardins. Instalada no meio de uma teia luminosa e dando puxõezinhos a este ou àquele fio. A minha teia está estendida por toda a casa, enquanto eu escuto na minha cadeira, na qual estou sentado como um manhoso feiticeiro. A Lo estará no seu quarto? Suavemente, puxo a seda da teia. Não está. Ouvi há pouco o porta-papel higiênico emitir o staccato habitual, ao girar; e o meu filamento esticado

não captou passos alguns, da casa de banho para o seu quarto.
Ainda estará a lavar os dentes (o único acto de higiene que Lo pratica com verdadeiro interesse)? Não. A porta da casa debanho acaba de bater; portanto, há que auscultar em qualquer outro ponto da casa a presença da bonita presa de cores cálidas. Deixemos um fio de seda descer a escada... Certifico-me assim de que não está na cozinha - nem a bater com a porta do frigorífico, nem a gritar à sua detestada mamã (que, suponho, saboreia a sua terceira, arrulhadora e reprimidamente jovial conversa telefônica da manhã). Bem,tacteemos e esperemos. Como uma aranha, deslizo em pensamento até à sala e encontro o rádio silencioso (e a mamã ainda a conversar com Mrs. Chatfield ou Mrs. Hamilton, em voz muito suave, toda ela corada e sorridente, protegendo o bocal do telefone com a mão livre, negando implicitamente que nega esses boatos divertidos acerca do hóspede, sussurrando em tom muito íntimo, coisa que a bem delineada dama nunca faz numa conversa cara a cara): Consequentemente, a minha ninfeta não está em casa! Saiu! O que eu supusera uma urdidura prismática mais não é, afinal, do que uma velha teia de aranha cinzenta, a casa está vazia, morta. E, de súbito, ouço o riso suave e doce de Lolita através da minha porta meio aberta: "Não diga nada à minha mãe, mas comi o seu bacon todo!" Já desapareceu de novo, porém, quando saio apressado do meu quarto. Onde estás, Lolita? O tabuleiro do meu pequeno-almoço, preparado com carinho pela minha senhoria, ri-se desdentado e sardonicamente, à espera de ser levado para dentro. Lola,Lolita!

Terça feira. As nuvens interferiram de novo com o tal piquenique no tal lago inacessível. Estará o destino a fazer das suas? Ontem experimentei, defronte do espelho, um novo par de calções de banho.

Quarta feira. À tarde, a Haze (sapatos práticos e vestido feito por medida) disse-me que ia à cidade, de automóvel, comprar uma prenda para uma amiga de uma amiga, e se eu fazia o favor de a acompanhar, pois tenho um gosto maravilhoso no que se refere a tecidos e perfumes. "Escolha a sua sedução preferida", acrescentou, ronronante. Metido como estava no negócio da perfumaria, que podia Humbert fazer? Ela encurralara-me entre o alpendre da frente e o automóvel.

"Despache-se", pediu-me, enquanto eu dobrava dificilmente o corpo alto, para poder entrar no veículo (ainda a procurar com desespero um meio de me esquivar). Ligara o motor e praguejava delicadamente contra um camião que, à sua frente, recuava e virava, depois de entregar à velha inválida Miss Defronte uma cadeira de rodas novinha em folha, quando a voz aguda da minha Lolita soou, vinda da janela da sala: "Eh, aonde vão? Também vou! Esperem!" "Não faça caso", ganiu a Haze (deixando ir abaixo o motor). Pobre da minha bela motorista, Lo já puxava a porta do meu lado. "Isto é intolerável", começou a mãe, mas Lo entrara, a tremer de riso.

"Chegue para lá o traseiro, ande", ordenou á garota. Lo!, ralhou a mãe (e olhou-me de soslaio, na esperança de que eu expulsasse a grosseira catraia). "E tu toma cuidado!", acrescentou Lo (não pela primeira vez), quando o carro saltou para a frente e ela foi empurrada para trás. "É intolerável", repetiu a Haze, engatando violentamente em segunda, "é intolerável que uma criança tenha maneiras tão más. E seja tão perseverante, sabendo que não é desejada. Ainda por cima, precisa de um banho."

Os nós dos meus dedos estavam encostados às blue jeans da garota. Estava descalça, as unhas dos seus pés conservavam restos de verniz vermelho-cereja e

tinha uma tira de adesivo atravessada no dedo grande - e, meu Deus, quanto eu não daria para beijar naquele momento aqueles pés simiescos, de ossos delicados e dedos compridos! De súbito, meteu a mão na minha e, sem o nosso pau-de-cabeleira ver, segurei, afaguei e apertei aquela patinha quente, até chegarmos à loja. As asas do marlenesco nariz da condutora brilhavam, perdida ou consumida a sua ração de pó, enquanto ela mantinha um elegante monólogo acerca do trânsito local e sorria de perfil, e faziabeicinho de perfil, e batia as pintadas pestanas de perfil – e eu pedia ao Céu que nunca mais chegássemos à loja. Mas chegámos.

Não tenho mais nada a acrescentar, a não ser, primo: a Haze grande obrigou a Haze pequena a sentar-se no banco de trás, na viagem de regresso; e, secundo: a dama decidiu guardar a Escolha de Humbert para ser usada atrás das suas próprias orelhas bem feitinhas.

Quinta feira. O mês tropical começou com granizo e ventania.Num volume da Enciclopédia Juvenil encontrei um mapa dos Estados Unidos, que um lápis juvenil começara a copiar numa folha de papel de seda, do outro lado do qual, no verso do esboço inacabado da Florida e do Golfo, havia uma lista mimeografada de nomes, respeitantes, evidentemente, à sua classe na escola de Ramsdale. É um poema que já sei de cor.

Angel, Grace Hamilton, Mary Rose
Austin, Floyd Haze, Dolores
Beale, Jack Honeck, Rosaline
Beale, Mary Knight, Kenneth
Buck, Daniel McCoo, Virgínia
Byron, Marguerite McCrystal, Vivian
Campbell, Alice McFate, Aubrey
Carmine, Rose Miranda, Anthony
Chatfield, Phyllis Miranda, Viola

Clarke, Gordon Rosato, Emil
Cowan, John Schlenker, Lena
Cowan, Marion Scott, Donald
Duncan, Walter Sheridan, Agnes
Falter, Ted Servaoleg
Fantazia, Stella Smith, Hazel
Flashman, Irving Talbot, Edgar
Fox, George Talbot, Edwin
Glave, Mabel Wain, Lull
Goodale, Donald Williams, Ralph
Green, Lucinda Windmuller, Louise

Um poema, um poema, deveras! Foi tão estranho e doce descobrir aquele Haze, Dolores, (ela!) no seu caramanchão especial de nomes, com a sua guarda de honra de rosas – uma princesa encantada entre as suas duas damas de honor. Estou a tentar analisar o calafrio de prazer que me causa este nome entre todos os outros. Que será que me excita quase até às lágrimas (quentes, opalinas, grossas lágrimas que poetas e amantes vertem)? Que será? O terno anonimato deste nome com o seu véu formal (Dolores) e a abstracta transposição de nome e apelido, que lembra um par de claras luvas novas ou uma máscara? Será máscara a palavra-chave? Será por haver sempre deleite no semitranslúcido mistério, no adejante véu através do qual a carne e os olhos que só nós temos o privilégio de conhecer sorriem ao passar, só a nós? Ou será porque imagmo tão bem o resto da policroma classe em redor da minha dolorosae enevoada queridinha? Grace e as suas borbulhas assanhadas; Ginny e a sua perna a arrastar; Gordon, o masturbador esgrouviado; Dunran, o palhaço mal-cheiroso; Agnes, a roedora de unhas; Viola, de cabeleira negra e busto saltitante; a bonita Rosaline; a morena Mary Rose; a adorável Stella, que deixara desconhecidos

tocarem-lhe; Ralph, fanfarrão e larápio; Irving, de quem tenho pena. E lá está ela, perdida no meio de todos, a roer o lápis, com os olhos de todos os rapazes no seu cabelo e no seu pescoço: a minha Lolita.

Sexta feira. Anseio por qualquer catástrofe medonha. Tremor de terra, explosão espetacular. A mãe dela é repugnantemente, mas instantânea e permanentemente, eliminada, assim como todos os demais, num raio de quilômetros. Lolita choraminga nos meus braços. Homem liberto, gozo-a entre as ruínas. A sua surpresa, as minhas explicações, demonstrações, ululações. Ociosas e idiotas fantasias! Um Humbert corajoso ter-se-ia divertido com ela odiosamente (ontem, por exemplo, quando voltou ao meu quarto para me mostrar os seus desenhos, quinquilharia artística escolar); podia tê-la subornado - e ficado impune. Um tipo mais simples e mais prático ter-se-ia, sensatamente, contentado com vários substitutos comerciais - se soubesse aonde ir; eu não sei. Apesar do meu aspecto másculo, sou tremendamente tímido. A minha alma romântica fica toda suada e tremula só de pensar que se pode meter nalgum dissabor horrível e indecente. Aqueles obscenos monstros marinhos... Mais allez-y, allez-y! Annabela equilibrada só num pé, para enfiar os calções, e eu nauseado de raiva, a tentar ocultá-la.

No mesmo dia, mais tarde, muito tarde. Acendi a luz para registrar um sonho. Teve, evidentemente, um antecedente. Ao jantar, a Haze proclamara, benévola, que, em virtude de os serviços meteorológicos prometerem um fim-de-semana soalheiro, iríamos ao lago no domingo, depois da missa. Deitado na cama, a ruminar eroticamente antes de tentar adormecer, pensei num estratagema para tirar proveito do piquenique em perspectiva. Tinha consciência de que a mãe Haze detestava a minha querida por ela gostar de mim. Por isso, planeei o meu dia lacustre com vista a dar

satisfação à mãe. Só falaria com ela, mas em certo momento apropriado dir-lhe-ia que deixara o meu relógio de pulso, ou os meus óculos de sol, além, naquele bosque... e mergulharia com a minha ninfeta entre as árvores. Nesta conjuntura a realidade retirou-se e a procura dos óculos transformou-se numa tranquila orgiazinha, com uma Lolita singularmente conhecedora, alegre, corrupta e complacente, comportar-se como a razão sabia que, logicamente, não se poderia comportar. Às três da manhã tomei um comprimido para dormir e, pouco depois, um sonho que não era uma sequela, e, sim, uma paródia, revelou-me, com uma espécie de significativa nitidez, o lago que nunca visitara: estava coberto por um lençol de gelo esmeralda, que um esquimó bexigoso tentava em vão quebrar com uma picareta, embora nas suas margens saibrosas florescessem mimosas e oleandros importados. Tenho a certeza de que a Dr.a Blanche Schwarzmann me daria um saco cheio de schillings para poder acrescentar aos seus arquivos tão libidinoso sonho. Infelizmente, o resto era francamente eclético. A grande Haze e a pequena Haze andavam a cavalo em redor do lago - e eu também -, saltitando na sela, com as pernas arqueadas, embora não houvesse entre elas cavalo algum e sim, apenas, ar elástico - uma das pequenas omissões devidas a distração do agente do sonho.

Sábado. O meu coração ainda galopa e eu ainda estremeço e emito gemidos baixos, de recordado enxovalho.

Vista dorsal. Vislumbre de pele reluzente entre camisola interior e calções brancos de ginástica. Debruçada da janela, no acto de arrancar folhas a um choupo, enquanto conversa desembaraçadamente com um rapaz dos jornais que se encontra em baixo (Kenneth Knight, suspeito) e que

acaba de atirar, com pontaria certeira, o Journal de Ramsdale para o alpendre.
Comecei a rastejar na sua direcção - ou, melhor, a manquejar, como os pantomimos. Os meus braços e as minhas pernas eram superfícies convexas entre as quais e não sobre as quais -, eu
avançava lentamente, graças a qualquer neutro meio de locomoção: Humbert, a Aranha Ferida. Devo ter levado horas para chegar junto dela: era como se a visse por um telescópio virado ao contrário e avançasse para o seu traseirinho rijo como um paralítico, apoiado em pernas moles e deformadas, num esforço terrível e obstinado. Por fim, estava mesmo atrás dela quando tive a infeliz ideia de bazofiar um bocadinho -agarrando-a pelo cogote e outras brincadeiras do género, para disfarçar o meu verdadeiro manège -, e ela ordenou, num guincho esganiçado e breve: "Acabe com isso!" Mas disse-o muito asperamente, a desavergonhadita, e com um sorriso amarelicíssimo, Humbert, o Humilde, bateu melancolicamente em retirada, enquanto ela continuava a tagarelar para a rua.

Mas ouçam agora o que aconteceu a seguir. Depois do almoço, estava recostado numa cadeira baixa a tentar ler. De súbito, duas mãozinhas ágeis cobriram-me os olhos: ela aproximara-se sorrateiramente por trás de mim, como se repetisse, numa sequência balética, a minha manobra da manhã. Os seus dedos tornaram-se de um carmesim luminoso, ao tentarem encobrir o sol. Ria-se entrecortadamente e esquivava-se ora para um lado, ora para o outro, enquanto eu estendia os braços lateralmente e para trás, mas sem mudar a minha posição de recostado na cadeira. As minhas mãos tocavam-lhe as pernas ágeis, que acompanhavam os seus frouxos de riso, o livro escorregou-me do colo como um trenó e Mrs. Haze aproximou-se e disse, indulgente: "Dê-lhe um bom tabefe se ela interferir com as suas

meditações eruditas. Como adoro este jardim (nenhum ponto de exclamação no tom da sua voz). Não é divino, ao sol" (nenhum ponto de interrogação, tão-pouco). E, com um suspiro de falso contentamento, a detestável dama deixou-se cair na relva e olhou para o céu, de braços obliquamente afastados e apoiada nas mãos. Pouco depois, uma velha bola de tênis cinzenta ressaltou por cima dela e a voz de Lo soou, dentro de casa, altivamente: "Pardonnez, mãe. Não foi a ti que apontei." Claro que não, minha penugenta queridinha.

12

Esta foi a última de vinte anotações, mais ou menos. Por elas se verificará que, apesar de todo o espírito inventivo do Demo, o plano se manteve, diariamente, o mesmo. Primeiro, o mafarrico tentava-me; depois, contrariava-me, deixando-me com uma dor surda no próprio âmago do meu ser. Eu tinha perfeita consciência do que queria fazer e de como fazê-lo, sem afectar a castidade de uma criança; no fim de contas, ao longo da vida adquirira alguma experiência de pederosis, possuíra visualmente ninfetas sarapintadas de sol, em parques, e insinuara-me, cautelosamente e bestialmente, nos cantos mais sufocantes e apinhados dos autocarros, cheios de colegiais suspensas das pegas do tejadilho. Mas durante quase três semanas fora interceptado em todas as minhas patéticas maquinações. O agente de tais intercepções era geralmente a Haze mãe (que, como o leitor verifica, receava mais que Lo obtivesse algum prazer através de mim do que eu a desfrutasse). A paixão que brotara em mim por aquela ninfeta - pela primeira ninfeta da minha vida que estava, finalmente, ao alcance das minhas desajeitadas, ávidas e tímidas garras - ter-me-ia, com certeza, levado de novo a um manicómio, se o Demônio não compreendesse que, se me queria ter por joguete durante mais algum tempo, teria de conceder-me alguma satisfação.

O leitor também já reparou na curiosa miragem do lago. Teria sido lógico, da parte de Aubrey McFate (como gostaria de alcunhar o meu demônio), proporcionar-me um pequenino gozo na praia prometida, na presumida floresta. Na realidade, a promessa que Mrs. Haze fizera fora fraudulenta; não me dissera que Mary Rose

Hamilton (uma beldadezinha morena por direito próprio) também iria e que as duas ninfetas passariam o tempo a segredar sozinhas, e a brincar sozinhas, e a divertir-se sozinhas, enquanto Mrs. Haze e o seu atraente inquilino conversariam pacatamente, seminus, longe de olhos curiosos. Diga-se de passagem que tais olhos bisbilhotaram e línguas badalaram. Como a vida é estranha! Apressamo-nos a malquistar os próprios fados que queríamos conquistar. Antes de eu chegar, a minha senhoria planeara chamar lá a casa uma solteirona, uma tal Miss Phalen, cuja mãe fora cozinheira da família de Mrs. Haze, a fim de ficar comigo e com Lolita, enquanto ela, no fundo uma mulher desejosa de seguir uma carreira, procuraria um emprego conveniente, na cidade mais próxima. Mrs. Haze imaginara a situação muito claramente: Herr Humbert, caixa-de-óculos e corcovado, chegaria com as suas malas centro-europeias, para criar bolor num canto, atrás de uma rima de velhos livros; a filha feia e desamada ficaria sob a vigilância firme de Miss Phalen, que já uma vez tivera a minha Lo sob a sua asa de bútio (Lo recordava esse Verão de 1944 com um estremecimento de indignação), e ela própria, Mrs. Haze, empregar-se-ia como recepcionista numa grande e elegante cidade. Mas um acontecimento pouco complicado interferiu com tal programa: Miss Phalen fracturou a bacia em Savannah, Jórgia, no próprio dia em que eu cheguei a Ramsdale.

13

O domingo seguinte ao sábado já descrito foi tão ensolarado como o meteorologista previra. Quando coloquei o tabuleiro do pequeno-almoço em cima da cadeira que se encontrava do lado de fora do meu quarto, para que a minha boa senhoria o levasse quando lhe conviesse, tomei conhecimento da situação que a seguir descreverei, escutando do patamar, que atravessara silenciosamente, até ao corrimão, com a cumplicidade dos meus velhos chinelos de quarto - a única coisa que havia em mim de velho.

Houvera outra discussão. Mrs. Hamilton telefonara a comunicar que a filha estava com temperatura, e, por seu turno, Mrs. Haze comunicara à sua filha que o piquenique tinha
de ser adiado. A ardente Hazezinha informou a fria Hazezona de que, sendo assim, não iria com ela à igreja. A mãe dissera-lhe muito bem, e saíra.

Eu saíra para o patamar logo após ter-me barbeado, ainda com os lobos das orelhas brancos de espuma e envergando o meu pijama branco, com o desenho cor de centáurea (não o lilás) nas costas. Em seguida limpei o sabão das orelhas, perfumei o cabelo e as axilas, enfiei um roupão de seda cor de púrpura e, a cantarolar nervosamente, descia a escada, em busca de Lo.

Desejo que os meus doutos leitores participem na cena que vou repetir; desejo que analisem todos os seus pormenores e vejam com os seus próprios olhos como é cuidadoso e casto todo o doce e embriagador evento, quando encarado com aquilo a que o meu advogado chamou, numa conversa particular que tivemos,

compreensão imparcial". Comecemos, pois. É difícil a tarefa a que meto ombros.

Personagem principal: Humbert, o Cantarolador. Ocasião: manhã de domingo de Julho. Lugar: sala cheia de sol. Cenário: velho sofá cor de caramelo às riscas, revistas, fonógrafo, bugigangas mexicanas (o defunto Mr. Harold E Haze - Deus lhe tenha a alma em descanso - engendrara a minha queridinha à hora da sesta, num quarto caiado de azul, durante uma viagem de núpcias a Vera Cruz, da qual havia recordações - entre as quais Dolores - pela casa toda). Naquele dia, Lolita usava um bonito vestido estampado, que já lhe vira uma vez, de saia ampla, corpo justo e mangas curtas - o vestido era cor-de-rosa, com um xadrez de um rosa mais carregado, e, para completar o esquema de cores, ela pintara os lábios e segurava nas mãos em concha uma bonita, banal, vermelha e edénica maçã. Não estava, porém, calçada para ir à igreja. E a sua bolsinha branca, dos domingos, jazia abandonada perto do fonógrafo.

O meu coração rufou como um tambor quando, com a fresca saia abrindo-se num balão e esvaziando-se a seguir, se sentou no sofá, ao meu lado, a brincar com o reluzente pomo. Atirou-o ao ar cheio de poalha dourada e apanhou-o, com um plop! abafado. Humbert Humbert interceptou a maçã.

- Dê-ma! - rogou, mostrando o rubor marmoreado das palmas das mãos.

Devolvi-lhe a Delícia. Ela agarrou-a e mordeu-a e o meu coração tornou-se neve sob fina pele carmesim. Com a agilidade simiesca tão típica daquela ninfeta americana, arrancou da pressão abstracta das minhas mãos a revista que eu abrira (que pena nenhuma película ter registrado o curioso padrão, a monogrâmica articulação dos nossos gestos simultâneos ou sobrepostos). Rapidamente, quase nada embaraçada pela desfigurada maçã que segurava, Lo folheou

violentamente a revista, à procura de qualquer coisa que desejava mostrar a Humbert. Encontrou-a, finalmente. Fingindo interesse, cheguei a cabeça tão para junto da sua que o seu cabelo me tocou na têmpora e o seu braço roçou pela minha face, quando limpou os lábios com o pulso. Devido à névoa brilhante através da qual olhei para a gravura, a minha reação tardou e os joelhos de Lo roçaram e chocaram impacientemente um pelo outro e um contra o outro. Consegui, enfim, ver a imagem, ainda que de um modo vago: um pintor surrealista, suína e descontraidamente estendido numa praia, e perto dele, também em postura supina, uma réplica de gesso da Vénus de Milo, meio enterrada na areia. Fotografia da semana, dizia a legenda. Afastei para longe a obscenidade. Ato contínuo, numa fingida tentativa para recuperar a revista, Lo atirou-se toda para cima de mim. Agarrei-lhe no pulso delgado e ossudo. A revista escorregou para o chão, como uma galinha de penas eriçadas. Lo libertou-se, com um puxão, afastou-se e recostou-se no canto direito do sofá. Depois, com absoluta simplicidade, a descarada garota atravessou as pernas no meu colo.

Nessa altura já me encontrava num estado de excitação vizinho da loucura - mas tinha também a astúcia dos loucos. Sentado no sofá, consegui harmonizar, com uma série de movimentos sorrateiros, a minha disfarçada luxúria com as suas pernas inocentes. Não foi fácil distrair a atenção da donzelinha enquanto executava os obscuros ajustamentos indispensáveis ao êxito do truque. Falando depressa, perdendo e recuperando o fôlego, fingindo uma súbita dor de dentes para explicar os intervalos na minha tagarelice - mas sem nunca desviar um olho interno, de maníaco, da minha distante e dourada meta -, aumentei cautelosamente a mágica fricção que anulava, num sentido ilusório, se não concreto, a textura fisicamente

irremovível, mas psicologicamente muito friável, da fronteira material (pijama e roupão) entre o peso de duas pernas bronzeadas, repousando atravessadas no meu colo, e o tumor oculto de uma paixão inconfessável. Como, no decurso do meu arrazoado, me lembrara de uma coisa de toada agradavelmente monocórdica, recitei, adulterando-os um pouco, os versos de uma canção idiota, então em voga: Ó minha Carmen, minha Carmencita, não sei quê, não sei quê, aquelas noites não sei que mais, e os carros, e os bares, e o barman... Continuei a repetir a lengalenga e a mantê-la sob o meu fascínio (um fascínio especial, devido à adulteração), mas sempre mortalmente receoso de que algum acto de Deus me interrompesse, removesse a dourada carga de sensação em que todo o meu ser parecia concentrado, e essa ansiedade obrigou-me a trabalhar, talvez durante o primeiro minuto, mais depressa do que era consentâneo com um gozo deliberadamente modulado. As estrelas que refulgiam, e os carros que estacionavam, e os bares, e os barmen, não tardaram a ser apropriados por ela e a sua voz roubou e corrigiu a melodia que eu estivera a mutilar. Tinha sentido musical e era doce como uma maçã. As suas pernas estremeciam um bocadinho, atravessadas no meu colo ativo. Afaguei-as. Continuou indolentemente recostada no canto dianteiro, quase esparramada. Lola, o botãozinho, devorando o seu pomo imemorial, cantando através do seu suco, deixando cair o chinelo, esfregando o calcanhar do pé deschinelado, de soquete encardido, na rima de revistas velhas empilhadas à minha esquerda, no sofá - e cada movimento seu, cada ondular, ajudava-me a disfarçar e a aperfeiçoar o sistema secreto de correspondência táctil entre monstro e bela - entre a minha fera amordaçada e quase a rebentar e a beleza do seu corpo cheio de covinhas, coberto pelo inocente vestido de algodão.

Sob as pontas deslizantes dos meus dedos senti os minúsculos pêlos das suas canelas arrepiarem-se ligeiramente. Perdi-me no calor pungente, mas saudável, que, como névoa de Verão, envolvia a minha pequena Haze. Deixá-la estar, deixá-la estar... Quando se retesou para atirar o caroço da devorada maçã para a lareira, o seu peso jovem, as suas pernas inocentes e impudicas e o seu traseiro roliço escorregaram para o meu colo tenso, torturado, sub-repticiamente activo. De repente, operou-se uma misteriosa mudança nos seus sentidos. Fui transportado para um plano onde nada interessava a não ser a infusão de prazer preparada dentro do meu corpo. O que começara como uma deliciosa distensão das minhas raízes mais íntimas tornou-se um latejar ardente, que atingira aquele estado de absoluta segurança, confiança e esperança que não se encontra em mais parte alguma da vida consciente. Estabelecida assim, e a caminho da sua derradeira convulsão, a profunda e fogosa doçura, achei que podia afrouxar, a fim de prolongar o gozo. Lolita fora seguramente solipsizada,. O sol implícito pulsava nos choupos; estávamos fantástica e divinamente sós. Olhei-a, envolta na poalha rósea-dourada, para além do meu prazer controlado, inconsciente dele, alheia a ele, e o sol brincava nos seus lábios, e os seus lábios continuavam, aparentemente, a formar as palavras da cantilena Carmen-barmen que já não alcançavam o meu consciente. Chegara tudo ao ponto culminante. Os nervos do gozo tinham sido desnudados, os corpúsculos de Krauze iniciavam a fase frenética. A mínima pressão bastaria para libertar todo o paraíso. Eu deixara de ser Humbert, o Sabujo, o degenerado rafeiro de olhos tristes que abraçava a bota que o correria a pontapé. Estava acima das atribulações do ridículo, para além das possibilidades de castigo. No serralho por mim próprio criado, era um radiante e robusto turco, adiando

deliberadamente, com plena consciência da sua liberdade, o momento em que desfrutaria verdadeiramente a mais jovem e mais delicada das suas escravas. Suspenso à beira desse abismo de voluptuosidade (num requinte de equilíbrio fisiológico comparável a certas técnicas artísticas), continuava a repetir, ao acaso, palavras por ela proferidas - barmen, alarmante, minha fascinante, minha Carmen, amén, amén -, como quem fala e ri durante o sono, enquanto a minha mão, feliz, subia pelas suas pernas impregnadas de sol, até onde a decência permitia. No dia anterior ela fora de encontro à pesada cômoda do vestíbulo e... "Olha, olha!", exclamei, ofegante. "Vê o que fizeste, vê o que fizeste a ti própria! oh, vê!" Tinha uma equimose violeta-amarelada na deliciosa coxa de ninfeta que a minha enorme mão cabeluda massajou e envolveu lentamente - e, devido à sua reduzidíssima roupa interior, dir-se-ia que nada poderia impedir o meu musculoso polegar de alcançar o quente recesso das suas virilhas... assim como se acaricia e faz cócegas a uma criança sacudida de riso, só isso, apenas isso..."Ah, não tem importância nenhuma!", afirmou, com uma repentina nota aguda na voz, e contorceu-se e encolheu-se toda, e inclinou a cabeça para trás, e os dentes brilharam-lhe no rubro e húmido lábio inferior, ao mesmo tempo que se virava um pouco, e a minha boca gemebunda, cavalheiros do júri, quase tocou no seu pescoço nu, enquanto eu esmagava contra a nádega esquerda o último espasmo do mais longo êxtase que homem ou monstro jamais conhecera.

Imediatamente a seguir (como se tivéssemos estado a lutar e a força com que a segurava tivesse diminuído), rolou do sofá e levantou-se de um pulo, apoiada apenas num pé, para atender o ensurdecedor retinir do telefone, que, pela parte que me tocava, podia já estar a tocar havia séculos. A pestanejar, de faces em

brasa, cabelo desfeito e olhos que me percorriam tão despreocupadamente como aos móveis, escutava ou falava (era com a mãe, que lhe dizia que fosse almoçar com ela aos Chatfields - nem Lo nem Hum sabiam ainda o que a metediça Haze congeminava), sem deixar de bater na superfície da mesa com o chinelo que apanhara do chão. Louvado Deus, não dera por nada!

Com um lenço de seda multicor, em que os seus olhos atentos se fixaram de passagem, enxuguei o suor da testa e, imerso numa euforia de catarse, pus um pouco de ordem nas minhas vestes reais. Ela continuava ao telefone, a regatear com a mãe (queria que a fossem buscar de automóvel, a minha Carmencita), quando, a cantar cada vez mais alto, corri pela escada acima e enchi a banheira com um dilúvio de água fumegante e fragorosa.

Nesta altura, talvez seja melhor indicar os versos da canção popular na sua totalidade - tanto quanto a memória mo permitir, pelo menos; creio que nunca a soube bem. Ei-la:

Ó minha Carmen, minha Carmencita!
Não sei quê, não sei quê, naquelas noites
não sei que mais, E as estrelas, e os automóveis,
e os bares, e os barmen... E, ó minha fascinante,
as nossas terríveis brigas. E a cidade não sei quê,
onde tão alegremente, De braço dado, fomos,
e a nossa derradeira briga, E a arma com que te matei,
ó minha Carmen, A arma que empunho agora.

(Creio que sacou a sua automática de calibre 32 e meteu uma bala no olho da sua amante.)

14

Almocei na cidade - havia anos que não tinha tanta fome. A casa continuava sem Lo quando regressei. Passei a tarde a meditar e a planear, digerindo regaladamente a minha experiência matinal.

Sentia-me orgulhoso comigo mesmo. Furtara o mel de um espasmo sem molestar a moralidade de uma menor. Não lhe causara dano absolutamente nenhum. O prestidigitador deitara leite, melaço e espumoso champanhe na malinha nova e branca de uma jovem... e, olhai, a malinha ficou intacta! Assim arquitetara eu, delicadamente, o meu ignóbil, ardente, pecaminoso sonho. E Lolita continuava impoluta e eu em segurança. Não fora a ela que possuíra loucamente, e, sim, a uma criação minha, a outra e fantasiosa Lolita - talvez mais real do que Lolita, sobrepondo-se-lhe, envolvendo-a, pairando entre mim e ela e não tendo vontade, nem consciência -, não tendo, na realidade, vida própria.

A garota não sabia nada. Eu não lhe fizera nada. E nada me impedia de repetir uma performance que a afetava tão pouco, como se ela fosse uma imagem fotográfica a ondular numa tela e eu um humilde corcunda corrompendo-me a mim próprio no escuro.
A tarde foi passando, num silêncio delicioso, e as árvores altas e viçosas pareciam conhecer o segredo do que se passara. E o desejo, mais forte ainda do que antes, recomeçou a atormentar-me. "Deixai-a regressar depressa", pedi a um Deus solitário, e enquanto a mamã estiver na cozinha permiti que se repita a cena do sofá, por favor, adoro-a tão horrivelmente!, Não, horrivelmente, não é a palavra certa. O exaltado júbilo que me causava a visão de novos deleites não era

horrível e, sim, patético. Qualifico-o de patético. Patético, porque apesar do fogo insaciável do meu apetite venéreo, tencionava, com o maior fervor e deliberação, proteger a pureza daquela garota de doze anos.

E agora vejam como foram recompensadas as minhas boas intenções. Lolita não regressou a casa, fora ao cinema com os Chatfields. A mesa estava posta com mais elegância do que habitualmente: luz de velas, pois então! Naquela aura insípida, Mrs. Haze tocou delicadamente nos talheres de prata, como se afagasse teclas de piano, sorriu para o prato vazio (andava a fazer dieta) e disse esperar que eu gostasse da salada (receita copiada de uma revista feminina). Esperava que gostasse, também, das carnes frias. Fora um dia perfeito. Mrs. Chatfield era uma pessoa encantadora. Phyllis, a filha, partia para um acampamento de Verão no dia seguinte. Durante três semanas. Lolita, estava decidido, iria na quinta-feira. Em vez de esperar até Julho, como fora inicialmente planeado. E ficaria lá depois de Phyllis se vir embora.
Até começarem as aulas. Linda perspectiva, meu Deus.

Oh, como fiquei abalado! Pois não significava aquilo que ia perder o meu amor, precisamente quando, em segredo, a tornara minha? A fim de explicar o mau humor, tive de recorrer à mesma dor de dentes que simulara de manhã. Devia ser um enorme molar, com um abcesso do tamanho de uma marasca.

- Temos um excelente dentista - informou a Haze. - Por sinal é nosso vizinho. O Dr. Quilty. Creio que é tio ou primo do dramaturgo. Pensa que a dor passará? Bem, como queira. No
Outono, hei-de pedir ao doutor que coloque um aparelho na boca de Lo - um freio,, como a minha mãe costumava dizer. Talvez a dome um bocado... Receio que ela o tenha maçado terrivelmente nestes dias todos... e esperam-nos

alguns tempestuosos, antes de se ir embora! Recusou-se terminantemente a partir, e eu confesso que a deixei com os Chatfields porque temia enfrentá-la sozinha. O filme talvez a acalme. A Phyllis é uma jóia de rapariguinha e não há motivo nenhum para a Lo antipatizar com ela. Francamente, monsieur, estou muito preocupada com esse seu dente. Será razoável deixar-me contactar com Ivor Quilty logo de manhãzinha, se ainda lhe doer. Sabe, acho um acampamento de Verão muito mais saudável e... bem, é muito mais razoável, como digo, do que enfadar-se num jardim de subúrbio, usar o bâton da mamã, aborrecer cavalheiros tímidos e estudiosos e ter birras por tudo e por nada.

- Tem a certeza - perguntei, por fim - de que se sentirá feliz, lá? (Frouxo, lamentavelmente frouxo!) - Que remédio tem ela! E não será só brincadeira. O acampamento é dirigido por
Shirley Holmes - o senhor sabe quem é, aquela que escreveu Campfire Girl. O acampamento ensinará Dolores Haze a crescer em muitos aspectos: saúde, conhecimentos e génio. E dar-lhe-á, principalmente, um sentido de responsabilidade para com os outros. Levamos as velas e sentamo-nos um bocadinho na piazza, ou prefere ir para a cama e suportar essa dor de dentes?

Preferia a dor de dentes.

15

No dia seguinte, foram à cidade de automóvel comprar coisas que eram precisas para o acampamento: comprar qualquer coisa que pudesse usar operava maravilhas na disposição de Lo. Ao jantar, mostrou-se sarcástica, como de costume, e logo a seguir foi para o quarto enfronhar-se na leitura das histórias aos quadradinhos compradas para ajudar a passar os dias chuvosos, no acampamento (na quinta-feira estavam tão lidas e relidas que não as levou). Retirei-me, também, para o meu covil e escrevi algumas cartas. O meu plano consistia em retirar-me para a beira-mar e, quando as aulas começassem, retomar a minha existência no lar Haze - pois já sabia que não podia viver sem a garota. Na terça-feira, foram novamente às compras e eu fiquei com a recomendação de atender o telefone, se a directora do acampamento telefonasse durante a sua ausência. Telefonou, e cerca de um mês depois tivemos ocasião de recordar a nossa agradável conversa. Nessa terça-feira, Lo jantou no quarto. Estivera a chorar, depois de uma das habituais discussões com a mãe, e, como já sucedera noutras vezes, não quisera que eu lhe visse os olhos inchados; tinha uma daquelas peles delicadas que, depois de uma boa sessão de choro, ficam todas às manchas e inflamadas - e morbidamente sedutoras. Lamentei muitíssimo a sua opinião errada quanto à minha estética particular, pois amo, pura e simplesmente, aquele rosado matiz botticelliano, o rosa-vivo dos lábios, as pestanas húmidas e acamadas - e, naturalmente, aquele seu caprichoso acanhamento privou-me de muitas oportunidades de especioso consolo. Mas o caso era mais complicado do que eu

pensava. Quando estávamos sentados na varanda às escuras (uma rabanada de vento apagara as velas), a Haze comunicou-me, com um riso cansativo, ter dito a Lo que o seu adorado Humbert aprovava inteiramente toda a ideia do acampamento, "e agora, prosseguiu, a miúda fez uma cena. Pretexto: você e eu queremos ver-nos livres dela. Verdadeira razão: disse-lhe que, amanhã, trocaríamos por coisas mais simples alguma da roupa de noite excessivamente ousada que me convenceu a comprar-lhe.
Compreende, ela vê-se com uma starlet; eu vejo-a como uma garota saudável e vigorosa, mas decididamente feiota. Creio que é esta a raiz dos nossos desentendimentos".

Na quarta-feira consegui fazer-me encontrar com Lo durante alguns segundos, quando ela estava no patamar, de blusa de treino e calções brancos manchados de verde, a remexer numa mala. Disse-lhe qualquer coisa, que pretendia ser amigável e engraçada, mas ela limitou-se a emitir uma espécie de grunhido, sem olhar para mim. Desesperado, o moribundo Humbert deu-lhe uma palmadinha desajeitada no cóccix, e ela bateu-lhe, dolorosamente, com uma das formas de sapatos do falecido Mr. Haze. "Traidor!", atirou-me, enquanto eu me arrastava pela escada abaixo, a esfregar o braço numa grande exibição de mágoa. Lo não condescendeu em jantar com Hum e a mamã: lavou a cabeça e foi para a cama com os seus ridículos livros.
E na quinta-feira a calma Mrs. Haze levou-a de automóvel ao Acampamento Q.

Como escritores maiores do que eu têm dito, O leitor que imagine...", etc. Pensando melhor, talvez não seja má ideia dar a essas imaginações um pontapé nos fundilhos. Sabia que me apaixonara por Lolita para sempre, mas também sabia que ela não seria eternamente Lolita. Completaria treze anos no dia 1 de

Janeiro, dentro de cerca de dois anos deixaria de ser uma ninfeta e transformar-se-ia numa jovem" e, depois, numa universitária,, esse horror dos horrores. A expressão para sempre" referia-se apenas à minha paixão, à Lolita eterna infiltrada no meu sangue. À Lolita cuja cavilidade ilíaca ainda não se dilatara, à Lolita que naquele momento podia tocar e cheirar e ouvir e ver, à Lolita da voz estridente e do farto cabelo castanho - das franjas e dos remoinhos aos lados e dos caracóis na nuca, do pescoço quente e pegajoso e do vocabulário vulgar- revoltante, super", formidável", patego", molengão" -, a essa Lolita, à minha Lolita que o pobre Catulo perderia para sempre. Como podia, assim, passar sem a ver dois meses de estivais insônias? Dois meses inteinnhos roubados aos dois anos de ninfeta que lhe restavam! Deveria disfarçar-se de melancólica e bota-de-elástico solteirona, a estúpida Mlle. Humbert, e armar a minha tenda nas proximidades do Acampamento Q, na esperança de que as suas rosadas ninfetas proclamassem:
"Adotemos aquela Dona da voz profunda!", e arrastassem a pessoa deslocada, a triste e timidamente sorridente Berthe au Grand Pied, para a sua rústica lareira. Berthe dormiria com
Dolores Haze!

Áridos e ociosos sonhos. Desperdiçariam irremediavelmente, para sempre, dois meses de beleza, dois meses de ternura, e eu não podia fazer nada para o evitar, mas nada, mais rien.

Aquela quinta-feira reservava-me, porém, uma gota de mel na sua minúscula taça. Haze levaria a filha ao acampamento, de manhãzinha. Assim que os diversos sons da partida chegaram aos meus ouvidos, saltei da cama e debrucei-me da janela. O automóvel já vibrava, debaixo dos choupos. No passeio, Louise protegia os olhos com a mão, como se a pequena viajante já se

afastasse sob o baixo sol matinal. O gesto era prematuro.
"Despacha-te! ", gritou a Haze. A minha Lolita, que já estava meio metida no automóvel a preparar-se para bater com a porta, desceu o vidro, acenou a Louise e aos choupos (a quem e aos quais não voltaria a ver) e interrompeu o ritmo do destino: olhou para cima... e voltou, correndo, para dentro de casa (com a Haze a chamá-la furiosamente). Um momento depois ouvi a minha queridinha correr pela escada acima.
O meu coração dilatou-se com tal força que quase me asfixiou. Puxei as calças do pijama e escancarei a porta - e Lolita chegou simultaneamente, a bater os pés e a ofegar, no seu vestido de domingo. No instante seguinte estava nos meus braços, com a boca inocente a derreter-se sob a feroz pressão das minhas negras mandíbulas masculinas. O meu palpitante amor! Logo a seguir, ouvi-a - viva e não violentada – descer ruidosamente a escada. O ritmo do destino estava reatado. A perna loura desapareceu no interior do veículo, cuja porta bateu - e voltou a bater -, e a motorista Haze, agarrada ao duro volante, de lábios de borracha vermelha formando palavras coléricas e inaudíveis, levava a minha queridinha embora, enquanto, sem que ela ou Louise dessem por isso, a velha e inválida Miss Defronte acenava, fraca mas ritmadamente, da sua varanda cheia de trepadeiras.

16

A concha da minha mão ainda estava cheia de Lolita - cheia do contacto das suas costas pré-adolescentemente arqueadas, cheia daquela sensação marfineamente lisa e deslizante da sua pele através do tecido fino do vestido, que eu fizera subir e descer enquanto a abraçava. Entrei no seu quarto desarrumado, abri a porta do armário e mergulhei num monte de roupas amarrotadas que lhe tinham tocado. Atraiu-me sobretudo uma coisa de rosado tecido fino e esgaçado, com um odor levemente acre na costura. Envolvi nela o enorme e ingurgitado coração de Humbert. Crescia em mim um caos angustiante, mas tive de largar todas aquelas coisas e recuperar a compostura, ao ouvir a voz aveludada da criada chamar-me, suavemente, da escada. Tinha uma carta para mim, declarou, e, respondendo aos meus maquinais agradecimentos com um cortês não tem de quê, a boa Louise abandonou na minha tremula mão um sobrescrito sem selo e com um aspecto curiosamente limpo.

Isto é uma confissão: amo-o (assim começava a carta, e durante um louco momento tomei a sua caligrafia histérica pelas garatujas de uma colegial). No domingo passado, na igreja - seu mauzão, recusou-se a ir ver os nossos belos vitrais novos! -, só no domingo passado, meu querido, quando perguntei ao Senhor o que devia fazer, recebi conselho para proceder como procedo agora. Compreende, não há outra alternativa. Amo-o desde o primeiro momento em que o vi. Sou uma mulher ardente e solitária e você é o amor da minha vida.

Agora, meu queridíssimo, queridíssimo, mon cher, cher monsieur, leu o que escrevi; agora já sabe. Portanto,

tenha a bondade de fazer as malas e partir, imediatamente. Isto é uma
ordem de senhoria. Estou a expulsar um inquilino. Estou a pô-lo na rua. Vá-se embora! Desapareça! Departez! Estarei de volta à hora do jantar, se conseguir fazer uma média de
oitenta na ida e no regresso e não sofrer nenhum acidente (mas que importância teria isso?), e não quero encontrá-lo em casa. Por favor, rogo-lhe, parta imediatamente, agora, não leia
sequer esta absurda carta até ao fim. Vá. Adieu.

A situação é muito simples, chéri. Claro que sei, com absoluta certeza, que não sou nada para si, absolutamente nada. Oh, sim, gosta de conversar comigo (e de se divertir à minha custa, pobre de mim), ganhou afecto ao nosso lar acolhedor, aos livros de que eu gosto, ao meu encantador jardim e até aos modos grosseiros e barulhentos da Lo... Mas eu não sou nada para si. Certo? Certo. Absolutamente nada para si. Mas se, depois de ler a minha confissão", o seu sombrio temperamento romântico europeu achar que os meus atrativos chegam para justificar que tire partido da minha carta e tente a sorte comigo, se isso acontecer será um criminoso, pior do que um raptor que violenta uma criança. Compreenda, chéri, se você decidisse ficar, se eu o encontrasse em casa (mas sei que não encontrarei e é por isso que me atrevo a escrever desta maneira), o fato da sua permanência poderia significar uma coisa: que me quer, tanto como eu o quero, para companheira da vida inteira, e que está disposto a unir a sua vida à minha para todo o sempre e a ser um pai para a minha filhinha.

Deixe-me sonhar e devanear durante mais um bocadinho, meu adorado, pois sei que nesta altura já rasgou esta carta e os seus bocadinhos (ilegíveis) foram lançados no vórtice da sanita. Meu adorado, mon très,

três cher, que mundo de amor construí para si durante este miraculoso mês de Junho! Sei como é reservado, como é "britânico". A sua reserva europeia e o seu sentido do decoro talvez se sintam escandalizados com a ousadia de uma mulher americana! Você, que sabe esconder os seus sentimentos mais fortes, deve considerar-me uma idiotazinha despudorada, por lhe abrir assim o meu pobre coração ferido. Em anos passados, foram muitas as decepções que sofri. Mr. Haze era uma pessoa esplêndida, uma alma de ouro, mas tinha mais vinte anos do que eu e... enfim, não falemos do passado. Meu adorado, a sua curiosidade deve estar plenamente satisfeita se ignorou o meu pedido e leu esta carta até ao fim. Mas não importa. Destrua-a e parta. Não se esqueça de deixar a chave na secretária do seu quarto.
E qualquer endereço para onde eu lhe possa mandar os doze dólares que pagou a mais, da renda, até ao fim do mês. Adeus, meu querido. Reze por mim, se costuma rezar.
C. H.

O que apresento aqui é o que recordo da carta, e o que recordo da carta recordo-o textualmente (incluindo o horroroso francês). Mas ela era, pelo menos, duas vezes maior. Não repeti uma passagem lírica, que na altura passei mais ou menos por alto, acerca de um irmão de Lolita que morreu aos dois anos, quando ela tinha quatro, e do muito que eu teria gostado dele. Deixem-me ver o que mais posso dizer... Sim, é muito possível que o vórtice da sanita, (para onde a carta foi, de fato) seja uma contribuição prática minha. É provável que ela me tenha suplicado para acender um lume especial, a fim de a consumir.

O meu primeiro impulso foi de repulsão e fuga. O segundo assemelhou-se à mão calma de um amigo, pousada no meu ombro a aconselhar-me que não me

precipitasse. E assim fiz. Quando consegui arrancar-me ao estonteado espanto, encontrava-me ainda no quarto de Lo. Por cima da cama, entre a cara de um cantor e as pestanas de uma estrela de cinema, estava pregado um anúncio de página inteira, arrancado de uma revista cara. Representava um jovem marido de cabelo escuro, com uma espécie de vácuo nos olhos irlandeses. Vestia um roupão da marca tal e segurava um tabuleiro em forma de ponte, da marca tal, com um pequeno-almoço para dois. A legenda, da autoria do Rev. Thomas Morell, chamava-lhe herói vitorioso,. A dama totalmente vencida (que não se via) devia estar a recostar-se nas almofadas, para receber a sua metade do tabuleiro. Não se explicava como o seu companheiro de leito se meteria debaixo da ponte sem entornar nada. Lo desenhara uma seta jocosa, apontada à cara do escanzelado amante, e escrevera, em letras de imprensa: H. H. De fato, apesar da diferença de alguns anos, a semelhança era flagrante. Debaixo dessa gravura havia outra, também de um anúncio colorido. Um ilustre dramaturgo fumava solenemente um Drome. Fumava sempre Drome. A semelhança era ligeira. Sob gravuras ficava o casto leito de Lo, cheio de histórias aos quadradinhos. O esmalte caíra da cabeceira da cama e deixara no branco marcas pretas e mais ou menos redondas. Depois de me convencer de que Louise partira, meti-me na cama de Lo e reli a carta.

17

Cavalheiros do júri! Não posso jurar que certas emoções relacionadas com o negócio em mãos - se me permitem a expressão não me tivessem passado, antes, pelo espírito. O meu
espírito, porém, não as retivera de qualquer forma lógica ou em relação com ocasiões definitivamente recordadas; mas não posso jurar - deixem-me repeti-lo - que não tenha brincado com elas (para improvisar mais outra expressão) na penumbra do meu pensamento, nas trevas da minha paixão. Deve ter havido ocasiões, sim, se conheço como julgo o meu Humbert, deve ter havido ocasiões em que tentei analisar, desprendidamente, a ideia de casar com uma viúva madura (digamos, com Charlotte Haze) e sem nenhum parente vivo neste vasto mundo cinzento, apenas para levar a minha avante com a filha (Lo, Lola, Lolita). Vou até ao ponto de dizer aos meus atormentadores que uma ou duas vezes talvez tenha lançado um olhar friamente calculista aos lábios coralinos, ao cabelo cor de bronze e ao decote perigosamente generoso de Charlotte, e haja, vagamente, tentado ajustá-la num devaneio plausível. Confesso isso sob tortura. Tortura imaginária, quiçá, mas por isso mesmo mais horrível. Gostaria de poder divagar, desviar-me do assunto em causa, e falar-lhes mais a preceito do pavor nocturnus que me atormentava horrorosamente durante a noite se, por acaso, encontrara nas leituras à toa da minha mocidade alguma expressão como, por exemplo, peine forte et dure (que gênio da dor deve ter inventado isso!), ou as medonhas, misteriosas e insidiosas palavras trauma,, acontecimento

traumático, ou verga,. Mas a minha narrativa já está bastante incôndita sem isso.

Passado um bocado, destruí a carta, fui para o meu quarto e pus-me a pensar, a despentear nervosamente o cabelo, a admirar ao espelho o meu roupão purpúreo, a gemer através dos dentes cerrados, e, de súbito... De súbito, cavalheiros do júri, senti um sorriso dostoievskiano nascer (através da careta que me contorcia os lábios) como um sol distante e terrível. Imaginei (em condições de nova e perfeita visibilidade) todas as carícias casuais que o marido da mãe poderia fazer, prodigamente, à sua Lolita. Apertá-la-ia a mim três vezes por dia, todos os dias. Libertar-me-ia de todos os tormentos, seria um homem saudável. Segurar-te levemente sobre um meigo joelho e depositar na tua face macia um beijo paternal..., Bem lido, Humbert!

Depois, com todas as cautelas possíveis, mentalmente em bicos de pés, por assim dizer, imaginei Charlotte como possível companheira. Por Deus, seria capaz de lhe levar aquela toranja economicamente partida em duas, aquele pequeno-almoço sem açúcar!

Humbert, Humbert, a suar sob a crua luz branca e com polícias suados a berrar-lhe e a espezinhá-lo, está disposto a fazer um novo depoimento" (quel mot!), agora, no momento em
que vira a sua consciência do avesso e lhe arranca o forro mais íntimo. Não planeei casar com a pobre Charlotte com o fito de a eliminar de qualquer modo vulgar, repugnante e
perigoso, como, por exemplo, matá-la com cinco pastilhas de bicloreto de mercúrio deitadas no seu xerez pré-prandial, ou coisa parecida. Mas confesso que um pensamento farmacopeico delicadamente associado a esse se fez ouvir baixinho no meu cérebro ruidoso e turvado. Porque teria de me limitar às carícias modestas e disfarçadas que já tinha experimentado? Oscilantes e

sorridentes, apresentaram-se-me outras visões de delícias carnais. Vi-me a administrar uma forte poção sonífera tanto à mãe como à filha, para poder acariciar a segunda, durante a noite, com total impunidade. O ressonar de Charlotte enchia a casa toda, enquanto Lolita mal respirava, no sono, tão imóvel como uma menina pintada. "Juro, mãe, que o Kenny nunca me tocou, sequer!" Ou mentes, Dolores Haze, ou foi um íncubo., Não, eu não iria tão longe.

De modo que Humbert, o Cubo, planeou e sonhou - e o sol vermelho do desejo e da decisão (as duas coisas que criam um mundo vivo) foi subindo cada vez mais alto, enquanto, numa sucessão de varandas, uma sucessão de libertinos, de taça cintilante na mão, brindavam à felicidade de noites passadas e futuras. Depois, simbolicamente falando, quebrei a taça e, ousadamente, imaginei (pois entretanto essas visões tinham-me embriagado e haviam-se sobreposto à brandura da minha natureza) como, eventualmente, poderia fazer chantagem... não, é uma palavra demasiado forte... poderia manobrar a Haze mãe no sentido de me deixar consorciar com a Haze filha, ameaçando delicadamente deserdar a pobre e amoruda Pomba Grande se ela tentasse impedir-me de brincar com a minha enteada legal. Numa palavra, perante uma tão surpreendente proposta, perante tal vastidão e variedade de perspectivas, senti-me tão indefeso como Adão na antestreia da primitiva história oriental, refletida em miragem no seu pomar de macieiras.

E agora anotem a seguinte importante observação: o artista que existe em mim levou a melhor sobre o cavalheiro. Tem sido com grande esforço de vontade que, nesta autobiografia, tenho conseguido harmonizar o meu estilo com o tom do diário que
escrevi quando Mrs. Haze era para mim apenas um obstáculo. Esse meu diário já não existe, mas considerei

meu dever artístico preservar as suas entonações, por muito falsas e brutais que me possam agora parecer. Afortunadamente, a minha história chegou a um ponto em que posso deixar de insultar a pobre Charlotte, por respeito à vero similhança retrospectiva.

Desejando poupar à pobre Charlotte duas ou três horas de suspense numa estrada sinuosa (e evitar, talvez, um choque frontal que destruiria os nossos sonhos diferentes), fiz uma tentativa solícita, mas inútil, para falar com ela no acampamento, pelo telefone. Partira meia hora antes e, como em vez dela foi Lo quem atendeu, disse-lhe, tremulo e eufórico com o meu domínio sobre o destino, que ia casar com a sua mãe. Tive de repetir a novidade duas vezes, pois qualquer coisa a impedia de me prestar atenção. "Isso é formidável!", exclamou rindo. "Quando é o casamento? Espere um momento, o cachorrinho... um cachorrinho que há aqui está a morder-me a peúga. Escute..." - e acrescentou desconfiar que se ia divertir à doida... e eu compreendi, ao desligar, que tinham bastado duas horas naquele acampamento para que novas impressões apagassem do pensamento da pequena Lolita a imagem do simpático Humbert Humbert. Mas que importava isso agora? Faria que ela voltasse assim que tivesse decorrido um espaço de tempo decente, depois do casamento. As flores-de-laranjeira mal teriam murchado na sepultura...,, como um poeta diria. Mas eu não sou poeta, sou apenas um memorialista muito consciencioso.

Depois de Louise sair, passei revista ao frigorífico e, como o achasse excessivamente puritano, fui a pé à cidade e comprei as iguarias mais suculentas que encontrei. E comprei também algumas bebidas e duas ou três espécies de vitaminas. Tinha a certeza de que, com a ajuda daqueles estimulantes e dos meus recursos naturais, evitaria qualquer embaraço que a minha indiferença pudesse causar, quando chamado a

demonstrar uma ardente e impaciente fogosidade. Humbert evocou repetidas vezes Charlotte, tentando vê-la como aparecia a uma imaginação masculina. Vestia com gosto e era elegante, não o podia negar, e era a irmã mais velha da minha Lolita - talvez conseguisse conservar essa noção se não visualizasse demasiado realisticamente as suas ancas pesadas, os seus joelhos redondos, o seu busto farto, a pele avermelhada e áspera do seu pescoço (áspera, por comparação com a seda e mel) e tudo o mais que compõe essa coisa triste e enfadonha que é uma mulher atraente.

O sol deu a habitual volta à casa, à medida que a tarde se ia transformando em anoitecer. Tomei uma bebida. E outra. E mais outra. O gin com sumo de ananás, a minha mistura preferida, duplica-me sempre a energia.

Resolvi entreter-me com a nossa relva mal cuidada. Une petit attention. Estava cheia de dentes-de-leão e um maldito canídeo - detesto cães - emporcalhara as pedras achatadas onde em tempos houvera um relógio de sol. Na sua maioria, os dentes-de-leão tinham passado de sóis a luas. O gin e Lolita dançavam dentro de mim, e por pouco não caí em cima das cadeiras de armar que tentava mudar de lugar. Zebras encarnadas! Há algumas eructações que soam como vivas – as minhas, pelo menos, soavam. Uma velha cerca, ao fundo do jardim, separava-nos dos receptáculos do lixo e dos lilases do vizinho; mas não havia nada entre o lado da frente do nosso relvado (que descia ao longo de um lado da casa) e a rua. Portanto, eu podia estar de atalaia (com o sorriso satisfeito de quem vai fazer uma boa ação) ao regresso de Charlotte: esse dente seria extraído imediatamente. Enquanto andava para a frente e para trás, pouco firme, com o corta-relva manual e pedaços de relva gorjeavam opticamente ao sol baixo, não perdia de vista o lado da rua suburbana por onde ela viria.

Descrevia uma curva, debaixo de um túnel de enormes árvores de sombra, e depois avançava velozmente na nossa direção a descer, a descer muito, passando pela casa de tijolo coberta de hera e pelo relvado íngreme (muito mais cuidado do que o nosso) da velha Miss Defronte e desaparecendo atrás do nosso alpendre principal, que eu não podia ver do lugar onde arrotava e trabalhava, todo contente. Os dentes-de-dragão pereceram. Um forte cheiro a seiva misturava-se ao gosto do sumo de ananás. Duas rapariguinhas - Marion e Mabel -, cujas idas e vindas eu observava maquinalmente, nos últimos dias (mas quem poderia substituir a minha Lolita?), passaram na minha direção da avenida (da qual a nossa Lawn Street se despenhava), uma a empurrar uma bicicleta, a outra a comer qualquer coisa de um cartucho de papel e ambas a conversar no tom mais alto das suas vozes alegres. Leslie, o jardineiro e motorista da velha Miss Defronte, um negro muito cordial e atlético, sorriu-me de longe e gritou, tornou a gritar e sublinhou por gestos que eu estava muitíssimo activo, naquele dia. O cão idiota do próspero negociante de ferro-velho da casa ao lado correu atrás de um automóvel azul - que não era o de Charlotte. A mais bonita das duas rapariguinhas (Mabel, creio), de calções, corpete curto que tinha pouco que ocultar e cabelo lustroso - uma ninfeta, por Pã! -, retrocedeu pela rua abaixo, a amachucar o cartucho de papel, e desapareceu da vista deste Bode Verde atrás da fachada da residência de Mr. E Mrs. Humbert. Uma station irrompeu do lado frondoso da avenida, arrastando algumas ramarias com o tejadilho, antes de as sombras se fecharem de novo, e passou a uma velocidade estúpida, com o motorista, de camisa desportiva, a apoiar a mão esquerda no tecto da cabina e o cão do ferro-velho a correr-lhe ao lado. Seguiu-se uma pausa agradável... e, de súbito, com uma palpitaçãozinha no

peito, assisti ao regresso do Sedan azul. Vi-o deslizar pela rua abaixo e desaparecer atrás da esquina da casa. Vislumbrei o perfil calmo da condutora e pensei que, enquanto não fosse ao primeiro andar, não saberia se eu partira, ou não. Um minuto depois, com uma expressão de angústia no rosto, olhou para baixo, para mim, da janela do quarto de Lo. Um sprint permitiu-me chegar a esse mesmo quarto antes de ela o abandonar.

18

Quando a noiva é viúva e o noivo é viúvo; quando aquela vive na nossa grande cidadezinha" ainda não há dois anos e este ainda não há um mês; quando Monsieur quer despachar toda aquela chatice o mais depressa possível e Madame acede com um sorriso tolerante; quando assim acontece, leitor, o casamento é, geralmente, uma cerimônia discreta,. A noiva pode dispensar a tiara de flores-de-laranjeira para segurar o minúsculo véu,
e nem sequer leva uma orquídea branca num livro de orações. A juvenil filha da noiva poderia acrescentar uma pincelada de vivo escarlate à cerimônia de união de H. H., mas eu sabia que ainda não me atrevia a ser demasiado terno com a encurralada Lolita e, por isso, concordei que não valia a pena afastar a garota do seu adorado Acampamento Q.

A minha soi-disant apaixonada e solitária Charlotte era, na vida quotidiana, prosaica e gregária. Além disso, descobri que, embora não soubesse controlar o coração nem os gritos,
era uma mulher de princípios. Imediatamente depois de se tornar mais ou menos minha amante (apesar dos estimulantes, o seu nervoso e ansioso chéri - um heróico chéri! - teve algumas dificuldades iniciais, de que a compensou, no entanto, amplamente com uma fantástica sucessão de carícias estilo Velho Mundo), a boa Charlotte interrogou-me acerca das minhas relações com Deus. Podia-lhe ter respondido que, a esse respeito, era uma pessoa de vistas largas, mas, pagando o meu tributo a um devoto lugar-comum, disse-lhe acreditar num espírito cósmico. Olhando para os dedos, perguntou-me também se não havia na minha família

alguma estranha hereditariedade. Repliquei-lhe perguntando, por meu turno, se continuaria a querer casar comigo se o avô materno do meu pai tivesse sido, por exemplo, um turco. Declarou-me que isso não tinha importância nenhuma, mas que se suicidaria se, um dia, descobrisse que eu não acreditava no Nosso Senhor cristão. Afirmou-o tão solenemente que me causou calafrios. Foi então que fiquei a saber tratar-se de uma mulher de princípios.

Oh, era muito bem-estudada! Dizia perdão sempre que um arrotozinho lhe interrompia a conversa fluente, chamava anvelope a um envelope e, quando falava com as amigas, referia-se-me como Mr. Humbert. Pensei que lhe agradaria se eu entrasse na comunidade arrastando atrás de mim uma certa aura. No dia do nosso casamento apareceu, na coluna social do Journal de Ramsdale, uma pequena entrevista comigo, enriquecida por uma fotografia de Charlotte, de sobrancelha erguida e apelido gralhado (Hazer,). Não obstante tal contratempo, a publicidade enterneceu as válvulas de porcelana do seu coração e sacudiu, num riso hediondo, os meus sinos de cascavel. Graças ao trabalho que fazia na igreja e às suas artes para travar conhecimento com as melhores mães das condiscípulas de Lo, no decorrer dos vinte meses, mais ou menos, que tinha de residência ali, Charlotte conseguira tornar-se uma cidadã aceitável, se não proeminente. Mas anteriormente nunca merecera as honras de aparecer na emocionante rubrique, e fora eu que lá a conduzira, eu, Mr. Edgar H. Humbert (acrescentei o Edgar só para me divertir), escritor e explorador. O irmão de McCoo, ao tomar nota do artigo, perguntou-me o que tinha escrito. O que quer que lhe respondi, saiu no jornal como diversos livros sobre Peacock, Rainbow e outros poetas. Assinalava-se também que Charlotte e eu nos conhecíamos havia anos e que eu era um parente distante do seu primeiro

marido. Insinuei que tivera um romance com ela treze anos atrás, mas isso não foi mencionado em letra de forma. Disse a Charlotte que as colunas sociais deviam conter uns salpicos de inexatidões.

Mas continuemos com esta curiosa história. Quando chegou o momento de saborear a minha promoção de inquilino a amante só experimentei amargura e desagrado? Não. Mr. Humbert confessa que sentiu uma certa titilação na sua vaidade, uma tênue ternura e, até, um ressaibo de remorso a percorrer deliciosamente o aço da sua adaga conspiracional. Nunca me passara pela cabeça que a assaz ridícula, mas também assaz interessante, Mrs. Haze, com a sua fé cega na sabedoria da sua Igreja e do seu clube do livro, os seus maneirismos de elocução e a sua atitude ríspida, fria e desdenhosa para com uma adorável e enternecedora garota de doze anos, se pudesse transformar numa criatura tão comovedora e desamparada assim que lhe pusesse as mãos em cima, o que aconteceu no limiar da porta do quarto de Lolita, enquanto ela recusava, trémula, e repetia: "Não, não, por favor, não!"

A transformação beneficiou-lhe o aspecto. O seu sorriso, que até então fora uma coisa artificiosa e forçada, passou a ser a radiância de uma adoração profunda - uma radiância que tinha um não-sei-quê de suave e húmido em que, maravilhado, reconheci uma semelhança com a expressão encantadora, absorta e extasiada de Lo, quando se regalava com uma nova receita na loja dos sorvetes ou admirava mudamente os fatos caros, que pareciam sempre acabados de chegar do alfaiate. Profundamente fascinado, observava Charlotte enquanto ela falava das atribulações maternas com qualquer outra senhora e fazia aquela careta nacional significativa de resignação feminina (olhos revirados para cima e cantos da boca descaídos) que,

numa versão infantil, vira Lo fazer, também. Antes de nos deitarmos bebíamos uísque com soda e, com a sua ajuda, era-me possível recordar a filha enquanto acariciava a mãe. Naquele ventre branco a minha ninfeta fora um fetozinho encurvado, em 1934. Aquele cabelo cuidadosamente pintado, tão estéril para os meus sentidos do olfacto e do tacto, adquiria em certos momentos, na cama iluminada pelo candeeiro, o matiz, se não a contextura, dos caracóis de Lolita. Repetia a mim mesmo, enquanto manuseava a minha nova mulher em tamanho natural, que, biologicamente, aquilo era o mais que me podia aproximar de Lolita; que, com a idade de Lolita, Lotte fora uma colegial tão desejável como a filha era e como a filha de Lolita seria, um dia. Convenci a minha mulher a desenterrar, debaixo de uma colecção de sapatos (parece que Mr. Haze tivera uma paixão por calçado), um álbum com trinta anos, para poder ver como Lotte fora em criança. E, apesar da má luz e do vestido desgracioso, consegui captar um vislumbre de uma vaga primeira versão dos contornos, das pernas, dos zigomas e do nariz arrebitado de Lolita. Lottelita, Lolitchen.

Assim, fui espreitando, através das sebes dos anos, para o interior de baças janelinhas. E quando, por meio de pateticamente ardentes e ingenuamente lascivas carícias, e dos nobres mamilos e maciças coxas, me preparava para o desempenho dos meus deveres noturnos, era ainda a fragrância de uma ninfeta que, desesperado, tentava captar ao lançar-me, acuado, através do restolho de escuras florestas em decomposição.

Não consigo, por mais que tente, dizer-lhes como a minha pobre mulher era meiga e comovedora. Ao pequeno-almoço, na cozinha deprimentemente alegre, com o brilho dos cromados, o calendário da Hardware and Co. e o nichozinho aconchegado reservado para

aquela primeira refeição (imitando aquele Coffee Shoppe onde, nos seus tempos de estudantes, Charlotte e Humbert costumavam arrolhar), ela sentava-se de roupão vermelho, cotovelo apoiado no tampo de plástico da mesa, face a descansar na mão, e observava-me com insuportável ternura, enquanto eu comia o meu presunto com ovos. A cara de Humbert podia ser percorrida por espasmos nevrálgicos, mas, aos olhos dela, competia em beleza e animação com o sol e as sombras das folhas que se refletiam no branco frigorífico. A minha solene exasperação era para ela o silêncio do amor. O meu pequeno rendimento, acrescentado ao seu, que ainda era mais pequeno, parecia-lhe uma brilhante fortuna - não porque a importância total chegasse, agora, para satisfazer as necessidades da maioria da classe média, mas, sim, porque até mesmo o meu dinheiro brilhava aos seus olhos com a magia da minha masculinidade, e ela via a nossa conta conjunta como um daqueles bulevares sulistas ao meio-dia, com boa sombra de um lado e suave sol do outro, ao longo de toda uma perspectiva ao fim da qual se erguem montanhas avermelhadas.

Charlotte conseguiu meter nos cinquenta dias da nossa coabitação as actividades de muitos anos. A pobre mulher afadigava-se com uma quantidade de coisas que esquecera havia muito ou em que nunca estivera grandemente interessada, como se (para prolongar esta atmosfera proustiana), ao casar com a mãe da criança por mim amada, eu lhe tivesse permitido recuperar, por procuração, uma abundância de juventude. Com o entusiasmo de uma jovem noiva banal, começou a glorificar o lar. Conhecendo de cor, como conhecia todos os escaninhos da casa - desde o tempo em que, sentado na minha cadeira, tentava seguir, mentalmente, a rota de Lolita através da habitação -, havia muito que estabelecera com ela uma espécie de afinidade emocional, até com a sua própria fealdade e falta de

asseio, e por isso quase sentia a desgraçada encolher-se toda, relutante em suportar o banho de óleo de linhaça e ocra, betume, tinta e polimento, que Charlotte planeava dar-lhe. Nunca chegou a tanto, graças a Deus, mas consumiu uma tremenda quantidade de energias a lavar as cortinas e a encerar as ripas das gelosias, a comprar novas cortinas e a devolvê-las à loja, substituindo-as por outras e assim por diante, num contínuo chiasroscuro de sorrisos e carancas, dúvidas e amuos. Comprou cretones e chintzes, mudou as cores do sofá - do sagrado sofá onde uma bolha de paraíso rebentara um dia, ao retardador, dentro de mim -, deu nova disposição aos móveis e ficou toda contente quando descobriu um dia, num livro de decoração, que era permitido separar um par de mesinhas de sofá e os seus candeeiros iguais,. Juntamente com a autora de O Seu Lar É Você, acalentou verdadeiro ódio pelas pequenas cadeiras de encosto e pelas mesas de perna de aranha.
Estava convencida de que uma sala com janelas amplas e abundantes painéis de sólida madeira era um exemplo do tipo de sala masculina, ao passo que o tipo feminino era caracterizado por janelas mais pequenas e madeiramentos de aspecto mais frágil. Os romances que lia quando para lá me mudara foram substituídos por catálogos ilustrados e guias de arranjo doméstico. Encomendou a uma firma de Roosevelt Blvd., 4640, Filadélfia, um colchão forrado de damasco e com 312 molas, para a nossa cama de casal - embora o colchão antigo me parecesse suficientemente durável e elástico para aquilo que tinha de suportar.

Nascida no Médio Oeste, como o defunto marido, não vivera na recatada Ramsdale, jóia de um estado do Leste, tempo suficiente para conhecer toda a gente bem. Conhecia vagamente o jovial dentista, que morava numa espécie de decrépito castelo de madeira atrás do nosso relvado; conhecera num chá da igreja a presumida

mulher do ferro-velho local, dono do horror branco do tipo colonial da esquina da avenida; de vez em quando, fazia uma visitinha à velha Miss Defronte, mas, tirando isso, as matronas mais patrícias dentre as que visitava, encontrava em piqueniques ou com quem conversava telefonicamente - senhoras finas como Mrs. Glave, Mrs. Sheridan, Mrs. McCristal, Mrs. Knight e outras – raramente pareciam visitar a minha desprezada Charlotte. Na realidade, o único casal com quem ela tinha relações de verdadeira cordialidade, desprovidas de qualquer arrière-pensée ou cálculo prático, eram os Farlows, que tinham regressado de uma viagem de negócios ao Chile a tempo de assistir ao nosso casamento, juntamente com os Chatfields, os McCoos e poucos outros (mas não Mrs. Ferro-Velho e muito menos a ainda mais orgulhosa Mrs. Talbot). John Farlow era um pacato homem de meia-idade, discretamente atlético e discretamente bem sucedido no seu negócio de artigos de desporto, estabelecido em Parkington, a sessenta e cinco quilómetros de distância - foi ele que me arranjou as balas para o Colt e me ensinou a usá-lo, durante um passeio pelo bosque, certo domingo. Era também aquilo a que chamava, sorrindo, advogado em part-time e encarregara-se de alguns assuntos de Charlotte. Jean, a sua esposa ainda jovem (e prima direita), era uma rapariga de pernas compridas e óculos de arlequim, que tinha dois cães boxers, seios empinados e boca grande e vermelha. Pintava paisagens e retratos, e eu lembro-me, como se fosse hoje, de, enquanto tomávamos cocktails, ter elogiado o retrato que ela pintara de uma sobrinha, a pequena Rosaline Honeck, um rebuçadinho rosado com farda de escuteira, boina de lã verde, cinto da mesma cor e deliciosos caracóis até aos ombros -, e John tirara o cachimbo da boca e observara ser uma pena que Dolly (a minha Lolita) e Rosaline se dessem tão mal na escola, mas ele esperava, todos nós esperávamos, que se

entendessem melhor quando regressassem dos
respectivos acampamentos. Falámos da escola. Tinha os
seus defeitos, mas também tinha assuas virtudes. "É
verdade que uma grande parte da gente do comércio,
aqui, é italiana", observou John, "mas, por outrolado,
ainda somos poupados a..." E Jean interrompeu-o, a rir:
"Gostaria que a Dolly e Rosaline estivessem a passar o
Verão juntas." De súbito, imaginei Lo a regressar do
acampamento - bronzeada, encalorada, sonolenta,
entorpecida - e tive vontade
de chorar de paixão e impaciência.

19

Mais algumas palavras acerca de Mrs. Humbert, enquanto as coisas correm bem (pois em breve haverá um acidente grave). Tivera sempre consciência do seu caráter possessivo, mas nunca imaginara que pudesse ser tão doentiamente ciumenta das coisas da minha vida em que ela não participara. Demonstrou uma curiosidade feroz e insaciável quanto ao meu passado.Queria que ressuscitasse os meus amores, para que pudesse levar-me a insultá-los, a espezinhá-los e a repudiá-los apostática e totalmente, destruindo assim o meu passado. Obrigou-me a contar-lhe o meu casamento com Valéria, o que nãome custou nada, mas também tive de inventar, ou de retocar atrozmente, uma longa série de amantes, para mórbido deleite de Charlotte. Para a conservar feliz. Tive de lhe apresentar um catálogo ilustrado delas, todas muito bem diferenciadas, de acordo com as normas daqueles anúncios americanos em que crianças colegiais são representadas numa subtil proporção de raças, com um - só um, mas giro como os mais giros – garotinho cor de chocolate e olhos redondos mesmo no meio da fila da frente. Por isso, apresentei as minhas mulheres, e fi-las sorrir e desfilar - a loura langorosa, a morena ardente, a ruiva sensual -, como numa parada de bordel. Quanto mais vulgares e ordinárias as mostrava, mais Mrs. Humbert ficava satisfeita com o espectáculo.

Nunca na minha vida confessara tanto nem recebera tantas confissões. A sinceridade e a simplicidade com que ela discutia aquilo a que chamava a sua vida amorosa, dos

primeiros abraços até à luta livre conubial, formavam, do ponto de vista ético, violento contraste com as minhas desembaraçadas invenções, embora tecnicamente as duas versões
fossem congéneres, visto serem ambas influenciadas pelo mesmo material (melodramas radiofónicos, psicanálise e romances de cordel), onde eu ia buscar as minhas personagens e ela o seu modo de expressão. Diverti-me deveras com determinados hábitos sexuais extraordinários que o bom Harold Haze tivera, segundo Charlotte, que considerava o meu riso indecente. Mas, tirando essas coisas, a autobiografia da minha mulher era tão desprovida de interesse quanto o seria a sua autópsia. Nunca conheci mulher mais saudável, a despeito das suas dietas de emagrecimento.

Da minha Lolita raramente falava - mais raramente, até, do que do louro e apagado bebé do sexo masculino, cuja fotografia era a única a adornar o nosso triste quarto. Num dos seus devaneios de mau gosto, predisse que a alma do falecido bebé voltaria à vida na forma do filho que ela teria do seu presente matrimónio. E, embora eu não sentisse nenhum desejo
especial de fornecer à linhagem dos Humberts uma réplica da produção de Harold (começara, com uma emoção incestuosa, a considerar Lolita minha filha), ocorreu-me que um prolongado internamento, com uma bela cesariana e outras complicações, na enfermaria de uma maternidade, na Primavera do ano seguinte, me proporcionaria, talvez, uma oportunidade de passar algumas semanas sozinho com a minha Lolita - e empanturrar a inerte ninfeta de comprimidos para dormir.

Oh, ela odiava, pura e simplesmente, a filha! O que me parecia sobremodo perverso da sua parte era dar-se ao trabalho de responder, com grande diligência, aos questionários de um livro estúpido que tinha (Guia para

o Desenvolvimento do Seu Filho) e que fora publicado em Chicago. A idiotice repetia-se ano após ano e a mãe devia preencher uma espécie de inventário, em cada um dos aniversários do filho ou da filha. Quando Lo fizera doze anos, em 1 de Janeiro de 1947, Charlotte Haze, née Becker, sublinhara os seguintes epítetos - dez em quarenta -, sob a rubrica A Personalidade da sua Filha,: agressiva, turbulenta, criticadora, desconfiada, impaciente, irritável, curiosa, desatenta, negativista (sublinhado duas vezes) e obstinada. Ignorara os trinta adjectivos restantes, entre os quais jovial, cooperativa, enérgica, etc. Era, francamente, irritante. Com uma brutalidade que em mais nenhum aspecto se revelava na natureza branda e terna da minha mulher, Charlotte atacava e destroçava pequenas coisas de Lo, que tinham ido parar a diversos pontos da casa e aí tinham ficado como que petrificadas, como outros tantos coelhinhos, hipnotizados. Mal sonhava a boa senhora que, certa manhã, em que uma dor de estômago (resultado das minhas tentativas para melhorar os seus molhos) me impediu de a acompanhar à igreja, Lhe cortei as voltas com um dos soquetes de Lolita.
Quanto à sua atitude para com as enternecedoras cartas da minha queridinha, nem é bom falar! "Querida Mami e Hummy:

Espero que estejam bem. Muito obrigado pelos caramelos. Perdi (riscado e escrito de novo) Perdi a camisola nova no bosque. Tem cá estado frio nos últimos dias. Estou a passar um tempo. Saudades, DOLLY.

- Garota idiota - comentou Mrs. Humbert -, esqueceu-se de acrescentar uma palavra depois de tempo. A camisola era de lã pura, e gostaria que não lhe enviasse caramelos sem me consultar...

20

Havia um lago no bosque (lago Hourglass, e não como eu julgava que se escrevia), a poucos quilômetros de Ramsdale, e numa semana de grande calor, no fim de Julho, fomos lá todos os dias, de automóvel. Sou agora obrigado a descrever, com pormenores enfadonhos, a última vez que lá nadamos juntos, numa tropical manhã de terça-feira.

Deixáramos o carro numa área de estacionamento não muito longe da estrada e dirigíamo-nos para o lago, por um carreiro aberto no pinhal, quando Charlotte observou que Jean Farlow, quando andava a procurar efeitos raros de luz (Jean pertencia à velha escola da pintura), vira o negro Leslie dar um mergulho em ébano, (como John dissera de brincadeira), às cinco da manhã do domingo anterior.

- A água devia estar muito fria - comentei.

- Não é isso que interessa - sentenciou a lógica e condenada criatura. - Ele é anormal, compreendes? E - prosseguiu, com aquele modo cuidadoso de construir as frases que começava a prejudicar-me a saúde - tenho a impressão muito definida de que a nossa Louise está apaixonada por aquele idiota.

A impressão muito definida. Temos a impressão de que Dolly não vai tão bem..., etc. (de um velho relatório escolar).

Os Humberts, de roupão de banho e sandálias, seguiram o seu caminho.

- Sabes uma coisa, Hum? Tenho um sonho muito ambicioso - declarou Lady Hum baixando a cabeça, por certo envergonhada com o sonho, e comungando com a terra castanha.

- Adoraria arranjar uma verdadeira criada, com experiência, como aquela rapariga alemã de que os Talbots falaram. Uma criada que ficasse lá em casa.

- Não há quarto.

- Qual quê! - exclamou, com o seu sorriso maroto. - Estás a subestimar as possibilidades da residência Humbert, chéri. Instalá-la-íamos no quarto da Lo. Aliás, tenciono transformar aquele buraco num quarto de hóspedes. É o mais pequeno e mais frio da casa.

- De que estás a falar? - perguntei, e a pele das minhas faces esticou-se (dou-me ao trabalho de anotar este pormenor apenas porque acontecia o mesmo à pele da minha filha quando
ela sentia o que eu sentia naquele momento: incredulidade, repugnância, irritação).

- Ligas importância a associações românticas? - indagou a minha mulher, aludindo à sua primeira rendição.

- Não, com os diabos! Só gostava de saber onde tencionas meter a tua filha, quando arranjares a tua criada ou o teu hóspede.

- Ah! - exclamou Mrs. Humbert, sonhadora e sorridente, fazendo coincidir o Ah! com um erguer de sobrancelhas e uma suave exalação de ar. - A pequena Lo não entra nos meus
planos, não, não entra de modo algum nos meus planos. A pequena Lo irá direitinha do acampamento para uma boa escola interna, com disciplina rigorosa e bom ensino religioso. E
depois... Beardsley College. Já tenho tudo preparado, não te preocupes.

E prosseguiu, dizendo que ela, Mrs. Humbert, teria de vencer a sua preguiça habitual e escrever à irmã de Miss Phalen, que ensinava em St. Algebra. O lago cintilante surgiu aos nossos olhos. Disse que ia

buscar os óculos de sol, de que me esquecera no carro, e depois a alcançaria.

Sempre considerara o desesperado torcer de mãos um gesto fictício - obscura consequência, quiçá, de qualquer ritual medievo. Mas, ao embrenhar-me na floresta para uns momentos de desespero e de desesperada meditação, esse gesto (olhai, Senhor, para estas cadeias!) seria o que melhor se coadunaria com a muda expressão do meu estado de espírito.

Se Charlotte fosse Valéria, eu saberia como manejar a situação e manejar é precisamente a palavra que pretendo usar. Nos bons velhos tempos, bastava-me torcer o gordo e frágil pulso de Valechka (aquele sobre o qual caíra ao ser derrubada de uma bicicleta) para a obrigar a mudar instantaneamente de ideias. Mas não podia pensar em usar uma técnica semelhante com Charlotte. A suave e americana Charlotte assustava-me. O meu frívolo sonho de a controlar, aproveitando-me da sua paixão por mim, estava todo errado. Não me atrevia a fazer nada que prejudicasse a imagem de mim próprio que ela decidira adorar. Adulara-a quando era a terrível dueña da minha queridinha, e na minha atitude para com ela ainda persistia um não-sei-quê de bajulador. O único ás de que dispunha era a sua ignorância do meu monstruoso amor pela sua Lo. Irritara-a que a filha gostasse de mim, mas não podia adivinhar os meus sentimentos. A Valéria poderia dizer: Olha lá, idiota gorda, c'est moi qui décide o que convém a Dolores Humbert., ACharlotte nem sequer podia dizer (com insinuante calma): Desculpa, minha querida, mas não concordo. Demos mais uma oportunidade à garota. Consente que seja o seu preceptor particular durante um ano, mais ou menos. Tu própria me disseste, uma vez... Na realidade, não podia dizer nada a Charlotte acerca da filha sem me denunciar. Oh, não podem imaginar (assim como eu também nunca imaginara) o

que são estas mulheres de princípios! Charlotte, que não reparava na falsidade de todas as quotidianas convenções e regras de comportamento, e de todos os alimentos, e livros, e pessoas com quem simpatizava, detectaria imediatamente uma falsa intonação em tudo quanto eu dissesse com vista a conservar Lo junto de mim. Era como um músico, que pode ser um grosseiro odioso na vida comum, desprovido de tacto e gosto, mas que na música detecta uma nota falsa com diabólica precisão. Para domar a vontade de Charlotte teria de lhe despedaçar o coração, e, se Lhe despedaçasse o coração, a imagem que ela de mim fizera despedaçar-se-ia também. Se eu Lhe dissesse: "Ou faço o que quero quanto a Lolita e tu me ajudas a evitar o escândalo, ou separamo-nos imediatamente", se lhe dissesse isso, ela tornar-se-ia tão pálida como uma estatueta de vidro fosco e responderia, lentamente: "Muito bem, seja o que for que acrescentes ou retires, isto é o fim." E seria o fim.

Era, pois, nessa camisa-de-onze-varas que eu estava metido. Lembro-me de chegar à área de estacionamento, de encher uma das mãos de água, tirada à bomba, a saber a ferrugem, e de a beber tão avidamente como se ela fosse capaz de me dar sabedoria, juventude, liberdade e uma concubinazinha. Sentei-me uns momentos na borda de uma das toscas mesas, debaixo dos murmurantes pinheiros, de roupão cor de púrpura e pés a balouçar. A certa distância, duas rapariguinhas de calções e reduzidos corpetes saíram da retrete sarapintada de sol, em cuja porta se lia Senhoras. Mabel, a mascadora de pastilha elástica (ou uma substituta de Mabel), montou com dificuldade, distraidamente, numa bicicleta, e Marion sacudindo o cabelo por causa das moscas, sentou-se atrás dela, com as pernas bem afastadas. E, aos solavancos, confundiram-se lentamente, ausentemente, com a luz e a

sombra. Lolita! Pai e filha confundindo-se naquele bosque! A solução natural era destruir Mrs. Humbert. Mas como?

Nenhum homem pode cometer o assassínio perfeito. Mas o acaso pode. Houve, por exemplo, o famoso assassínio de uma tal Mme. Lacour, em Arles, no Sul da França, no fim do século passado. Um indivíduo não identificado, barbudo e de 1 e 80 metros de altura, que mais tarde se conjecturou ter sido amante secreto da vítima, aproximou-se dela numa rua cheia de gente, pouco depois do seu casamento com o coronel Lacour, e apunhalou-a mortalmente nas costas, três vezes, enquanto o coronel, um homenzinho parecido com um buldogue, cerrava os dentes no braço do assassino. Por uma miraculosa e bela coincidência, no momento preciso em que o homicida tentava abrir as mandíbulas do furioso maridinho (enquanto alguns curiosos se aproximavam do grupo), um italiano maluco da casa mais próxima do cenário do crime fez deflagrar, por puro acidente, um explosivo qualquer, com o qual trabalhava. Acto contínuo, a rua transformou-se num pandemónio de fumo, tijolos a cair e gente a fugir. A explosão não feriu ninguém (apenas pôs fora de combate o valente coronel Lacour), mas o vingativo amante da dama fugiu quando os outros fugiram... e depois disso viveu muito feliz.

Vejam agora o que acontece quando o próprio agente executor planeia uma execução perfeita.

Encaminhei-me para o lago Hourglass. O local onde nós e alguns outros casais bem (os Farlows, os Chatfields) nos banhávamos formava uma espécie de pequena enseada. A minha Charlotte gostava daquele recanto por ser quase uma praia privativa. O principal lugar de banhos (ou de afogamento, como o Journal de Ramsdale já tivera ensejo de dizer) ficava da parte esquerda (oriental) da ampulheta que dava o nome ao

lago e não se via da nossa enseadazinha. À nossa direita, os pinheiros davam, a breve trecho, lugar a um cotovelo pantanoso, que voltava a ser floresta no lado oposto.

Sentei-me tão silenciosamente ao lado da minha mulher que ela se assustou.

- Vamos para a água? - perguntou-me.

- Daqui a um minuto. Deixa-me seguir um fio de pensamento. Pensei. Decorreu mais de um minuto.

- Pronto, vamos.

- Eu estava nesse fio de pensamento?

- Sem dúvida que estavas.

- Espero que sim - redarguiu Charlotte, e entrou no lago.

A água não tardou a chegar-lhe à pele de galinha das coxas grossas. Então, juntando as mãos estendidas e fechando a boca com força, muito feia na sua touca de borracha preta, atirou-se para a frente, com um grande splash!

Nadámos lentamente para o largo, onde a água tremeluzia.

Na margem oposta, a pelo menos mil passos de distância (se pudesse caminhar sobre a água), distingui os vultos minúsculos de dois homens, trabalhando como castores na sua
faixa de praia. Sabia perfeitamente quem eram: um polícia reformado de ascendência polaca e o canalizador, também aposentado e dono da maior parte do bosque daquele lado do
lago. E também sabia que andavam a construir um molhe, só pelo simples e triste prazer que isso lhes causava. As marteladas que chegavam aos nossos ouvidos pareciam desproporcionadas, de tão fortes, em relação ao que conseguíamos distinguir dos braços e das ferramentas daqueles anões. Era, até, caso para suspeitar que o encarregado de tais efeitos acrossónicos andava de rixa com o encarregado de manejar os títeres,

pois havia uma dessincronização, o som forte de cada minúscula pancada ficava para trás da sua versão visual.

A estreita faixa de areia branca da nossa praia, da qual nos afastámos um pouco para chegar a água mais profunda, estava deserta nas manhãs dos dias de semana. Não se via ninguém, a não ser aquelas duas minúsculas e muito atarefadas figuras do lado oposto, e um avião particular vermelho-escuro, que roncou no ar e desapareceu no azul do céu. O cenário era, de facto, perfeito para um assassínio rápido e borbulhante, contando ainda com a vantagem de uma subtileza: o homem da lei e o homem da água estavam suficientemente perto para testemunhar um acidente e suficientemente longe para observar um crime. Estavam suficientemente perto para ouvir um angustiado banhista debater-se na água e gritar a pedir que alguém o ajudasse a salvar a mulher que se afogava; mas estavam muito longe para distinguir (se por acaso olhassem antes de tempo) que o tudo menos angustiado banhista acabava de puxar a mulher para debaixo da água. Ainda não chegara a essa fase; pretendo apenas dar uma ideia da facilidade do facto, da excelência do cenário! Charlotte nadava com aplicada falta de jeito (era uma sereia muito medíocre), mas não sem um certo prazer solene (não tinha o seu tritão ao lado?), e, enquanto a olhava com a crua lucidez de uma futura recordação (compreendem o que quero dizer: tentando ver as coisas como nos lembraremos depois de as ter visto), a brancura lustrosa da sua cara húmida, tão pouco bronzeada, apesar de todos os seus esforços, e os seus lábios lívidos, e a sua fronte convexa e nua, e a touca preta apertada, e o roliço pescoço húmido, enquanto observava tudo isso compreendi que me bastava ficar para trás, respirar fundo, agarrar-lhe um tornozelo e mergulhar rapidamente com o meu cadáver cativo. Digo cadáver porque a surpresa, o pânico e a

inexperiência levá-la-iam a engolir, logo, um letal galão de lago, enquanto eu poderia aguentar pelo menos um minuto inteiro, de olhos abertos debaixo de água. O gesto fatal passou como a cauda de uma estrela cadente através da noite do crime planeado. Era como um terrível ballet silencioso, com o bailarino a segurar a bailarina pelo pé e a mergulhar através de um crepúsculo aquoso. Eu poderia vir à superfície tomar fôlego, sem deixar de a manter debaixo de água, e mergulhar de novo, as vezes que fossem necessárias, e só quando o pano descesse definitivamente sobre ela me permitiria gritar por socorro. E quando, uns vinte minutos
decorridos, os dois títeres, a crescer gradualmente, aparecessem num barco a remos, meio pintado de novo, a pobre Mrs. Humbert Humbert, vítima de cãibras, ou oclusão coronária,
ou ambas as coisas, estaria a fazer o pino no lodo fervilhante e cor de tinta, uns nove metros abaixo da sorridente superfície do lago Hourglass.

Simples, não era? Mas que querem, amigos? Não fui capaz de o fazer!

Ela nadava a meu lado, foca confiante e desajeitada, e toda a lógica da paixão gritava aos meus ouvidos: "É agora o momento!" Mas, camaradas, não fui capaz! Virei para terra, em silêncio, e, gravemente, obedientemente, ela virou também, e o Inferno continuou a gritar-me o seu conselho, e eu continuei sem coragem para afogar a pobre, escorregadia e corpulenta criatura. O grito tornou-se pouco a pouco mais remoto, quando tive consciência do triste facto de que nem amanhã, nem sexta-feira, nem em qualquer outro dia ou outra noite, seria capaz de lhe dar a morte. Oh, era muito capaz de me imaginar a desalinhar, ao sopapo, os seios de Valéria, ou a magoá-la de qualquer outro modo - e também me via, com não menos clareza, a meter uma

bala no baixo-ventre do seu amante e a obrigá-lo a gritar "ah!" e a cair! Mas não podia matar Charlotte, tanto mais que a situação talvez não fosse tão desesperada como à primeira vista me parecera, naquela desgraçada manhã. Mesmo que lhe agarrasse o pé forte que batia na água, que Lhe visse a expressão de espanto, que ouvisse a sua horrível voz, mesmo que levasse a provação até ao fim, o seu fantasma perseguir-me-ia durante toda a vida. É possível que, se corresse o ano de 1447 em vez de 1947, enganasse a minha compassiva natureza e administrasse à minha mulher qualquer veneno clássico guardado numa ágata oca, qualquer suave filtro de morte.

Mas na nossa turbulenta era burguesa as coisas não correriam como nos palácios cobertos de brocado de antanho. Hoje em dia, se quer ser assassino, tem de ser cientista. Não, não,

eu não era uma coisa nem outra. Senhoras e senhores do júri, a maioria dos delinquentes sexuais que anelam por qualquer relação física palpitante e entrecortada de suaves gemidos,

por qualquer relação física, mas não forçosamente coital, com uma rapariguinha, são inofensivos, inadaptados, passivos e tímidos desconhecidos que só pedem à comunidade que Lhes consinta o seu chamado comportamento aberrante, praticamente inofensivo, que os deixe praticar os seus pequenos, apaixonados, húmidos e discretos actos de desvio sexual sem que a polícia e a sociedade lhes caiam em cima. Não somos demónios sexuais! Não violentamos, como alguns bons soldados violentam. Somos cavalheiros infelizes, brandos, de olhar humilde, suficientemente bem integrados para sabermos controlar os nossos impulsos na presença de adultos, mas dispostos a dar anos e anos de vida pela possibilidade de tocar numa ninfeta. Não somos, positivamente, assassinos. Os poetas, nunca

matam. Oh, minha pobre Charlotte, não me odeies no teu céu eterno, entre uma alquimia eterna de asfalto, borracha, metal e pedra - mas não de água, graças a Deus, não de água!

No entanto, falando objectivamente, escapou por um triz. E agora chegamos ao ponto da minha parábola do crime perfeito.

Sentámo-nos nas nossas toalhas, sob o sol escaldante. Ela olhou em seu redor, desabotoou o soutien e deitou-se de bruços, para dar às costas o ensejo de serem regaladamente
acariciadas pelos raios solares. Amava-me, disse, e suspirou profundamente. Estendeu um braço e tacteou na algibeira do roupão, à procura de cigarros. Sentou-se a fumar. Examinou o
ombro direito. Beijou-me intensamente, com a boca aberta e a saber a fumo. De súbito, atrás de nós, rolou uma pedra e depois outra, pelo declive arenoso abaixo, vindas do meio dos
arbustos e dos pinheiros.

- Aqueles repugnantes garotos bisbilhoteiros! – protestou Charlotte, puxando o enorme soutien para os seios e estendendo-se de novo. - Tenho de falar do assunto a Peter Krestovski.

Ouviu-se uma restolhada na desembocadura do carreiro, o som de passos, e Jean Farlow desceu o declive, com o cavalete e os seus objectos de pintura.

- Assustaste-nos - disse Charlotte.

Jean disse que tinha estado lá em cima, num esconderijo verde, a espiar a natureza (os espiões são geralmente fuzilados), para tentar acabar uma paisagem do lago; mas não conseguira, não tinha talento absolutamente nenhum (o que era inteiramente verdade). E acabou por me perguntar:

- Alguma vez tentou pintar, Humbert?

Charlotte, que tinha uma certa inveja de Jean, desejou saber se esperava o John.

Esperava; ele ia almoçar a casa. Deixara-a ali, na ida para Parkington, e devia estar a passar de um momento para o outro, para a levar. Estava uma bela manhã. Sentia sempre que
atraiçoava Cavall e Melampus, quando os deixava presos em dias bonitos. Sentou-se na areia branca, entre Charlotte e mim. Vestia calções e eu achava-lhe as compridas pernas bronzeadas quase tão atraentes como as de uma égua alazã. Quando sorria mostrava as gengivas.

- Quase os pus aos dois no meu lago - declarou. – Até reparei numa coisa de que você se esqueceu - o você era Humbert. Tinha o relógio de pulso no braço. Tinha, sim senhor!

- À prova de água - informou Charlotte docemente, fazendo boca de peixe.

Jean puxou o meu pulso para cima do joelho e examinou a prenda de Charlotte; depois depositou de novo a mão de Humbert na areia, com a palma para cima.

- Lá de cima, pode-se ver tudo - observou Charlotte, maliciosa. Jean suspirou.

- Uma vez, ao pôr do Sol, vi dois garotos, rapaz e rapariga, fazerem amor aqui mesmo. As suas sombras eram gigantescas. E já te contei o que se passou com Mr. Tomson, ao nascer do dia. Na próxima ocasião, espero ver o gordo e velho Ivor em pêlo. É um tarado, o indivíduo. Da última vez, contou-me uma história absolutamente indecente, acerca do sobrinho. Parece que...

- Eh, vocês! - chamou a voz de John.

21

O meu hábito de me conservar silencioso quando qualquer coisa me desagradava, ou, melhor, a natureza fria e áspera do meu desagradado silêncio, costumava deixar Valéria louca de medo. Nessas alturas, queixava-se, a choramingar e a gemer: "Ce qui me rend folle c'est que je ne sais à quoi tu penses quand tu es comme ça." Tentei usar o silêncio para com Charlotte, mas ela continuava a tagarelar ou a acariciar-me debaixo do queixo. Surpreendente muLher! Retirava-me para o meu antigo quarto, que tinha sido transformado em gabinete de trabalho, resmungando entre dentes que, no fim de contas, tinha uma obra erudita a escrever, e a alegre Charlotte continuava a embelezar a casa, a palrar ao telefone ou a escrever cartas. Da minha janela, através da tremura dourada das folhas dos choupos, vi-a atravessar a rua e, contente consigo própria, meter no correio a carta para a irmã de Miss Phalen.

A semana de aguaceiros dispersos e sombras, que se seguiu à nossa última visita às areias imóveis do lago Hourglass, foi uma das mais soturnas de que me lembro. Depois brilharam dois ou três tímidos raios de luz, antes de o Sol brilhar subitamente em todo o seu esplendor.

Lembrei-me de que tinha um excelente cérebro, em óptimas condições de funcionamento, e que o melhor seria utilizá-lo. Se não ousava interferir nos planos da minha mulher a respeito da sua filha (que se tornava dia a dia mais cálida e bronzeada no bom tempo da irremediável distância), podia, pelo menos, encontrar uma maneira qualquer de me impor de um modo geral, que mais tarde pudesse ser orientada para um fim

especial. Uma noite, foi a própria Charlotte que me proporcionou a desejada aberta.

- Tenho uma surpresa para ti - declarou, olhando-me com olhos ternos por cima da colher da sopa. - No Outono vamos os dois a Inglaterra.

Engoli a minha colher de sopa, limpei os lábios ao guardanapo de papel cor-de-rosa (oh, a fresca e rica roupa de mesa do Mirana Hotel!) e redargui:

- Também tenho uma surpresa para ti, minha querida. Nós dois não vamos a Inglaterra.

- Porquê, que se passa? - perguntou, a olhar, com mais surpresa do que eu previra, para as minhas mãos (involuntariamente, eu dobrava, rasgava, amarrotava e tornava a rasgar o inocente guardanapo cor-de-rosa); mas o meu rosto sorridente tranquilizou-a um pouco.

- O que se passa é simples - respondi. - Nem mesmo nos lares mais harmoniosos, como o nosso, as decisões são todas tomadas pelo cônjuge feminino. Há certas coisas que compete ao marido decidir. Não me custa imaginar a emoção que tu, saudável rapariga americana, sentirias ao atravessar o Atlântico no mesmo paquete em que viajassem Lady Bumble... ou Sam Bumble, o rei da carne congelada, ou uma prostituta de Hollywood. E também não duvido de que tu e eu daríamos um bonito anúncio para uma agência de viagens, quando fotografados a olhar-tu francamente encantada e eu a dominar a minha invejosa admiração - para as sentinelas do palácio, ou guardas escarlates, ou comedores de castores, ou como demónio se chamam. Mas acontece que eu sou alérgico à Europa, incluindo a velha e alegre Inglaterra.
Como sabes muito bem, só guardo recordações tristes do podre Velho Mundo. Nenhum anúncio colorido nas tuas revistas modificará esse facto.

- Meu amor, eu, francamente...

- Não, espera um momento. O caso presente é apenas acidental, e a mim interessa-me falar-te de um modo

geral. Quando quiseste que passasse as minhas tardes a tomar banhos de sol no lago, em vez de trabalhar, acedi de bom grado e tornei-me um bronzeado galã, por amor de ti, em lugar de continuar a ser um estudioso e, enfim, um educador. Quando me levaste para jogar bridge e beber bourbon em casa dos encantadores Farlows, acompanhei-te obedientemente. Não, por favor, espera. Quando decoraste a tua casa, não interferi nos teus planos. Quando decides... quando decides tudo e mais alguma coisa, posso estar, digamos, em completo ou parcial desacordo, mas não digo nada. Ignoro o particular. Não posso, no entanto, ignorar o geral. Gosto de ser mandado por ti, mas todos os jogos têm as suas regras. Não estou zangado, não, não estou nada zangado. Não me costumo zangar. Mas sou uma metade desta família e tenho voz nela, uma voz baixa, mas clara.

Ela fora para o meu lado, caíra de joelhos e, lenta mas veementemente, abanava a cabeça e agarrava as minhas calças. Nunca imaginara, afirmou. Disse que eu era o seu senhor e o seu deus, que a Louise saíra e que nos amássemos imediatamente, disse que tinha de lhe perdoar, senão morreria.

Este pequeno incidente encheu-me de considerável elação. Declarei-lhe serenamente que não se tratava de pedir perdão, e, sim, de mudar de atitude, e resolvi tirar partido da vantagem conseguida e passar muito tempo, distante e amuado, a trabalhar no meu livro ou, pelo menos, a fingir que trabalhava.

A cama de estúdio, do meu antigo quarto convertera-se havia muito no sofá que, no fundo, sempre fora, e Charlotte avisara-me, desde o princípio da nossa coabitação, que o

quarto seria gradualmente transformado num autêntico gabinete de escritor". Uns dias depois do incidente britânico, encontrava-me sentado numa nova e muito confortável poltrona, com um grosso volume no colo, quando Charlotte bateu à porta, com o anel, e entrou. Como os seus movimentos eram diferentes dos da minha Lolita, quando costumava visitar-me nas suas queridas blue jeans sujas, a cheirar a pomares da Ninfitelândia, desairosa, estouvada e vagamente depravada, com os botões inferiores da blusa desabotoados! Mas deixem-me, no entanto, dizer-lhes uma coisa. Atrás da imprudência da Haze pequena e do porte senhoril da Haze grande, corria um tímido fio de vida que tinha o mesmo gosto, que murmurava o mesmo. Um grande médico francês disse um dia ao meu pai que, em parentes chegados, os mais leves borborismos gástricos têm a mesma voz.

Charlotte entrou, pois. Pressentia que nem tudo estava bem entre nós. Eu fingira adormecer, assim que nos deitamos, na véspera e na antevéspera, e levantara-me ao nascer do dia.

Ternamente, perguntou-me se não interrompia.

- De momento, não - respondi, virando o volume C da Enciclopédia das Raparigas, para observar uma gravura impressa ao baixo, como dizem os tipógrafos.

Charlotte aproximou-se de uma mesinha de imitação de mogno, com uma gaveta, e pôs-lhe a mão em cima. A mesinha era muito feia, sem dúvida, mas não Lhe fizera mal nenhum.

- Sempre desejei perguntar-te - disse, em tom prático e sem a pieguice habitual - porque está isto fechado à chave. Queres que continue nesta sala? É abominavelmente feia.

- Deixa a mesa em paz - respondi. Estava acampado na Escandinávia.

- Não tem chave?

- Está escondida.
- Oh, hum!...
- Estão aí fechadas cartas de amor.

Lançou-me um daqueles olhares de corça ferida que tanto me irritavam e, sem saber ao certo se eu falava a sério, nem como continuar a conversa, parou, enquanto eu passava diversas páginas, lentamente (Campus, Canadá, Cândi, Cândido), a olhar para o vidro da janela - e não através dele - e a tamborilar com as unhas aguçadas, pintadas de amêndoa e rosa.

Pouco depois (em Canoagem ou Cantárida), aproximou-se da minha cadeira e sentou-se pesadamente no seu braço, inundando-me com o perfume que a minha primeira mulher usara.

- Sua Excelência gostaria de passar o Outono aqui? - perguntou, apontando com o dedo pequenino uma paisagem outonal, de um estado conservador da costa leste.
- Porquê? - perguntei, muito clara e lentamente.

Encolheu os ombros. (Provavelmente, Harold costumava gozar férias naquela altura do ano. Época da caça. Reflexo condicionado da parte dela.)

- Creio que sei onde isso é - disse, sem deixar de apontar.
- Lembro-me de que há lá um hotel, Os Caçadores Encantados.
Bonito, não achas? E a comida é um sonho... e ninguém incomoda ninguém.

Roçou a face pela minha têmpora, um hábito que Valéria perdera depressa.

- Queres alguma coisa especial para o jantar, querido? O John e a Jean passam por cá mais tarde.

Respondi com um resmungo. Beijou-me no lábio inferior e, dizendo alegremente que ia fazer um bolo (subsistia, desde os meus tempos de hóspede, a tradição

de que eu adorava bolos), deixou-me entregue à minha ociosidade.

Depositei cuidadosamente o livro aberto no braço da cadeira onde ela se sentara (as páginas ergueram-se, a quererem fechar-se, mas um lápis introduzido no meio deteve-as) e fui verificar o esconderijo da chave: encontrava-se, com um ar muito constrangido,. debaixo da velha e cara máquina de barbear que eu usara antes de ela comprar outra muito melhor e mais barata. Seria aquele o esconderijo perfeito, ali, debaixo da máquina, no recesso do estojo forrado de veludo? O estojo estava numa pequena mala onde eu guardava diversos documentos. Seria possível arranjar um esconderijo melhor? Não imaginam como é difícil esconder coisas, principalmente quando a nossa mulher passa a vida às voltas com os móveis.

22

Creio que foi exactamente uma semana depois do nosso último mergulho no lago que o correio do meio-dia trouxe a resposta da segunda Miss Phalen. Esta dizia que acabava de regressar a St. Algebra, do funeral da irmã. A Eufémia nunca mais foi a mesma depois de partir a bacia., Quanto ao assunto da filha de Mrs. Humbert, comunicava que já passara o prazo para a matricular, naquele ano, mas ela, a Phalen sobrevivente, estava praticamente convencida de que a admissão se poderia conseguir se Mr. e Mrs. Humbert lá levassem a Dolores em Janeiro.

No dia seguinte, depois do almoço, fui visitar o nosso médico, um tipo cordial, cuja atitude perfeita à cabeceira dos doentes e cuja absoluta confiança nalguns remédios patenteados
disfarçavam convenientemente a sua ignorância e a sua indiferença em relação à ciência médica. O facto de Lo ter de voltar a Ramsdale constituía para mim um tesouro de
expectativa, e queria estar bem preparado para o acontecimento. Na realidade, já iniciara a minha campanha anteriormente, antes de Charlotte tomar a sua decisão cruel. Precisava de estar absolutamente seguro de que, quando a minha pequenina chegasse, nessa mesma noite e depois, noite após noite, até St. Algebra ma levar, precisava, dizia, de estar absolutamente seguro de possuir os meios necessários para adormecer duas pessoas tão completamente que não houvesse som nem contacto que as acordasse.

Durante a maior parte do mês de Julho experimentara diversos pós soníferos, servindo-me de

Charlotte, que era uma grande tomadora de comprimidos, como cobaia. A última dose que Lhe dera (ela julgara tratar-se de um comprimido fraco de brometo, para lhe acalmar os nervos) pusera-a a dormir durante quatro horas inteirinhas. Aumentara o volume do rádio ao máximo e apontara-lhe para a cara a luz de uma lanterna eléctrica; empurrara-a, beliscara-a, sacudira-a - e nada perturbara o ritmo da sua respiração calma e forte. No entanto, ao experimentar o efeito de uma coisa tão simples como beijá-la, acordara-a imediatamente, fresca e enérgica como um polvo (só escapei por um triz). Aquilo não servia, dissera para comigo, teria de arranjar uma coisa ainda mais segura. Ao princípio, o Dr. Byron pareceu não me acreditar, quando disse que a sua última receita não estivera à altura da minha insónia. Sugeriu que voltasse a experimentar e, durante alguns momentos, distraiu a minha atenção mostrando-me fotografias da família. Tinha uma garota fascinante, da idade de Dolly. Mas eu percebi-lhe o truque e insisti para que me receitasse o comprimido mais forte que existisse. Aconselhou-me a jogar golfe, mas por fim concordou em dar-me uma coisa que, segundo as suas palavras, daria, realmente, resultado". Tirou de um armário um frasco com cápsulas azul-violeta, com uma risca purpúreo-escura de um dos lados, as quais, afirmou, acabavam de ser lançadas no mercado e não se destinavam a neuróticos, a quem um copo de água acalmaria se fosse devidamente administrado, mas sim, apenas, aos grandes artistas insones, que tinham de morrer durante algumas horas a fim de viverem durante séculos. Adoro enganar médicos e, embora intimamente jubilante, meti as cápsulas na algibeira com um céptico encolher de ombros. Diga-se de passagem que precisava de proceder cuidadosamente com ele. Certa ocasião, um estúpido deslize da minha parte levara-me a aludir ao meu último manicómio e

parecera-me vê-lo arrebitar as orelhas. Como não queria de maneira nenhuma que Charlotte ou qualquer outra pessoa tomassem conhecimento desse período do meu passado, apressara-me a explicar que, uma vez, fizera algum trabalho de pesquisa entre os loucos, para um romance. Mas isso não interessa. Do que não havia dúvida era de que o velho patifório tinha uma filhinha muito encantadora.

Saí do consultório todo eufórico. Dirigindo o carro da minha mulher com um dedo, pus-me, contente, a caminho de casa. No fim de contas, não faltavam encantos a Ramsdale. As cigarras cantavam e a avenida fora regada havia pouco. Suavemente, quase sedosamente, virei para a nossa ruazinha íngreme. Naquele dia, não sei porquê, parecia estar tudo tão bem, tão azul e verde! Sabia que o Sol brilhava porque a chave de ignição se refletia no pára-brisas, e sabia que eram exatamente três e meia porque a enfermeira que ia dar massagens a Miss Defronte, todas as tardes, descia o passeio estreito, de meias e sapatos brancos. Como de costume, o setter histérico do ferro-velho ladrou-me e correu atrás do carro, e, também como de costume, o jornal estava no alpendre, para onde Kenny acabava de o atirar.

Na véspera, pusera fim ao regime de reserva distante que a mim próprio impusera e, por isso, ao subir a porta da sala, anunciei alegremente que estava em casa. Com a nuca
branco-creme e o rolo de cabelo bronzeado virados para mim, e vestindo a blusa amarela e as calças castanhas que usara no dia em que a conhecera, Charlotte estava sentada à escrivaninha do canto, a escrever uma carta. Com a mão ainda no puxador da porta, repeti o meu grito alegre. A mão que escrevia parou. Charlotte permaneceu imóvel, um momento, e depois virou-se lentamente na cadeira e apoiou o cotovelo no espaldar

curvo. O seu rosto, desfigurado pela emoção, não era nada agradável à vista quando, de olhos fitos nas minhas pernas, disse:

- A Haze, a grande cadela, a gata velha, a detestável mamã, a... a velha Haze estúpida, não será mais enganada por ti. Ela... ela...

A minha justa acusadora calou-se, engolindo veneno e lágrimas. O que quer que Humbert Humbert tenha dito, ou tentado dizer, não é essencial. Ela prosseguiu:

- És um monstro! És um embusteiro detestável, abominável, criminoso! Se te aproximas... grito pela janela! Afasta-te!

Mais uma vez, o que quer que H. H. murmurou pode, creio, ser omitido.

- Parto esta noite, tudo isto é teu. Mas nunca, nunca mais porás os olhos naquela maldita fedelha! Sai desta sala!

Leitor, saí. Subi a escada, para o meu ex-semi estúdio. De braços pendentes, fiquei um momento imóvel e senhor de mim, a olhar do limiar da porta a mesinha violentada, com a gaveta aberta, uma chave pendente da fechadura e quatro outras chaves de casa em cima do tampo. Atravessei o patamar, entrei no quarto dos Humberts e, calmamente, tirei o meu diário de baixo da almofada de Charlotte e meti-o na algibeira. Depois comecei a descer de novo a escada, mas parei a meio caminho: ela falava ao telefone, que estava ligado na ficha existente mesmo à saída da porta da sala. Interessava-me ouvir o que a minha
mulher dizia: cancelou uma encomenda de qualquer coisa e voltou para o interior da sala.

Esperei que a minha respiração serenasse, meti pelo corredor, direito à cozinha, e abri uma garrafa de scotch. Ela nunca conseguira resistir ao scotch. Dirigi-me para a sala de jantar

e daí, através da porta meio aberta, contemplei as costas largas de Charlotte.

- Estás a arruinar a minha vida e a tua – declarei calmamente.Procedamos como pessoas civilizadas. São tudo alucinações tuas, Charlotte, estás louca. Os apontamentos que
encontraste são fragmentos de um romance: Se empreguei o teu nome e o dela foi por mero acaso, apenas porque estavam, digamos, à mão. Reflecte. Vou-te preparar uma bebida.

Ela não respondeu nem se virou. Continuou a escrever furiosamente, com o aparo a arranhar o papel. Uma terceira carta, presumivelmente (em cima da escrivaninha já estavam duas estampilhadas). Voltei à cozinha.

Tirei os copos do armário (Para St. Algebra? Para Lo?) e abri o frigorífico, que me rosnou ameaçadoramente, enquanto retirava o gelo do seu coração. Voltaria a escrever. Deixá-la ler tudo de novo. Não se recordaria dos pormenores. Modificaria. Falsificaria. Escreveria um fragmento e mostrar-lho-ia em qualquer lado onde o visse. Porque demônio chiariam as torneiras, às vezes, tão horrivelmente? Horrível situação, na verdade. Os pequenos blocos de gelo do feitio de almofadas - almofadas para o ursinho polar, Lo - emitiram sons crepitantes e ásperos, torturados, quando a água tépida os soltou das suas celas. Pus os copos lado a lado e deitei-lhes uísque e um esguicho de soda. Interditara o meu barrilete de cerveja. Bati com a porta do frigorífico. Com os copos na mão, atravessei a sala de jantar e falei pela porta da sala, que se encontrava entreaberta, mas não o suficiente para eu poder introduzir o cotovelo na abertura.

- Preparei-te uma bebida. Não respondeu, a cadela raivosa, e eu coloquei os copos no
aparador, perto do telefone, que começara a tocar.

- Fala Leslie, Leslie Tomson - informou o negro que gostava de um mergulho ao nascer do dia. - Mrs. Humbert foi atropelada, é melhor o senhor vir depressa.

Respondi, talvez um pouco abespinhado, que a minha mulher estava sã e salva em casa e, sem largar o auscultador, empurrei a porta e disse:

- Está aqui um homem ao telefone a dizer que foste morta, Charlotte.

Mas não estava Charlotte nenhuma na sala.

23

Saí a correr. O outro lado da nossa ruazinha íngreme apresentava um aspecto peculiar. Um grande e reluzente Packard preto subira pelo relvado em declive de Miss Defronte, a formar ângulo com o passeio (onde uma manta escocesa estava caída num monte), e lá ficara, a cintilar ao sol, com as portas abertas como as asas e as rodas da frente profundamente enterradas entre arbustos verdes. À direita anatômica do carro, na relva bem aparada, um idoso cavalheiro de bigode branco, bem vestido - fato cinzento de jaquetão, laço às pintinhas -, jazia de costas, com as pernas compridas bem unidas, como uma figura de cera em tamanho natural. Tenho de traduzir o impacte de uma visão instantânea numa sequência de palavras; a sua acumulação física na página prejudica o verdadeiro instantâneo, a unidade viva da impressão: manta em monte; automóvel; boneco de velho; enfermeira de Miss O. correndo açodada, com um copo meio na mão, para o alpendre protegido por gelosias - onde se pode imaginar a decrépita e aprisionada senhora, amparada por almofadas, a gritar, mas não tão alto que consiga abafar os latidos rítmicos do setter do ferro-velho, que corre de lado para lado, de um grupo de vizinhos já reunido no passeio, perto da manta escocesa, para o automóvel, que conseguira, finalmente, fazer parar, e depois para outro grupo reunido no relvado e constituído por Leslie, dois polícias e um homem corpulento, de óculos de aros de tartaruga. Neste ponto, devo explicar que a pronta comparênciados polícias, pouco mais de um minuto após o acidente, se deveu ao facto de terem estado a multar automóveis estacionados ilegalmente numa azinhaga

transversal, a dois quarteirões dali; que o tipo de óculos era Frederick Beale Junior, condutor do Packard; que o seu pai, de setenta e nove anos, a quem a enfermeira acabava de regar, no relvado verde onde jazia - um banqueiro a precisar de um banco, por assim dizer-, não estava morto, e, sim, a refazer-se, confortável e metodicamente, de um ligeiro ataque cardíaco ou da sua possibilidade, e, finalmente, que a manta caída no passeio (cujas fendas verdes e irregulares ela me apontara tantas vezes, desaprovadoramente) cobria os restos mutilados de Charlotte Humbert, que fora derrubada e arrastada durante alguma distância pelo carro dos Beales, quando atravessava apressadamente a rua para meter três cartas no marco do correio, à esquina do relvado de Miss Defronte. Uma bonita garota de vestido cor-de-rosa, sujo, apanhou as cartas e entregou-mas, e eu livrei-me delas, desfazendo-as em fragmentos, com as unhas, na algibeira das calças.

Pouco depois, chegaram à cena do acidente três médicos e os Farlows, que tomaram conta das formalidades necessárias. O viúvo, homem de excepcional autodomínio, não chorou nem gritou. Cambaleou um pouco, isso cambaleou, mas só abriu a boca para fornecer as indicações estritamente indispensáveis, relacionadas com a identificação, o exame e o destino da morta, que tinha o alto da cabeça reduzido a uma papa de osso, massa encefálica, cabelo cor de bronze e sangue. O sol era ainda um orbe vermelho quando o viúvo foi metido na cama, no quarto de Dolly, pelos seus dois amigos, o brando John e a Jean de olhos orvalhados, os quais, para ficarem perto dele, se retiraram para o quarto dos Humberts, a fim de passarem a noite - noite que, por tudo quanto sei, não devem ter passado tão inocentemente como a solenidade da ocasião exigia.

Não tenho nenhuma razão para me deter, nesta autobiografia muito especial, nas formalidades pré-funeral que foi necessário cumprir, nem no próprio funeral, realizado tão
discretamente como o fora o casamento. Mas tenho de registar alguns acidentes ocorridos nos quatro ou cinco dias que se seguiram à morte simples de Charlotte.

Na minha primeira noite de viuvez encontrava-me tão embriagado que dormi profundamente, como a criança que chorara naquela mesma cama. Na manhã seguinte, apressei-me a examinar os fragmentos de cartas que tinha na algibeira. Estavam tão amalgamados que era praticamente impossível separá-los em três jogos completos. "Presumi que... e será melhor para ti encontrá-lo, pois não posso comprar..." provinha de uma carta
para Lo; outros fragmentos pareciam dar a impressão de que Charlotte tencionava fugir com a filha para Parkinston, ou até mesmo para Pisky, com medo de que o abutre deitasse as garras ao seu precioso cordeirinho. Outras tiras e pedaços (nunca imaginara que tivesse esporões tão fortes) referiam-se, obviamente, a um pedido de admissão, não em St. A., mas, sim noutra escola interna cuja fama de rispidez, soturnidade e dureza de métodos (embora tivesse campos de jogo de rroquet sob os olmos) lhe granjeara a alcunha de Reformatório de Jovens. Finalmente, a terceira epístola era-me, sem dúvida, destinada. Consegui decifrar passagens como: ... "após um ano de separação poderemos...", "... oh; meu adorado, oh meu..." "... pior do que se tivesses outra mulher..." e... ou talvez eu morra". Mas, de um modo geral, tudo quanto decifrei pouco sentido fazia; os vários fragmentos das três apressadas missivas estavam tão baralhados nas palmas das minhas mãos quanto os seus elementos o tinham estado na cabeça da pobre Charlotte.

Nesse dia, John tinha de visitar um cliente e Jean de tratar dos cães, e por isso fiquei temporariamente privado da companhia dos meus amigos. O querido casal receava que eu me suicidasse, se ficasse sozinho, e como não havia mais amigos a que pudessem recorrer (Miss Defronte estava incomunicável, os McCoos andavam a construir uma casa nova a quilómetros de distância e os Chatfields tinham sido recentemente chamados ao Maine, por causa de uns problemas de família), Leslie e Louise foram encarregados de me fazer companhia, a pretexto de me ajudarem a escolher e empacotar uma infinidade de coisas órfãs. Num momento de soberba inspiração, mostrei aos bondosos e crédulos Farlows (estávamos à espera de que Leslie chegasse, para o seu namoro pago com Louise) uma pequena fotografia de Charlotte, que encontrara entre as suas coisas. Em cima de um penedo, sorria através dos cabelos despenteados pelo vento. Fora tirada em Abril de 1934, uma Primavera memorável. Enquanto me encontrava em viagem de negócios nos Estados Unidos, tivera ocasião de passar alguns meses em Pisky. Conhecêramo-nos... e tivéramos um louco romance de amor. Eu era casado, infelizmente, e ela estava noiva de Haze, mas depois do meu regresso à Europa correspondêramo-nos por intermédio de um amigo, já morto. Jean disse, baixinho, que ouvira alguns boatos a esse respeito, observou a fotografia e, sem tirar os olhos dela, estendeu-a ao marido. John tirou o cachimbo, observou também a encantadora e leviana Charlotte Becker e devolveu-me a fotografia. Depois ausentaram-se durante algumas horas. Na cave, a feliz Louise arrulhava e ralhava com o seu pretendente.

Mal os Farlows saíram, chegou um sacerdote de queixo azulado pela barba, e eu tentei tornar a entrevista tão breve quanto possível, sem, no entanto, ferir as suas susceptibilidades nem despertar as suas

suspeitas. Sim, dedicaria toda a minha vida ao bem-estar da pequena. Por acaso, tinha ali uma cruzinha que Charlotte Becker me dera, quando éramos ambos jovens... Tinha uma prima em Nova Iorque, uma respeitável senhora solteira.
Encontraríamos lá uma boa escola particular para Dolly. Oh, que Humbert tão astuto!

Para benefício de Leslie e Louise, que o poderiam repetir (e repetiram) a John e a Jean, pedi uma chamada de longa distância, a falar altíssimo, e simulei uma conversa muito bem ensaiada com Shirley Holmes. Quando John e Jean regressaram, enganei-os por completo ao dizer-lhes, num tom deliberadamente desesperado e confuso, que Lo partira, com o grupo de campistas médias, numa excursão de cinco dias e não era possível comunicar com ela.

- Meu Deus, que vamos fazer? - perguntou Jean.

John declarou que era muito simples: pediria à polícia de Climax que procurasse as excursionistas... não levariam nem uma hora. Na realidade, ele conhecia a região
e...

- Olhe - continuou -, e se eu me metesse no carro e partisse para lá imediatamente? Você podia dormir com a Jean... - (Na realidade, ele não disse tal coisa, mas Jean corroborou a sua
sugestão tão apaixonadamente que a oferta podia considerar-se implícita.)

Fui-me abaixo. Supliquei a John que deixasse as coisas como estavam. Não poderia suportar ter a garota lá em casa, a soluçar e agarrada a mim. Ela era muito sensível, aquela
experiência dolorosa podia traumatizá-la, reflectir-se no seu futuro, os psiquiatras já tinham estudado casos destes... Houve uma pausa súbita.

- Bem, você é que sabe - murmurou, por fim, John com certa brusquidão. - Mas, no fim de contas, eu era amigo e conselheiro de Charlotte e gostaria de saber o que tenciona fazer com a garota.

- John, ela é filha dele e não de Harold Haze! – interveio Jean. - Não compreendes? Humbert é o verdadeiro pai da Dolly.

- Compreendo - redarguiu John. - Peço desculpa. Sim, compreendo. Não tinha imaginado... Mas simplifica as coisas, evidentemente. E seja o que for que você achar conveniente
fazer estará certo.

O transtornado pai disse que iria buscar a sua delicada filha logo após o funeral e faria o possível para que ela se distraísse, num ambiente totalmente diverso... talvez uma viagem ao Novo México ou à Califórnia... conquanto ele vivesse, claro.

Representei tão artisticamente a calma do extremo desespero, o silêncio que antecede uma louca explosão, que os excelentes Farlows me levaram para sua casa. Tinham uma boa adega – pela bitola das adegas da província, claro -, e isso ajudou, pois eu temia a insónia e um fantasma.

Agora devo explicar as minhas razões para manter Dolores afastada. Naturalmente, ao princípio, quando Charlotte acabava de ser eliminada e eu reentrei em casa como um pai livre e bebi de um trago os dois uísques com soda que preparara, seguidos por uma caneca ou duas do meu barrilete, e fui para a casa de banho para me livrar de vizinhos e amigos, ao princípio só havia uma coisa no meu espírito e nos meus nervos - isto é, que dali a poucas horas Lolita, cálida, de cabelos castanhos, e minha, minha, minha, estaria nos meus braços a verter lágrimas que eu beijaria mais depressa do que elas se formariam. Mas, enquanto estava parado defronte do espelho, de olhos muito abertos e rosto

congestionado, John Farlow bateu devagarinho à porta, a perguntar se eu me sentia bem, e eu compreendi, logo, que seria loucura da minha parte tê-la em casa com todos aqueles intrometidos à nossa volta, a pensarem em maneiras de a afastar de mim. Na verdade, a imprevisível Lo podia, até - quem sabe? -, demonstrar qualquer idiota desconfiança a meu respeito, uma súbita repugnância, medo vago ou coisa parecida... e lá se iria o premio mágico, no preciso momento do triunfo.

Por falar de intrometidos, tive outro visitante: o amigo Beale, o tipo que eliminara a minha mulher. Enfadonho e solene, parecendo uma espécie de assistente de carrasco com
mandíbulas de buldogue, os seus olhinhos pretos, os seus óculos de aros grossos e as suas narinas proeminentes, foi conduzido à minha presença por John, que em seguida nos deixou e fechou a porta, dando mostras de grande tacto. Depois de me dizer em tom muito suave que tinha filhos gémeos na classe da minha enteada, o meu grotesco visitante desenrolou um grande diagrama que fizera do acidente. Era, como a minha enteada teria dito, "uma beleza", com uma quantidade impressionante de setas e linhas tracejadas de tintas de várias cores. A
trajetória de Mrs. H. H. estava ilustrada em vários pontos por uma série daquelas figurinhas esboçadas, delicadas como bonecas, utilizadas nas estatísticas como auxiliares visuais.
Muito clara e - concludentemente, essa trajetória entrava em contacto com uma linha sinuosa fortemente traçada, representando duas mudanças bruscas de direcção - uma feita
pelo carro de Beale para se desviar do cão do ferro-velho (o cão não estava representado no diagrama) e a segunda, uma espécie de exagerada continuação da primeira, destinada a

evitar a tragédia. Uma cruz muito negra indicava o ponto onde a figurinha esboçada acabara por cair, no passeio. Olhei à procura de um sinal semelhante, que assinalasse o lugar do
declive arrelvado onde o enorme pai de cera do meu visitante estivera reclinado, mas não encontrei nada. Esse cavalheiro tinha assinado, no entanto, o documento, como testemunha,
debaixo dos nomes de Leslie Tomson, Miss Defronte e algumas outras pessoas mais.

Com o seu lápis beija-flor a esvoaçar ágil e delicadamente de um ponto para outro, Frederick demonstrou a sua absoluta inocência e o descuido da minha mulher: enquanto ele tentava desviar-se do cão, ela escorregara no asfalto acabado de regar e lançara-se para a frente, quando se deveria ter atirado para trás (Fred demonstrou como, com uma sacudidela dos ombros chumaçados). Declarei que a culpa não fora certamente dele e o inquérito efetuado confirmou a minha opinião.   A respirar violentamente através das narinas tensas e negras, o indivíduo deu-me um aperto de mão, enquanto abanava simultaneamente a cabeça. Depois, com um ar de perfeito savoir vivre e cavalheiresca generosidade, ofereceu-se para pagar as despesas do funeral. Esperava que recusasse a sua oferta, mas, com um soluço alcoólico de gratidão, eu aceitei-a. Tal atitude deixou-o aparvalhado. Lentamente, incredulamente, repetiu o que dissera. Agradeci-lhe de novo, ainda mais profusamente do que antes.

Em consequência dessa estranha entrevista, a dormência da minha alma dissipou-se por momentos. Não admira! Vira com os meus olhos o agente do Destino, apalpara a própria carne do Destino - e os seus ombros chumaçados. Operara-se subitamente uma extraordinária e monstruosa mutação, e ali estava o seu instrumento. No meio do labiríntico padrão (mulher

apressada, rua escorregadia, o raio de um cão, rua íngreme, carro grande e idiota ao volante), conseguia vislumbrar vagamente a minha vil contribuição. Se, como um estúpido - ou um gênio de intuição -, não tivesse conservado aquele diário, os vapores produzidos pela cólera vingadora e pela profunda humilhação não teriam cegado Charlotte, na sua corrida para o marco do correio. Mas, mesmo que a tivessem cegado, nada teria acontecido se o Destino meticuloso, esse fantasma sincronizador, não misturasse no seu alambique o automóvel e o cão e o sol e a sombra e a umidade e o fraco e o forte e a pedra. Adieu, Marlene! O formal aperto de mão do gordo Destino (reproduzido por Beale antes de sair da sala) arrancou-me ao meu torpor: e eu chorei. Senhoras e senhores do júri, eu chorei.

24

Quando olhei em meu redor pela última vez, os olmos e os choupos viravam as suas costas encrespadas a uma súbita rajada de vento, e uma nuvem negra, de trovoada, acastelava-se sobre a torre da igreja branca de Ramsdale. A caminho de aventuras desconhecidas, abandonava a lívida casa onde alugara um quarto havia apenas dez semanas. As persianas - econômicas e práticas de bambu - já estavam descidas. A sua rica contextura emprestava uma aura de drama moderno aos alpendres e à casa. Depois daquilo, a mansão celestial devia parecer muito nua. Caiu-me nos nós dos dedos um pingo de chuva. Reentrei em casa, para ir buscar qualquer coisa, enquanto John punha as minhas malas no carro, e então aconteceu algo engraçado. Não sei se, nestas trágicas notas, salientei suficientemente o peculiar efeito de irradiação que o agradável aspecto do autor - pseudocéltico, atraentemente simiesco, juvenilmente másculo - exercia nas mulheres de todas as idades e condições. E claro que tais declarações, feitas na primeira pessoa, podem parecer ridículas. Mas de vez em quando tenho de recordar ao leitor a minha aparência, do mesmo modo que um romancista profissional, que atribuiu a uma personagem certo maneirismo ou um cão, tem de continuar a apresentar esse maneirismo ou esse cão sempre que a referida personagem aparece, no decorrer do livro. No presente caso, talvez isso seja ainda mais importante. O meu aspecto melancolicamente atraente deve permanecer na mente do leitor, para que a minha história seja convenientemente compreendida. A púbere Lo sucumbiu ao encanto de Humbert como sucumbia à música

sincopada; a adulta Lotte amou-me com uma paixão madura, possessiva, que deploro e respeito agora mais do que sou capaz de exprimir; Jean Farlow, que tinha trinta e um anos e era absolutamente neurótica, parecia sentir, também, forte inclinação por mim. Era bonita, de um tipo de beleza que lembrava escultura índia, e tinha uma tez escura, de terra-de-sena queimada. Os seus lábios eram dois grandes e escarlates pólipos, e, quando soltava a sua gargalhada especial, que parecia um ladrido, mostrava grandes dentes baços e gengivas descoradas.

Era muito alta, usava calças e sandálias ou saias rodadas e sapatilhas de bailarina, bebia qualquer bebida forte em qualquer quantidade, tivera dois abortos, escrevia histórias acerca de animais, pintava - como o leitor sabe – paisagens lacustres, já andava a chocar o cancro que a mataria aos trinta e três anos e era absolutamente desprovida de atractivos, aos meus olhos. Imaginem, por isso, o meu susto quando, poucos segundos antes de eu partir (encontrávamo-nos os dois no corredor), Jean, com os dedos eternamente trémulos, me segurou pelas têmporas e, de lágrimas nos luminosos olhos azuis, tentou, sem o conseguir, colar-se aos meus lábios.

- Cuide de si - recomendou-me - e beije a sua filha por mim. Ecoou pela casa um trovão, e ela acrescentou:

- Talvez um dia, algures, numa ocasião menos angustiosa, nos voltemos a ver. - (Jean, o que quer que seja e onde quer que esteja, num negativo espaço-tempo ou num positivo tempo-alma, perdoe-me tudo isto, incluindo o parêntese.) Passados instantes, apertava a mão a ambos, na rua, na rua íngreme, com tudo a rodopiar e a voar ante a aproximação do dilúvio branco, e uma furgoneta, com um colchão vindo de Filadélfia, descia confiadamente a calçada, a caminho de uma casa vazia, e a poeira girava e dançava sobre a laje precisa

em que Charlotte, quando tinham levantado a manta escocesa, se me revelara, encolhida, de olhos intactos e pestanas pretas ainda húmidas e coladas umas às outras como as tuas, Lolita.

25

Poder-se-ia supor que, removidos todos os obstáculos e com uma perspectiva de delirantes e ilimitados deleites à minha frente, me recostaria mentalmente e soltaria um suspiro de delicioso alívio. Eh bien, pas du tout! Em vez de me regalar ao sol do sorridente acaso, sentia-me obcecado por toda a espécie de dúvidas e receios puramente éticos. Por exemplo, não surpreenderia as pessoas o facto de Lo ser tão consistentemente privada de assistir a acontecimentos festivos e fúnebres, no seio da sua família mais chegada? Como se lembram, ela não assistira ao nosso casamento. Outra coisa: admitindo que fora o braço comprido e peludo da coincidência que se estendera para remover uma mulher inocente, não poderia essa mesma coincidência ignorar, num momento bárbaro, o que o seu braço fizera ao proporcionar a Lo uma nota prematura de comiseração? É verdade que o acidente fora anunciado apenas pelo Journal de Ramsdale - e não pelo Recorder de Parkington nem pelo Herald de Climax, pois o Acampamento Q ficava noutro estado e as mortes locais não tinham qualquer interesse noticioso federal. No entanto, eu não podia deixar de imaginar que, fosse como fosse, Dolly Haze já fora informada e, no preciso momento em que eu a ia buscar, amigos por mim desconhecidos a traziam de automóvel para Ramsdale. Mas ainda mais perturbador do que todas estas conjecturas e preocupações era o facto de Humbert Humbert, um cidadão americano novinho em folha, de obscura origem europeia, não ter tomado quaisquer providências no

sentido de se tornar o tutor legal da filha (de doze anos e sete meses) da sua falecida mulher. Ousaria alguma vez tomar essas providências? Não conseguia reprimir um calafrio todas as vezes que imaginava a minha nudez cercada por misteriosos estatutos, à luz implacável do Direito Comum.

O meu plano era uma maravilha de arte primitiva: dirigir-me-ia ao Acampamento Q, diria a Lolita que a mãe ia ser submetida a uma grave operação, num hospital inventado, e depois andaria com a minha ensonada ninfeta de estalagem em estalagem, enquanto a mãe melhorava, melhorava, e finalmente morria. Mas, enquanto viajava para o acampamento, a minha ansiedade aumentou. Não suportava o pensamento de que podia não encontrar lá Lolita - ou, então, que encontraria outra Lolita, assustada, a gritar por quaisquer amigos da família - não os Farlows, graças a Deus, pois mal os conhecia. Mas não poderia haver outras pessoas com as quais eu não contara? Por fim, decidi-me a fazer o telefonema de longa distância que tão bem simulara alguns dias antes. Chovia muito quando parei num subúrbio enlameado de Parkington, pouco antes do Cruzamento, um dos ramos do qual flanqueava a cidade e conduzia à auto-estrada que atravessava os montes, a caminho do lago Climax e do Acampamento Q. Desliguei o motor e, durante um bom minuto, fiquei no carro, a tomar coragem para fazer o telefonema e de olhos fixos na chuva, no passeio alagado e numa boca de incêndio - uma coisa horrenda, palavra, aberrantemente pintada de prata e vermelho, estendendo os cotos dos braços para serem como que envernizados pela chuva que, como sangue estilizado, pingava para as suas correntes de prata. Não admira que seja tabu parar defronte desses aleijões de pesadelo. Segui até uma estação de serviço. Esperava-me uma surpresa quando, finalmente, as moedas tilintaram na

caixa, com um som de contentamento, e uma voz pôde responder-me.

Holmes, a chefe do acampamento, informou-me de que Dolly partira na segunda-feira (estávamos na quarta-feira) numa excursão aos montes, com o seu grupo, e se esperava que regressasse naquele mesmo dia, mas tarde. Importava-me de ir no dia seguinte, e qual era exactamente?... Sem entrar em pormenores, disse-lhe que a mãe da garota estava hospitalizada, que a situação era grave, que não se devia dizer à pequena que era grave e que ela devia estar preparada para partir comigo, na tarde seguinte. As duas vozes despediram-se numa explosão de cordialidade e boa vontade, e, por qualquer cômica falha mecânica, todas as moedas que introduzira na ranhura vieram de novo parar-me às mãos, num chocalhar alegre, como se eu tivesse ganho todas as apostas; e, apesar de decepcionado por ter de adiar a minha felicidade, quase desatei a rir à gargalhada. É caso para pensar se aquela súbita descarga, aquele reembolso espasmódico, não estaria de algum modo relacionado, no espírito do Sr. Destino, com o fato de eu ter inventado aquela excursãozinha, antes de ter ouvido falar dela.

Que fazer, entretanto? Segui para o centro comercial de Parkington e dediquei a tarde inteira (o tempo clareara, a cidade molhada parecia toda de prata e cristal) a comprar coisas bonitas para Lo. Meu Deus, que loucas compras foram inspiradas pela viva predilecção que Humbert tinha, nesse tempo, por tecidos axadrezados, algodões de cores vivas, folhos, mangas curtas a formar balão, pregueados suaves, corpinhos ajustados e saias generosamente rodadas! Oh, Lolita, és a minha pequena, como Vee o foi de Poe e Bea de Dante, e que rapariguinha não gostaria de fazer rodopiar uma saia farta, mostrando as calcinhas? Tinha alguma coisa especial em mente? - perguntavam-me

vozes tentadoras. Fatos de banho? Temo-los de todas as cores. Rosa de sonho, branco fosco de geada, vermelho-tulipa, malva-glande, negro de azeviche. E fatos para brincar? E combinações? Combinações, não. Lo e eu detestávamos combinações.

Uma das coisas que me orientaram nesta matéria foi um registro antropométrico feito pela mãe de Lo no dia do seu décimo segundo aniversário (o leitor deve lembrar-se do livro
Conheça a Sua Filha). Tive o pressentimento de que Charlotte, inspirada por obscuros motivos de inveja e antipatia, acrescentara dois centímetros aqui, meio quilograma acolá;
mas, como a ninfeta crescera, com certeza, alguma coisa nos últimos sete meses, achei que me podia guiar, com segurança, pela maior parte das medidas de Janeiro: diâmetro dos quadris, 72,5 cm; diâmetro da coxa (logo abaixo do sulco glúteo), 42,5 cm; diâmetro da barriga da perna e circunferência do pescoço, 27,5 cm; diâmetro do busto, 67,5 cm; diâmetro do braço, 20 cm; cintura, 57,5 cm; altura, 1,42 m; peso, 36,5 kg; figura, linear; quociente de inteligência, 121; apêndice vermiforme presente, graças a Deus.

Independentemente das medidas, eu conseguia, claro, visualizar Lolita com uma lucidez alucinante. E sentindo, como sentia, um leve formigueiro no esterno, no ponto exato onde o alto da sua sedosa cabeça ficara, uma ou duas vezes, nivelada com o meu coração; e sentindo, como sentia, o calor do seu peso no meu colo (de tal modo que, em certo sentido, Lolita estava sempre comigo, como uma mulher está com a criança que traz no ventre), sentindo tudo isso, não me surpreendeu, mais tarde, descobrir que os meus cálculos tinham sido mais ou menos corretos. Como, além disso, estudara com atenção um catálogo de artigos de meia estação, foi com um ar muito entendido que examinei diversas coisas

bonitas, como sapatos desportivos, de ténis, e escarpins de tenra pelica para tenras garotas. A empregada de bata preta e cara pintada que atendeu todas as minhas pungentes necessidades transformava a erudição paternal e a descrição precisa em eufemismos comerciais, como petite. Outra, uma mulher muito mais velha, vestida de branco e com maquilhagem tipo panqueca, mostrou-se singularmente impressionada com o meu conhecimento de modas juvenis.

Talvez pensasse que eu tinha uma amante anã... Por isso, quando me mostrou uma saia com duas algibeiras muito giras, à frente, fiz-lhe, intencionalmente, uma ingénua pergunta masculina e fui recompensado com uma sorridente demonstração do modo como o fecho de correr funcionava, nas costas. Depois diverti-me muito com toda a espécie de calções e cuequinhas-pequenas Lolitas fantasmas dançando, caindo e desabrochando como margaridas pelo balcão fora. Rematámos o negócio com alguns recatados pijamas de algodão, no popular estilo rapaz de talho. Humbert, o açougueiro popular.

Há uma leve atmosfera mitológica e encantada nestes grandes armazéns, onde, segundo a publicidade, uma rapariga empregada pode encontrar um guarda-roupa completo para trabalho e encontros, e onde a sua irmãzinha mais nova pode sonhar com o dia em que a sua camisola de lã deixará todos babados os rapazes da última fila da escola. À minha volta flutuavam figuras de plástico, em tamanho natural, de crianças de nariz arrebitado e rostos faunescos de tons partidos, esverdeados e sarapintados de castanho. Reparei que era o único cliente naquele lugar um tanto ou quanto fantasmagórico, onde me movimentava como um peixe, num aquário glauco. Pressenti a formação de estranhos pensamentos no cérebro das lânguidas damas que me acompanhavam de balcão para balcão, de recife rochoso

para alga marinha, e os cintos e as púlseiras que escolhi pareceram cair de mãos de sereias para água transparente. Comprei uma mala elegante, onde mandei guardar as minhas compras, e dirigi-me para o hotel mais próximo, todo satisfeito com o meu dia.

Não sei porquê, por associação de ideias com aquela calma e poética tarde de elegantes compras, recordei-me do hotel ou estalagem com o nome tentador de «Os Caçadores Encantados», a que Charlotte aludira pouco antes da minha libertação. Com a ajuda de um guia de viagens, localizei-o na isolada vila de Briceland, que ficava a quatro horas de automóvel do acampamento de Lo. Podia ter telefonado, mas, receando que a minha voz se descontrolasse e se reduzisse a tímidos grasnidos de inglês mascavado, decidi telegrafar a pedir que reservassem um quarto com duas camas, para a noite seguinte. Que cómico, desajeitado e hesitante príncipe encantado eu era! Como alguns leitores se rirão quando lhes contar o trabalho que tive para redigir o telegrama! Que diria? Humbert e filha? Humburg e filha pequena? Homberg e rapariga imatura? Homburg e criança? O erro engraçado - o gH do fim - que surgiu eventualmente talvez fosse um eco destas minhas hesitações.

E depois, no aveludado da noite estival, quantas congeminações a respeito do filtro que tinha comigo! Oh, avaro Hamburg! Não terá sido um caçador muito encantado, ao deliberar consigo mesmo acerca da sua caixa cheia de munições mágicas? Deveria experimentar, pessoalmente, uma dessas cápsulas cor de ametista, para expulsar os monstros da insónia?
Eram quarenta, ao todo - quarenta noites com uma frágil dorminhocazinha deitada ao lado do meu corpo palpitante. Deveria roubar a mim próprio uma dessas noites, para dormir?
Certamente que não. Cada uma daquelas minúsculas ameixas, cada um daqueles microscópicos planetários

com a sua activa poeira de estrelas, tinha um valor incalculável. Permitam que, desta vez, seja piegas! Estou tão cansado de ser cínico!

26

Esta dor de cabeça diária, no ar opaco desta cadeia tumular, é perturbadora, mas tenho de persistir. Já escrevi mais de cem páginas e ainda não disse nada. A minha noção das datas começa a tornar-se confusa. Aquilo deve ter-se passado cerca de 15 de Agosto de 1947. Creio que não consigo continuar. Coração, cabeça... tudo. Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita.

Compositor, repita até a página ficar cheia.

27

Ainda em Parkington. Consegui, finalmente, passar uma hora pelo sono, do qual fui despertado por gratuito e horrivelmente fatigante debate com uma pequena hermafrodita
cabeluda, inteiramente desconhecida. Nessa altura eram seis horas da manhã e acudiu-me, de súbito, a ideia de que talvez valesse a pena chegar ao acampamento mais cedo do que dissera.
De Parkington até lá ainda tinha de percorrer mais de cento e cinquenta quilómetros, e depois mais do que isso até aos Hazy Hills e a Briceland. Se dissera que iria buscar Dolly de
tarde, fora apenas porque a minha fantasia desejava que a noite misericordiosa caísse o mais depressa possível sobre a minha impaciência. Mas, entretanto, começara a recear toda a
espécie de mal-entendidos e estava todo agitado, com medo deque a demora na minha chegada lhe desse oportunidade de telefonar para Ramsdale. No entanto, quando tentei partir deparei com a bateria descarregada, e o meio-dia estava próximo quando deixei, finalmente, Parkington.

Cheguei ao meu destino cerca das duas e meia, arrumei o carro num pinhal onde um rapaz de camisa verde, cabelo ruivo e ar insolente lançava ferraduras, numa solidão amuada. O referido rapaz mandou-me, laconicamente, a um escritório existente num chalé rebocado de branco. Angustiado, tive de suportar durante vários minutos a inquiridora comiseração da chefe do acampamento, uma mulher avelhentada, de aspecto desmazelado e cabelo cor de ferrugem. A Dolly,

disse-me, tinha as malas feitas e estava pronta para partir. Sabia que a mãe estava doente, mas não gravemente.
"Mr. Haze, perdão, Mr. Humbert, desejava conhecer as conselheiras do acampamento? Ou ver as cabanas onde as raparigas viviam e que eram dedicadas a animais de Disney,
cada uma ao seu? Ou visitar a residência da directora? Ou preferia que mandasse o Charlie buscá-la?" As pequenas estavam a acabar de decorar a sala de jantar para um baile. (E depois
talvez dissesse a alguém: O pobre homem parecia o seu próprio fantasma.) Permitam que retenha por um momento a cena, em todos os seus pormenores banais e fatídicos: o estafermo da Holmes a passar um recibo, a coçar a cabeça, a abrir uma gaveta da secretária, a depositar trocos na palma da minha mão impaciente e, por fim, a colocar por cima das moedas uma nota, com um risonho "... e cinco!". Fotografias de raparigulinhas; algumas vistosas borboletas ou mariposas ainda vivas, firmemente espetadas na parede (estudo da natureza,); o diploma encaixilhado do dietista do acampamento; as minhas mãos trémulas; uma ficha, apresentada pela eficiente Holmes, com o relatório do comportamento de Dolly Haze durante o mês de Julho (Regular a Bom; amiga de andar de barco); um som de árvores e pássaros e o bater forte do meu coração... Estava de pé, de costas voltadas para a porta aberta, e, de súbito, senti o sangue subir-me, numa onda violenta, à cabeça, ao ouvir a sua respiração e a sua voz atrás de mim. Chegava a arrastar e a empurrar a mala pesada. "Olá!", cumprimentou, e ficou parada a olhar para mim, com olhos manhosos e contentes e os lábios macios entreabertos num sorriso um pouco pateta, mas maravilhosamente cativante.

Estava mais magra e mais alta e, durante um segundo, pareceu-me que o seu rosto era menos bonito

do que a imagem mental que adorara durante mais de um mês: as suas faces
pareciam encovadas e uma quantidade excessiva de sardas maculava-lhe as róseas e rústicas feições. Essa primeira impressão (num intervalo humano muito estreito entre duas
pancadas de tigrino coração) revestiu-se da clara implicação de que tudo quanto o viúvo Humbert tinha a fazer, queria fazer, ou faria, era proporcionar àquela orfãzinha pálida, embora queimada do sol, aux yeux battus (até as plúmbeassombras debaixo dos olhos tinham sardas), uma educação sólida, uma mocidade feliz e saudável, um lar limpo e amigas simpáticas da sua idade, entre as quais (se os fados se dignassem compensar-me) talvez encontrasse a bonita e pequena magdlein só para o Herr Doktor Humbert. Mas, num abrir e fechar de olhos, a angélica linha de conduta dissipou-se e alcancei a minha presa (o tempo passa à frente das nossas fantasias!), que era de novo a minha Lolita – na realidade, mais do que nunca a minha Lolita. Apoiei a mão na sua quente cabeça castanha e peguei na mala. Era toda rosa e mel, no seu mais alegre vestido de algodão com maçãzinhas vermelhas, e os seus braços e as suas pernas tinham uma tonalidade de castanho-dourada, profunda, com arranhões que lembravam pequenas linhas pontilhadas de rubis coagulados. O cós elástico das suas peúgas brancas estava virado para baixo, no nível que tão bem recordava, e, fosse por causa do seu andar infantil, fosse porque a fixara no espírito usando sempre sapatos sem saltos, os que calçava naquele momento, de presilha e salto baixo, pareceram-me demasiado grandes e altos para ela.
Adeus, Acampamento Q, alegre Acampamento Q. Adeus, comida simples e pouco saudável; adeus, Charlie.
Instalou-se a meu lado no automóvel quente, deu uma palmada a uma mosca que lhe pousou no joelho

encantador e, a mascar violentamente uma pastilha elástica, baixou com desembaraço a janela do seu lado e recostou-se no lugar. Partimos velozmente através da floresta salpicada de sol. - Como está a minha mãe? - perguntou conscienciosamente.

Respondi-lhe que os médicos ainda não sabiam bem o que ela tinha, mas que era qualquer coisa abdominal. Abominável? Não, abdominal. Teríamos de ficar por ali uns tempos. O hospital ficava no campo, perto da alegre cidadezinha de Lepingville, onde um grande poeta residira no princípio do século xIx e onde veríamos todos os espetáculos. Achou a ideia catita e perguntou se conseguiríamos chegar a Lepingville antes das nove horas da noite.

- Devemos chegar a Briceland à hora de jantar - respondi-lhe
- e amanhã iremos a Lepingville. "Que tal a excursão? Divertiste-te muito no acampamento?"

- Hum... hum...

- Tiveste pena de te vir embora?

- Hum... hum...

- Fala, Lo, não grunhas. Diz-me qualquer coisa.

- Que coisa, papá? (Deixou a palavra expandir-se, com irônica deliberação.)

- Qualquer coisa.

- Posso tratá-lo assim? (Olhos virados para a estrada.)

- Podes.

- Estou a representar, como sabe. Quando foi que se apaixonou pela minha mãe?

- Um dia compreenderás muitas emoções e situações, como, por exemplo, a harmonia, a beleza das relações espirituais.

- Ora! - exclamou a cínica ninfeta.

Breve pausa no diálogo, preenchida por algumas paisagens.

- Repara naquelas vacas na encosta, Lo.

- Creio que vomito se volto a olhar para uma vaca.
- Senti terrivelmente a tua falta, Lo.
- Eu não senti a sua. Para ser franca, fui-lhe indecentemente infiel... mas isso não interessa nada, pois você deixou de se interessar por mim. Eh, mister, conduz muito mais depressa do que a minha mãe!

Afrouxei, passando de uma velocidade cega de 110 para uma velocidade pitosga de 80.

- Porque pensas que deixei de me interessar por ti, Lo?
- Ainda não me beijou, pois não?

Morrendo e gemendo intimamente, vislumbrei, à frente, uma lomba de estrada razoavelmente larga e, aos trancos e solavancos, meti pelo matagal. "Lembra-te de que ela é apenas uma criança, lembra-te de que ela é apenas..."

Mal o carro parou, Lolita lançou-se, positivamente, nos meus braços. Não ousando, não ousando ceder aos meus impulsos – não ousando, sequer, compreender de que aquilo (doce humidade e tremulo fogo) era o começo da vida inefável que, convenientemente ajudado pelo destino, conseguira finalmente transformar em realidade -, não ousando beijá-la verdadeiramente, toquei-lhe os lábios escaldantes e entreabertos com infinita compaixão, em minúsculos sorvos, sem nada de lascivo. Mas ela, num movimento impaciente, colou a boca à minha com tanta força que senti os seus grandes dentes da frente e compartilhei o gosto a hortelã-pimenta da sua saliva. Sabia, claro, que se tratava de um jogo inocente da sua parte, de uma patetice agarotada, a imitar qualquer simulacro de pseudo-romance, e como (assim lho confirmarão o psicoterapeuta e o violentador) os limites e as normas de tais jogos agarotados são fluidos, ou pelo menos tão infantilmente subtis que o parceiro mais velho só com dificuldade os percebe, senti um medo terrível de ir demasiado longe e de a levar a recuar, com repugnância e terror. E como, acima de

tudo, estava angustiadamente ansioso por a apanhar na hermética reclusão de «Os Caçadores Encantados», e ainda faltavam cento e trinta quilômetros, a bendita intuição interrompeu o nosso abraço... uma fração de segundo antes de um carro da Polícia da Estrada parar a nosso lado.

Rubicundo e de sobrancelhas hirsutas, o motorista perguntou-me fitando-me:

- Viu, por acaso, um Sedan azul, da mesma marca do seu, ultrapassá-lo antes do cruzamento?

- Não, não vi.

- Não vimos - corroborou Lo, inclinando-se avidamente por cima de mim e com as mãos inocentes nas minhas pernas. – Mas tem a certeza de que era azul? Pergunto porque...

O polícia (que sombra de nós andaria perseguindo?) lançou à jovem colegial o seu melhor sorriso e partiu, dando uma volta em U.

Partimos também.

- O cabeça de melão! - troçou Lo. - Ele devia tê-lo multado, a você.

- Porquê, meu Deus?

- Bem, a velocidade máxima neste estado de meia-tigela são oitenta quilômetros e... Não, não abrande, seu palerma! Ele já se foi embora.

- Ainda temos uma boa distância a percorrer e eu quero chegar antes que escureça. Porta-te como uma boa menina, sim?

- Como uma menina muito má - redarguiu Lo, encantada.

Delinquente juvenil, mas franca e encantadora. Aquela luz estava vermelha. Nunca vi guiar assim!

Atravessámos silenciosamente uma silenciosa vilazinha.

- Ouça lá, a minha mãe não ficaria absolutamente maluquinha se descobrisse que éramos amantes?

- Meu Deus, Lo, não falemos dessa maneira!

- Mas somos amantes, não somos?
- Que eu saiba, não. Creio que vai chover de novo. Não me queres falar das tuas maroteiras no acampamento?
- Fala como um livro, papá.
- Que andaste a fazer, hem? Insisto para que me contes.
- Escandaliza-se com facilidade?
- Não. Continua.
- Meta por uma azinhaga isolada e eu conto-lhe.
- Lo, peço-te sinceramente que não armes em pateta. Então?
- Bem... participei em todas as atividades existentes.
- Ensuite?
- Ânsuite, ensinaram-me a viver uma vida feliz e cheia com os outros e a desenvolver uma personalidade sã. A ser uma pêssega fixe, enfim.
- Li algo do gênero no folheto.
- Adorávamos cantar à roda do lume, na grande lareira de pedra, ou sob o raio das estrelas, o que dava a todas as raparigas a oportunidade de fundir o seu espírito de felicidade com a voz do grupo.
- A tua memória é excelente, Lo, mas peço-te que prescindas das palavras grosseiras. Mais alguma coisa?
- O lema da escuteira é também o meu - declarou Lo, extasiadamente. - Preencho a minha vida com boas ações, tais como... bem, não interessa quais. O meu dever é... ser útil.
Sou amiga dos animais do sexo masculino. Obedeço às ordens recebidas. Sou alegre. Olhe, outro carro da polícia. Sou frugal e absolutamente imunda em pensamentos, palavras e
acções.
- Espero que seja tudo, menina engraçadinha.
- É, é tudo. Não, espere! Cozinhávamos num forno com refletores. Não é formidável?
- Bem, assim já vai melhor.

- Lavávamos ziliões de pratos. Ziliões, é o calão de professora para muitos-muitos-muitos-muitos. Ah, sim, e finalmente, mas não menos importante como a mãe diz... Espere lá, que queria eu dizer? Ah, já sei! Entretínhamo-nos a projetar sombras na parede. Era divertido à brava.

- C'est bien tout?

- C'est. Com excepção de uma coisinha, uma coisinha que não sou capaz de lhe dizer sem corar toda.

- Dizes-me depois?

- Se nos sentarmos às escuras e me deixar falar baixinho, digo. Dorme no seu antigo quarto ou a monte com a mamã?

- No antigo quarto. A tua mãe talvez tenha de ser submetida a uma operação muito grave, Lo.

- Pare naquela confeitaria, sim?   Sentada num tamborete alto, com uma faixa de sol a atravessar-lhe o antebraço bronzeado, Lo atacou uma taça de sorvete muito enfeitada, com xarope sintético por cima. Preparou-a e serviu-a um rapaz abrutalhado, cheio de borbulhas
e de laço seboso, que olhou a minha frágil garota, no seu vaporoso vestido de algodão, com gula carnal. A minha impaciência em chegar a Briceland e a «Os Caçadores Encantados» começava a tornar-se insuportável. Felizmente ela despachou a guloseima com a habitual rapidez.

- Que dinheiro tens? - perguntei-lhe.

- Nem um cêntimo - respondeu tristemente, de sobrancelhas arqueadas e a mostrar-me o forro do porta-moedas.

- Esse assunto será remediado em devido tempo - prometi, brincalhão. - Vamos?

- Não terão um lavabo?

- Não vais lá - declarei em tom firme. - É, com certeza, um lugar nojento. Anda, vamos.

Era, de modo geral, uma garota obediente, e eu beijei-lhe o pescoço, quando voltámos para o carro.

- Não faça isso! - ordenou-me com franca surpresa. - Não me babe. Seu porcalhão.

Tentou chegar com o ombro erguido ao ponto que eu beijara, para o limpar.

- Desculpa. Procedi assim porque gosto muito de ti. Subimos uma estrada sinuosa, sob o céu carregado, e depois descemos outra.

- Bem, eu também gosto de si - disse Lolita, passado um bocado, em voz suave e como que suspirada, e chegou-se mais a mim.

(Oh, minha Lolita, nunca mais chegaremos!)

O crepúsculo começava a impregnar a bonita Briceland, com a sua arquitetura pseudocolonial, as suas lojas de recordações e as suas árvores de sombra importadas, quando metemos pelas ruas fracamente iluminadas em busca de «Os Caçadores Encantados». Apesar de uma morrinha teimosa, o ar estava quente e esverdeado. Já se formara uma bicha, composta principalmente por crianças e velhos, diante da bilheteira de um cinema, de cujos letreiros escorriam jóias de fogo.

- Oh, quero ver aquela fita! Vamos lá depois do jantar, vamos!

- Talvez - redarguiu Humbert, embora soubesse perfeitamente, o demónio tumescente e manhoso, que cerca das nove horas, quando o espectáculo dele começasse, ela estaria morta nos seus braços.

- Cuidado! - gritou Lo, impelida para a frente, quando um maldito camião parou num cruzamento, à nossa frente, com os farolins da retaguarda a pulsar.

Sentia que, se não chegássemos depressa, imediatamente, miraculosamente, ao hotel, se não fosse já no quarteirão seguinte, perderia todo o domínio sobre a carripana da Haze,

de seus limpa-vidros ineficazes e travões caprichosos. Mas os transeuntes a quem perguntava onde ficava o hotel ou eram, também, forasteiros na cidade, ou perguntavam, de sobrancelhas
franzidas, os Encantados "quê", como se eu fosse maluco – ou então lançavam-se em explicações tão complicadas, com gestos geométricos, generalidades geométricas e indicações só entendidas pela gente da terra ("... depois vire para sul, a seguir ao tribunal..."), que era imPossível não me perder no labirinto da sua tagarelice bem-intencionada. Lo, cujas entranhas encantadoramente prismáticas já tinham digerido o sorvete, estava a contar com uma suculenta refeição e começara a aborrecer-se. Quanto a mim, embora há muito tempo me tivesse habituado a uma espécie de destino secundário (o inepto secretário do Sr. Destino, por assim dizer), que intrometia mesquinhamente o plano generoso e magnificente do seu patrão, andar às cegas pelas avenidas de Briceland era, talvez, a mais exasperante provação que se me deparara. Em meses posteriores, ri-me da minha inexperiência, ao recordar o modo obstinado e infantil como concentrara a minha meta naquela estalagem especial, de nome fantasioso. Ao longo do caminho, inúmeros motéis proclamavam vagas em letreiros a néon, prontos a acomodar caixeiros-viajantes, condenados fugidos, impotentes, grupos familiares e, também, os casais mais corruptos e vigorosos. Ah, suaves motoristas deslizando pelas negras noites estivais, que pândegas, que idiossincrasias de luxúria veríeis das vossas impecáveis auto-estradas se as Kabinas Konfortáveis perdessem subitamente a pigmentação e se tornassem tão transparentes como caixas de vidro!

O milagre pelo qual anelava deu-se, finalmente. Um homem e uma rapariga, mais ou menos enlaçados num automóvel às escuras, parado debaixo de árvores

gotejantes, informaram-nos de que estávamos no coração do Parque e, se virássemos à esquerda na próxima luz de trânsito, chegaríamos ao nosso destino. Não vimos nenhuma próxima luz de trânsito; o Parque estava tão escuro como os pecados que encobria - mas, pouco depois de sermos apanhados pela suave atracção de uma curva bem equilibrada, vimos como que o brilho de um diamante através da escuridão, a seguir a cintilação de um lago... e lá estava, maravilhosa e inexoravelmente, sob as árvores espectrais, ao cimo de um caminho ensaibrado, o claro palácio de «Os Caçadores Encantados».

Uma fila de automóveis estacionados, como porcos à gamela, pareceu, à primeira vista, vedar o acesso. Mas, de súbito, como por magia, um enorme descapotável, resplendente e avermelhado sob a chuva iluminada, pôs-se em movimento - recuou violentamente, conduzido por um indivíduo de ombros largos - e nós esgueirámo-nos, gratos, para o espaço por ele deixado. Lamentei, acto contínuo, a minha pressa, pois reparei que o meu antecessor aproveitara uma espécie de telheiro próximo, onde havia espaço mais do que suficiente para outro automóvel. Mas eu estava tão impaciente que não segui o exemplo.

- Eia, parece catita! - exclamou a minha vulgar queridinha, a admirar, de olhos franzidos, o edifício, enquanto saía para a morrinha que não parava de cair e, com mão infantil, soltava
o vestido, que, para empregar as palavras de Robert Browning, se metera na racha do pêssego.

Sob os arcos voltaicos, réplicas ampliadas de folhas de castanheiro enlaçavam-se nas colunas brancas. Abri o porta-bagagem e um negro corcunda e grisalho, metido numa fardeta qualquer, pegou nas malas e conduziu-as lentamente, num carrinho, para o átrio, que estava cheio de velhas e sacerdotes. Lolita acocorou-se

para acariciar um cocker spaniel de focinho claro, sardas e orelhas pretas, que pareceu desfalecer na carpete florida, sob os seus afagos - quem não desfaleceria, coração meu? -, enquanto eu pigarreava e abria caminho por entre os presentes, até à portaria. Um velho careca e de aspecto porcino - eram todos velhos naquele hotel - examinou o meu rosto, a sorrir cortesmente, e depois, pachorrento, pegou no meu (adulterado) telegrama, debateu-se com algumas graves dúvidas, virou a cabeça para ver as horas e, finalmente, declarou lamentar muito, mas tinha reservado o quarto com as duas camas até às seis e meia e depois, alugara-o. Explicou que uma convenção religiosa coincidira, em Briceland, com uma exposição de flores e... "O nome", interrompi friamente, "não é Humberg nem Humburg, e, sim, Herbert, quero dizer, Humbert, e qualquer quarto servirá, basta que lá ponham um divã para a minha filha. Ela tem dez anos e está muito cansada."

O velho rosado olhou, bonacheirão, para Lo, que, ainda acocorada, escutava, de lábios entreabertos e de perfil, o que a dona do cão, uma senhora idosa envolta em véus violeta, lhe dizia das profundidades de uma poltrona forrada de cretone.

Quaisquer dúvidas que, porventura, o obsceno indivíduo tinha dissiparam-se perante aquela visão pura como uma flor. Disse que talvez ainda tivesse um quarto, na realidade ainda tinha, com cama de casal. Quanto ao divã...

- Mr. Potts, ainda temos alguns divãs?   Potts, também rosado e careca, com cabelos brancos a espreitar das orelhas e de outros buracos, foi ver o que se podia arranjar.

Voltou e falou enquanto eu desatarraxava a caneta de tinta permanente. Impaciente Humbert!

- Nas nossas camas de casal cabem três pessoas – declarou Potts ternamente, como se me aconchegasse, e

à minha garota, na cama. - Numa noite em que estávamos cheios, deitámos três senhoras e uma menina como a sua na mesma cama. Creio que uma das senhoras era um homem disfarçado (espanto meu). No entanto... haverá algum divã a mais no quarenta e nove, Mr. Swine?

- Creio que foi para os Swoons - respondeu Mr. Swine, o primeiro velho.

- Arranjar-nos-emos como pudermos - declarei. - A minha mulher talvez venha ter connosco, mais tarde... mas mesmo então creio que nos havemos de arranjar.

Os dois porcos rosados já se contavam entre os meus dois melhores amigos.

Com a lenta e clara caligrafia do crime, escrevi no livro de registo: «Dr. Edgar H. Humbert e filha, Lawn Street, 342, Ramsdale». Foi-me meio mostrada uma chave (342!) - como se um prestidigitador mostrasse um objecto que se preparava para fazer desaparecer -, que passou para as mãos do Tio Tom. Lo levantou-se, abandonando o cão como um dia me abandonaria a mim. Um pingo de chuva caiu na sepultura de Charlotte. Uma negra jovem e bonita abriu a porta do elevador e a criança condenada entrou, seguida pelo pai, que continuava a pigarrear, e pelo caranguejo Tom, com as malas.

Paródia de um corredor de hotel. Paródia de silêncio e morte.

- Olhe, é o número da nossa casa! - exclamou a alegre Lo.   Havia uma cama de casal, um espelho, uma cama de casal no espelho, uma porta de armário com espelho, uma porta de casa de banho com o dito, uma janela azul-escura, uma cama reflectida na janela, idem no espelho do armário, duas cadeiras, uma mesa com tampo de vidro, duas mesas-de-cabeceira, uma cama de casal - uma grande cama, para ser exacto, com uma colcha de

gorgorão rosa e, à esquerda e à direita, dois candeeirinhos de quebra-luz cor-de-rosa, com folhos.

Senti-me tentado a depositar uma nota de cinco dólares naquela palma de mão cor de sépia, mas pensei que a generosidade poderia ser mal interpretada e, por isso, depositei apenas um quarto de dólar. Acrescentei outro. O homem saiu. Clic! Enfin seuls.

- Vamos dormir no mesmo quarto? - perguntou Lo, com as feições a agitarem-se daquele modo dinâmico que lhe era peculiar - não zangada nem contrariada (mas visivelmente muito perto disso) -, quando queria imprimir a uma pergunta um significado violento.

- Pedi que arranjassem um divã, onde dormirei se tu quiseres.

- Está maluco!

- Porquê, minha querida?

- Porque, meu querido, quando a querida mamã souber, divorcia-se de você e estrangula-me.

Uma agitação fisionómica apenas dinâmica, sem na realidade tomar o caso a sério.

- Ouve cá... - comecei, sentando-me, enquanto ela, de pé a alguns passos de mim, observava satisfeita, e com uma surpresa que não tinha nada de desagradável, a sua reflexão, inundando
com a rosada luminosidade que irradiava o surpreendido e satisfeito espelho do armário. - Ouve cá, Lo, vamos esclarecer as coisas de uma vez por todas. Para todos os efeitos
práticos, sou teu pai. Sinto uma grande ternura por ti e na ausência da tua mãe sou responsável pelo teu bem-estar.
Não somos ricos e enquanto viajarmos seremos obrigados... enfim, ficaremos muitas vezes juntos. Duas pessoas que compartilham um quarto contraem inevitavelmente uma espécie de... como dizer?... uma espécie de...

- A palavra é incesto - declarou Lo, e entrou no armário, saiu a rir juvenilmente, abriu a porta contígua e, depois de espreitar cuidadosamente para o interior, com os seus
estranhos olhos nublados, com receio de cometer um erro, entrou na casa de banho.

Abri a janela, despi a camisa encharcada em suor, vesti outra, verifiquei o frasco das cápsulas que tinha na algibeira do casaco, abri a...

Saiu da casa de banho. Tentei abraçá-la: casualmente, numa manifestação de ternura controlada, de antes do jantar.

- Acabemos com essa história dos beijos e vamos comer qualquer coisa - disse-me.

Foi então que lhe fiz a surpresa.

Oh, que criaturinha de sonho! Aproximou-se da mala aberta como quem persegue uma presa de longe, numa espécie de andar em câmara lenta, de olhos fixos na distante arca do tesouro, em cima do suporte da bagagem. (Haveria algo que não era normal naqueles grandes olhos cinzentos, perguntei-me, ou estaríamos ambos mergulhados na mesma neblina encantada?) Avançou, levantando muito os pés metidos nos sapatos de saltos um pouco altos e dobrando os bonitos joelhos de rapaz, enquanto caminhava através do espaço que parecia dilatar-se, com a lentidão de quem anda debaixo de água ou corre, num sonho. Depois levantou, pelas cavas, uma camisola cor de cobre, encantadora e muito cara, estendendo-a lentamente entre as mãos silenciosas, como se fosse um caçador atônito a admirar, de respiração contida, o incrível pássaro que segurava pelas pontas das asas flamejantes. Depois (enquanto eu esperava, de pé), num movimento igualmente lento, desenrolou a serpente brilhante de um cinto e experimentou-o.

Finalmente, aninhou-se nos meus braços, que a esperavam, radiante, descontraída, acariciando-me com os ternos, misteriosos, impuros e indiferentes olhos crepusculares – como a mais reles das reles sedutoras -, pois é isso que as ninfetas imitam, enquanto nós gememos e morremos.

- Que se passa com as jovenzinhas? - murmurei (perdido o domínio sobre as palavras), contra o seu cabelo.

- Se quer saber, procede de maneira errada.

- Mostra-me como é.

- Tudo a seu tempo - respondeu a sedutorazinha.

Seva ascendes, pulsata, brulans, kitzelans, dementissima. Elevator clatterans, pausa, clatterans, populus in corridoro.

Hanc nisi mors, mihi adimet nemo! Funcea puellula, jo pensavo fondissime, nobserva nihil quidquam; mas, claro, de um momento para o outro poderia cometer algum erro terrível. Felizmente, ela voltou para a arca do tesouro.

Na casa de banho, onde precisei de muito tempo para voltar ao estado normal e poder cumprir uma função prosaica, ouvia, de pé, contendo a respiração, os ohs!" e os ahs!" de juvenil deleite da minha Lolita.

Servira-se do sabonete apenas porque era uma amostra.

- Vamos então, minha querida, se estás com tanta fome como eu.

E lá fomos até ao elevador, a filha a balançar a sua velha bolsinha branca e o pai a caminhar à frente (nota bene: nunca atrás; ela não é uma senhora). Enquanto aguardávamos (agora lado a lado) que nos levassem para baixo, ela inclinou a cabeça para trás, bocejou sem comedimento e sacudiu os caracóis.

- A que horas as obrigavam a levantar-se no acampamento?

- Seis e... - abafou outro bocejo - ... meia. - Bocejou de novo, completamente, com o corpo todo percorrido por um estremecimento. - Seis e... - repetiu, com a garganta a
dilatar-se outra vez.

A sala de jantar recebeu-nos com um fartum de gordura frita e um sorriso amarelo. Era um aposento amplo e pretensioso, com murais piegas representando caçadores encantados em várias posições e estádios de encantamento, numa miscelânea de animais descorados, dríades e árvores. Algumas senhoras idosas, aqui e ali, dois sacerdotes e um homem de casaco desportivo acabavam de jantar em silêncio. A sala de jantar fechava às nove horas e as criadas que serviam à mesa, mulheres vestidas de verde e de rosto inexpressivo, sentiam uma pressa desesperada de se verem livres de nós.

- Ele não parece exactamente, mas exactamente, o Quilty? - perguntou Lo, baixinho, com o cotovelo bronzeado e magro mortinho por apontar, mas sem a tanto se atrever, para o comensal solitário, de berrante casaco axadrezado, do fundo da sala.

- O nosso gordo dentista de Ramsdale?   Lo conservou na boca o golo de água que acabava de beber e pousou o copo.

- Claro que não! - respondeu, dando uma gargalhadinha. - Refiro-me àquele tipo escritor do anúncio dos Droms.

- Oh, Fama! Oh, Femina!

Devorada a sobremesa - uma enorme fatia de torta de cereja para a jovem e um sorvete de baunilha para o seu protector (a maior parte do qual ela teve artes de acrescentar à sua torta) -, tirei da algibeira um frasquinho com as pílulas purpúreas do papá. Ao recordar aqueles murais enjoativos e aquele estranho e monótono momento, só posso atribuir o meu

comportamento de então àquele mecanismo de vácuo onírico em que funciona um espírito desarranjado. Na altura, porém, tudo me pareceu muito simples e inevitável. Olhei em meu redor, certifiquei-me de que o último comensal saíra, tirei a rolha do frasquinho e, com grande deliberação, inclinei o filtro para a palma da mão. Ensaiara cuidadosamente, ao espelho, o gesto de levar a mão vazia à boca aberta e engolir uma pílula (fictícia). Como esperara, ela deitou logo a mãozinha ao frasco de cápsulas roliças e de belas cores, cheias de sono de beleza.

- Azul! - exclamou. - Azul-violeta. De que são feitas?

- De céu de Verão, ameixas e figos e sangue de uvas de imperadores.

- Fale a sério, por favor.

- São umas simples pílulas. Vitamina X. Torna uma pessoa forte como um touro ou um mouro. Queres experimentar uma?

Lolita estendeu a mão, a acenar vivamente com a cabeça.

Esperara que a droga agisse depressa, e agiu, sem dúvida. Ela tivera um dia muito longo e fatigante, de manhã andara a remar com Bárbara, cuja irmã era directora dos desportos aquáticos, como a adorável e acessível ninfeta me começou a dizer, entre bocejos reprimidos, que aumentavam de volume - oh, como a mágica poção actuou depressa! -, e entregara-se ainda a outras actividades. O filme que estivera vagamente no seu espírito ir ver estava, claro, esquecido, quando saímos, como se pisássemos água, da sala de jantar. No elevador, encostou-se a mim, a sorrir levemente - não gostaria que Lhe contasse? - e a semicerrar as pálpebras pesadas. "Com sono, hem?", perguntou o Tio Tom, que conduzia o pacato cavalheiro franco-irlandês e a sua filha, assim como duas mulheres fanadas, peritas em rosas. Olharam com simpatia para a minha rosinha

querida, frágil, bronzeada, cambaleante e estonteada. Tive quase de a transportar para o nosso quarto, onde se sentou na borda da cama, com o corpo a oscilar um pouco e a falar em tom arrulhador, monocórdico e arrastado:

- Se eu lhe contar... se eu lhe contar, promete (sonolenta, tão sonolenta! Cabeça a pender, olhos a apagarem-se) que não se queixa?

- Deixa isso para depois, Lo. Agora deita-te. Vou-te deixar aqui e tu deitas-te. Dou-te dez minutos.

- Oh, fui uma garota muito indecente... - prosseguiu, sacudindo o cabelo e tirando, com os dedos entorpecidos, uma fita de veludo. - Deixe-me dizer-lhe...

- Amanhã, Lo. Mete-te na cama, mete-te na cama... pelo amor de Deus, mete-te na cama.

Meti a chave na algibeira e desci a escada.

28

Nobres damas do júri, tende paciência comigo! Permiti que roube apenas um bocadinho do vosso precioso tempo! Chegara, pois, le grand moment. Deixara a minha Lolita ainda sentada na borda da abissal cama, levantando sonolentamente o pé, tacteando para desabotoar o sapato e mostrando, ao fazê-lo, a parte interior da coxa até às calcinhas - fora sempre extraordinariamente distraída, ou despudorada, ou ambas as coisas, no que se referia a mostrar as pernas. Foi essa a visão hermética de Lo que fechei à chave - depois de me certificar de que a porta não tinha nenhum fecho de segurança interior. A chave, com a sua rodela de madeira numerada, tornou-se, a partir daquele momento, o abre-te, Sésamo! de um futuro formidável e arrebatador. Era minha, fazia parte do meu punho quente e peludo. Dentro de minutos - digamos vinte, digamos meia hora, sicher ist sicher, como o meu tio Gustavo costumava dizer - entraria naquele 342 e encontraria a minha ninfeta, minha bela e minha noiva, aprisionada no seu sono de cristal. Jurados! Se a minha felicidade pudesse falar, teria enchido aquele elegante hotel com um barulho ensurdecedor. A única coisa que lamento, hoje, é não ter depositado calmamente a chave 342 na portaria e saído da cidade, do país, do continente, do hemisfério - oh, do próprio globo! -, naquela mesma noite.

Permiti que me explique. Não me sentia exageradamente preocupado com as suas insinuações auto-acusatórias. Continuava firmemente resolvido a obedecer à minha política de poupar a sua pureza, agindo apenas pela calada da noite, servindo-me apenas

de um corpinho nu completamente anestesiado.
Contenção e reverência continuavam a ser o meu lema - mesmo que essa pureza (diga-se de passagem que por completo desmitificada pela ciência moderna) tivesse sido ligeiramente conspurcada por qualquer experiência erótica juvenil, sem dúvida homossexual, no maldito acampamento. Claro que, à minha maneira bota-de-elástico e europeia, eu, Jean-Jacques Humbert, aceitara como coisa certa, ao conhecê-la, que estava tão inviolada quanto a ideia estereotípica de criança normal tem permanecido desde o lamentado fim do Mundo Antigo a. C. e das suas fascinantes práticas.
Na nossa era esclarecida não estamos rodeados por florinhas escravas que possam ser despreocupadamente colhidas entre os negócios e o banho, como acontecia no tempo dos Romanos; e tão-pouco usamos, como dignos orientais usavam, em épocas ainda mais voluptuosas, pequenas artistas à frente e atrás, entre o carneiro e o refresco de rosas. Toda a questão se resume no fato de o antigo elo entre o mundo adulto e o mundo infantil ter sido completamente cortado nos nossos tempos, por novos costumes e novas leis. Apesar de ter adquirido uma besuntadela de psiquiatria e trabalho social, a verdade é que sabia muito pouco acerca de crianças. No fim de contas, Lolita tinha apenas doze anos e, fossem quais fossem as concessões que eu fizesse ao tempo e ao lugar-mesmo tendo em conta o rude comportamento dos colegiais americanos -, continuava convencido de que o que quer que acontecesse entre esses fedelhos imprudentes tinha lugar numa idade mais avançada e num ambiente diferente. Portanto (para reatar o fio desta explicação), o moralista existente em mim contornou a dificuldade agarrando-se a ideias convencionais do que uma garota de doze anos devia ser. O terapeuta infantil também existente em mim (um impostor, como a maioria deles, mas não importa)

regurgitava tretas neofreudianas e imaginava uma Dolly sonhadora e exagerada no período de latência feminil. Finalmente, o sensualista também existente em mim (um grande monstro insano) não levantava quaisquer objecções a uma certa depravação da sua presa. Mas algures, atrás do júbilo furioso, sombras desnorteadas trocavam, por assim dizer, impressões – e o que eu lamento é não lhes ter dado ouvidos! Seres humanos, esperai! Eu devia ter compreendido que Lolita já demonstrara ser algo muito diferente da inocente Annabel, e que o demônio nínfico que respirava através de todos os poros da infortunada criança, que eu preparara para meu secreto deleite, tornaria o segredo impossível e o deleite fatal. Eu devia saber (por sinais que me tinham sido feitos por algo que havia em Lolita - pela verdadeira Lolita criança ou por qualquer anjo desvairado atrás dela) que do esperado êxtase só poderia advir mágoa e horror. Oh, sublimes cavalheiros do júri.

E ela era minha, ela era minha, a chave estava na minha mão fechada e a minha mão fechada estava na minha algibeira, ela era minha! No decorrer das evocações e planos a que dedicara tantas insônias, eliminara gradualmente todas as manchas supérfluas e, acamando camada sobre camada de translúcida visão, formara uma imagem fatal. Nua, apenas com uma peúga e a sua pulseira da sorte, de pernas e braços abertos na cama onde o meu filtro a derrubara - assim a pré-visionara. O seu corpo castanho-mel, com o negativo branco de um rudimentar fato de banho gravado na pele bronzeada, oferecia-me os pálidos botõezinhos dos seus seios; à luz rósea do candeeiro, uma sedosa penugem púbica brilhava, no seu arredondado mons. A chave fria, com o seu quente acrescento de madeira, estava na minha algibeira.

Percorri diversas salas públicas, esplendor em baixo, soturnidade em cima: sim, porque o aspecto da luxúria é sempre soturno; a luxúria nunca tem a certeza absoluta - nem mesmo quando a aveludada vítima está fechada à chave na sua masmorra - de que algum demónio rival ou deus influente não possa, ainda, anular o triunfo preparado e esperado. Falando numa linguagem comum, eu precisava de uma bebida. Mas não havia nenhum bar naquele venerável estabelecimento, cheio de filisteus suados e objetos de estilo.

Dirigi-me ao lavabo dos homens, onde um indivíduo clericalmente vestido de negro - um tipo cordial, comme on dit -, verificando, com o auxílio de Viena, se ainda estava tudo no seu lugar, me perguntou que tal achara o discurso do Dr. Boyd. Pareceu intrigado quando eu (rei Sigmundo II) lhe respondi que Boyd era um tipo fixe. Em seguida, atirei, com pontaria certeira, para o receptáculo a tal destinado, o papel de seda a que limpara as pontas sensíveis dos dedos, e encaminhei-me para o átrio. Apoiando confortavelmente os cotovelos no balcão, perguntei a Mr. Potts se tinha a certeza de que a minha mulher não telefonara (estava morta, claro) e se o divã seria instalado no dia seguinte, se resolvêssemos ficar. De uma grande sala cheia de gente, chamada Salão dos Caçadores,, vinha o som de muitas vozes discutindo horticultura ou eternidade. Outra sala, esta chamada Sala Framboesa, toda banhada de luz e com mesas pequenas e uma grande carregada de petiscos, ainda se encontrava deserta, exceptuando a presença de uma anfitriã (pertencente ao tipo de mulher gasta, com um sorriso vítreo e a maneira de falar de Charlotte). Aproximou-se de mim, como se flutuasse, e perguntou-me se era Mr. Braddock, pois, se fosse, Miss Barba andava à minha procura.

- Que nome para uma mulher! - respondi, e afastei-me.

O meu sangue arco-íris entrava e saía, no e do meu coração. Estaria até às nove e meia. Ao voltar ao átrio, encontrei uma mudança: diversas pessoas de vestidos coloridos ou fatos
pretos tinham formado pequenos grupos, aqui e ali, e um acaso malicioso ofereceu-me a visão de uma garota deliciosa, da idade de Lolita e com um vestido do tipo do de Lolita, mas
branco puro, e uma fita branca no cabelo preto. Não era bonita, mas era uma ninfeta, e as suas pálidas pernas marfíneas, e o seu pescoço de lírio, formaram, durante um momento inesquecível, uma antifonia muito agradável (em termos de música espinal) ao meu desejo por Lolita, pela Lolita trigueira e rosada, afogueada e corrompida. A pálida criança reparou no meu olhar (que era francamente casual e afável) e, como era ridiculamente acanhada, perdeu por completo a tramontana, revirou os olhos, levou as costas da mão à cara, puxou a bainha da saia e, finalmente, virou-me os ombros magros e volúveis e iniciou uma especiosa conversa com a sua vaquiforme mãe.

Saí do barulhento átrio e parei cá fora, nos degraus brancos, a olhar para as centenas de insetos que esvoaçavam em redor das lâmpadas na noite empapada e negra, cheia de
murmúrios e estremecimentos. Tudo quanto faria... tudo quanto me atreveria a fazer... seria uma insignificância tão grande...

De súbito, tive consciência de que na escuridão, perto de mim, estava alguém sentado numa cadeira, no alpendre de colunas. Não o vi, mas denunciou-o o ruído de um desarrolhar
de garrafa, depois um gorgolejo discreto e a seguir a nota final do arrolhar plácido da garrafa. Preparava-me para voltar para dentro quando a sua voz me deteve:

- Onde diabo a arranjou?

- Perdão...
- Disse que o tempo estava a melhorar.
- Assim parece.
- Quem é a garota?
- Minha filha.
- Mente; não é.
- Perdão...
- Disse que o mês de Julho esteve quente. Onde está a mãe dela?
- Morreu.
- Compreendo. Lamento. A propósito, porque não almoçam os dois comigo, amanhã? Nessa altura aquela irritante multidão já cá não estará.
- Nós também não. Boas-noites.
- Desculpe, estou muito bêbedo. Boas-noites. A sua petiza precisa muito de dormir. O sono é uma rosa, como dizem os Persas. Fuma?
- Agora não.

Riscou um fósforo, mas, porque estava bêbedo, ou por causa do vento, a chama não o iluminou a ele, mas, sim, a outra pessoa, a um homem muito velho, desses que são hóspedes
permanentes de velhos hotéis, e à sua cadeira de balanço branca. Ninguém disse nada e a escuridão voltou ao seu lugar inicial. Depois ouvi o velhote tossir e libertar-se de um muco
sepulcral.

Saí do alpendre. Tinha decorrido, pelo menos, meia hora.
Devia ter pedido uma pinga... A tensão começava a produzir os seus efeitos. Se a corda de um violino pode sentir-se dorida de ansioso desejo eu era essa corda. Mas causaria suspeitas se denunciasse pressa. Ao passar por entre uma constelação de pessoas especadas a um canto do átrio, houve um clarão ofuscante e o sorridente Dr. Braddock, duas matronas ornamentadas com

orquídeas, a rapariguinha de branco e, presumivelmente, os dentes arreganhados de Humbert Humbert, deslizando entre a menina com ar de noiva e o encantado clérigo, foram imortalizados - tanto quanto a contextura e a impressão dos jornais de cidades pequenas podem ser consideradas imortais. Um grupo tagarela reunira-se perto do elevador. Dei novamente a preferência à escada; o 342 ficava perto da escada de incêndio. Ainda podia... mas a chave já estava na fechadura e, depois, eu já estava no quarto.

29

A porta da casa de banho iluminada estava entreaberta e, além disso, as persianas coavam uma ténue luminosidade, dos arcos voltaicos exteriores. Esses raios entrecruzados penetravam na escuridão do quarto e revelavam a seguinte situação.

Vestindo uma das suas velhas camisas de dormir, a minha Lolita estava deitada de lado, de costas para mim, no meio da cama. O seu corpo tenuemente velado e os seus membros nus
formavam um u. Pusera ambas as almofadas debaixo da escura cabeça desalinhada e uma faixa de luz pálida atravessava-lhe a vértebra superior.

Eu parecia ter-me despido e enfiado o pijama com aquela fantástica rapidez implícita numa cena cinematográfica, em que o processo de mudar de roupa é cortado. Já colocara o meu joelho na borda da cama quando Lolita virou a cabeça e me fitou através das sombras listradas.

Aquilo era algo que o intruso não esperava. Toda a história da pílula (um acto muito sórdido, entre nous soit dit) tivera por objectivo um sono tão pesado que nem um regimento inteiro o conseguisse perturbar, e agora ali estava ela a fitar-me e a chamar-me Bárbara, com voz pastosa. Bárbara, dentro do meu pijama que lhe estava muito apertado, manteve-se imóvel, debruçada para a criaturinha que falava enquanto dormia. Docemente, com um suspiro desalentado, Dolly virou-se, reassumindo a posição inicial. Durante dois minutos, pelo menos, esperei, tenso, na borda da cama, como aquele alfaiate, há quarenta anos, prestes a lançar-se da

Torre Eiffel com o seu pára-quedas de fabrico caseiro. A ténue respiração de Lolita tinha o ritmo do sono.

Por fim, deitei-me na minha estreita margem de cama, puxei cautelosamente as pontas dos lençóis amontoados a sul dos meus pés gelados... e Lolita levantou a cabeça e fitou-me.

Como um farmacêutico prestável me informou mais tarde, a pílula cor de púrpura nem sequer pertencia à grande e nobre família dos barbituratos, e, embora pudesse provocar sono a um neurótico convencido de que se tratava de uma droga forte, era um sedativo tão fraco que não afectava durante muito tempo uma ninfeta desconfiada, por muito fatigada que se sentisse. Quer o médico de Ramsdale tenha sido um charlatão, quer um velho patife astuto, não interessa, realmente - nem interessou, então. O que interessava era que eu tinha sido enganado. Quando Lolita abriu de novo os olhos, compreendi que, produzisse a droga efeito, mais tarde, ou não, a segurança com a qual eu contara era espúria. Lentamente, Lolita virou a cabeça e deixou-a cair na sua quantidade injustamente grande de almofada. Deixei-me ficar muito quieto na minha tirinha de cama, a olhar para o seu cabelo despenteado, para a mancha clara de carne ninfítica, onde se distinguiam vagamente meio quadril e meio ombro, e tentei avaliar a profundidade do seu sono-pelo ritmo da sua respiração. Passou algum tempo, nada mudou e eu achei que me podia arriscar a aproximar-me um bocadinho mais daquela carne encantadora e enlouquecedora. Mal me cheguei, porém, para as suas quentes cercanias, a respiração dela interrompeu-se e eu tive o odioso pressentimento de que a pequena Dolores estava bem acordada e desataria aos gritos se lhe tocasse com alguma parte da minha baixeza. Peço-lhe, leitor, seja qual for o seu exaspero com o compassivo,

morbidamente sensitivo e infinitamente circunspecto herói do meu livro, não salte estas páginas essenciais!

Imagine-me, pois não existirei se não me imaginar; tente distinguir a gazela existente em mim, a tremer na floresta da minha própria iniquidade; sorria até, um pouco. No fim de
contas, não há mal nenhum em sorrir. Por exemplo (quase escrevi prixemplo), não tinha onde descansar a cabeça e um ataque de azia (chamam àqueles fritos Franceses,, grand Dieu!) aumentava o meu desconforto.

A minha ninfeta mergulhara de novo no sono, mas eu continuava a não ousar empreender a minha encantada viagem. La Petite Dormeuse ou L'Ámant Ridicule. No dia seguinte, enfrascá-la-ia nas primeiras pílulas, que tão completamente tinham entorpecido a sua mamã. Estavam no compartimento das luvas - ou estariam no saco de couro, de viagem? E se esperasse mais uma hora e depois tentasse chegar-me de novo? A ciência da ninfolepsia é uma ciência exata. Um contacto real, concreto, faria a coisa num segundo; o de um milímetro fá-la-ia em dez segundos.
Espera, Não há nada mais barulhento do que um hotel americano; e, notem, aquele tinha fama de ser um estabelecimento sossegado, aconchegado, antiquado e de ambiente doméstico - atmosfera agradável, e as patacoadas do costume. O ruído da porta do elevador que ficava uns vinte metros a nordeste da minha cabeça, mas que se ouvia tão nitidamente como se estivesse dentro da minha têmpora esquerda - alternava com a barulheira das várias evoluções do dito e prolongou-se até muito depois da meia-noite. De vez em quando, imediatamente a leste da minha cabeça (partindo sempre do princípio de que me encontrava de costas, não me atrevendo a virar o meu lado mais vil na direção do vago quadril da minha companheira de leito), o corredor enchia-se de alegres, vibrantes e inadequadas

exclamações, que terminavam numa saraivada de boas-noites. Quando isso acabou, foi substituído pelo barulho de uma retrete imediatamente a norte do meu cerebelo. Era uma retrete viril, enérgica, de voz profunda, e foi utilizada muitas vezes. Os seus gorgolejos e jactos, e demorado escoamento posterior, abanavam a parede atrás de mim. Depois, numa direção meridional, alguém vomitou extravagantemente, quase lançando fora a vida juntamente com o álcool, e a sua retrete funcionou como um verdadeiro Niágara, a seguir à nossa casa de banho. E quando, finalmente, todas as quedas de água pararam e os encantados caçadores mergulharam num sono profundo, a avenida que ficava debaixo da janela da minha insônia, a oeste da minha vigília - uma alameda sossegada, eminentemente residencial e ladeada de enormes árvores -, degenerou no antro desprezível de gigantescos camiões, roncando através da noite húmida e ventosa.

E a menos de quinze centímetros de mim e da minha vida ardente encontrava-se a nebulosa Lolita! Após uma longa e imóvel vigília, os meus tentáculos aproximaram-se de novo dela e, desta vez, o gemido do colchão não a acordou. Consegui chegar o meu faminto arcaboiço para tão perto dela que senti a emanação do seu ombro nu bater-me como um hálito quente na cara. E, de súbito, ela sentou-se, arquejou, murmurou qualquer coisa acerca de barcos com insana rapidez, puxou os lençóis e voltou a mergulhar na sua jovem e negra inconsciência. Ao mexer-se naquela abundante torrente de sono, pouco antes fulvo e naquele momento lunar, o seu braço bateu-me na cara. Segurei-a, durante um segundo, mas ela libertou-se da sombra do meu abraço - não consciente nem violentamente, não com qualquer indício de desagrado pessoal, mas, sim, com o murmúrio neutro e queixoso de uma criança a exigir o seu repouso natural.

E a situação continuou a mesma: Lolita com as costas arqueadas para Humbert, Humbert a descansar a cabeça na mão e consumido pelo fogo do desejo e da dispepsia. A última exigiu uma ida à casa de banho para um golo de água, que é o melhor remédio que conheço no meu caso - exceto, talvez, leite com rabanetes. Quando reentrei na estranha fortaleza atravessada de pálidas listas luminosas, onde as roupas velhas e novas de Lolita estavam reclinadas, em várias atitudes de encantamento, nalguns móveis que pareciam vagamente flutuantes, a minha impossível filha sentou-se e, em voz clara, disse que também queria água. Pegou, com a mão engolida pelas sombras, no flexível e frio copo de papel e despejou delicadamente o seu conteúdo, com as longas pestanas descidas, e depois, com um gesto infantil em que havia mais encanto do que qualquer carícia carnal, enxugou os lábios ao meu ombro. Deixou-se cair na almofada (eu subtraíra a minha enquanto ela bebia) e readormeceu imediatamente.

Não me atrevera a oferecer-Lhe uma segunda dose da droga e não abandonara a esperança de que a primeira pudesse ainda consolidar-lhe o sono. Comecei a chegar-me para ela, preparado para uma decepção e sabendo que seria melhor esperar, mas incapaz disso. A minha almofada cheirava aos seus cabelos.Fui-me chegando para o vulto vagamente luminoso da minha querida, parando ou recuando sempre que me parecia que se mexia ou estava prestes a mexer-se. Uma brisa do país das maravilhas começara a afetar os meus pensamentos, que pareciam alinhados em itálico, como se a superfície que os refletia estivesse encrespada pelo fantasma da tal brisa. Uma e outra vez, a minha vigília enfraqueceu, o meu corpo agitado penetrou na esfera do sono para logo sair, e cheguei até a dar comigo a deixar-me embalar por um ressonar melancólico. Neblinas de ternura envolviam montanhas de desejo. De vez em

quando, parecia-me que a presa encantada estava prestes a encontrar-se com o caçador encantado a meio do caminho, que o seu quadril se ia chegando para mim sob a areia macia de uma praia remota e fabulosa. Mas depois o seu vulto mexia-se e eu ficava com a certeza de que ela estava mais longe de mim do que nunca.

Se me detenho, com certa demora, nos tremores e tacteamentos daquela noite distante, é porque insisto em provar que não sou, nem nunca fui, nem nunca poderia ser, um patife brutal. As ternas e sonhadoras regiões através das quais me arrastava eram património de poetas, e não o terreno de caça do crime. Se tivesse alcançado o objetivo, o meu êxtase teria sido todo suavidade, um caso de combustão interna de que ela mal teria sentido o calor, mesmo que estivesse completamente acordada. Mas continuava a esperar que Lolita mergulhasse gradualmente num entorpecimento completo, que me permitisse saborear mais
do que um vislumbre do seu corpo. Por isso, entre tentativas de aproximação, com uma perceptividade confusa a metamorfoseá-la em chapadas de luar ou num arbusto florido e fofo, sonhava que recobrava consciência, sonhava que estava à espera.

Nas primeiras horas antes de amanhecer, houve uma acalmia na agitada noite do hotel. Em seguida, cerca das quatro horas, o autoclismo da casa de banho do corredor funcionou e a porta bateu. Pouco depois das cinco, começou a chegar-me aos ouvidos uma espécie de monólogo intermitente, um eco vindo de qualquer pátio ou parque de estacionamento. Na realidade, não se tratava de um monólogo, pois quem falava parava de vez em quando para escutar (presumivelmente) outra pessoa, mas a voz desta não chegava aos meus ouvidos e, por isso, não podia encontrar qualquer significado na parte que ouvia. No entanto, as suas intonações despreocupadas pareceram ajudar a alvorada a chegar,

e o quarto já estava banhado numa suave luz cinza-lilás quando vários autoclismos começaram açodadamente a funcionar, um após outro, e o barulhento elevador começou a transportar madrugadores. Durante alguns minutos, dormitei angustiadamente, e Charlotte foi uma sereia num tanque esverdeado, e algures, no corredor, o Dr. Boyd disse, numa voz rica, "Olá, bons-dias!", e os pássaros cantaram nas árvores, e Lolita bocejou.

Frígidas e nobres damas do júri! Eu pensara que decorreriam meses, ou talvez anos, antes de usar revelar-me a Dolores Haze; mas às seis horas estava inteiramente acordada e às seis e um quarto éramos tecnicamente amantes. Vou-lhes dizer uma coisa estranha: foi ela que me seduziu.

Ao ouvir o seu primeiro bocejo matinal, fingi um belo sono de perfil. Francamente, não sabia que fazer. Ficaria escandalizada por me encontrar deitado a seu lado, em vez de
noutra cama? Pegaria na roupa e fechar-se-ia na casa de banho? Exigiria que a levasse imediatamente para Ramsdale - para a cabeceira da mãe ou para o acampamento? Mas a minha Lo era uma rapariguinha que aceitava as coisas desportivamente. Senti os seus olhos sobre mim e quando, finalmente, soltou a sua querida casquinada, compreendi que eles também se tinham estado a rir. Virou-se para o meu lado e o seu cálido cabelo castanho pousou-me na clavícula.

Fingi, mediocremente, que acordava. Ficámos deitados ao lado um do outro, quietos, acariciei-lhe docemente o cabelo e beijámo-nos também docemente. Para meu delirante embaraço, o beijo dela denunciava certos refinamentos assaz cómicos de palpitação e sondagem, que me fizeram chegar à conclusão de que devia ter sido ensinada, muito nova, por alguma pequena lésbia.

Nenhum Charlie qualquer lhe podia ter ensinado aquilo. Como se quisesse verificar se eu estava saciado e aprendera a lição, afastou-se de mim um pouco e observou-me. Tinha as faces ruborizadas e o cheio lábio inferior a brilhar, húmido -e a minha dissolução estava eminente. De súbito, numa explosão de grosseira alegria (o sinal da ninfeta), encostou a boca ao meu ouvido. Mas , durante um bom bocado, o meu espírito não conseguiu desintegrar em palavras a ardente trovoada do seu segredo, e ela riu-se, e afastou o cabelo da cara, e tentou de novo, e gradualmente, ao compreender o que ela sugeria, tive a estranha sensação de viver num mundo novinho em folha, num louco mundo novo de sonho, onde tudo era permitido.
Respondi-lhe não saber que jogo ela e Charlie tinham jogado.
"Quer dizer que nunca...?", As suas feições desfiguraram-se numa expressão fixa de repugnada incredulidade. "Nunca fez..." recomeçou. Demorei algum tempo a acariciá-la. "Acabe com isso ouviu?", ordenou-me num guincho fanhoso, e apressou-se a afastar o ombro bronzeado dos meus lábios. (Era deveras curioso o modo como ela considerava - e continuou a considerar durante muito tempo - todas as carícias, excepto beijos na boca ou o acto puro e simples do amor, patetices românticas ou coisas anormais.)
- Quer dizer - insistiu, ajoelhada e debruçada para mim - que nunca fez aquilo quando era miúdo?
- Nunca - respondi, falando absolutamente verdade.
- Muito bem, é altura de começar.

Contudo, não enfadarei os meus eruditos leitores com um relato pormenorizado da presunção de Lolita. Bastará dizer que não detectei o mínimo vestígio de pudor naquela bonita jovem, ainda mal formada, a quem a co-educação moderna, os costumes

juvenis, o diabo do acampamento, e etc., tinham depravado absoluta e irremediavelmente. Considerava o acto completo do amor apenas como uma parte do mundo furtivo dos jovens,
desconhecido dos adultos. O que os adultos faziam com fins procriativos não era com ela. A minha virilidade foi manejada pela pequena Lo, de um modo enérgico e prosaico, como se fosse um mecanismo insensato em nada relacionado comigo. Embora ansiosa por me impressionar com o mundo dos garotos tesos, não estava de modo algum preparada para certas discrepâncias entre a virilidade de um fedelho e a minha. Só o orgulho a impediu
de desistir - pois, na estranha situação em que me encontrei, fingi uma estupidez suprema e deixei-a proceder à sua maneira - pelo menos enquanto pude resistir. Mas, na realidade, estas questões são irrelevantes; não estou interessado no chamado sexo, nada interessado. Qualquer pessoa pode imaginar esses elementos de animalidade. Um grande empenho me seduz e obriga a prosseguir; estabelecer de uma vez para sempre a perigosa magia das ninfetas.

30

Tenho de caminhar com cuidado, de falar baixinho. Ó tu, repórter policial veterano e tu, velho e grave oficial de diligências; e tu, outrora polícia popular, agora incomunicável depois de adornares durante anos a passagem de peões daquela escola; e tu, desgraçado emérito, a receber lições de um rapaz! Nunca seria possível, pois não, apaixonarem-se loucamente pela minha Lolita? Se eu fosse pintor, se a gerência de «Os Caçadores Encantados» perdesse a cabeça, num dia de Verão, e me encarregasse de redecorar a sua sala de jantar com murais da minha própria autoria, se isso acontecesse, eis alguns fragmentos das ideias que eu poderia ter: Haveria um lago. Haveria uma pérgula com flores de fogo. Haveria estudos da natureza - um tigre perseguindo uma ave-do-paraíso, uma serpente sufocada, engolindo inteiro o corpo esfolado de um arminho. Haveria um sultão, com uma expressão de grande agonia (desmentida, por assim dizer, pelas suas carícias modeladoras), ajudando uma escravazinha calipígia a trepar por uma coluna de ónix. Haveria esses glóbulos luminosos de gonádico fulgor que sobem pelos lados opalescentes das máquinas de discos automáticas. Haveria todas as espécies de actividades campistas da parte do grupo etário intermédio: canoagem, canto em coro, pentear de caracóis, ao sol da margem do lago. Haveria choupos, maçãs e um domingo suburbano. Haveria uma opala de fogo a dissolver-se numa lagoa de águas levemente onduladas, uma derradeira palpitação, uma derradeira pincelada de cor, vermelho-ardente, rosa-vivo, um suspiro, uma criança assustada.

31

Tento descrever estas coisas não para as reviver no meu presente sofrimento ilimitado, mas, sim, para separar a parte de Inferno e a parte de Céu desse estranho, terrível e
enlouquecedor mundo que é o amor de uma ninfeta. O animalesco e o belo fundem-se, a certo ponto, e é essa a fronteira que eu gostaria de delimitar. Creio, no entanto, que até agora fui absolutamente incapaz de o conseguir. Porquê?

A estipulação de Direito Romano segundo a qual uma rapariga pode casar aos doze anos foi adoptada pela Igreja e ainda se mantém, tacitamente, em parte dos Estados Unidos. Casar aos quinze anos é legal em toda a parte. Não há nada de mal, afirmam ambos os hemisférios, quando um bruto de quarenta anos, abençoado pelo padre local e atestado de álcool, despe a fatiota fina encharcada em suor e se enfia até aos copos na juvenil noiva. Em estimulantes climas temperados (diz uma velha revista da biblioteca desta prisão) como os de St. Louis, Chicago e Cincinnati, "as raparigas atingem a maturidade cerca do fim do seu duodécimo ano." Dolores Haze nasceu a menos de quinhentos quilómetros da estimulante Cincinnati. Limitei-me a obedecer à natureza. Sou um sabujo fiel de natureza. Porquê, então, este horror de que não consigo libertar-me? Acaso a desflorei? Sensíveis e nobres damas do júri, nem sequer fui o seu primeiro amante!

Ela contou-me como fora pervertida. Comíamos bananas farinhentas e sem gosto, pêssegos tocados e batatas fritas muito gostosas, e die Kleine contou-me tudo. A sua narração

gárrula mas desarticulada foi acompanhada por muitas moues facetas. Como julgo já ter observado, recordo-me especialmente de uma careta a sublinhar uma manifestação de exaspero: boca frouxa descaída e olhos revirados num misto rotineiro de cômica aversão, resignação e tolerância pelas fraquezas da juventude.

A sua surpreendente história começou com uma menção introdutória da sua companheira de tenda do Verão anterior, noutro acampamento - muito selecto,, segundo disse. Essa companheira de tenda (uma tipa desleixada, meio doida mas uma garota formidável,) iniciou-a em várias manipulações. Ao princípio, a leal Lo recusou dizer-me o seu nome.

- Era Grace Angel? - perguntei.

Abanou a cabeça. Não, não era; era filha de um tubarão importante. Ele...

- Nesse caso, talvez fosse Rose Carmine?

- Evidentemente que não. O pai dela...

- Seria, por acaso, Agnes Sheridan?

Engoliu em seco, abanou a cabeça e passou ao ataque:

- Ouve lá, como conheces essas miúdas todas?

Expliquei-lhe:

- Bem, parte do grupo da escola é muito bera, mas não tanto. Se queres saber, ela chamava-se Elizabeth Talbot, vai entrar agora num internato chique e o pai é director de uma
companhia.

Lembrei-me, com uma espécie de punhalada esquisita, da frequência com que a pobre Charlotte costumava introduzir, numa conversa de amigos, apartes presunçosos, como: "Quando a minha filha esteve acampada, o ano passado, com a pequena dos Talbots..."

Desejei saber se alguma das mães tivera conhecimento daquelas diversões sáficas.

- Está claro que não! - exclamou a lânguida Lo, fingindo temor e alívio e levantando a mão falsamente trémula ao

peito.

Eu estava, porém, mais interessado em experiências heterossexuais. Ela tinha entrado para a sexta classe aos onze anos, pouco depois de se ter mudado do Médio Oeste para Ramsdale. Que queria dizer com o muito bera?

Bem, os gémeos Miranda compartilhavam a mesma cama havia anos, e Donald Scott, o rapaz mais burro da escola, fizera a coisa com Hazel Smith na garagem do tio dele, e Kenneth Knight - que era o mais inteligente - costumava exibir-se onde quer que tivesse oportunidade, e...

- Mudemos para o Acampamento Q - pedi, e não tardei a conhecer a história toda.

Bárbara Burke, uma loura robusta dois anos mais velha do que Lo e, de longe, a melhor nadadora do acampamento, tinha uma canoa muito especial que compartilhava com Lo, "porque eu era a única outra rapariga capaz de chegar à ilha Willow", (alguma prova de natação, suponho). Todas as manhãs - repare, leitor, todas as benditas manhãs! - do mês de Julho, Bárbara e Lo tinham sido ajudadas a levar o barco para Onyx ou Eryx (dois
pequenos lagos de floresta) por Charlie Holmes, filho de treze anos da chefe do acampamento - e único varão humano num raio de uns três quilómetros (exceptuando um velho servente, humilde e surdo como uma porta, e um lavrador que aparecia de vez em quando num velho Ford, para vender ovos às campistas). Todas as manhãs, leitor meu, os três garotos metiam por um atalho através da bela e inocente floresta, transbordante de todos os símbolos da juventude - orvalho, aves canoras, etc. -, e em certo ponto Lo ficava de sentinela, entre o matagal luxuriante, enquanto Bárbara e o rapaz copulavam atrás de uma moita.

Ao princípio, Lo recusara-se a experimentar como era, mas a curiosidade e a camaradagem tinham levado a melhor e, a breve trecho, ela e Bárbara entregavam-se por turnos ao calado, rude e soturno, mas infatigável, Charlie, que possuía tanta atracção sexual como uma cenoura crua, mas que, em contrapartida, exibia uma fascinante colecção de contraceptivos que costumava pescar de um terceiro lago próximo, consideravelmente maior e mais populoso, chamado lago Climax - nome da floresta e jovem cidade fabril das proximidades. Embora admitindo que era a modos que divertido ebom para a pele, apraz dizer que a Lolita sentia o maior desdém pela inteligência e pelas maneiras de Charlie. Tão-pouco o seu temperamento fora despertado pelo imundo demónio. Creio mesmo, que ele o entorpecera, a despeito de ser
divertido.

Entretanto, eram quase dez horas. Acalmada a lascívia, uma cinérea sensação de horror, acentuada pela monotonia realista de um dia cinzento e nevrálgico, invadiu-me e zumbiu no interior das minhas têmporas. Lo, bronzeada, nua e frágil, com as nádegas brancas e escorridas voltadas para mim e o rosto amuado reflectido no espelho de uma porta, estava de pé, de braços pendentes (enfiados em chinelos novos, com pompom de pele) muito afastados, a observar-se banalmente ao espelho através de uma madeixa de cabelo caída para a frente. Do corredor chegaram-me aos ouvidos as vozes arrulhadoras das criadas negras, a trabalhar, e pouco depois uma pequena tentativa para abrir a porta do nosso quarto. Mandei Lo para a casa de banho tomar um muito precisado duche, com sabonete. A cama estava numa desordem desgraçada, com algumas batatas fritas à mistura. Lo experimentou um fato de lã azul-marinho de duas peças e depois uma blusa sem mangas e uma saia de godés, mas o primeiro

estava muito apertado e a saia e a blusa muito largas. Supliquei-lhe que se despachasse (a situação começava a assustar-me) e ela atirou maldosamente os meus bonitos presentes para um canto e enfiou o vestido da véspera. Quando ficou, finalmente, pronta, dei-lhe uma encantadora malinha nova, a imitar pele (na qual metera algumas moedas de cêntimo e duas de dez reluzentes cêntimos de prata) e disse-lhe que comprasse a revista, no átrio.

- Eu desço num instantinho - acrescentei. - E no teu lugar, minha querida, não falava com desconhecidos.

Exceptuando os meus pobres presentinhos, pouco havia que meter nas malas; mas fui obrigado a dedicar uma perigosa quantidade de tempo (que estaria ela a tramar lá em baixo?) a arranjar a cama, de modo que desse a impressão de ser o ninho abandonado de um pai impaciente e da sua filha maria-rapaz, e não o cenário da saturnal de um ex-recluso e duas velhas prostitutas gordas. Depois acabei de me vestir e pedi que mandassem o encanecido mandarete buscar as malas.

Corria tudo bem. No átrio, afundada numa poltrona vermelho-sangue excessivamente estofada, Lo estava absorta na leitura de uma revista cinematográfica. Um tipo da minha idade e fato de tweed (o ambiente do hotel mudara, da noite para o dia, para uma atmosfera espúria de nobreza rural) observava a minha Lolita por cima do charuto apagado e de um velho jornal. Ela usava os soquetes brancos da praxe, os sapatos de presilha e o vestido estampado, de cores vivas, com decote quadrado. A luz de um velho candeeiro realçava-Lhe a penugem dourada dos membros tépidos e bronzeados. Ali estava, de pernas cruzadas
descuidadamente e os olhos claros a deslizar pelas linhas, com um ou outro pestanejo. A mulher de Bill adorara-o de longe, muito antes de se conhecerem: na

verdade, ela costumava admirar secretamente o famoso e jovem ator, enquanto ele comia taças de sorvete na Schwobs. Não poderia haver nada de mais infantil do que o seu nariz arrebitado e a sua cara sardenta, ou a mancha arroxeada do pescoço nu, onde um vampiro de conto de fadas se saciara, ou ainda o movimento inconsciente da sua língua a explorar uma fogagenzinha rosada à volta dos lábios túrgidos; não poderia haver nada de mais inofensivo do que ler a história de Jill, uma starlet cheia de energia, que fazia a sua própria roupa e estudava literatura séria; não poderia haver nada de mais inocente do que o risco daquele lustroso cabelo castanho, com um brilho de seda nas têmporas; não poderia haver nada de mais ingênuo... Mas que enlouquecedora inveja o lúbrico indivíduo, quem quer que fosse - por pensar nisso, parecia-se um pouco com o meu tio suíço Gustavo, também grande admirador de le découvert -, experimentaria se soubesse que os meus nervos todos ainda vibravam ao recordar o contacto do corpo dela - o corpo de algum demônio imortal disfarçado de rapariguinha.

O rosado suíno Mr. Swoon tinha a certeza absoluta de que a minha mulher não telefonara? Tinha. Se ela telefonasse, faria o favor de lhe dizer que fôramos para casa da tia Clara? Faria, sim senhor. Paguei a conta e fui arrancar Lo à poltrona. Foi a ler até ao carro. Sempre a ler, foi conduzida a um dos chamados cafés, alguns quarteirões ao sul. Oh, comeu muito bem! Até pôs a revista de parte para comer, mas uma estranha apatia substituíra a sua vivacidade habitual. Sabedor de que a pequena Lo podia ser muito desagradável, quando queria, preparei-me para isso, sorri e aguardei uma tempestade. Não tomara banho, não me barbeara e não tivera nenhuma atividade intestinal. Os meus nervos estavam em franja. Não me agradou o modo como a minha amantezinha encolheu os ombros e dilatou as

narinas, quando tentei estabelecer uma conversa casual. A Phyllis soubera do que se passava, antes de ir juntar-se aos pais no Maine? - perguntei, sorrindo. "Olha, deixemos esse assunto em paz", respondeu-me Lo, com uma careta de choro.

Tentei, a seguir - igualmente sem êxito, apesar do muito que estalei os lábios, a fingir entusiasmo -, interessá-la no mapa rodoviário. O nosso destino era, permiti que o lembre ao meu paciente leitor, cujo temperamento dócil Lo devia ter copiado, o nosso destino era, dizia eu, a alegre cidadezinha de Lepingville, algures próximo de um hipotético hospital. Tal
destino era, em si mesmo, perfeitamente arbitrário (como, ai de mim!, tantos outros viriam a ser), e todo eu tremia só de pensar como havia de manter todo aquele estratagema plausível
e que outros objectivos plausíveis teria de inventar depois de termos visto todos os filmes de Lepingville. Humbert sentia-se cada vez mais preocupado. Este sentimento era algo muito
especial, era um constrangimento horrível e opressivo, como se estivesse ali sentado com o pequeno fantasma de alguém que acabara de matar.

Quando Lo se dirigia para o automóvel, perpassou-lhe pelo rosto uma expressão de dor, que se repetiu, mais significativamente, ao sentar-se ao meu lado. Não me restaram dúvidas de que a segunda edição foi exclusivamente para meu benefício. Perguntei-lhe, como um idiota, o que tinha. "Nada, grande bruto", respondeu-me. "Grande quê?" Ficou calada.
Deixámos Briceland. A loquaz Lo continuava silenciosa. Frias aranhas de pânico rastejavam-me pela espinha abaixo. Era uma órfã. Uma criança só, desamparada, com a qual um adulto robusto e malcheiroso tivera ardorosas relações sexuais três vezes seguidas, naquela

mesma manhã. Tivesse ou não a concretização do sonho de uma vida inteira excedido todas as expectativas, o certo era que, em determinado sentido, ultrapassara o alvo... e mergulhara num pesadelo. Eu tinha sido descuidado, estúpido e ignóbil. E deixem-me ser inteiramente franco: algures, no fundo daquele negro tumulto, sentia de novo a fúria do desejo, tão monstruoso era o meu apetite por aquela infortunada ninfeta. De mistura com as ferroadas do remorso, atormentava-me o angustiante pensamento de que a disposição em que ela estava talvez me impedisse de a possuir novamente assim que encontrasse uma simpática estrada secundária onde pudesse estacionar em paz. Por outras palavras, o pobre Humbert Humbert sentia-se tremendamente infeliz e, embora continuasse a conduzir firme e futilmente na direcção de Lepingville, espremia os miolos, à procura de qualquer gracejo que lhe desse um pretexto para se voltar para a sua companheira de banco. Foi ela, porém, quem quebrou o silêncio:

- Oh, um esquilo esmagado! Que pena!

- É, não é? - redarguiu o ansioso e esperançado Hum.

- Paremos na próxima bomba de gasolina - pediu Lo. – Quero ir ao lavabo.

- Paramos onde quiseres.

Depois, quando um encantador, deserto e sobranceiro bosque (carvalhos, pensei; naquele tempo ainda não conhecia o nome das árvores americanas) começou a repetir, num eco verde, a deslocação de ar do nosso carro, uma estrada vermelha e ladeada de fetos, virou a cabeça, à nossa direita, antes de mergulhar, em declive, na floresta, eu sugeri que talvez pudéssemos...

- Segue para a frente! -- gritou Lo, esganiçadamente.

Olhei-a de soslaio. Graças a Deus a garota sorria!

- Seu tarado! - ralhou-me, a sorrir docemente. – Sua revoltante criatura! Eu era uma rapariguinha fresca como uma margarida, e vê o que me fizeste! Devia chamar a polícia e
dizer que me violentaste. Oh, que velho imundo!

Estaria apenas a brincar? Nas suas palavras idiotas vibrava uma ominosa nota de histerismo. Pouco depois, emitindo uma espécie de som sibilante, começou a queixar-se de dores, disse que não se podia sentar, que eu rasgara qualquer coisa dentro dela. O suor escorria-me pelo pescoço abaixo e por um triz não atropelámos um pequeno animalejo qualquer, que atravessou a estrada de cauda erecta, o que deu ensejo à minha mal humorada companheira para me chamar outro nome feio. Quando parámos na bomba de gasolina, ela desceu do carro sem dizer palavra e demorou-se muito tempo. Lentamente, amorosamente, um homem idoso, de nariz achatado, limpou-me o pára-brisa. Em cada lado têm uma maneira especial de fazer esse trabalho, usando de um bocado de camurça a uma escova ensaboada. Aquele tipo utilizava uma esponja rosada.

Lo apareceu, por fim.

- Dá-me umas moedas - pediu, naquele tom de voz neutro, que tanto me magoava. - Quero telefonar à minha mãe, para o tal hospital. Qual é o número?

- Entra. Não podes telefonar para lá.

- Porquê?

- Entra e fecha a porta.

Entrou e bateu com a porta. O velho garagista sorriu-lhe. Virei para a auto-estrada.

- Porque não posso telefonar à minha mãe, se me apetece?

- Porque a tua mãe morreu.

33

Na alegre cidadezinha de Lepingville comprei-lhe quatro livros de histórias aos quadradinhos, uma caixa de bombons, uma caixa de pensos higiénicos, duas Coca-Colas, um estojo de unhas, um relógio de viagem com mostrador luminoso, um anel com um topázio verdadeiro, uma raqueta de tênis, uns patins com botinas brancas, um binóculo, um rádio portátil, pastilhas elásticas, um impermeável transparente e mais algumas peças de roupa - camisolas, calções e toda a espécie de vestidos de Verão. No hotel ficamos em quartos separados, mas no meio da noite Lo apareceu no meu quarto a soluçar e fizemos as pazes muito suavemente. Compreendem, ela não tinha absolutamente lugar nenhum para onde ir.

Segunda parte

1

Foi então que começaram as nossas extensas viagens por todos os Estados Unidos. Não tardei a preferir, a qualquer outro tipo de acomodação turística, o motel funcional-retiros
limpos, confortáveis e seguros, lugares ideais para dormir, discutir, fazer as pazes e amor lícito insaciável. Ao princípio, no meu temor de despertar suspeitas, apressava-me a pagar ambos os lados de uma cabina dupla, cada uma com a sua cama de casal. Perguntava a mim próprio a que tipo de quartetos aquilo se destinaria, pois o tabique incompleto que
dividia a cabina ou quarto em dois ninhos de amor intercomunicantes mais não permitia do que uma farisaica imitação de intimidade. Pouco a pouco, as próprias possibilidades sugeridas por essa promiscuidade honesta (dois jovens casais mudando alegremente de companheiros ou uma criança fingindo que dormia para testemunhar auditivamente
ruídos primevos) tornaram-me mais ousado e, de vez em quando, alugava uma cabina com cama e divã ou com duas camas, uma cela prisional de paraíso, com os cortinados amarelos corridos, para criar uma ilusão matinal de Veneza e sol, quando a realidade era Pensilvânia e chuva.

Acabamos por conhecer - nous connúmes, para usar uma entonação flaubertiana - os chalés de pedra sob enormes árvores chateaubriandescas, a cabina de tijolo, a cabina de
adobe e a mansão rebocada, naquilo que o Guia da Associação Automóvel descreve como recintos sombreados,, ou espaçosos, ou paisagísticos,. O tipo da

cabina de troncos com acabamentos de pinho nodoso lembrava a Lo, devido à sua luminosidade castanho-dourada, ossos de frango frito. Desdenhávamos das simples cabinas caiadas, com o seu leve cheiro a esgotos ou qualquer outro fedor soturnamente constrangido, e que, além de não terem nada de que se gabar (a não ser boas camas), tinham uma senhoria carrancuda, sempre preparada para que lhe recusassem a sua oferta (... bem, podia dar-lhe...").

Nous connmes (isto é divertido a valer) a suposta atracção dos nomes repetidos - todos os Sunset Motels, U-Beam Cottages, Hillcrest Courts, Pine View Courts, Mountain View Courts, Skyline Courts, Green Acres e Macs Courts. Às vezes, havia nos seus letreiros uma frase especial, como Aceitam-se crianças, permitem-se animais, (Tu és aceite, tu és permitido). As casas de banho eram, na sua maioria, chuveiros ladrilhados, com uma infinita variedade de mecanismos de duche, mas com uma característica definitivamente não laodiceana em comum: a propensão para, quando em uso, se tornarem instantaneamente escaldantes ou gelados, conforme o nosso vizinho abria a torneira da água fria ou a da água quente, privando-nos assim do necessário complemento para equilibrar o duche, que tão cuidadosamente reguláramos. Alguns motéis tinham instruções coladas por cima das sanitas (em cuja tampa as toalhas se amontoavam nada higienicamente), pedindo aos hóspedes que não deitassem lá para dentro lixo, latas de cerveja, caixas e bebes nado-mortos; outros tinham avisos especiais, encaixilhados e cobertos de vidro, visando assuntos como diversões (Equitação: Verão frequentemente cavaleiros descer a Rua Principal, de regresso de um romântico passeio ao luar. Muitas vezes às três da madrugada, zombava a prosaica Lo).

Nous connhmes os vários tipos de gerentes de alojamentos para automobilistas: o criminoso

regenerado, o professor reformado e o negociante fracassado, entre os homens; e as variantes maternal, pseudo-senhora refinada e madâmica, entre as mulheres. Às vezes, apitavam comboios na noite monstruosamente quente e húmida, com uma plangência dilacerante e ominosa, misturando força e histeria num só grito desesperado.

Evitávamos as residências turísticas, primas rurais dos salões fúnebres, antiquadas, distintas e sem duche, com adornados toucadores nos quartinhos deprimentemente branco-e-rosa e fotografias dos filhos da proprietária por toda a parte. Mas, de vez em quando, rendia-me à predileção de Lo por hotéis a sério. Enquanto eu a afagava no carro, estacionado no silêncio de uma misteriosa estrada secundária, suavizada pela penumbra, ela escolhia no Guia alguma estalagem altamente recomendada, situada junto de um lago, que oferecia toda a espécie de coisas, ampliadas pela luz da lanterna eléctrica e cuja luz lia - tais como: companhia agradável, petiscos entre refeições, churrascadas ao ar livre -, mas que conjurava no meu espírito visões odiosas de fedorentos estudantes liceais de camisas desportivas, a encostar à dela a face vermelha, enquanto o pobre Dr. Humbert, sem ter outra coisa que abraçar além de dois joelhos masculinos, refrescava as hemorróidas na relva húmida. Também a tentavam muito as estalagens coloniais, que, além de atmosfera elegante e janelas panorâmicas, prometiam quantidades ilimitadas de deliciosa comida,. Gratas recordações do hotel palaciano do meu pai levavam-me, às vezes, a procurar o seu equivalente no estranho país que percorríamos, mas não tardei a desanimar.

Lo, porém, continuou a seguir a pista dos que anunciavam alimentação suculenta, enquanto eu encontrava prazer, não exclusivamente de caráter econômico, nos letreiros da beira da estrada, do gênero:

TIMBER HOTEL, Crianças com menos de catorze anos, grátis. Por outro lado, ainda estremeço ao recordar aquela estância, soi-disante de grande categoria", de um estado do Médio Oeste, que anunciava incursões da meia-noite ao frigorífico e cujo gerente, intrigado com o meu sotaque, quis saber os nomes de solteira da minha falecida mulher e da minha falecida mãe. Uma permanência de dois dias custou-me cento e vinte e quatro dólares! E lembras-te, Miranda[3], daquele outro antro de ladrões ultra-elegante, com café matinal oferecido pela casa e água corrente gelada, onde não recebiam crianças com menos de dezesseis anos (vedado às Lolitas, portanto)?

Assim que chegávamos a um dos alojamentos mais modestos, para automobilistas, que se tornaram os nossos abrigos habituais, Lo ligava a ventoinha elétrica, ou induzia-me a
meter um quarto de dólar no mealheiro do rádio, ou começava a ler todos os avisos e a perguntar, em tom queixoso, porque não podia andar a cavalo nalguns dos lugares anunciados ou nadar na piscina de água mineral tépida. Mas a maior parte das vezes deixava-se cair na sua atitude desleixada e enfadada, mas abominavelmente desejável, numa poltrona vermelha, ou numa chaise longue verde, ou numa cadeira de lona às riscas, com toldo e apoio para os pés, ou numa cadeira de balouço, ou em qualquer outra cadeira de jardim debaixo de um toldo vermelho, no pátio, e eram precisas horas de blandícias, ameaças e promessas para a convencer a conceder-me durante alguns segundos os seus membros bronzeados, na reclusão do quarto de cinco dólares, antes de fazer qualquer outra coisa que preferisse ao meu pobre prazer.

Um misto de ingenuidade e fingimento, encanto e vulgaridade, amuos azuis e jovialidade rósea, Lolita, quando lhe apetecia, tornava-se uma garota muito

exasperante. Eu não estava, de modo nenhum, preparado para os seus excessos de tédio desorganizado e interesse tenso e veemente, nem para o seu estilo desleixado, melancólico, de olhar apático, e tão-pouco para aquela espécie de palhaçada difusa, que ela julgava denunciar uma personalidade dura, à maneira de garoto vadio.
Verifiquei que, no plano mental, era uma rapariguinha maçadoramente convencional. Jazz melado e barulhento, danças de tablado, grandes e enjoativos sorvetes com xarope e natas,
filmes musicais, revistas de cinema, etc., constituíam os óbvios artigos principais da sua lista de coisas queridas. Sabe Deus quantos níqueis esportulei para as tentadoras máquinas automáticas de música, que apareciam todas as vezes que nos sentávamos para tomar uma refeição! Ainda ouço as vozes nasaladas dos seres invisíveis que lhe faziam serenatas, pessoas com nomes como Sammy e Jo e Eddy e Tony e Pegy e Guy e Patty e Rex, assim como as canções sentimentais em voga, todas tão iguais para o meu ouvido como o eram, para o meu paladar, as variadas guloseimas que ela comia. Lo acreditava, com uma espécie de confiança celestial, em todos os anúncios ou conselhos das revistas Movie Love ou Screen Land: "Starsail elimina as borbulhas; ou: Vejam se trazem a fralda da camisa fora das jeans, meninas, pois a Jill diz que é feio." Se um letreiro, na estrada, dizia "VISITE A NOSSA lOJA DE RECORDAÇÕES", tínhamos de a visitar e tínhamos de comprar os objetos de artesanato índio, as bonecas, os adornos de cobre e os rebuçados de cactos que ela vendia. As palavras novidade e souvenirs fascinavam-na, pura e simplesmente, pela sua cadência trocaica. Se a tabuleta de algum café anunciava Bebidas Geladas, ela ficava automaticamente agitada, embora as bebidas fossem geladas em toda a parte. Era a ela que os anúncios

visavam: a consumidora ideal, sujeito e objecto de todos os nojentos cartazes. E tentava - mas sem êxito - frequentar apenas os restaurantes onde o espírito santo dos Huncan Dines descera sobre os engraçados guardanapos de papel e as saladas coroadas de requeijão.

Nesse tempo, nem ela nem eu pensáramos ainda no sistema de subornos monetários que, um pouco mais tarde, havia de causar tantos estragos aos meus nervos e à moral de Lo. Eu recorria a três outros métodos para manter submissa, e com uma disposição tolerável, a minha púbere concubina. Alguns anos atrás, ela passara um Verão chuvoso sob o olhar remeloso de Miss Phalen, numa arruinada casa de campo dos Apalaches que pertencera, num
passado distante e morto, a um Haze qualquer. Essa casa ainda se erguia, entre os seus luxuriantes hectares de caniços dourados, à beira de uma floresta sem flores, no fim de uma
estrada permanentemente enlameada e a mais de trinta quilômetros do lugarejo mais próximo. Lo recordava o espantalho da casa, a solidão, as pastagens empapadas em lama,
o vento e todo aquele deserto agreste com uma repugnância tão intensa que lhe desfigurava a boca e engrossava a língua semi-revelada. Era aí que eu Lhe dizia que, se a sua presente
atitude não se modificasse, iria viver comigo, num exílio de meses e anos se preciso fosse e a estudar francês e latim sob a minha orientação. Charlotte, comecei a compreender-te!

Autêntica criança, Lo gritava "não!" e agarrava-se freneticamente à minha mão que segurava o volante, sempre que, para pôr cobro aos seus furacões de mau gênio, saía de uma

estrada principal e metia por outra, insinuando que ia levá-la direitinha à sombria e desolada habitação. No entanto, quanto mais viajamos para oeste e nos desviávamos dela, menos
tangível se tornava a ameaça, e eu tive de adotar outros métodos de persuasão.

Entre eles, o que recordo com mais profundo gemido de vergonha é o da ameaça do reformatório. Desde o princípio das nossas relações que eu tivera discernimento suficiente para compreender que precisava da sua completa cooperação para guardar segredo da nossa ligação, que esse segredo se devia tornar, para ela, uma espécie de segunda natureza, fosse qual fosse o ressentimento que tivesse contra mim e fossem quais fossem os outros prazeres que ambicionasse.

- Vem beijar o teu velhote e deixa-te desses amuos estúpidos - dizia-lhe. - Noutros tempos, quando eu ainda era o homem dos teus sonhos (repare, leitor, nos esforços que eu fazia para usar a linguagem de Lo), tinhas uma grande paixão pelo ídolo pinga-amor número um das tuas coevas. Lo: "Das minhas quê? Fala inglês". Achavas que o ídolo das tuas amigas parecia aqui o amigo Humbert. Mas agora sou apenas o teu velho, um papá quimérico protegendo a sua quimérica filha.

Minha chère Dolorès! Quero proteger-te, querida, de todos os horrores que acontecem a rapariguinhas em depósitos de carvão e becos, e também, hélas, comme vous le savez trop bien, ma gentille, nas matas de mirto de bagas azuis, no mais azul dos Estios. Aconteça o que acontecer, continuarei a ser o teu guardião e, se fores boa, espero que um tribunal possa legalizar essa tutela dentro de pouco tempo. Mas esqueçamos, Dolores Haze, a chamada terminologia jurídica, terminologia que aceita como racional a expressão coabitação libidinosa e lasciva. Não sou um psicopata sexual criminoso,

tomando liberdades indecentes com uma criança. O violentador foi Charlie Holmes; eu sou o terapeuta, o que faz a sua diferença. Sou o teu papocas, Lo. Olha, tenho aqui um livro sério, acerca de rapariguinhas. Vê, querida, o que ele diz. Eu cito: "A rapariga normal - normal, nota -, a rapariga normal mostra-se geralmente ansiosa por agradar ao pai. Sente nele o precursor do companheiro desejado e esquivo - esquivo está muito bem, por Polónio!). A mãe sensata (e a tua pobre mãe teria sido sensata, se não tivesse morrido) encorajará o companheirismo entre pai e filha, pois compreenderá - desculpa o estilo empolado - que a rapariga forma os seus ideais românticos e acerca dos homens a partir das relações com o pai."
Ora muito bem, a que relações se refere, e que relações recomenda, este alegre livro? Volto a citar: "Entre os Sicilianos, as relações sexuais entre pai e filha são consideradas naturais, e a rapariga que participa nessas relações não é olhada com desaprovação pela sociedade a que pertence." Sou um grande admirador dos Sicilianos; são excelentes atletas, excelentes músicos, excelentes pessoas, Lo, e grandes amantes. Mas não nos desviemos do assunto. Ainda outro dia, lemos nos jornais umas tolices acerca de um homem de meia-idade, ofensor da moral, que se declarou culpado de violação da Lei de Mann e de transportar uma menina de nove anos de um estado para outro, com fins imorais - seja o que for que isso signifique. Dolores, minha querida! Tu não tens nove anos, e sim quase treze, e não te aconselho a considerares-te minha escrava trans estadual. Deploro a Lei de Mann por se prestar a um infeliz trocadilho[4], vingança dos deuses da semântica contra os filisteus tacanhos. Sou teu pai, estou a falar inglês e amo-te.

Finalmente, vejamos o que acontece se tu, uma menor, fores acusada de perverter a moral de um adulto num hotel respeitável, ou, melhor, o que acontece se te queixares à
polícia de que te raptei e violentei. Suponhamos que te acreditam. Uma menor do sexo feminino, que permite a uma pessoa de mais de vinte e um anos conhecê-la carnalmente,
implica a sua vítima em estupro estatutário ou sodomia de segundo grau, conforme a técnica adotada, e a pena máxima são dez anos. Portanto, vou para a cadeia. Muito bem, vou para a
cadeia. Mas que te acontece a ti, minha órfã? Bem, tu tens mais sorte, tu ficas sob a tutela do Departamento de Serviços Sociais - o que, receio, não parece muito animador. Uma matrona austera, do tipo de Miss Phalen, mas mais rígida e abstémia, tira-te o bâton e as roupas bonitas. Acaba-se a vadiagem! Não sei se alguma vez ouviste falar das leis referentes a crianças dependentes, abandonadas, incorrigíveis e delinquentes. Enquanto eu estiver agarrado às grades, a ti, feliz criança abandonada, serão dadas a escolher diversas residências, todas mais ou menos semelhantes: a escola correcional, o reformatório, o lar de detenção juvenil ou uma daquelas admiráveis instituições de proteção às raparigas, onde se faz tricô, cantam hinos e comem panquecas rançosas aos domingos. Irás para lá, Lolita - minha Lolita, esta Lolita deixará o seu Catulo e irá para lá como menina desobediente que é. Por palavras mais simples, se nós dois formos descobertos, tu serás examinada e institucionalizada, minha mascote, c'est tout. Viverás, a minha Lolita viverá, (vem cá, minha flor trigueira) com trinta e nove outras idiotas num dormitório imundo (não, permite-me, por favor), sob a vigilância de odiosas matronas. É esta a situação, é esta a alternativa. Não te parece que, dadas as

circunstâncias, Dolores Haze ficaria melhor se continuasse com o seu velho?"

Fazendo-lhe ver tudo isto, com insistência, consegui aterrorizar Lo, a qual, apesar de uma certa vivacidade atrevida e de alguns acessos de espírito, não era uma criança tão inteligente como o seu Q. I. poderia fazer supor. Mas, se consegui estabelecer esse ambiente de segredo compartilhado e culpa compartilhada, já não fui tão bem sucedido nas minhas tentativas para a manter bem-humorada. Todas as manhãs, durante as nossas viagens de um ano, tinha de inventar qualquer expectativa, qualquer ponto especial no espaço e no tempo que a atraísse e que Lhe permitisse sobreviver até à hora de se deitar. De contrário, privado de um objetivo que lhe desse forma e apoio, o esqueleto do seu dia vergava e caía. O objetivo em vista podia ser qualquer coisa - um farol na Virgínia, uma caverna natural no Arcansas convertida num café, uma coleção de armas e violinos algures no Oclaoma, uma réplica da gruta de Lurdes na Luisiana, fotografias desbotadas do período áureo da mineração no museu de uma estância das montanhas Rochosas, fosse o que fosse -, mas tinha de existir, de estar à nossa frente, como uma estrela fixa, embora, não raro, Lo fingisse que se enjoava mal chegávamos.

Pondo em movimento a geografia dos Estados Unidos, eu fazia o possível, durante horas a fio, para lhe dar a impressão de que visitava lugares", de que viajava com um destino definido, a caminho de um prazer fora do vulgar. Nunca vi estradas tão suaves e amigáveis como as que se estendiam à nossa frente, através da enlouquecedora manta de retalhos de quarenta e oito estados. Devorávamos vorazmente essas compridas estradas, deslizávamos, num silêncio extasiado, pelas suas negras e brilhantes pistas de dança. Além de não ter qualquer sensibilidade paisagística, Lo ficava furiosa

sempre que eu lhe chamava a atenção para este ou aquele pormenor interessante da paisagem - pormenores que eu próprio só aprendi a discernir depois de exposto durante algum tempo à delicada beleza sempre presente à margem da nossa imerecida viagem. Por um paradoxo de pensamento pictorial, a média das regiões de terras baixas americanas parecera-me ao princípio algo que eu aceitava, surpreendido, com divertido reconhecimento, devido aos oleados pintados que, antigamente, se importavam da América e se penduravam por cima dos lavatórios, nos quartos de crianças da Europa Central, e que fascinavam uma criança sonolenta à hora de se deitar, com a verde paisagem rústica que reproduziam - árvores opacas e de folhagem crespa, um celeiro, gado, um regato, o branco baço de vagos pomares em flor e talvez uma vedação de pedra ou montes de guache esverdeado. Mas, gradualmente, quanto mais de perto os conhecia, esses modelos de elementar rusticidade tornaram-se cada vez mais desconhecidos aos meus olhos. Para além da planície cultivada, para além dos telhados de brinquedo, havia um lento espraiar de inútil encanto, um Sol baixo numa bruma de platina, com um toque quente, de pêssego descascado, a infiltrar-se na orla superior de uma nuvem bidimensional cinzento-pomba, que se fundia com a sensual névoa distante. Podia haver também um renque de árvores espaçadas, recortadas em silhueta no horizonte, e meios-dias quentes e estáticos sobre um matagal de trevo, e nuvens Claude Lorrain, remotamente gravadas em azul brumoso, apenas com o seu cúmulo bem visível contra um fundo de desmaiado tom neutral. Mas também podia tratar-se de um severo horizonte à El Greco, prenhe de chuva cor de tinta, e o vislumbre passageiro de algum lavrador de pescoço mumificado, e, a toda a volta, faixas alternantes de água com um brilho de mercúrio e

milharais de um verde berrante, abrindo tudo num leque, algures no Cansas.

De vez em quando, na vastidão dessas planícies, enormes árvores avançavam direitas a nós e juntavam-se, conscientes de si mesmas, à beira da estrada, proporcionando um pouco de compadecida sombra a uma mesa de piquenique à volta da qual o solo castanho se apresentava mosqueado de sol e cheio de copos de papel amarrotados, tâmaras e pauzinhos de gelados. Grande utilizadora de instalações sanitárias da berma da estrada, a minha nada esquisita Lo ficava encantada com os letreiros dessas instalações - Garotos-Garotas, John-Jane", Jack-Jill e, até, Corço-Corça, -, enquanto eu, perdido num sonho de artista, admirava o brilho natural dos postos de venda de gasolina contra o esplêndido verde dos carvalhos, ou um monte distante a fugir - com cicatrizes mas ainda indomado – da selva da agricultura que ameaçava engoli-lo.

À noite, camiões altos, pontilhados de luzes coloridas como gigantescas e temíveis árvores de Natal, irrompiam da escuridão e passavam ruidosamente pelo atrasado pequeno Sedan. E no dia seguinte um céu escassamente povoado, perdendo o seu azul sob a força do calor, pareceria fundir-se por cima de nós, e Lo exigiria uma bebida, e as suas faces encovar-se-iam ao chupar gulosamente pela palhinha, e o carro estaria transformado num forno quando voltássemos a entrar nele, e a estrada tremeluzia à nossa frente, com um automóvel distante a mudar de forma, como uma miragem, na superfície ofuscante e parecendo ficar um momento suspenso, antiquadamente quadrado e alto, na névoa quente. E, ao avançarmos para oeste, pareciam extensões daquilo a que o garagista chamava artemísia,, e depois os contornos misteriosos de montes que pareciam mesas, e depois alcantis vermelhos com manchas negras de zimbros, e depois uma cordilheira

cuja cor parda mudava para azul e o azul para sonho, e por fim o deserto que vinha ao nosso encontro com uma ventania constante, poeira, arbustos espinhosos cinzentos e odiosos bocados de papel de seda a imitar pálidas flores entre as estacas dos caules murchos e torturados pelo vento, ao longo de toda a estrada, no meio da qual surgiam, por vezes, vacas, imobilizadas numa posição (cauda para a esquerda, pestanas brancas para a direita) que passava por cima de todas as regras humanas de trânsito.

O meu advogado sugeriu-me que fizesse uma descrição franca e clara do itinerário que seguimos, e parece-me que cheguei a um ponto em que não posso evitar essa tarefa. De um modo geral, durante aquele ano louco (Agosto de 1947 a Agosto de 1948), o nosso caminho começou por uma série de ziguezagues e espirais em Nova Inglaterra e depois serpenteou para sul, a subir e a descer, para leste e oeste; mergulhou profundamente em ce guon apelle Dixielândia, evitou a Florida porque os Farlows estavam lá, guinou para oeste, ziguezagueou através de faixas de milho e faixas de algodão (receio que isto não seja muito claro, Clarence, mas eu não tomei quaisquer apontamentos e só disponho de um guia de viagens atrozmente mutilado, em três volumes, que é quase um símbolo do meu passado dilacerado e esfrangalhado, e pelo qual vou conferindo as minhas recordações); atravessou e voltou a atravessar as Rochosas e errou por desertos meridionais onde passámos o Inverno; chegou ao Pacífico e voltou para norte através da fofa lanugem lilás-pálido de arbustos em flor ao longo de estradas de florestas; chegou quase à fronteira canadiana, e prosseguiu para leste, através de boas e más terras, de regresso a uma região agrícola em grande escala, evitando, apesar dos estridentes protestos da pequenina Lo, a sua terra natal, numa região produtora de milho,

carvão e porcos, e finalmente voltou ao aprisco do Leste, terminando na cidade universitária de Beardsley.

2

Ao ler o que se segue agora, o leitor deverá ter em mente não apenas o circuito geral acima esboçado, com as suas muitas excursões à margem e armadilhas turísticas, círculos secundários e desvios caprichosos, mas também o facto de que, longe de se tratar de uma indolente partie de plaisir, a nossa viagem foi um tumor teleológico duro e disforme, cuja
única raison d'être (estes chavões franceses são sintomáticos) era conservar a minha companheira com uma disposição tolerável, entre um beijo e outro.

Ao folhear o esfrangalhado guia de viagens, evoco vagamente aquele Jardim de Magnólias, num estado sulista, que me custou quatro dólares e que, segundo o anúncio do guia, se deve visitar por três razões: porque John Galsworthy (um escritor qualquer, já completamente morto) o considerou o mais belo jardim do mundo; porque o Baedeker de 1900 o assinalou com uma estrela, e, finalmente, porque... - ó Leitor, meu Leitor, adivinhe - ... porque as crianças (e, com a breca, não era a minha Lolita uma criança?) caminhariam de olhos iluminados e reverentemente através daquele antegosto do Paraíso, absorvendo uma beleza capaz de influenciar uma vida. "Não a minha", declarou a soturna Lo, e sentou-se num banco com os suplementos de dois jornais de domingo no regaço encantador.

Passámos e repassámos por toda a gama de restaurantes americanos da beira da estrada, da modesta casa de pasto com a sua cabeça de veado na parede (traço negro de longa lágrima no canto interno), os seus postais ilustrados humorísticos do tipo Kurort posterior, contas de comensais empaladas, pastilhas

para o mau hálito, óculos de sol, visões publicitárias de celestiais taças de sorvete, metade de um bolo de chocolate debaixo de uma redoma de vidro e diversas moscas, horrivelmente experientes, a zumbir por cima do pegajoso açucareiro, em cima do ignóbil balcão, da modesta casa de pasto, dizia, ao estabelecimento caro, com luz velada, roupa de mesa absurdamente pobre, criados ineptos (ex-reclusos ou estudantes), as costas ruanas de uma estrela de cinema, as sobrancelhas cor de areia do seu companheiro de momento e uma orquestra de trompetistas zoot-suiters[5].

Admirámos a maior estalagmite do mundo numa gruta onde três estados do Sudoeste têm uma reunião de família – entrada segundo as idades: adultos, um dólar; adolescentes, sessenta cêntimos. Um obelisco de granito comemorativo da Batalha de Blue Lick, com ossadas velhas e cerâmica índia no museu contíguo. Lo, dez cêntimos, muito razoável.

A atual casa de troncos, imitando ousadamente a primitiva casa de troncos onde Lincoln nasceu. Um penedo, com uma placa, em memória do autor de Árvores (nessa altura já estávamos em Poplar Cove, Carolina do Norte, aonde se chega por aquilo que o meu amável, tolerante e geralmente tão comedido guia de viagem chama irritadamente uma estrada muito estreita e mal conservada, opinião que, embora não seja nenhum Kilmerite, compartilho). De um barco a motor alugado, conduzido por um russo-branco idoso, mas ainda repugnantemente atraente – um barão, diziam - (as palmas das mãos de Lo estavam húmidas, pobre idiota), que conhecera na Califórnia o bom do Maximovich e Valéria, distinguimos a inacessível colônia de milionários, numa ilha, algures ao largo da costa da Jórgia. Mas vimos ainda: uma coleção de postais ilustrados de hotéis europeus num museu dedicado a

passatempos de uma estância do Mississípi, onde, com uma onda escaldante de orgulho, encontrei uma fotografia colorida do Mirana de meu pai, com os seus toldos às riscas e a sua bandeira a ondular por cima das palmeiras retocadas. "E que tem isso?", perguntou Lo, observando, de olhos semicerrados, o proprietário bronzeado de um automóvel luxuoso, que entrara atrás de nós na Casa dos Passatempos. Relíquias da era do algodão. Uma floresta no Arcansas e, no ombro moreno de Lo, um inchaço arroxeado (obra de algum mosquito), que aliviei do seu belo veneno transparente entre as compridas unhas dos meus polegares e depois chupei, até o sangue condimentado de Lo me encher a boca. A Bourbon Street (numa cidade chamada Nova Orleães), cujos passeios, segundo dizia o guia de viagens, podem (gostei do podem) proporcionar espetáculos dados por negrinhos que poderão (ainda gostei mais do poderão) sapatear a troco de moedas (que divertido), enquanto os seus numerosos, pequenos e íntimos clubes noturnos estão cheios de visitantes (perversos). Coleções de folclore da fronteira. Residências de antes da guerra, com varandas de gradeamentos de ferro e escadas trabalhadas à mão, do tipo daquelas onde descem damas de ombros beijados pelo sol, filmadas em rico tecnicolor, segurando a frente das saias muito rodadas com ambas as mãos pequeninas, de uma maneira especial, enquanto a dedicada negra abana a cabeça, no patamar superior. A Fundação Menninger, uma clínica psiquiátrica, só para me divertir. Uma extensão de terra argilosa maravilhosamente arrendada pela erosão; e iúcas em flor, tão puras, tão ceráceas, mas conspurcadas por moscas brancas que por elas rastejavam. Independência, Missuri, o ponto de partida da velha Pista do Oregão; e Abilene, Cansas, berço do Rodeo Wild Bill Qualquer coisa. Montanhas distantes.

Montanhas próximas. Mais montanhas; beldades azuladas inatingíveis, ou a converterem-se sempre em colina habitada após colina habitada; cordilheiras do Sudeste, malogros altitudinais pela bitola alpina; colossos de pedra cinzenta com veios de neve, de trespassar o coração e o céu, cumes implacáveis, surgidos não se sabe de onde numa volta da estrada; enormidades florestais, com um sistema de abetos negros muito bem sobrepostos, intercalados aqui e ali por pálidos maciços de faias; formações cor-de-rosa e lilás.
Faraônicas, fálicas, tão pré-históricas que não podiam ser descritas por palavras, (blasée Lo); montes isolados de lava preta; montanhas do princípio da Primavera, com lanugem de
elefante jovem ao longo dos seus espinhaços; montanhas de fim de Verão, todas corcovadas, com os pesados membros egípcios dobrados sob pregas de pelúcia fulva comida pela traça; montes de papas de aveia, salpicados de carvalhos verdes e redondos e uma derradeira montanha fulva, com fofo tapete de luzerna aos pés.

E vimos ainda: o lago Little Iceberg, algures no Colorado, e as suas margens nevadas; e os coxins de minúsculas florinhas alpinas; e mais neve, pela qual Lo, de barrete encarnado, tentou deslizar, gritou, foi empurrada como uma bola de neve por alguns garotos e retaliou na mesma moeda, comme on dit. Esqueletos de faias queimadas, manchas de flores azuis afuseladas. Os vários pontos de interesse de um passeio panorâmico. Centenas de passeios panorâmicos, milhares de Bear Creeks, Soda Springs e Plainted Canyons. Texas, uma planície assolada pela seca. Câmara de Cristal na mais comprida gruta do mundo, crianças com menos de doze anos, entrada grátis, Lo, uma jovem cativa. Uma coleção de esculturas feitas em casa por senhoras da localidade, fechada numa desgraçada manhã de segunda-feira,

vento, poeira, terra seca. Conception Park, numa cidadezinha da fronteira mexicana que não ousei atravessar. Aí e em toda a parte, centenas de beija-flores cinzentos, sondando, no crepúsculo, a garganta de obscuras flores. Shakespeare, uma cidade-fantasma no Novo México, onde o bandido Bill Russo foi pitorescamente enforcado há setenta anos. Viveiros de peixe. Casas em penhascos. A múmia de uma criança (contemporânea índia de Florentine Bea). O nosso vigésimo Canyon do Inferno. O nosso quinquagésimo Gateway para qualquer coisa, vide o tal guia de viagens, cuja capa se perdera entretanto. Um carrapato na minha virilha. Sempre os mesmos três homens, de chapéu e suspensórios, a passar indolentemente a tarde de Verão à sombra das árvores, perto da fonte pública. Uma paisagem azul enevoada, para lá do gradeamento de uma passagem da montanha, e as costas de uma família a admirá-la (e Lo num murmúrio ardente, feliz, louco, intenso, esperançado, desesperado: "Olha, os MacCrystals! Vamos falar-Lhes, por favor, vamos..." - Vamos com eles, leitor! - Por favor! Farei tudo quanto quiseres, oh, por favor!..."). Danças rituais índias, estritamente comerciais. ART: American Refrigerator Transit Company. Arizona evidente, habitações de pueblo, pictogramas aborígenes, rastos de um dinossauro num canyon deserto, deixados há trinta milhões de anos, quando eu era criança. Um rapaz pálido, magro e de 1 metro e 80 de altura, com um pomo-de-adão muito ativo, a devorar com os olhos Lo e a sua cintura nua castanho-alaranjada, que eu beijei cinco minutos depois, Jack. Inverno no deserto, Primavera nos contrafortes dos montes, amendoeiras em flor. Reno, uma cidade triste do Nevada, com uma vida noturna considerada cosmopolita e adulta".
Estabelecimento vinícola na Califórnia, com uma igreja do feitio de um tonel. Vale da Morte. Castelo do Escocês.

Obras de Arte colecionadas por um tal Rogers ao longo de determinado período de anos. As feias vilas de bonitas atrizes. A pegada de R. L. Stevenson num vulcão extinto.
Missão Dolores: bom título para um livro. Festões de arenito talhados pela rebentação. Um homem caído no chão, com um violento ataque epiléptico, no Russian Gulch State Park. Lago azul, muito azul, numa cratera. Um viveiro de peixe no Idaho e a Penitenciária Estadual. O sombrio Yellowstone Park e as suas coloridas nascentes quentes, minigéiseres, arco-íris da lama fervilhante - símbolos da minha paixão. Uma manada de antílopes numa reserva de vida selvagem. Centésima gruta: adultos um dólar, Lolita cinquenta cêntimos. Um château construído por uma marquesa francesa no Dacota do Norte. O Palácio do Milho do Dacota do Sul, e as colossais cabeças dos presidentes talhadas em granito a grande altitude. A Mulher Barbada leu a nossa sorte fagueira e deixou de ser solteira. Um jardim zoológico em Indiana, onde um grande grupo de macacos vivia numa réplica de cimento armado da nau-almirante de Cristóvão Colombo. Milhares de milhões de efémeros mortos ou meio mortos, tresandando a peixe, em todas as montras de todos os restaurantes ao longo de uma praia soturna. Gaivotas gordas pousadas em grandes pedras, vistas do ferry City of Cheboygan, cujo fumo castanho e lanoso descrevia um arco e caía sobre a sombra verde que refletia no lago cor de água-marinha. Um motel cujo cano de ventilação passava por baixo do esgoto da cidade. Casa de Lincoln, em grande parte espúria, com livros na sala e móveis de estilo, que a maioria dos visitantes aceitava reverentemente como objetos pessoais.

Tínhamos brigas, grandes e pequenas. As maiores verificaram-se em: Lacework Cabins, Virgínia; Park Avenue, Little Rock, perto de uma escola; Milner Pass, a

três mil e trezentos metros de altitude, no Colorado; esquina da Seventh Street com a Central Avenue em Fénix, Arizona; Third Street, Los Angeles, porque a lotação para um estúdio qualquer estava esgotada; motel chamado Poplar Shade, no Utah, onde havia seis árvores jovens pouco mais altas do que a minha Lolita e onde ela perguntou, à propos de rien, quanto tempo pensava eu que continuaríamos a viver em cabinas sufocantes, a fazer porcarias juntos e sem nunca nos comportarmos como pessoas comuns; Broadway Norte, Burns, Oregão, esquina de Washington Oeste, defronte da Safeway, numa mercearia; numa cidadezinha qualquer do vale do Sol de Idaho, defronte de um hotel de tijolo - tijolos claros e vermelhos agradavelmente combinados -, tendo, defronte, um choupo que projetava as suas sombras líquidas por toda a Parada de Honra local; num matagal de artemísia, entre Pinedale e Farson; algures no Nebrasca, na Main Street, perto do First National Bank, fundado em 1889, de onde se via uma passagem de nível, na rua, e, para lá dela, os tubos brancos, de órgão, de um silo múltiplo, e na McEwen Street, esquina com a Wheaton Avenue, numa cidade do Michigão com o primeiro nome de McEwen.

Acabamos por conhecer essa curiosa espécie de estrada, o Homem que Viaja de Boleia, ou Homo pollex de seu nome científico, nas suas muitas subespécies e formas: o soldado modesto, todo aprumado, esperando calmamente e calmamente confiante na atração viática do caqui; o estudante, que só tem de percorrer três quarteirões; o assassino, que deseja percorrer mais de três mil quilômetros; o senhor misterioso, nervoso e idoso, de bigode aparado e mala de viagem novinha; um trio de mexicanos otimistas; o universitário, exibindo a sujidade do seu trabalho de férias ao ar livre tão orgulhosamente como o nome de uma famosa universidade, escrito em arco na frente da camisola; a

dama desesperada, cuja bateria acaba de se descarregar; os jovens animais de feições regulares, cabelo lustroso, olhos matreiros, rosto pálido e camisas e casacos berrantes, a estender os polegares tensos, vigorosamente, quase priapescamente, para tentar mulheres solitárias ou caixeiros-viajantes tristes, com apetites esquisitos.

- Levemo-lo - suplicava Lo amiúde, esfregando os joelhos de um modo que Lhe era peculiar, quando algum pollex particularmente repugnante, algum homem da minha idade e do meu arcabouço, com a face à claques de um ator desempregado, caminhava às arrecuas, praticamente no caminho do nosso carro.

Oh, eu tinha de prestar muita atenção a Lo, à pequena e indolente Lo! Devido, talvez, ao constante exercício amoroso, irradiava não obstante o seu ar muito infantil, como que uma aura especial de languidez, que provocava ataques de concupiscência - os quais poderiam lisonjear o meu orgulho se não aumentassem o meu ciúme - a garagistas, mandaretes de hotel, turistas, paspalhos em carros de luxo e broncos bronzeados à beira de piscinas azuis. Aumentavam o meu ciúme porque a pequena Lo tinha perfeita consciência dessa aura e eu surpreendia-a muitas vezes roulant un regard na direcção de algum varão simpático, algum macaco sebento de antebraço bronzeado e musculoso e relógio de pulso com bracelete, e, mal eu virava costas para comprar a essa mesma Lo um chupa-chupa, ouvia-a, e ao louro mecânico, irromper numa perfeita canção amorosa de ditos espirituosos.

Quando, durante as nossas paragens mais demoradas, me ficava a preguiçar depois de uma manhã na cama particularmente violenta e, inspirado pela bondade do meu coração apaziguado, permitia que ela - indulgente Hum! - visitasse o roseiral ou a biblioteca infantil, do outro lado da rua, com a Mariazinha e o

irmãozinho de oito anos da Mariazinha, nossos vizinhos de motel, Lo regressava uma hora depois, com a Mariazinha descalça, muito para trás, e o rapazinho metamorfoseado em dois matulões desengonçados e louros, estudantes liceais, todos músculos e gonorreia. O leitor pode imaginar o que eu respondi à minha jóia quando muito hesitantemente, admito – me perguntou se podia ir com o Carl e o Al ao ringue de patinagem.

Lembro-me da primeira vez - numa tarde ventosa e poeirenta - em que a deixei ir a um desses ringues. Cruelmente, disse-me que não teria graça nenhuma se eu a acompanhasse, pois aquela hora do dia era reservada a adolescentes. Consegui que chegássemos a um acordo: deixava-a ir, mas ficava no automóvel, entre outros automóveis (vazios), com as frentes voltadas para o ringue ao ar livre, de teto de lona, onde uns cinquenta jovens, muitos aos pares, revoluteavam interminavelmente, de roda e de roda, ao som de música monocórdica, enquanto o vento parecia cobrir as árvores de prata. Dolly usava blue jeans e botas brancas, como a maioria das outras raparigas. Entretive-me a contar as voltas da multidão rodopiante e, de súbito, deixei de a ver. Quando reapareceu, girava acompanhada por três vadios que eu ouvira, momentos antes, analisar os patinadores, do lado de fora do recinto, e troçar de uma jovem de pernas compridas, que chegara vestindo calções encarnados em vez de jeans ou calças.

Nos postos de inspeção das estradas de acesso ao Arizona ou à Califórnia, os polícias de serviço olhavam-nos com tal intensidade que o meu pobre coração desfalecia.
"Algum mel?", perguntavam, e de todas as vezes a minha doce idiota desatava às gargalhadinhas. Ainda vibram ao longo do meu nervo óptico visões de Lo a cavalo, elo de cadeia de uma excursão com guia, ao longo de uma senda para cavaleiros: Lo balouçando, a passo, com uma

cavaleira idosa à frente e um vaqueiro de rancho turístico, de pescoço vermelho e olhos lúbricos, atrás - e eu atrás dele, a odiar as suas costas cobertas pela camisa florida ainda mais do que um motorista odeia um caminhão ronceiro numa estrada de montanha. Ou então, uma estância de esqui, via-a afastar-se de mim, como se flutuasse, celestial e solitária, numa etérea cadeirinha, subindo sempre, até um cume cintilante, onde atletas risonhos, nus da cintura para cima, esperavam por ela, por ela!

Fosse qual fosse a cidade em que parávamos, eu indagava, com a minha cortesia de europeu, a localização de piscinas, museus, escolas, o número de crianças que frequentavam a escola mais próxima, etc.

Depois, à hora da chegada do autocarro escolar, estacionava, sorridente e sacudido por pequenos espasmos (descobri esse tic nervoso porque a cruel Lo foi a primeira a imitá-lo), num ponto estratégico, com a minha colegial sentada a meu lado no automóvel, para ver as crianças saírem da escola - sempre um bonito espetáculo. Tal procedimento não tardou a enfadar a minha facilmente enfadável Lolita, que, com uma infantil falta de compreensão pelas manias das outras pessoas, me insultava e ao meu desejo de que me acariciasse enquanto passavam ao sol moreninhas de olhos azuis e calções da mesma cor, ruivas de bolero verde e louras indefinidas e arrapazadas, de calças desbotadas.

Como numa espécie de acordo tácito, eu aconselhava livremente, quando e sempre que possível, o uso de piscinas com outras raparigiunhas. Ela adorava a água cintilante e era
uma nadadora extraordinariamente hábil. Envolto num roupão confortável, instalava-me à bela sombra da tarde, depois do meu próprio banho comedido, e para ali ficava com um livro, a fingir que lia, ou com um saquinho de bombons, ou com ambas as coisas, ou apenas com as

minhas glândulas a latejar, vendo-a cabriolar, de touca de borracha, corpo perlado de gotas de água e pele suavemente bronzeada, alegre como a imagem de um anúncio, nas suas cuequinhas acetinadas, justas, e no seu soutien franzido. Púbere namorada! Como me maravilhava secretamente por ela ser minha, minha, e recordava o recente gozo matinal, ao som do arrulhar das pombas matinais, e planeava o gozo do fim da tarde. Ao mesmo tempo, entreabria os olhos que o sol alanceava e comparava Lolita com quaisquer outras ninfetas que o parcimonioso acaso reunia à volta dela para meu antológico deleite e apreciação. Hoje, levantando a mão ao coração doente, não creio, sinceramente, que alguma delas a tenha jamais ultrapassado em desejabilidade - e, se tal aconteceu, foi duas ou três vezes, no máximo, a uma certa luz e com certos perfumes misturados no ar: uma vez, no caso sem esperança de uma pálida garota espanhola, filha de um nobre carregado de jóias, e outra... mais je divague.

Naturalmente, tinha de estar sempre atento, pois avaliava muito bem, na lucidez do meu ciúme, o perigo daquelas estonteantes traquinices. Bastava afastar-me uns momentos, caminhar, digamos, alguns passos, para ver se a nossa cabina estava, finalmente, arranjada, depois da mudança de roupa da manhã, e ao regressar encontrava-a, les yeux perdus, a bater com os pés, de dedos compridos, na água, sentada no parapeito de pedra, enquanto, a cada um dos seus lados, se acocorava um brun adolescent a quem a sua beleza arruivada e o azougue das pregas infantis do seu ventre davam um motivo seguro para se tordre - oh, Baudelaire! -, em sonhos repetitivos, nos meses futuros.

Tentei ensiná-la a jogar tênis, para podermos ter mais distrações em comum; mas, embora tivesse sido um bom jogador na minha juventude, fui um fracasso como professor. E, por isso, na Califórnia, proporcionei-

lhe um certo número de lições muito caras, com um famoso treinador, um veterano robusto e enrugado, com um harém de rapazes servidores de
bolas. Parecia um autêntico destroço fora da quadra de tênis, mas de vez em quando, no decorrer de uma lição, para rebater uma jogada, executava, por assim dizer, um lance que parecia uma flor primaveril a desabrochar, devolvendo a bola, a zunir, ao seu pupilo. Essa divina delicadeza de força absoluta fazia-me lembrar, então, que trinta anos antes o vira demolir, em Cannes, o grande Gobert! Até Lo começar a receber essas lições, pensei que nunca seria capaz de aprender o jogo. Na quadra de tênis deste ou daquele hotel treinava-a e tentava reviver os dias em que, no meio de uma ventania quente, um turbilhão de poeira e estranha lassitude, servia bola após bola à alegre, inocente e elegante Annabel (cintilação da pulseira, saia branca empregueada, fita de cabelo de veludo preto). Cada palavra minha de persistente conselho só servia para aumentar a fúria soturna de Lo. Singularmente, preferia aos nossos jogos - pelo menos antes de chegarmos à Califórnia - entreter-se a bater a bola, em imitações informes – mais caça à bola do que verdadeiro jogo -, com uma coeva franzina, fraca e maravilhosamente bonita, num estilo ange gauche. Espectador prestimoso, aproximava-me da outra garota e aspirava a sua tênue fragrância almiscarada, ao tocar-lhe no antebraço, segurar-lhe o pulso ossudo e mover-lhe para este ou para aquele lado a coxa fresca, a fim de lhe mostrar a posição para o rebate de revés. Entretanto, Lo inclinava-se para a frente, deixava os caracóis castanhos e quentes do sol caírem-lhe para a testa, apoiava a raqueta no chão como se fosse a muleta de um aleijado e emitia um tremendo uf! de aborrecimento com a minha intromissão. Afastava-me, deixando-as entregues ao seu jogo, e

observava-as, comparando os seus corpos em movimento.Lembro-me de que usava um lenço de seda ao pescoço. Isto passava-se, creio, no Arizona do Sul, os dias tinham um
revestimento cálido que causava indolência, e a desajeitada Lo lançava-se à bola e falhava, praguejava e lançava um simulacro de serviço à rede, mostrando o brilho húmido da penugem das axilas ao brandir a raqueta, num desespero. A sua ainda mais insípida parceira corria obedientemente atrás de cada bola e não apanhava nenhuma. Mas divertiam-se ambas deliciosamente e, em voz clara e vibrante, anunciavam, sem parar, os pontos exatos da sua inaptidão.

Lembro-me de que um dia me ofereci para lhe ir buscar refrescos ao hotel, subi o caminho ensaibrado e voltei com dois copos altos de sumo de ananás, soda e gelo. Foi então que um vazio súbito, no meu peito, me obrigou a estancar, ao ver que a quadra de tênis estava deserta. Inclinei-me para depositar os copos em cima de um banco e, por qualquer razão incompreensível, vi, com uma espécie de nitidez gelada, o rosto de Charlotte, morta. Olhei em meu redor e descortinei Lo, de calções brancos, a afastar-se, na sombra mosqueada de
uma vereda de jardim, acompanhada de um homem alto, que transportava duas raquetas. Corri atrás deles, mas, ao lançar-me através dos arbustos, vi, numa visão alternada, como
se o curso da vida se bifurcasse constantemente, Lo, de calças compridas, e a sua companheira, de calções, a percorrerem uma pequena área cheia de ervas e a baterem com as raquetas nas moitas, numa procura descuidada da bola perdida.

Menciono estes pequenos nadas principalmente para provar aos meus juízes que fiz tudo quanto pude para proporcionar à minha Lolita um máximo de momentos verdadeiramente agradáveis. Como era

encantador vê-la, ela própria uma criança, mostrar a outra criança qualquer as suas poucas habilidades, como, por exemplo, saltar à corda de uma maneira especial. Com a mão direita a segurar o braço esquerdo atrás das costas não bronzeadas, a ninfeta mais pequena, um amorzinho diáfano, era toda olhos, assim como o apavonado sol era todo olhos no saibro, debaixo das árvores em flor, enquanto no meio daquele ocelado paraíso a minha sardenta e atrevida garota saltava à corda, repetindo os movimentos de tantas outras que eu devorara com os olhos nos passeios cheios de sol, recém-lavados e a cheirar a terra molhada da antiga Europa. Pouco depois, entregava a corda à sua amiguinha espanhola, observava Por sua vez o repetir da lição, afastava o cabelo da testa, cruzava os braços e punha um pé em cima do outro, ou deixava pender as mãos, frouxamente, ao longo das ancas ainda não desenvolvidas - e eu certificava-me de que o maldito pessoal acabara, finalmente, de arrumar a nossa cabina e, lançando um sorriso à tímida pajem moreninha da minha princesa, enfiava os meus dedos paternais nos cabelos de Lo, pela retaguarda, e, segurando-os suave, mas firmemente na nuca, conduzia a minha relutante querida ao nosso pequeno ninho, para um breve coito antes do jantar.

- Que gato o arranhou, meu pobre caro? - podia perguntar-me uma pujante mulher, carnuda e perfeita, do tipo repulsivo que sentia uma especial atração por mim, durante um jantar em table d'hôte, a que se seguiria um baile prometido a Lo.

Era por essas e por outras que eu tentava afastar-me o mais possível das pessoas, enquanto Lo, pelo contrário, fazia tudo e mais alguma coisa a fim de atrair para a sua órbita o maior número possível de testemunhas potenciais.

Metaforicamente falando, agitava a caudazinha - ou, melhor dizendo, todo o traseiro, como fazem as cadelinhas – quando algum sorridente desconhecido nos abordava e iniciava uma brilhante conversa com um estudo comparativo de chapas de matrícula.

"Está muito longe de casa!"

Pais curiosos sugeriam que Lo acompanhasse os filhos ao cinema, para a sondarem a meu respeito. Algumas vezes escapamos por pouco. A praga dos autoclismos perseguiu-me,
claro, em todos os nossos caravans arais. Mas só tive consciência da fragilidade das suas paredes quando uma noite, depois de ter amado muito ruidosamente, a tosse de um vizinho preencheu a pausa, tão claramente como se fosse a minha. Na manhã seguinte, quando tomava o pequeno-almoço no bar do leite (Lo dormia até tarde e eu gostava de lhe levar à cama uma cafeteira de café bem quente), o meu vizinho da véspera, um velho idiota de óculos de aros metálicos encavalitados no comprido nariz virtuoso e a fitinha de uma convenção qualquer na lapela, arranjou maneira de meter conversa comigo e, a certa altura, perguntou se a minha patroa era como a sua e gostava de mandriar na cama até tarde, quando não estava na quinta. Se o horrível perigo que me espreitava de tão perto não me tivesse quase sufocado, ter-me-ia divertido com o estranho olhar de surpresa que se estampou no seu rosto tisnado e de lábios finos, quando lhe respondi secamente, enquanto descia do tamborete, que, graças a Deus, era viúvo.

Como era agradável levar-lhe aquele café, e, depois, recusar-lho até ela ter cumprido o seu dever matinal! E eu era um amigo tão solícito, um pai tão apaixonado, um pediatra tão excelente que satisfazia todas as necessidades do corpo da minha pequenina moreno-arruivada! O meu único ressentimento contra a natureza devia-se a não poder virar a minha Lolita do

avesso e colar uns lábios vorazes à sua jovem matriz, ao seu desconhecido coração, ao seu nacarado fígado, às uvas marinhas dos seus pulmões, aos seus graciosos rins. Em tardes particularmente tropicais, na intimidade abafada da sesta, gostava do contacto frio do couro da poltrona contra a minha nudez maciça, enquanto a segurava no meu colo. E ela deixava-se estar, uma verdadeira criança a esgaravatar o nariz e ler as secções mais ligeiras do jornal, tão indiferente ao meu êxtase como se fosse qualquer coisa em cima da qual se sentara - um sapato, uma boneca, o cabo de uma raqueta de tênis - e que não afastava por indolência. Os seus olhos acompanhavam as aventuras das suas personagens preferidas de banda desenhada - havia uma adolescente bem desenhada, de expressão piegas, zigomas salientes e gestos angulosos que eu próprio apreciava muito - e estudava os resultados fotográficos de colisões frontais. Nunca duvidara da realidade de lugar, tempo e circunstâncias, inventada para condizer com as fotografias publicitárias de beldades de coxas nuas, e sentia-se curiosamente fascinada com os retratos de noivas, algumas com todo o aparato da vestimenta nupcial, segurando raminhos de flores e usando óculos.

Uma mosca pousava e começava a andar-Lhe nas imediações do umbigo ou a explorar-lhe as tenras e pálidas auréolas. Ela tentava apanhá-la com a mão (método de Charlotte) e depois dedicava a sua atenção à coluna Vamos Explorar a Sua Mente.

Exploremos a sua mente. O número de crimes sexuais diminuiria se as crianças obedecessem a alguns "não se deve"? Não se deve brincar próximo das instalações sanitárias públicas. Não se devem aceitar rebuçados ou boleias oferecidos por desconhecidos. Se a meterem num automóvel, tome nota da matrícula do carro..." "... e da marca dos rebuçados - acrescentava eu.

Ela continuava, com a face (em fuga) encostada à minha (em perseguição) - e este era um bom dia, ó leitor, tome nota!

- Se não tiver um lápis, mas já souber ler..., - Nós - trocei -, marinheiros medievais, colocamos nesta garrafa...

- Se - repetiu ela - não tiver um lápis, mas já souber ler e escrever... - é isto que o tipo quer dizer, não é, idiota? - "... risque o número de qualquer maneira na berma da estrada."

- Com as tuas garrazinhas, Lolita.

3

Ela penetrara no meu mundo, a umbria e negra Hurbelândia, com impetuosa curiosidade, observara-o com um encolher de ombros de divertido desagrado e parecia-me, agora, que estava disposta a abandoná-lo com algo semelhante a repugnância pura e simples. O meu contacto nunca a fazia vibrar e um "que julgas que estás a fazer?" era tudo quanto recompensava os meus esforços. Ao país das maravilhas que eu tinha para oferecer, a minha pateta preferia os filmes mais sentimentalões, os mais enjoativos doces de chocolate. Mencionei o nome daquele bar do leite que visitei há momentos? Chamava-se, imaginem, Rainha Frígida. Sorrindo com certa tristeza, alcunhei-o de Minha Frígida Princesa". Ela não
percebeu o melancólico gracejo.

Não olhe para mim com esse ar carrancudo, leitor! Não pretendo dar a impressão de que não consegui ser feliz. O leitor deve compreender que, na posse e na escravidão de uma
ninfeta, o encantado viajante se encontra, por assim dizer,para além da felicidade, pois não há no mundo prazer que se compare ao de acariciar uma ninfeta. É um prazer hors
concours, pertence a outra classe, a outro plano desensibilidade. Apesar dos nossos arrufos, apesar da sua má criação, apesar de todo o barulho e todas as caretas que ela
fazia, e da vulgaridade, e do perigo, e do horrível desespero de tudo aquilo, eu continuava profundamente embrenhado no paraíso da minha eleição - um paraíso

cujo céu tinha a cor das chamas do Inferno, mas que não deixava de ser um paraíso.

O competente psiquiatra que estudou o meu caso - e a quem o Dr. Humbert mergulhou, espero, num estado de leporina fascinação - está, sem dúvida, ansioso para que leve a minha Lolita para a beira-mar e lá encontre, finalmente, a satisfação" de um impulso da vida inteira, a libertação da obsessão subconsciente do incompleto romance da infância com a inicial pequena Miss Lee.

Bem, camarada, deixe-me dizer-lhe que procurei uma praia, embora deva também confessar que quando alcançamos a sua miragem de água cinzenta já me tinham sido concedidos tantos gozos pela minha companheira de viagem que a demanda de um Reino Junto ao Mar, uma Riviera Sublimada, ou coisa parecida, longe de ser um impulso do subconsciente, se tornara, pelo contrário, a busca racional de uma emoção puramente teórica.

Os anjos sabiam-no e arranjaram as coisas como convinha. Uma visita a uma enseada plausível do lado do Atlântico foi completamente arruinada pelo mau tempo. Um céu pesado e húmido, ondas lamacentas, uma sensação de névoa infinita mas, de certo modo, também prosaica - que poderia ser mais diferente do límpido encanto, da safírica ocasião e da rosácea contingência do meu romance da Riviera? Umas duas praias semitropicais, no Golfo, embora luminosas, estavam ornamentadas e maculadas por animalejos peçonhentos e eram varridas por ventos ciclónicos. Finalmente, numa praia da Califórnia, diante do fantasma do Pacífico, encontrei uma intimidade um tanto perversa, numa espécie de caverna, onde se ouviam os guinchos de uma quantidade de escuteiras a tomarem o seu primeiro banho na rebentação, numa parte isolada da praia, atrás de árvores em decomposição; mas o nevoeiro parecia um

cobertor húmido, e a areia era áspera e pegajosa, e Lo era toda ela pele de galinha e areia, e pela primeira vez na minha vida senti tão pouco desejo por ela como por um manatim.
Talvez os meus entendidos leitores arrebitem a orelha se lhes disser que, mesmo que tivéssemos descoberto um recanto de praia agradável em qualquer lado, já seria demasiado tarde, pois a minha libertação ocorrera muito antes: precisamente no momento em que Annabel Haze, aliás Dolores Lee, aliás Loleeta, surgira aos meus olhos dourada e trigueira, ajoelhada e a olhar para cima, naquela varanda pretensiosa, numa espécie de cenário fictício e desonesto, mas eminentemente satisfatório, de beira-mar (embora nas proximidades só houvesse um lago de segunda categoria).

Mas basta dessas sensações especiais, influenciadas, se não efetivamente provocadas, pelos dogmas da moderna psiquiatria. Consequentemente, afastei-me - afastei a minha Lolita – de praias que eram ou demasiado soturnas quando despovoadas, ou demasiado populosas quando cheias de sol. No entanto, suponho que em memória das minhas desesperadas perambulações por parques públicos da Europa, continuava a sentir vivo interesse por atividades ao ar livre e desejoso de encontrar cenários de recreio adequados, em campo aberto, onde sofrera tão vergonhosas privações. Mas, nesse aspecto, os meus anseios também seriam contrariados. A decepção que vou agora relatar (à medida que, suavemente, imprimo à minha história o cariz do risco e do temor constantes que ensombravam a minha aventura) não deverá, de modo algum, refletir-se nos descampados americanos, líricos, épicos, trágicos, mas jamais arcádicos. São belos, dolorosamente belos, caracterizados por uma espécie de rendição inocente, de olhos muito abertos, não cantada, que as minhas envernizadas aldeias suíças, reluzentes

como brinquedos, e os exaustivamente enaltecidos Alpes já não possuem. Inúmeros amantes se têm abraçado e beijado nos aparados relvados de encostas montanhosas do Velho Mundo, nos musgos das fontes, à beira de córregos higiênicos e adequadamente situados, em bancos rústicos à sombra de carvalhos com o tronco cheio de iniciais e em muitas cabanas noutras tantas florestas de faias.

Mas nos ermos da América não é fácil ao amante de ar livre entregar-se ao mais antigo de todos os crimes e passatempos. Plantas venenosas escaldam as nádegas da sua amada, inúmeros insetos picam as suas; coisas aguçadas do solo florestal arranham os joelhos dele, insetos mordem os dela - e por toda a parte há um restolhar contido de potenciais serpentes – que dis-je, de dragões semi-extintos! -, enquanto as sementes caranguejiformes de ferozes flores se agarram, numa repugnante crosta verde, a peúgas pretas e com ligas, de homem, e a descambados soquetes brancos.

Estou a exagerar um bocadinho. Certo meio-dia de Verão, logo abaixo da linha florestal, onde, ao longo de um murmurante regato montanhoso, havia flores de tons celestiais, a que de bom grado chamaria esporas, descobrimos, a Lolita e eu, um lugar romântico e isolado, cerca de trinta metros acima da paisagem onde deixáramos o carro. A encosta parecia nunca ter sido pisada, virgem. Um derradeiro pinheiro ofegante descansava merecidamente na rocha a que conseguira chegar. Uma marmota assobiou-nos e fugiu. Debaixo da manta, que estendera para Lolita, crepitavam suavemente flores secas. Venus chegou e partiu. O penhasco irregular que coroava o talude superior e o emaranhado de arbustos que crescia debaixo de nós pareciam proteger-nos simultaneamente do sol e do homem. Ai de mim, não contara com uma veredazinha

lateral, que serpenteava, como que à socapa, por entre os arbustos e as pedras, a pouca distância de nós.

Nesse momento estivemos mais de perto de ser descobertos do que nunca, e não admira que a experiência tenha extinguido para sempre o meu anseio por amores rurais.

Recordo-me que a operação estava terminada, completamente terminada, e ela chorava nos meus braços - uma salutar tempestade de soluços depois de um dos acessos de melancolia que se tinham tornado tão frequentes nela, no decorrer daquele ano noutros aspectos admirável. Acabava de retirar uma promessa idiota que me obrigara a fazer num momento de cega e impaciente paixão, e ei-la que soluçava e beliscava a mão que a acariciava, enquanto eu ria, feliz. O atroz, inacreditável, insuportável e, desconfio, eterno horror que conheço agora não passava ainda de um ponto negro no azul da minha ventura. Para ali estávamos deitados, quando, com um daqueles sobressaltos que acabaram por deslocar o meu pobre coração da sua cavidade, se me depararam os olhos fixos, negros, de duas crianças desconhecidas e belas, faunito e ninfeta, cujo idêntico cabelo negro e liso e cujas faces exangues proclamavam serem irmãos, se não gêmeos.

Estavam acocorados, a observar-nos de boca aberta, ambos vestidos de um azul que se confundia com as flores da montanha. Puxei a manta, a tentar desesperadamente cobrir-me e no mesmo instante algo que parecia um saco de treino às pintinhas, entre o matagal próximo, começou a virar-se e transformou-se na figura, a erguer-se lentamente, de uma senhora robusta, de cabelo curto e negríssimo, que acrescentou maquinalmente um lírio bravo ao seu ramo de flores, enquanto olhava para nós por cima do ombro, atrás dos seus encantadores filhos, esculpidos em pedra azul.

Agora que tenho na consciência um problema completamente diferente, sei que sou um homem corajoso, mas naquele tempo não o sabia e lembro-me de ter ficado surpreendido com a minha própria serenidade. Com a calma ordem murmurada que se costuma dar a um animal treinado, assustado, coberto de suor, mesmo na pior das situações (que louca esperança ou que louco ódio faz vibrar os flancos da jovem besta, que negras estrelas
traspassam o coração do domador!), obriguei Lolita a levantar-se e caminhamos decorosamente, e depois corremos indecorosamente, para o automóvel. Atrás dele estava
estacionada uma luxuosa station, e um elegante assírio de barbicha preto-azulada, un monsieur très bien, de camisa de seda e calças magenta - presumivelmente o marido da corpulenta botânica -, fotografava, com toda a gravidade, a tabuleta que indicava a altitude da passagem. Eram muito mais de três mil metros e eu estava sem fôlego. Arranquei, com uma derrapagem e um chiar de pneus, enquanto Lo, ainda às voltas com a roupa, me bombardeava com uma chuva de pragas, numa linguagem que nunca me passara pela cabeça que as rapariguinhas soubessem e muito menos que a usassem.

Houve outros incidentes desagradáveis. Aquela vez no cinema, por exemplo. Naquele tempo, Lo ainda tinha pelo cinema uma verdadeira paixão (que viria a declinar e a transformar-se em tépida condescendência durante o 2º ano do liceu). Vimos, voluptuosa e indiscriminadamente, uns, sei lá, uns cento e cinquenta ou duzentos programas, naquele ano, e durante os períodos de maior assiduidade chegamos a ver meia dúzia de vezes o mesmo noticiário, pois era feito semanalmente para diferentes filmes principais, e perseguia-nos de cidade para cidade. Os seus gêneros

preferidos, eram, por esta ordem: musicais de bandidos e westerners. Nos primeiros, cantores e bailarinos reais tinham carreiras artísticas irreais, numa esfera de existência essencialmente à prova de sofrimento, da qual a morte e a verdade estavam banidas e onde, no fim, encanecido, de olhos húmidos e tecnicamente imortal, o inicialmente relutante pai de uma rapariga com a mania de ser artista acava sempre por aplaudir a sua apoteose na fabulosa Broadway. O mundo do crime era um mundo à parte, onde heroicos jornalistas eram torturados, as contas telefônicas ascendiam a milhões e, numa franca atmosfera de péssima pontaria, os bandidos eram perseguidos, através de esgotos e armazéns, por polícias patologicamente destemidos (eu cansá-los-ia menos). Finalmente, havia a paisagem de mogno, os valentes cavaleiros de rosto tisnado e olhos azuis, a bonita e empertigada professora que chegava a Roaring Gulch, o cavalo empinado, o estouro espetacular, a pistola apontada através do vidro estilhaçado, a estupenda cena de murro, a montanha de móveis poeirentos e antiquados a desfazer-se, a mesa utilizada como arma, a cambalhota dada no momento oportuno, a mão aprisionada ainda a tentar chegar à faca de caça caída no chão, o gemido, o sonoro impacto de punho contra o queixo, o pontapé no ventre, o engalfinhamento e, imediatamente a seguir, uma pletora de dor que devia chegar para hospitalizar um Hércules (já tive tempo de o aprender), havia apenas, como recordação de tal selvajaria, uma equimose - que até lhe ficava muito bem - na face bronzeada do exaltado herói, que abraçava a sua bonita noiva da fronteira. Lembro-me de uma matinée num pequeno cinema sem ventilação, cheio de crianças a tresandar ao bafo quente das pipocas. A Lua brilhava, amarela, por cima do cantor de lenço ao pescoço, que dedilhava as cordas do instrumento e tinha um pé apoiado num tronco de pinheiro, e eu enlaçara

inocentemente os ombros de Lo e aproximara o queixo da sua têmpora quando, atrás de nós, duas harpias começaram a resmungar as coisas mais esquisitas - não sei se as compreendi bem, mas o que julguei compreender levou-me a retirar a minha terna mão. E, claro, o resto do filme foi nevoeiro para mim.

Outro sobressalto de que me lembro relaciona-se com um pequeno lugarejo que atravessamos de noite, durante a nossa viagem de regresso. Cerca de trinta quilômetros atrás, eu dissera a Lo que o colégio externo que iria frequentar em Beardsley era de primeira categoria, não coeducacional e sem nenhuma dessas tolices modernas, do que resultara Lo mimosear-me com uma das suas furiosas arengas em que a súplica e o insulto, a afirmação dos direitos próprios e a ambiguidade, a maldade rancorosa e o desespero infantil, se misturavam numa exasperante aparência lógica que me inspirava uma aparência de explicação. Atascado nas suas palavras ferozes ("espera por isso... Seria uma idiota se tomasse a tua opinião a sério... Grande nojento... Não mandas em mim... Desprezo-te... e etc."), ia conduzindo através do lugarejo adormecido, a oitenta quilômetros por hora, na mesma cadência em que viajara pela auto-es trada, quando dois polícias apontaram as luzes ao meu carro e me mandaram encostar. Mandei calar Lo, que continuava, maquinalmente, a barafustar. Os homens olharam-na e depois olharam-me com malévola curiosidade. De súbito, toda covinhas nas faces, sorriu-Lhes docemente, como nunca sorria à minha orquidácea virilidade - sim, porque em certo sentido a minha Lo tinha ainda mais medo da polícia do que eu -, e, quando os amáveis polícias nos perdoaram e nós partimos servilmente, as pálpebras da minha querida fecharam-se e palpitaram, enquanto ela fingia grande
prostração.

Nesta altura, tenho uma curiosa confissão a fazer. Vão-se rir, mas afirmo sinceramente que nunca consegui saber qual era, ao certo, a situação, do ponto de vista jurídico. E ainda não sei. Oh, tomei conhecimento de algumas coisitas, lá isso tomei! O Alabama proíbe ao tutor que mude a residência da sua pupila sem uma ordem do tribunal; o Minesota, a quem tiro o chapéu, proclama que, quando um parente assume a custódia permanente de qualquer criança com menos de doze anos, a autoridade do tribunal não tem nada a ver com o assunto.

Pergunta: o padrasto de uma sufocantemente adorável adolescente, o padrasto apenas com um mês de tal cargo, um viúvo neurótico e maduro, de pequenos recursos mas independente, tendo como antecedentes os parapeitos da Europa, um divórcio e alguns manicômios, tal padrasto deve ser considerado um parente e, logo, um tutor natural? E, não sendo assim, deveria eu - e ousaria -, razoavelmente, notificar uma junta social qualquer, apresentar um requerimento (como se apresenta um requerimento?) e permitir que um agente do tribunal investigasse a vida do humilde e suspeito Humbert e da perigosa Dolores Haze? Os muitos livros acerca do casamento, estupro, adopção, etc., que culposamente consultei nas bibliotecas públicas de grandes e pequenas cidades, não me disseram nada, além de insinuarem sinistramente ser o Estado o supertutor de crianças menores. Pilven e Zapel, se me recordo bem dos seus nomes, ignoraram por completo, num impressionante volume acerca da faceta jurídica do casamento, padrastos com raparigas órfãs nas mãos e nos joelhos. A minha melhor amiga, uma monografia do serviço social (Chicago, 1936), retirada para mim, com grande esforço, de um recesso poeirento, por uma solteirona inocente, dizia: "Não existe princípio algum segundo o qual todos os menores tenham de ter um

tutor. O tribunal é passivo e só entra na brecha quando a situação da criança se torna notoriamente perigosa." Cheguei à conclusão de que um tutor só era nomeado quando exprimia esse desejo solene e formal; mas podiam decorrer meses antes de ser convocado para comparecer a uma audiência e deixar crescer o seu par de asas cinzentas, e, entretanto, o belo demoniozinho ficava legalmente entregue a si próprio - o que, no fim de contas, era o caso de Dolores Haze. Depois efetuava-se a tal audiência. Algumas perguntas do juiz, algumas respostas
tranquilizadoras do advogado, um sorriso, uma inclinação de cabeça, uma morrinha leve no exterior e estava a nomeação feita. E, no entanto, eu não me atrevia. Afasta-te, procede
como um rato, enrosca-te no teu buraco. Os tribunais tornavam-se extraordinariamente ativos só quando havia alguma questão monetária a considerar: dois tutores gananciosos, um órfão ou uma órfã roubados a uma terceira personagem ainda mais gananciosa. Mas nesse aspecto estava tudo na mais perfeita ordem. Fizera-se um inventário e os poucos bens da mãe aguardavam, intactos, que Dolores Haze crescesse. A política mais acertada parecia ser coibir-me de requerer a tutela. Mas, se me conservasse excessivamente inativo, não correria o risco de alguém, alguma sociedade humanitária, meter o bedelho no assunto?

O amigo Farlow, que era uma espécie de advogado e talvez me pudesse ter dado alguns bons conselhos, andava tão ocupado com o cancro de Jean que não podia fazer mais nada além do que prometera - isto é, administrar os magros bens de Charlotte enquanto, muito lentamente, eu me refazia do abalo da sua morte. Condicionara-o a acreditar que Dolores era a minha filha natural, e, por isso, não receava que ele se preocupasse com a situação. Sou, como o leitor já deve ter percebido,

um fraco homem de negócios; mas nem a ignorância nem a indolência me deveriam ter impedido de procurar conselho profissional em qualquer outro lado. O que me deteve foi o horrível pressentimento de que, se me intrometesse com o destino em qualquer sentido e tentasse racionalizar a sua fantástica dádiva, esta ser-me-ia tirada, como aquele palácio no cume de uma montanha, de uma história oriental, que desaparecia sempre que um comprador em perspectiva perguntava ao guarda como era possível que se visse perfeitamente, de longe, uma faixa de céu crepuscular, entre o rochedo negro e os alicerces.

Disse para comigo que em Beardsley (onde ficava a Universidade Feminina de Beardsley) teria acesso a obras de referência que ainda não me fora possível estudar, tais como o ensaio de Woerner Sobre a Lei Americana da Tutela e algumas publicações do Departamento Infantil dos Estados Unidos. Cheguei também à conclusão de que tudo seria melhor para Lo do que a desmoralizadora ociosidade em que vivia. Conseguia persuadi-la a fazer muitas coisas - a lista delas talvez deixasse estupefato um educador profissional -, mas, por muito que suplicasse ou ralhasse, não era capaz de a convencer a ler outros livros além das chamadas histórias aos quadradinhos ou fotonovelas de revistas femininas. Qualquer literatura um furo mais acima cheirava-lhe logo a escola, e, embora teoricamente devesse gostar de ler A Rapariga da Floresta Perdida, ou As Mil e Uma Noites, ou Mulherzinhas, o que não estava de modo algum disposta era a desperdiçar as suas férias com leituras tão intelectuais.

Agora penso que foi um grande erro seguir de novo para leste e mandá-la para a tal escola particular de Beardsley, em vez de atravessar a fronteira mexicana, enquanto era possível, e permanecer um par de anos na

obscuridade, numa bem-aventurança subtropical, até poder casar tranquilamente com a minha crioula - pois devo confessar que, conforme o estado das minhas glândulas e dos meus gânglios, podia mudar, no mesmo dia, de um pólo de insanidade para outro, do pensamento de que, por volta de 1950, teria de arranjar maneira de me livrar de uma difícil adolescente cuja qualidade nínfica se evaporara, para o pensamento de que, com paciência e sone, talvez a levasse a dar-me uma ninfeta com o meu próprio sangue nas delicadas veias, uma Lolita II, que teria oito ou nove anos cerca de 1960, quando eu ainda estaria dans la force de l'âge. Na verdade, o telescópio da minha mente - ou da minha não mente - era tão potente que me permitia discernir, na lonjura do tempo, um vieillard encore vert - seria o verde da podridão? -, o extravagante, terno e babado Dr. Humbert, a praticar na supremamente encantadora Lolita III a arte de ser avô.

Nos dias da nossa louca viagem não duvidei de que, como pai de Lolita, era um ridículo fracasso. Mas fiz o possível. Li e reli um livro com o título bíblico, não internacional, de Conhece a Tua Filha, que adquiri na mesma loja onde comprei, como prenda do décimo terceiro aniversário de Lo, uma edição de luxo, com ilustrações comercialmente bonitas, de A Sereiazinha, de Andersen. No entanto, mesmo nos nossos melhores momentos, quando ficávamos sentados a ler num dia de chuva (com o olhar de Lo num constante corropio entre a janela e o relógio de pulso, e vice-versa), ou comíamos uma boa e tranquila refeição num restaurante cheio de gente, ou nos entretínhamos com um infantil jogo de cartas, ou íamos às
compras, ou fitávamos silenciosamente, com outros motoristas e os seus filhos, um automóvel esfrangalhado e salpicado de sangue e o sapato de uma jovem mulher caído na valeta (Lo, ao afastarmo-nos: Foi exatamente

aquele tipo de mocassina que tentei descrever ao idiota da sapataria) mesmo nesses momentos próprio me considerava um pai tão pouco plausível como ela uma filha pouco plausível. Seria, porventura, a locomoção culposa que viciava as nossas capacidades de personificação? Um domicílio fixo e um dia escolar rotineiro melhorariam a situação?

Ao escolher Beardsley guiei-me não só pelo fato de lá haver uma escola feminina relativamente sossegada, mas também pela presença da universidade feminina. No meu desejo de ficar casé de me unir, fosse como fosse, a qualquer superfície com cujo
padrão as minhas riscas se fundissem, pensei num indivíduo que conhecia no departamento de Francês da Universidade de Beardsley e que tinha a bondade de utilizar o meu manual nas
suas aulas e até tentara levar-me lá uma vez para proferir um discurso. Não tinha intenção nenhuma de fazer tal coisa, pois, como já tive ocasião de observar ao longo desta confissão, há poucos físicos que me despertem mais aversão do que a pelve pesada e descaída, as barrigas das pernas grossas e a cútis deplorável da média das universitárias (nas quais vejo, talvez, o caixão de grosseira carne feminina onde as minhas ninfetas são sepultadas vivas). Mas ansiava por um rótulo, antecedentes e um disfarce e, como mais adiante se
compreenderá, havia uma razão - uma razão muito idiota, diga-se - para a companhia do velho Gaston Godin ser particularmente segura.

Finalmente, havia a questão do dinheiro. A pressão da nossa passeata começava a fazer-se sentir nas minhas finanças, devorava-me o rendimento. É verdade que dava a preferência aos motéis mais baratos, mas de vez em quando aparecia um imponente hotel de luxo, ou um pretensioso rancho turístico, que mutilava o nosso

orçamento. Além disso, sumiam-se enormes importâncias em excursões e no vestuário de Lo, e a velha carripana Haze, embora ainda estivesse ali para as curvas, estava constantemente a precisar de pequenas e grandes reparações. Num dos nossos mapas de viagem que tiveram a sorte de sobreviver entre os papéis que as autoridades tiveram a bondade de me permitir usar para redigir o meu depoimento, encontrei alguns apontamentos que me ajudaram a fazer os seguintes cálculos: durante aquele extravagante ano de 1947-1948, de Agosto a Agosto, alojamento e alimentação custaram-nos cerca de cinco mil e quinhentos dólares; gasolina, óleo e reparações, mil duzentos e trinta e quatro, e vários extras quase outro tanto. Assim, em cerca de cento e cinquenta dias de movimento efetivo (percorremos aproximadamente quarenta e sete mil quilômetros e mais uns duzentos e cinquenta dias de paragens alternadas, este modesto rentier gastou perto de oito mil dólares - ou melhor, dez mil dólares, pois, distraído como sou, esqueci-me com certeza de assentar muitas coisas.

Seguimos, portanto, para Leste, eu mais arruinado do que revigorado pela satisfação da minha paixão e ela respirando saúde com a estrutura ilíaca ainda tão escorrida como a de um rapaz, embora tivesse aumentado cinco centímetros à altura e três quilos e meio ao peso. Estivéramos em toda a parte. Na realidade, não víramos nada. E hoje dou comigo a pensar que a nossa longa viagem serviu apenas para macular, com um longo rasto de lodo, o encantador, confiante e sonhador país que então, em retrospectiva, não era mais para nós do que um amontoado de mapas muito usados, guias de viagens desfeitos, pneus velhos e os soluços dela na noite - todas as noites, todas -, assim que eu fingia adormecer.

4

Quando, por entre decorações de luz e sombra, chegamos de carro à Thayer Street, 14, um rapazinho de ar grave foi ao nosso encontro com as chaves e um bilhete de Gaston, que alugara a casa em nosso nome. A minha Lo, sem honrar o nosso novo ambiente com um único olhar, ligou distraidamente a telefonia, para a qual o instinto a atraía, e estendeu-se no sofá da sala com uma pilha de velhas revistas que tirara da parte inferior de uma mesinha, a que o mesmo instinto certeiro e cego a conduzira.

Pessoalmente, não me importava o lugar onde morava, desde que pudesse fechar a minha Lolita em qualquer parte; mas, no decurso da minha correspondência com o vago Gaston, imaginara vagamente uma casa de tijolo coberto de hera. Mas, afinal, encontrei uma casa tristemente parecida com a da Haze (a escassos seiscentos e cinquenta quilômetros de distância). Era o mesmo tipo de casa de madeira cinzento-baça, com telhado de telha e toldos de lona verde, sem brilho. As divisões, embora mais pequenas e mobiladas num estilo mais a puxar ao fino, tinham mais ou menos a mesma disposição. Mas o meu gabinete era um aposento muito maior, forrado do chão ao teto por uns dois mil livros de química, matéria que o meu senhorio (ausente em licença de estudo) ensinava na Universidade de Beardsley.

Alimentara a esperança de que a Escola Feminina de Beardsley, um externato caro, com almoço incluído e um maravilhoso ginásio, além de cultivar todos aqueles corpos juvenis proporcionasse, também, alguma instrução ao espírito. Gaston Godin, que raramente tinha

razão ao julgar os costumes americanos, avisara-me de que a instituição talvez fosse uma
daquelas onde, como disse com um amor muito europeu por tais coisas, não se ensinam as raparigas a ler muito bem e, sim, a cheirar muito bem. Creio que nem isso conseguiam.

No meu primeiro encontro com a diretora Pratt, esta aprovou os bonitos olhos azuis (azuis, Lolita!) da minha filha e a minha amizade com aquele génio francês" (um gênio, o Gaston!), e depois de ter entregue Dolly a uma Miss Cormorant qualquer, franziu a testa numa espécie de recueillement e declarou:

- Mr. Humbird, não nos empenhamos muito em transformar as nossas alunas em ratos de biblioteca, nem em fazê-las papaguear o nome de todas as capitais da Europa - coisa que,
aliás, ninguém sabe -, nem em obrigá-las a decorar as datas de batalhas esquecidas. Aquilo que nos interessa é a adaptação da criança à vida em grupo. É por isso que damos especial
importância aos três DDD e um E: Drama, Dança, Debate e Encontros. Estamos perante certos fatos incontestáveis. A sua deliciosa Dolly entrará em breve num grupo etário em que os encontros, os vestidos para os encontros, a agenda de encontros e a etiqueta dos encontros significam tanto para ela como, digamos, os negócios, as relações de negócios e o êxito
dos negócios significam para o senhor, ou (sorrindo) a felicidade das minhas pequenas significa para mim. Dorothy Humbird já está abrangida por todo um sistema de vida social
que se compõe, quer nos agrade, quer não, de quiosques de cachorros-quentes, drugstores da esquina, leite malteado e colas, filmes, bailes, piqueniques na praia e até reuniões de

penteados! Naturalmente, na Escola de Beardsley não aprovamos alguma dessas atividades e canalizamos outras em sentidos mais construtivos. Mas tentamos virar as costas ao nevoeiro e olhar de frente para o sol. Em resumo, embora adotando certas técnicas de ensino, interessa-nos mais a comunicação do que a redação... Isto é, com o devido respeito por Shakespeare e outros, desejamos que as nossas raparigas comuniquem livremente com o mundo vivo que as cerca, em vez de mergulharem em velhos livros mofentos. Talvez ainda tateemos, à procura do caminho certo, mas tacteamos inteligentemente, como um ginecologista a apalpar um tumor. Pensamos, Dr. Humburg, em termos de organismo e de organização. Pusemos de parte a massa de tópicos irrelevantes com que, tradicionalmente, se tem sobrecarregado as jovens, sem deixar lugar para os conhecimentos, e as artes, e as entidades de que precisarão para dirigir a sua vida e, como um cínico acrescentaria, a vida dos maridos. Ponhamos as coisas nos seguintes termos, Mr. Humberson: a localização de uma estrela é importante, mas o lugar mais prático para arrumar um frigorífico, na cozinha, pode ser ainda mais importante para a dona de casa principiante.

"Dir-me-á que de uma escola só se deve esperar que proporcione a uma criança uma sólida instrução. Mas que significado damos nós à palavra instrução? Antigamente era, principalmente, um fenômeno verbal - quero dizer, obrigava-se uma criança a decorar uma boa enciclopédia e ela ficava a saber tanto ou mais do que uma escola lhe podia ensinar. Já
pensou, Dr. Hummer, que, para a criança moderna pré-adolescente, as datas medievais têm menos importância vital do que as datas dos seus encontros de fim-de-semana (sorriso)? Acabo de lhe repetir uma piada que ouvi outro dia à psicanalista da Universidade de Beardsley. Não vivemos só num mundo de ideias, mas

também num mundo de coisas. As palavras sem a experiência não teriam qualquer significado. Que interesse pode Dorothy Hummerson ter pela Grécia e pelo Oriente, com os seus haréns e os seus escravos?

O programa apavorou-me, mas falei com duas senhoras inteligentes, que tinham estado ligadas à escola, e elas afirmaram-me que as raparigas tinham de fazer um bom número de boas leituras e que a história da comunicação era conversa fiada, para dar à antiquada Escola de Beardsley um ar moderno financeiramente compensador, embora o estabelecimento continuasse a ser tão formalista como sempre fora.

Outra das razões que me atraiu para aquela escola, em particular, poderá parecer divertida a alguns dos meus leitores, mas eu achei-a muito importante, pois sou como sou. Do outro lado da rua, mesmo defronte da nossa casa, havia um terreno baldio, com alguns arbustos coloridos, um monte de tijolos, algumas tábuas espalhadas aqui e ali e uma leve espuma malva e avermelhada de modestas flores outonais da beira da estrada. Através desse terreno avistava-se um troço de Estrada da Escola, que corria paralelamente à nossa Thayer Street, e imediatamente a seguir o campo de recreio escolar. Além da tranquilidade psicológica que isso me proporcionaria, mantendo o dia de Dolly adjacente ao meu, previ, ato contínuo, o prazer que sentiria ao distinguir da janela do meu quarto-gabinete, com a ajuda de um potente binóculo, a percentagem estatisticamente inevitável de ninfetas existente entre as outras raparigas que brincariam junto de Dolly durante os intervalos. Infelizmente, logo no primeiro dia de aulas vieram operários erigir uma espécie de vedação e, pouco depois, uma construção de madeira acastanhada ergueu-se maldosamente do lado de dentro, bloqueando por completo o meu mágico espetáculo. E depois de a

construção atingir altura suficiente para estragar tudo, os absurdos construtores suspenderam o trabalho e nunca mais apareceram.

5

Numa rua chamada Thayer, da verde, fulva e dourada zona residencial de uma cidadezinha universitária, era inevitável ser alvo dos desejos de bons-dias, e das observações
meteorológicas de alguns cordiais vizinhos. Orgulho-me de ter sabido manter as minhas relações com eles numa temperatura correta: nunca grosseiro, mas sempre distante. O meu vizinho do lado ocidental, que podia ser comerciante ou professor, ou ambas as coisas, falava-me uma vez por outra, quando barbeava algumas flores tardias, no jardim, ou regava o carro, ou então, posteriormente, quando descongelava o caminho da garagem (não me importo se estes verbos estiverem todos errados). Mas os meus breves grunhidos, suficientemente articulados, apenas, para soarem como convencionais monossílabos de assentimento ou interrogadores preenchimentos de pausas, impediram qualquer evolução para a camaradagem. Das duas casas que flanqueavam o baldio fronteiro, uma estava encerrada e a outra abrigava duas professoras de Inglês: Miss Lester, de tweeds e cabelo curto, e Miss Fabian, fanadamente feminina, cujo único assunto de conversa de passeio comigo (Deus abençoe o seu tacto!) era o encanto juvenil da minha filha e a simpatia ingênua de Gaston Godin. A minha vizinha do lado leste, de longe a mais perigosa, era uma criatura forte e de nariz adunco, cujo defunto irmão trabalhara na Universidade, como superintendente de edifícios e terrenos. Lembro-me de ela sair ao encontro de Dolly, enquanto eu, à janela da sala, aguardava febrilmente o regresso da minha queridinha. A odiosa solteirona, a tentar disfarçar a

curiosidade mórbida sob uma capa de melíflua boa vizinhança, apoiava-se na sombrinha esguia (o granizo parara havia pouco e um enfermiço sol húmido e frio começara a espreitar), e Dolly estava com o casaco castanho desabotoado, apesar da temperatura agreste, a rima de livros comprimida contra o estômago e os joelhos rosados por cima das desajeitadas galochas. Um sorrisinho assustado e tímido perpassava-lhe pelo rosto de nariz arrebitado, que, talvez devido à pálida luz invernal, parecia quase banal, de uma rusticidade germânica tipo magdlein, enquanto respondia às perguntas de Miss Lester: "E onde está a sua mãe, minha querida? E qual é a ocupação do seu pobre pai? E onde moravam antes?" Noutra ocasião, a odiosa criatura abordou-me a mim, com um ganido acolhedor, mas eu consegui esquivar-me. Dias depois, chegou um bilhete dela, num sobrescrito de orla azul, uma bela mistura de peçonha e mel, sugerindo que Dolly fosse a sua casa no domingo e se enroscasse numa cadeira, a ver as carradas de bonitos livros que a minha mãe me deu quando eu era pequena, em vez de ter o rádio ligado no máximo até altas horas da noite.

Também precisava de ter cuidado com uma tal Mrs. Holigan, espécie de mulher a dias e cozinheira que herdara, juntamente com o aspirador, dos anteriores inquilinos. Dolly almoçava na escola, por isso não havia problemas a esse respeito, e eu habituara-me a preparar-lhe um bom pequeno-almoço e a aquecer o jantar que Mrs. Holigan fazia antes de se ir embora. Essa mulher bondosa e inofensiva tinha, graças a Deus, os olhos um bocado remelosos, aos quais escapavam certos pormenores comprometedores, e eu tornara-me um grande especialista a fazer camas. Mesmo assim, vivia em ânsias, com medo de que tivesse ficado alguma fatal mancha em qualquer lado ou que, nas raras ocasiões em que a presença da Holigan coincidia com a

de Lo, esta, simplória, sucumbisse à simpatia maternal da outra e fizesse algum desabafo, no decorrer de uma conversa íntima de cozinha. Às vezes tinha a sensação de que vivíamos numa casa de vidro toda iluminada e que, de um momento para o outro, um rosto pergaminhado e de lábios finos espreitaria por uma janela descuidadamente deixada desprotegida e veria, grátis, coisas que o mais batido voyeur daria uma pequena fortuna para observar.

6

Uma palavra acerca de Gaston Godin. A principal razão por que gostava da sua companhia - ou, pelo menos, a tolerava com alívio - era o período de absoluta segurança em que a sua alentada pessoa envolvia o meu segredo. Não que ele o conhecesse; eu não tinha motivo nenhum para lhe fazer confidências e ele era um indivíduo tão egocêntrico e distraído que não reparava em nada nem suspeitava de nada que pudesse conduzir a uma pergunta franca da sua parte e a uma resposta franca da minha. Dizia bem de mim à gente de Beardsley, era o meu bom arauto. Se tivesse descoberto mes goets e a condição de Lolita, isso só lhe interessaria na medida em que lançaria alguma luz sobre a simplicidade da minha atitude para com ele, atitude tão livre de constrangimentos corteses como de alusões ordinárias. Sim, porque, não obstante o meu espírito incolor e a sua fraca memória, devia ter consciência de que eu sabia mais a seu respeito do que os habitantes de Beardsley. Era um solteirão melancólico, flácido e com cara de bolacha, cujo corpo se afuselava até aos ombros estreitos e desnivelados, encimados por uma cônica cabeça periforme, com cabelo preto e luzidio de um lado e apenas algumas madeixas, mantidas no lugar à força de fixador, do outro. A parte inferior do seu corpo, porém, era enorme e ele andava com uma curiosa furtividade elefantina, graças às pernas fenomenalmente fortes. Vestia sempre de preto - até a gravata era preta -, raramente tomava banho e o seu inglês era uma anedota. No entanto, toda a gente o considerava sumamente cativante, um indivíduo de uma extravagância adorável! Os vizinhos apaparicavam-no e

ele conhecia pelo nome todos os rapazinhos das imediações (morava a poucos quarteirões de distância da nossa casa), alguns dos quais lhe varriam o passeio, lhe queimavam as folhas velhas no quintal, lhe iam buscar lenha ao barracão e até lhe faziam alguns trabalhos simples em casa. Em troca, ele oferecia-lhes bons chocolates, recheados de licor a sério, na intimidade de um gabinete mobilado em estilo oriental, na cave, com interessantes adagas e pistolas dispostas nas paredes mofentas, adornadas de tapeçarias, no meio dos canos de água quente bem camuflados.
No andar de cima tinha um estúdio - pintava um pouco, o velho farsante. Decorara a parede inclinada (pois, na realidade, não passava de uma água-furtada) com grandes fotografias do
pensativo André Gide, de Tchaikovski, Norman Douglas, dois outros escritores ingleses, Nijinski (todo coxas e folhas de parreira), Harol D. Doublename (professor esquerdista, de
olhar nublado, de uma universidade do Médio Oeste) e Marcel Proust. Todas essas pobres pessoas pareciam na iminência de nos cair em cima, do seu plano inclinado. Também tinha um álbum com fotografias de todos os Jackies e Dickies da vizinhança, e quando eu o folheava ocasionalmente e fazia um ou dois comentários sem importância, Gaston franzia os beiços grossos e murmurava, melancólico: "Oui, ils sont gentils."

Os seus olhos castanhos percorriam o diverso bricabraque sentimental e artístico e as suas próprias toiles banais (os olhos convencionalmente primitivos, as violas às fatias, os
mamilos azuis e os desenhos geométricos em voga) e, com um gesto vago na direção de uma taça de madeira pintada ou de uma jarra estriada, dizia: "Prenez dons une de ces poires. La

bonne dame d'en face m'en of fre plus que j'en peux savourer." Ou: "Mississe Teille Lore vient de me donner ces dahlias, belles fleurs que j'exècre." (Sombrio, triste, cansado do mundo.)

Por razões óbvias, eu preferia a minha casa à sua para as partidas de xadrez, que jogávamos duas ou três vezes por semana. Parecia um velho ídolo estafado, sentado com as mãos sapudas no colo e a olhar para o tabuleiro como se fosse um cadáver. Meditava durante dez minutos, a respirar sibilantemente, e por fim fazia um lance errado.

Ou então, depois de pensar ainda mais tempo, o nosso bom homem podia exclamar: "Au roi!", com uma espécie de lento rosnido de cão velho, acompanhado de um som gorgolejante que lhe fazia estremecer a papada. Mas quando eu Lhe observava que ele é que estava em xeque, arqueava os acentos circunflexos das sobrancelhas e suspirava profundamente.

Às vezes, no gabinete frio onde estávamos sentados, ouvia os pés descalços de Lo, a praticar técnicas de dança em baixo, na sala. Mas os sentidos em declínio de Gaston estavam confortavelmente amodorrados e ele permanecia inconsciente daqueles ritmos nuse-um, e-dois, e-um, e-dois, peso transferido para a perna direita esticada, perna levantada e estendida para o lado, e-um, e-dois - e só quando ela começava a saltar, abrindo as pernas à altura do salto, e flectindo uma perna e estendendo a outra, e voando, e caindo em bicos de pés, só então o meu pálido, pomposo e lerdo adversário esfregava a cabeça ou a cara, como se confundisse aqueles baques distantes com as tremendas investidas da minha formidável rainha.

Se Lola entrava, com andar arrastado, enquanto estudávamos o tabuleiro, era sempre um pratinho ver Gaston, sem desviar os olhos elefantinos das peças,

levantar-se cerimoniosamente para lhe apertar a mão, largar-lhe os dedos flácidos e, sem a olhar uma única vez, sentar-se de novo e cair na armadilha que eu lhe estendera. Um dia, próximo do Natal, depois de passarmos uns quinze dias sem nos vermos, perguntou-me: "Et toutes vos fillettes, elles vont bien?" O que me levou a deduzir que ele multiplicara a minha Lolita única pelas diversas categorias de indumentária com que os seus melancólicos olhos baixos a tinham vislumbrado, durante toda uma série de aparecimentos: blue jeans, saia, calções e roupão acolchoado.

Desagrada-me falar tão demoradamente do pobre diabo (desgraçadamente, um ano depois, durante uma viagem à Europa de que não regressou, meteu-se numa sale histoire, e ainda por cima em Nápoles!). Talvez nem tivesse aludido a ele se a sua existência em Beardsley não se relacionasse de maneira tão singular com o meu caso. Preciso dele para a minha defesa. Ali estava ele, desprovido de qualquer talento, professor medíocre, estudioso insignificante, velho invertido, soturno, gordo e repulsivo, supremamente desdenhoso do modo de vida americano, triunfantemente ignorante da língua inglesa, ali estava ele na sua presumida Nova Inglaterra, amimado pelos velhos e acariciado pelos jovens, ali estava ele a divertir-se à grande e a enganar toda a gente... e ali estava ele.

7

Vejo-me agora perante a desagradável tarefa de mencionar uma descida inequívoca ao nível moral de Lolita. Se a sua participação no fogo que atiçava nunca fora nada que se visse, a verdade é que ela também nunca manifestara intenções de puro lucro. Mas eu era fraco, não era sensato, a minha colegial ninfeta tinha-me escravizado. Com o elemento humano a declinar, a paixão, a ternura e a tortura aumentaram. E ela aproveitou-se disso.

A importância que Lhe dava semanalmente para os seus gastos, com a condição de desempenhar as suas obrigações fundamentais, era de vinte cêntimos no princípio da era de Beardsley e aumentou para um dólar e cinco cêntimos antes do seu fim. Tratava-se de um acordo mais do que generoso da minha parte, atendendo a que lhe oferecia constantemente toda a espécie de presentinhos e que bastava ela pedir qualquer guloseima ou querer ir ver qualquer filme para eu lhe fazer a vontade - embora, claro, lhe pudesse exigir ternamente mais um beijo, ou toda uma coleção de carícias sortidas, quando sabia que cobiçava muito algum tipo de divertimento juvenil. Não era, porém, fácil lidar com ela, que ganhava com a maior das indiferenças os seus três níqueis diários. E demonstrava ser uma negociante cruel, sempre que estava na sua mão negar-me quaisquer filtros paradisíacos estranhos, lentos e destruidores, mas sem os quais eu não podia viver muitos dias seguidos e que, dada a própria natureza langorosa do amor, não podia obter pela força. Conhecendo a magia e o poder da sua boca macia, ela conseguiu durante um ano letivo! - elevar o bônus de um

abraço especial para três e até quatro dólares, ó leitor! Não ria ao imaginar-me a esportular, no próprio auge do prazer, cêntimos, quartos de dólar e grandes dólares de prata, como uma ruidosa, tilintante e completamente dementada máquina a vomitar riquezas. À beira dessa agitada epilepsia, Lo agarrava firmemente um punhado de moedas na mão pequena - que, aliás, eu costumava abrir à força depois, a não ser que ela se escapulisse, lesta, e fosse esconder a presa. E, assim como, de vez em quando, dava uma volta pelas imediações da escola e, com pés de lã, entrava em drugstores, espreitava em becos escuros e escutava, entre as pulsações do meu coração e o barulho das folhas que caíam, o riso de raparigas que se afastavam, assim também, uma vez por outra, lhe invadia o quarto, bisbilhotava os papéis rasgados deitados no cesto com rosas pintadas e espreitava debaixo da almofada da cama virginal, que eu próprio fizera. Uma vez, encontrei oito notas de dólar escondidas num dos seus livros (A Ilha do Tesouro, muito adequadamente); outra, descobri num buraco da parede, atrás da Mãe, de Whistler, nada menos de vinte e quatro dólares e uns trocos - uns vinte e quatro dólares e sessenta cêntimos, ao todo -, quantia que retirei imediatamente do esconderijo - e no dia seguinte ela acusou, na minha cara, a honesta Mrs. Holigan de ser uma ladra imunda. Com o tempo, fez justiça ao seu Q. I. e arranjou um esconderijo mais seguro, que nunca descobri. Mas nessa altura já eu fizera descer drasticamente os preços, obrigando-a a conquistar, de maneira dura e desagradável, a autorização necessária para participar no programa teatral da escola - pois o que eu mais temia não era que ela me arruinasse, e, sim, que conseguisse juntar dinheiro suficiente para fugir. Creio que a pobre e impetuosa criatura se convenceu de que, se tivesse uns míseros cinquenta dólares na bolsa, poderia chegar à Broadway ou a Hollywood ou à cozinha

imunda de uma casa de pasto (Precisa-se Pessoal) de algum desolado estado pouco antes arrancado à pradaria, com o vento a assobiar, as estrelas a piscar, e os automóveis, e os bares, e os barmen, e tudo conspurcado, despedaçado, morto.

8

Fiz tudo quanto pude, senhor juiz, para compreender o problema dos rapazes. Até costumava ler, no Beardsley Star, uma secção intitulada Coluna dos Adolescentes, para ver como eles se comportavam!

"Um conselho dos pais. Não escorrace o amigo da sua filha. Talvez seja um pouco duro para si verificar que os rapazes a acham, agora, atraente. Aos seus olhos, ela é ainda uma rapariguinha; aos dos rapazes é encantadora e divertida, deliciosa e alegre. Gostam dela. Hoje, você faz grandes negócios num gabinete de diretor de empresa, mas ontem era
apenas o estudante de liceu Jim, levando os livros de estudo de Jane. Lembra-se? Não quer que a sua filha, agora que chegou a vez dela, se sinta feliz com a admiração e a companhia dos rapazes de que gosta? Não quer que se divirtam saudavelmente juntos?"

Divertirem-se saudavelmente? Deus me valesse!
"Porque não trata os rapazes como convidados da sua casa? Porque não conversa com eles? Porque não faz que saiam da sua concha e se riam e sintam à vontade? Bem-vindo, camarada, a este bordel.

Se ela transgredir as normas, não barafuste ruidosamente diante do co-transgressor. Exprima-lhe o seu desagrado em particular. E deixe de fazer que os rapazes pensem que ela é
filha de um papão."

Antes de mais nada, o papão elaborou uma lista com o título de «absolutamente proibido» e outra com o de «relutantemente autorizado». Os encontros, simples, duplos ou triplos – o passo seguinte seria, com certeza, uma orgia coletiva -, estavam absolutamente proibidos.

Ela podia ir a uma confeitaria com as amigas e aí conversar e rir com os rapazes que aparecessem ocasionalmente, enquanto eu esperava no carro, a uma distância discreta; e prometi-lhe que, se o seu grupo fosse convidado por outro grupo socialmente aceitável para o
baile anual da Academia Masculina Butler (muito bem acompanhadas, claro), talvez dedicasse alguma atenção a pensar se uma rapariga de catorze anos estaria em idade de usar o seu primeiro vestido formal, (uma espécie de vestido comprido que dá às adolescentes de braços magros o aspecto de flamingos). Além disso, prometi-lhe dar uma festa em nossa casa, para a qual poderia convidar as suas amigas mais bonitas e os rapazes mais corretos, que entretanto já teria conhecido no baile da Butler. Mas especifiquei clara e firmemente que enquanto o meu regime durasse ela nunca seria autorizada, mas nunca, a ir com um jovem com cio ao cinema, nem a namorar em automóveis, nem ir a festas mistas, de rapazes e raparigas, em casa de condiscípulos, nem a ter conversas telefônicas, longe da minha presença, com um rapaz, nem mesmo que se tratasse, apenas, de discutir as relações dele com uma amiga dela.

Lo enfureceu-se com tudo isso, chamou-me pulha imundo e coisas ainda piores - e eu talvez tivesse perdido a paciência se não descobrisse, a breve trecho e com grande alívio, que o motivo que, na realidade, a enfurecia era o fato de a privar não de uma satisfação específica, e, sim, de um direito geral. É que eu estava a intrometer-me no programa convencional, nos passatempos habituais, nas coisas que se fazem, em suma, com a rotina da juventude. E não há ninguém mais conservador do que uma criança, sobretudo do que uma rapariguinha, mesmo que ela seja a mais ruiva e

corada, a ninfeta mais mito poética da bruma de pomar de Outono.

Não me interpretem mal. Não posso ter a certeza absoluta de que durante o Inverno não tenha conseguido ter, casualmente, contatos impróprios com jovens desconhecidos. Claro que, por muito de perto que eu controlasse as suas horas livres, corriam constantemente lapsos de tempo com que não se contara e que eram depois exaustivamente explicados, em retrospectiva; claro que o meu ciúme cravava sempre as garras pontiagudas nos finos tecidos da falsidade ninfítica. Mas eu tinha a impressão muito definida - e agora posso confirmar que não me enganava - de não haver motivo para alarme sério. Tinha essa impressão, por não ter, algumas vezes, encontrado uma garganta palpável, jovem e dura, que esmagaria de bom grado, entre os mundos que pairavam algures, em segundo plano; mas sim porque se tornara esmagadoramente evidente, para mim (uma expressão favorita da minha tia Sybil) que as diversas variedades de alunos liceais - do pateta transpirante a quem dar a mão emociona ao presunçoso violentador, com pústulas e um carro com a potência do motor aumentada - enfadavam de igual modo a minha sofisticada jovem amante. Toda esta conversa acerca de rapazes me enjoa, garatujara do lado de dentro da capa de um livro de estudo, e em baixo Mona (de que falaremos daqui a bocadinho) acrescentava, velhacamente: "E o Rigger?" (Também falaremos do Rigger.)

Os rapazinhos que, ocasionalmente, via na sua companhia, eram, então, desprovidos de rosto, para mim. Havia, por exemplo, o Camisola Encarnada", que um dia - aquele em que nevou pela primeira vez - a acompanhou a casa. Da janela da sala, observei-os a conversar, perto do nosso

alpendre. Ela usava o seu primeiro casaco de fazenda com gola de pele e um
gorrozinho castanho sobre o meu penteado preferido - franja à frente, canudos aos lados e os caracóis naturais atrás – e tinha as mocassinas escurecidas pela humidade e as peúgas
brancas mais descambadas do que nunca. Como de costume, apertava os livros contra o peito, enquanto falava ou escutava, e os seus pés não paravam quietos: apoiava a ponta
do pé direito no peito do pé esquerdo, afastava-a, cruzava os pés, oscilava ligeiramente, esboçava uns passinhos e depois recomeçava tudo ao princípio. Havia o Blusão de Couro", que falou com ela defronte de um restaurante, numa tarde de domingo, enquanto a mãe e a irmã tentavam afastar-se comigo, para conversar; fui-me arrastando, a olhar para trás, para o meu único amor. Lo adquirira diversos maneirismos convencionais, como o delicado modo de os adolescentes mostrarem que se dobram,, literalmente, de riso, inclinando a cabeça, e (quando ouviu o meu chamamento) continuou a fingir um riso incontido, recuou uns dois passos e depois olhou em frente e foi na minha direção, ainda com um sorriso nos lábios. Por outro lado, eu gostava muito - talvez porque me recordava a sua primeira e inesquecível confissão - da sua maneira de suspirar "oh, meu Deus!", numa atitude de divertida e melancólica submissão ao destino, ou de emitir um longo "não, não", em voz fraca, quase num sussurro, quando a força do destino se abatera realmente sobre ela. Mas principalmente - já que estamos falando de movimento e juventude - gostava de a ver subir e descer a Thayer Street, na sua bonita bicicleta: soerguendo-se nos pedais, para imprimir, vigorosamente, maior velocidade, e depois deixar-se cair no selim, numa posição lânguida, enquanto a velocidade imprimida se consumia. A seguir

parava junto da nossa caixa do correio e, sem desmontar, folheava alguma revista que lá encontrava, repunha-a na caixa e, com a língua comprimida contra um lado do lábio superior, impelia a bicicleta para a frente com um pé no solo e "sprintava" de novo, entre pálidas sombras e sol.

De modo geral, parecia-me ter-se adaptado ao seu ambiente melhor do que eu esperava quando considerara o mau gênio da minha menina-escrava, estragada de mimo, e as diversas atitudes que ingenuamente afetava, quando nos encontrávamos, no Inverno anterior, na Califórnia. Embora nunca tivesse sido capaz de me habituar ao estado de constante ansiedade em que vivem os culpados, os grandes e os compassivos, parecia-me que estava a fazer tudo quanto podia, no capítulo do mimetismo. Quando me deitava na estreita cama do meu gabinete, após uma sessão de adoração e desespero no quarto frio de Lolita, costumava passar em revista o dia findo, examinando a minha própria imagem, que preambulava, mais do que passava, diante do olho vermelho da mente. Observava o moreno e atraente, um tanto ou quanto céltico e provavelmente igreja anglicana - possivelmente muito igreja anglicana mesmo -, Dr. Humbert a ver a filha partir para a escola. Via-o cumprimentar, com o seu sorriso lento e as negras e grossas sobrancelhas agradavelmente arqueadas, a boa Mrs. Holigan, que cheirava pestilencialmente (e na primeira oportunidade, eu sabia-o, iria direitinha ao gim do patrão). Via, com Mr. Oeste, carrasco reformado ou autor de folhetos religiosos - quem se importava com isso? -, o vizinho Fulano - são franceses ou suíços, creio - meditar debruçado sobre uma máquina de escrever, no gabinete de amplas janelas, de perfil descarnado e uma madeixa quase hitleriana caída para a testa pálida. Nos fins-de-semana, de sobretudo de bom corte e luvas castanhas, o

professor H. podia ser visto, na companhia da filha, a caminho da Walton Inn (famosa pelos seus coelhos de porcelana com fitinhas azuis e pelas suas caixas de chocolates, entre os quais nos sentávamos à espera de uma mesa para dois", ainda imunda e com as migalhas deixadas pelo cliente anterior).
Viam-no também nos dias de semana, cerca da uma da tarde, cumprimentar com dignidade o seu vizinho Leste de olho atento, enquanto retirava o carro da garagem e contornava os malditos arbustos sempre-verdes, a caminho da estrada escorregadia. Igualmente o viam erguer o olhar frio do livro para o relógio, na positivamente sufocante biblioteca da Universidade de Beardsley, entre jovens corpulentas, petrificadas na superabundância do saber humano. Ou atravessando o campus com o reverendo Rigger (que também ensinava Bíblia na escola de Beardsley). Disseram-me que a mãe foi uma atriz célebre, morta num acidente de aviação. Não? Devo ter feito confusão. Foi isso, então? Compreendo. Que triste! (A sublimar a mamã, hem?) A empurrar lentamente o meu carrinho através do labirinto do supermercado, atrás do professor W, também viúvo vagaroso e delicado, com grande cachecol preto e branco enrolado ao pescoço. Seguindo, sem nenhuma demonstração de pressa rapace (demorando-me, até, a limpar os pés no tapete), a minha filha colegial, que entrava em casa. Levando Dolly ao dentista - bonita enfermeira sorrindo-lhe... revistas velhas... ne montrez pas vos zhambes. Mr. Edgar H. Humbert foi visto a comer o seu bife à moda ocidental, com garfo e faca, ao jantar com Dolly na cidade. Apreciando duplamente um concerto: dois franceses pacatos, de rosto marmóreo, sentados ao lado um do outro, com a filhinha, musicalmente talentosa, de Monsieur H. H. sentada à direita do pai, e o rapazinho, também musicalmente talentoso, do professor W (o pai fora

passar uma noite higiênica a Providence) à esquerda de Monsieur G. G. Abrindo a garagem, um quadrado de luz que engole o carro e se apaga. De pijama muito colorido, puxando para baixo, com gesto firme, a persiana da janela do quarto de Dolly. Sábado de manhã, invisível a pesar solenemente a
rapariguinha (a que o Inverno roubara o bronzeado) na balança da casa de banho. Visto e ouvido no domingo de manhã – afinal não vai à igreja - a dizer a Dolly, que se dirija para a quadra de tênis coberta, que não regresse muito tarde. Abrindo a porta a uma condiscípula de Dolly, singularmente observadora: "É a primeira vez que vejo um homem de smoking, sir... a não ser no cinema, claro."

9

As suas amigas, que estivera interessado em conhecer, foram, de um modo geral, decepcionantes. Eram Opal Qualquer-Coisa, Linda Hall, Avis Chapman, Eva Rosen e Mona
Dahl (exceptuando um, todos esses nomes são, evidentemente, aproximados). Opal era uma criatura acanhada, informe, de óculos e borbulhas na cara, que se afeiçoara a Dolly, a qual
arreliava por tudo e por nada. Com Linda Hall, a campeã de tênis da escola, Dolly jogava partidas simples, pelo menos duas vezes por semana: desconfio de que Linda era uma ninfeta genuína, mas, por qualquer razão desconhecida, não foi - talvez não a tivessem autorizado a ir - a nossa casa; por isso recordo-a apenas como um clarão de sol natural, numa quadra coberta. Das restantes, nenhuma podia ter qualquer pretensão a ninfeta, exceto Eva Rosen. Avis era uma garota roliça, de pernas cabeludas, e, quanto a Mona, embora interessante de um modo grosseiro e sensual e apenas um ano mais velha do que a minha amante, que também ia envelhecendo, era evidente que deixara havia muito de ser uma ninfeta, se alguma vez o fora. Eva Rosen, uma criaturinha deslocada, de França, era, pelo contrário, um bom exemplo de criança sem grande beleza, mas que revelava ao amador perspicaz alguns dos elementos básicos do encanto ninfítico, tais como uma perfeita figura púbere, olhos lânguidos e zigomas salientes. O seu luminoso cabelo cor de cobre tinha a maciez da seda do de Lolita, e as feições do seu delicado rosto branco-leitoso, de lábios rosados e pestanas de peixinho prateado, eram menos vulpinas do que as das

suas iguais - o grande clã das ruivas intra-raciais.
Também não mostrava a preferência delas pelo verde e, se a memória não me falha, usava muito o preto ou o cereja-escuroum pulôver preto muito elegante, por exemplo, e sapatos pretos de salto alto, e verniz de unhas vermelho-granada. Eu falava francês com ela (com grande irritação de Lo). O sotaque da jovem ainda se mantinha admiravelmente puro, mas para o vocabulário escolar e de brincadeira recorria ao americano corrente e, então, notava-se um leve sotaque de Brooklyn, surpreendente numa parisiensezinha que frequentava uma seleta escola da Nova Inglaterra, com idiotas aspirações britânicas.
Infelizmente, e apesar de o tio daquela miúda francesa, ser milionário, Lo deixou de se dar com Eva, por qualquer motivo, sem me dar tempo para desfrutar, à minha modesta maneira, da sua fragrante beleza no lar aberto de Humbert. O leitor sabe a importância que atribuo a ter um enxame de pajenzinhas, ninfetas de premio de consolação, à volta da minha Lolita. Durante algum tempo, tentei interessar os meus sentidos por Mona Dahl, que aparecia muito lá por casa, sobretudo durante o período escolar da Primavera, em que Lo e ela andaram muito entusiasmadas com arte dramática.
Tenho perguntado muitas vezes a mim mesmo que segredos a afrontosamente traiçoeira Dolores Haze terá revelado a Mona, ela, que me contou, a mim, mediante insistentes e bem pagos pedidos, diversos pormenores francamente incríveis de um romance que Mona tivera com um fuzileiro naval, à beira-mar.
Era característico de Lo escolher para amiga mais íntima aquela jovem elegante, fria, lasciva e experiente, que uma vez ouvi (mal, jurou Lo) dizer alegremente no corredor, a Lolita,
que se gabara de ser a camisola que vestia de lã virgem: "É a única coisa virgem que há em ti, garota..." Tinha

uma voz curiosamente rouca, cabelo preto-baço artificialmente ondulado, olhos protuberantes e castanho-ambarinos e lábios sensuais. Usava brincos. As professoras de Lo tinham-Lhe ralhado por andar tão carregada de jóias de fantasia. As mãos tremiam-lhe. Suportava a carga de um Q. I. de 150 - e eu sabia, também, que tinha um tremendo sinal cor de chocolate nas costas feminis, pois tive ocasião de o ver na noite em que ela e Lo foram ao baile da Academia Butler, de vaporosos vestidos decotados, em tom pastel.

Estou a antecipar-me um pouco, mas não posso evitar que a minha memória percorra todo o teclado daquele ano letivo. Miss Dahl mostrou-se elegantemente evasiva quando tentei saber que tipo de rapazes Lo conhecia. Lo, que fora jogar tênis ao country club de Linda, telefonara a dizer que talvez chegasse meia hora atrasada e a pedir-me que fizesse companhia a Mona, que ficara de ir lá a casa para ensaiarem uma cena de O Amansar da Fera. Usando todas as modulações e toda a sedução de atitude e voz de que era capaz, e fitando-me, talvez - estaria enganado? -, com uma leve cintilação de cristalina ironia, a bonita Mona respondeu-me: "Bem, a verdade é que Dolly não se interessa muito por simples rapazes. A verdade é que somos rivais. Ela e eu temos uma paixoneta pelo reverendo Rigger." (Era uma brincadeira. Já aludi a este gigante soturno, com queixada de cavalo: quase me arrastou ao assassínio, ao contar as suas impressões acerca da Suíça num chá oferecido aos pais das alunas, que não consigo localizar corretamente em termos de tempo.)

Como correra o baile? Oh, fora uma folia. Uma quê? Um pânico. Bestial, numa palavra. A Lo dançara muito? Oh, não se podia dizer que tivesse sido muito, apenas aquilo que conseguira aguentar. Que pensava ela, a lânguida Mona, de Lo? Como? Pensava que a Lo estava a ter bom aproveitamento na escola? Jesus, ela

era, sem dúvida, uma miúda formidável! Mas o seu comportamento geral era...? Oh, era uma garota super! Mas... "Oh, é uma jóia!", concluiu Mona, e, suspirando inesperadamente, pegou num livro que estava perto, mudou de expressão e, de testa fingidamente franzida, perguntou: "Fale-me de Ball-Zack, por favor. Ele é deveras tão bom como dizem?" Chegou-se tanto a mim que, através das loções e dos cremes que usava, consegui distinguir a fragrância sem interesse da sua pele. Apunhalou-me um estranho e súbito pensamento: estaria a minha Lo a fazer de alcoviteira? Se assim era, errara na escolha da substituta. Evitando o olhar frio de Mona, falei de literatura durante cerca de um minuto. Depois Lo chegou... e fitou-nos de olhos semicerrados. Deixei-as sozinhas, a tratar do que tinham a tratar. Um dos retângulos de uma janelinha cheia de teias de aranha, na curva da escada, tinha um vidro cor de rubi, e aquela ferida em carne viva entre os restantes vidros incolores, assim como a sua posição assimétrica - um movimento de cavalo, a partir de cima -, perturbara-me sempre estranhamente.

10

Às vezes... Vamos, Bert, quantas vezes, exatamente? Consegues recordar-te de quatro, cinco ou mais ocasiões dessas? Ou seria impossível a um coração humano sobreviver a duas ou três? Às vezes (não tenho nada a dizer em resposta às perguntas), enquanto Lolita fazia descuidadamente os trabalhos de casa, a mordiscar o lápis e com as duas pernas atravessadas no braço da poltrona em que se sentava de lado, ignorava todas as restrições pedagógicas, fechava os olhos a todas as nossas brigas, esquecia todo o meu orgulho masculino... e, minha Lolita, rastejava literalmente, de joelhos, para junto da tua cadeira! Lançavas-me então um olhar que era um grande, um cinzento ponto de interrogação e explodias, com incredulidade e exaspero: "Oh, não, outra vez, não!" - porque, meu amor, nunca acreditaste que eu pudesse, sem quaisquer desígnios específicos, desejar ardentemente afundar o rosto na tua saia de xadrez! A fragilidade dos teus braços nus... oh, como desejava enlaçá-los, como desejava enlaçar todos os teus quatro membros encantadores, como se fosses um garranozinho encolhido, e segurar a tua cabeça entre as minhas mãos indignas, e esticar para trás a pele das tuas têmporas, e beijar os teus olhos achinesados, e... "Por favor, deixa-me em paz!" E eu levantava-me do chão, enquanto tu olhavas em frente, com o rosto a imitar deliberadamente o meu tic nervoso. Mas não tem importância, não tem importância, não passo de um bruto, não tem importância, prossigamos com a minha desgraçada história.

11

Certa manhã de segunda-feira, creio que em Dezembro, a Pratt mandou-me dizer que fosse falar com ela. Eu sabia que as últimas notas de Dolly tinham sido fracas, mas, em vez de me contentar com essa plausível explicação para a convocatória, imaginei toda a espécie de horrores e tive de me fortificar com uma caneca do meu barrilete, antes de ser capaz de suportar a entrevista. Vagarosamente, todo pomo-de-adão e coração, subi os degraus do patíbulo.

Mulheraça de cabelo grisalho, desleixada, de grande nariz achatado e olhos pequeninos de aros pretos. "Sente-se", disse-me apontando um modesto e humilhante tamborete, enquanto ela se empoleirava, com pesada agilidade, no braço de uma cadeira de carvalho. Observou-me um minuto ou dois, com sorridente curiosidade. Lembrei-me de que procedera do mesmo modo no nosso primeiro encontro, mas nessa altura eu pudera dar-me ao luxo de retaliar com uma cara de poucos amigos. Os seus olhos abandonaram-me e ela ficou absorta em pensamentos - ou fingiu. Como se tivesse dificuldade em tomar uma decisão, começou a sacudir a saia de flanela cinzenta no joelho, prega por prega, a eliminar vestígios de giz ou coisa parecida. Depois disse, sem deixar de sacudir a saia e sem levantar a cabeça:

- Permita que lhe faça uma pergunta, sem rodeios, Mr. Haze: o senhor é um pai continental antiquado, não é?

- Oh, não! Conservador, talvez, mas não o que se chama antiquado. Suspirou, franziu a testa, bateu com as grandes mãos papudas uma na outra, numa atitude de

"vamos a isto!", e fixou de novo em mim os olhos pequeninos.
- Dolly Haze é uma criança encantadora mas o início do amadurecimento sexual parece causar-lhe problemas - declarou.
Inclinei ligeiramente a cabeça. Que mais podia fazer?
- Ainda hesita - exemplificou a hesitação com as mãos cheias de manchas hepáticas - entre os estádios anal e genital de desenvolvimento. Fundamentalmente, é uma encantadora...
- Perdão, que estádios?
- Aí está o europeu que existe no senhor! - exclamou a Pratt que deu uma pancadinha no meu relógio de pulso e mostrou, de súbito, a dentadura. - O que pretendo dizer é que os impulsos biológicos e psicológicos - fuma? - não estão fundidos em Dolly, não formam, por assim dizer, um todo harmonioso...
As suas mãos seguraram, por momentos, um melão invisível.
- Ela é atraente, esperta, apesar de descuidada. – A respirar pesadamente e sem descer do seu poleiro, a criatura deu uma vista de olhos às notas da encantadora criança, que se
encontravam em cima da secretária, à sua direita. - As suas notas vão de mal a pior. Pergunto a mim mesma, Mr. Haze... - De novo a falsa meditação.Bem - prosseguiu, com entusiasmo -,
eu cá por mim fumo. Como costumava dizer o querido Dr. Pierce, não me orgulho disso, mas adoro fumar. - Acendeu o cigarro e o fumo que exalou pelas narinas assemelhou-se a duas
presas. - Permita que Lhe indique alguns pormenores; não demorará muito tempo. Ora deixe-me ver... - remexeu na papelada - ... é provocante para com Miss Redcock e de uma rudeza impossível para com Miss Cormorant. Aqui está um dos nossos relatórios de

investigação especial: gosta de cantar em grupo nas aulas, embora o espírito pareça divagar. Cruza os joelhos e balanceia a perna esquerda, a marcar o ritmo. Tipo de palavras genéricas: uma área de duzentas e quarenta e duas palavras do calão adolescente mais comum, cercada por uma quantidade de polissílabos obviamente europeus. Suspira muito nas aulas... Ora deixe ver...

Sim, chegamos à última semana de Novembro. Suspira muito nas aulas. Masca pastilha-elástica veementemente. Não roe as unhas, embora, se roesse, isso estivesse mais conforme com o quadro geral do seu comportamento - cientificamente falando, claro. Menstruação, segundo ela própria, bem regulada. Presentemente, não pertence a nenhuma organização religiosa... A propósito, Mr. Haze, a mãe dela era...? Ah, compreendo! E o
senhor é...? Ninguém tem nada a ver com os problemas religiosos de cada um, suponho. Desejávamos saber mais uma coisa. Segundo me consta, ela não tem quaisquer obrigações
domésticas regulares. Está a transformar a sua Dolly numa princesa, hem, Mr. Haze. Bem que mais temos aqui? Manuseia os livros de modo delicado. Voz agradável. Ri-se com frequência. Um pouco sonhadora. Inventa piadas, transpondo, por exemplo, as primeiras letras dos nomes de algumas das professoras. Cabelo leve e castanho-escuro, lustroso... bem - rindo -, suponho que o senhor está ao corrente disso. Nariz desobstruído, pés de peito arqueado, olhos... deixe-me ver, devo ter para aí um relatório mais recente... Ah, cá está ele! Miss Gold diz que no ténis a forma de Dolly vai de excelente a soberba, melhor até que a de Linda Hall, mas a concentração e a acumulação de pontos vai apenas de medíocre a regular". Miss Cormorant não consegue perceber se Dolly tem um controlo emocional excepcional ou se não tem controlo nenhum. Miss Horn

informa que ela - quero dizer, Dolly - não sabe verbalizar as suas emoções, enquanto, segundo Miss Cole, a eficiência metabólica de Dolly é estupenda. Miss Molar pensa que Dolly é míope e devia consultar um bom oftalmologista; mas Miss Redcock afirma que a rapariga finge cansaço visual para disfarçar a incompetência escolar. E, para concluir, Mr. Haze, as nossas investigadoras têm dúvidas a respeito de algo crucial. Desejo perguntar-lhe uma coisa, preciso de saber se a sua pobre esposa, ou o senhor, ou alguém da família -, consta-me que ela tem diversas tias e um avô materno na Califórnia?... Oh, tinha! Lamento... Bem, todos nós gostaríamos de saber se alguém da família instruiu Dolly quanto ao processo da reprodução dos mamíferos. É impressão geral que ela, apesar dos quinze anos, permanece morbidamente desinteressada de assuntos sexuais, ou, para ser exata, refreia a sua curiosidade, a fim de proteger a sua Ignorância
e a dignidade própria. Pois sim, catorze anos. Compreende, Mr. Haze, a escola de Beardsley não acredita em abelhas e flores, e cegonhas e periquitos, no que acredita, e veementemente, é em preparar as suas educandas para um acasalamento mutuamente satisfatório e para a boa criação dos filhos. Achamos que Dolly progrediria muito se pusesse a cabeça a trabalhar. O
relatório de Miss Cormorant é significativo, a esse respeito. A Dolly tem tendência para ser, e isto falando com certo eufemismo, descarada. Mas todas nós achamos que, primo, devia
encarregar o médico da família de Lhe revelar os fatos da vida e, secundo, devia autorizá-la a beneficiar da companhia dos irmãos das colegas, no Junior Club, ou na organização do
Dr. Rigger, ou nos encantadores lares das nossas educandas.

- Ela pode encontrar-se com rapazes no seu próprio lar encantador - redargui.

- Espero que sim - concordou a Pratt, eufórica. - Quanto ao que interrogamos acerca dos seus problemas, Dolly recusou-se a discutir a situação familiar, mas nós falamos com algumas das suas amigas e, francamente... por exemplo, insistimos em que levante o seu veto à participação de Dolly no grupo dramático. Tem de a deixar participar em Os Caçadores Encantados. Ela foi uma pequena ninfa tão perfeita no ensaio da escolha! E na Primavera o autor talvez passe uns dias na Universidade de Beardsley e assista a uma ou duas representações no nosso novo auditório. Todas estas coisas fazem parte do prazer de ser
jovem, viva e bonita. Deve compreender...

- Sempre me considerei um pai muito compreensivo.

- Oh, sem dúvida, sem dúvida! Mas Miss Cormorant pensa, e eu sinto-me inclinada para concordar com ela, que Dolly está obcecada por pensamentos sexuais para que não encontra
qualquer escape, e arrelia e martiriza as outras raparigas, e até as nossas professoras mais jovens, porque elas têm encontros inocentes com rapazes.

Encolhi os ombros. Um emigre miserável.

- Vejamos se nos entendemos, Mr. Haze. Que demônio estará errado com a pequena?

- Eu acho-a completamente normal e feliz. (Aproximar-se-ia, finalmente, a catástrofe? Estaria descoberto? Teriam algum hipnotizador?)

- O que me preocupa - confessou Miss Pratt, a olhar para o relógio e pronta para voltar ao princípio - é que tanto professoras como condiscípulos acham a Dolly hostil, descontente, cautelosa... e ninguém compreende por que motivo o senhor se opõe tão firmemente a todas as distrações naturais de uma criança normal.

- Refere-se a distrações sexuais? - perguntei vivamente, em desespero de causa, como um velho rato acuado.

- Bem, agrada-me, sem dúvida, essa terminologia civilizada - redarguiu a Pratt, sorrindo. - Mas não é bem esse o ponto da questão. O teatro, os bailes e outras atividades naturais,
realizadas sob os auspícios da Escola de Beardsley, não são, tecnicamente, diversões sexuais, embora as raparigas se encontrem com rapazes, se é a isso que o senhor objeta.

- Muito bem, venceu - murmurei, e o meu banco exalou um suspiro de cansaço. - Ela pode tomar parte na peça de teatro... desde que os papéis masculinos sejam representados
por atores femininos.

- Fascina-me sempre a maneira como os estrangeiros, ou, pelo menos, os americanos por naturalização, utilizam o nosso rico idioma. Estou certa de que Miss Gold, que dirige o grupo
teatral, ficará encantada. Noto, até, ser ela uma das poucas professoras que parece gostar... quero dizer, que parece achar a Dolly manejável. Creio que já falamos dos tópicos gerais;
agora temos um assunto especial e estamos de novo em apuros...

A Pratt fez uma pausa, truculentamente, e depois esfregou o indicador debaixo das narinas com tanta força que o seu nariz pareceu executar uma dança de guerra.

- Sou uma pessoa franca, mas convenções são convenções e acho sempre difícil... deixe-me expor o assunto deste modo... Os Walkers, que moram naquilo a que, por aqui, se chama a
Mansão do Duque - aquela grande casa cinzenta do monte, sabe?

- mandam as duas filhas para a nossa escola, e também cá temos a sobrinha do presidente Moore, uma garota muito graciosa, para não falar de uma quantidade de outras crianças
de famílias proeminentes. Em tais circunstâncias, é um pouco chocante que a Dolly, que parece uma senhorinha, utilize palavras que o senhor, como estrangeiro, provavelmente não
conhece ou cujo significado não compreende. Talvez fosse melhor... Deseja que mande aqui chamar a Dolly imediatamente, para discutirmos o assunto? Não? Sabe... bem, desembuchemos. A Dolly escreveu um palavrão muito obsceno - que a Dr.a Cutler me disse tratar-se de urinol, num mexicano ordinário -, com batôn, nuns panfletos acerca de questões de saúde que Miss Redcock, que se casa em Junho, distribuiu pelas raparigas.
Achamos que, como castigo, ela devia ficar depois das aulas, meia hora... Mas se o senhor achar...
  - Não, não interferirei com as vossas normas. Falarei com ela, discutiremos o assunto.
  - Agradeço-lhe que o faça. - Levantou-se do braço da cadeira. - Talvez nos voltemos a encontrar em breve e, se as coisas não tiverem melhorado, encarregaremos a Dr.a Cutler de
a submeter a um exame psicológico.
Deveria casar com a Pratt e estrangulá-la?
  ... e talvez o seu médico queira, também, examiná-la fisicamente, apenas um exame de rotina. Ela está na Salada, a última sala de aula do corredor.
          Devo explicar que a escola de Beardsley copiou uma famosa escola feminina inglesa, dando nomes tradicionais, às suas várias salas de aula: Salada", VA-sala, Sala-me, CA-sala,,
etc. A Salada não cheirava muito bem e tinha uma cópia a sépia da Idade da Inocência, de Reynolds, por cima do

quadro, e diversas filas de carteiras escolares de aspecto pouco
prático. Sentada a uma delas, a minha Lolita lia o capítulo acerca do Diálogo da Técnica Dramática de Baker. Reinava um silêncio muito grande e encontrava-se presente outra jovem, com um pescoço branco como porcelana muito nu e maravilhoso cabelo platinado, sentada mais à frente, também a ler, absolutamente alheia a tudo e enrolando interminavelmente um caracol num dedo. Sentei-me ao lado de Dolly, atrás daquele pescoço e daquele cabelo, desabotoei o sobretudo e por sessenta e cinco cêntimos, além da autorização para participar na peça escolar, convenci Dolly a meter a mão suja de giz e de tinta, e com os nós dos dedos encarnados, debaixo da carteira. Foi estúpido e temerário da minha parte, sem dúvida, mas depois da tortura a que fora submetido tinha, forçosamente, de tirar partido de uma combinação que, sabia-o, nunca mais se repetiria.

12

Por volta do Natal, Lo constipou-se muito e foi examinada por uma amiga de Miss Lester, a Dr.a Ilse Tristramson ("foste uma querida e nada curiosa, Ilse, e tocaste na minha pombinha muito suavemente"). A médica diagnosticou bronquite, deu uma palmadinha nas costas de Lo (com todos os pelinhos erectos por causa da febre) e mandou-a ficar na cama uma semana ou mais. Ao princípio, ela teve alguma temperatura e eu não pude resistir a requintada caloricidade de inesperados deleites - Venus febriculosa -, embora fosse uma Lolita muito lânguida que gemia, tossia e tremia de frio nos meus braços. Assim que ela ficou boa, dei uma festa com rapazes.

Talvez tenha bebido um pouco mais do que a conta, a fim de me preparar para a provação. Talvez tenha agido como um idiota. As pequenas tinham decorado e armado um abetozinho - costume alemão, com a diferença de que as velas de cera tinham dado lugar a pequenas lâmpadas. Escolheram-se discos, que se puseram a tocar no fonógrafo do dono da minha casa. A elegante Dolly usava um bonito vestido cinzento, de corpo justo e saia farta. A cantarolar baixinho, retirei-me para o meu gabinete, no andar de cima, mas de dez em dez ou vinte em vinte minutos descia como um idiota, apenas durante alguns segundos, para ir buscar, ostensivamente, o meu charuto à prateleira da chaminé ou procurar o jornal - e a cada nova visita estes gestos simples tornavam-se mais difíceis de fazer e recordavam-me os dias tremendamente distantes em que me enchia de coragem antes de entrar, com ar casual, numa sala da

casa de Ramsdale onde se encontrava a minha Carmencita.

A festa não foi um êxito. Das três meninas convidadas, uma não compareceu, e, em contrapartida, um dos rapazes levou o seu primo Roy, do que resultou um excedente de dois rapazes - e, como os primos sabiam todas as danças, os outros rapazes quase não dançaram. A maior parte do serão passou-se, assim, a desarrumar a cozinha e a discutir que jogo de cartas jogar, e pouco depois duas raparigas e quatro rapazes sentaram-se no chão da sala, com todas as janelas abertas, e entretiveram-se com um jogo de palavras que a Opal não conseguia compreender, enquanto Mona e Roy, um rapaz magro e simpático, bebiam ginger ale na cozinha, sentados na mesa com as pernas a balouçar, e discutiam acaloradamente predestinação e lei das probabilidades. Depois de se irem todos embora, a minha Lolita exclamou "Ufa!", fechou os olhos e deixou-se cair numa cadeira. com as pernas e os braços estendidos, como uma estrela do mar, numa atitude que exprimia o maior aborrecimento e cansaço, e jurou que nunca conhecera um grupo de rapazes mais revoltante. Comprei-Lhe uma raqueta de tênis nova, agradecido por essa observação.

Janeiro foi húmido e quente e o Fevereiro não lhe ficou atrás. Na cidade, ninguém se lembrava de ter visto um tempo assim. Seguiram-se outros presentes. No dia dos seus anos ofereci-lhe uma bicicleta, a encantadora máquina já mencionada - e acrescentei a isso a História da Pintura Moderna Americana. Como já disse, a maneira como ela andava de bicicleta, o movimento dos seus quadris, ao montar a sua graça, etc., causavam-me supremo prazer; mas a minha tentativa para refinar o seu gosto pictórico falhou por completo.
Ela queria saber se o tipo que dormia a sesta no monte de feno de Doris Lee era o pai da pseudovoluptuosa

moça do primeiro plano, e não compreendia por que motivo eu dizia que
Grant Wood ou Peter Hurd eram bons e Reginal Marsh ou Frederick Waugh horríveis.

13

Quando a Primavera retocou a Thayer Street de amarelo, verde e rosa, Lolita estava irremediavelmente apaixonada pelo palco. A Pratt, que num domingo almoçava, por acaso, na Walton Inn, com algumas pessoas, viu-me, de longe, e aproveitou um momento em que Lo não estava a olhar para fingir que batia palmas, compreensiva e discretamente. Detesto teatro, que considero uma prática primitiva e pútrida, historicamente falando, uma prática que tresanda a ritos da Idade da Pedra e a idiotices comunais, apesar de algumas injeções individuais de gênio, como, por exemplo, a poesia isabelina, que um leitor isolado separa automaticamente do resto. Como na altura andava muito atarefado com os meus próprios labores literários, não me dei ao trabalho de ler o texto completo de Os Caçadores Encantados, a peçazinha em que Dolores Haze representava o papel de filha de um lavrador, a qual se imagina uma fada da floresta, ou Diana, ou qualquer coisa no gênero, e que, depois de se apoderar de um livro acerca de hipnotismo, mergulhava uma quantidade de caçadores perdidos em vários transes divertidos, antes de ser ela própria enfeitiçada por um poeta vagabundo (Mona Dahl). Até aí ainda eu deduzi, pelos fragmentos de folhas amarrotadas e mal dactilografadas que Lo espalhava pela casa toda. A coincidência do título da peça com o nome de uma estalagem inesquecível era agradável, embora triste, e eu achei melhor não chamar a atenção da minha feiticeira para esse pormenor, com receio de que uma acusação de pieguice me magoasse ainda mais do que me magoara verificar que ela própria não dera pela

coincidência. Presumi que a peçazinha era apenas mais uma versão praticamente anônima de alguma lenda banal. Claro que nada impedia uma pessoa de supor que, ao procurar um nome atraente, o fundador da estalagem se deixasse influenciar imediata e exclusivamente pela fantasia ocasional do pintor de murais, de segunda categoria, que contratara, e que, posteriormente, o nome da estalagem tivesse por sua vez sugerido o nome da peça. Mas, no meu espírito crédulo, simples e benevolente, virei as coisas precisamente ao contrário e, sem pensar muito no assunto, pensei que mural, nome e título tinham derivado todos de uma fonte comum, de qualquer tradição local que eu, estrangeiro pouco versado no folclore da Nova Inglaterra, desconhecia. Por isso tinha a impressão (tudo isto casualmente, notem, absolutamente fora de qualquer órbita de importância) de que a maldita peçazinha pertencia ao tipo de fantasia para consumo juvenil, adaptado e tornado a adaptar, como Hansel e Gretel, de Richar Roe, ou A Bela Adormecida, de Dorothy Doe, ou O Fato Novo do Imperador, de Maurice Vermont e Marion Rumpelmeyer, tudo coisas que se encontravam em qualquer coletânea de Peças para Atores Colegiais ou Vamos Representar Uma Peça! Por outras palavras, não sabia - e não me teria importado se soubesse - que Os Caçadores Encantados era uma composição muito recente e tecnicamente original, representada havia três ou quatro meses, pela primeira vez, por um grupo de intelectuais de Nova Iorque. A mim - pelo que me era dado julgar pelo papel da minha feiticeira - parecia-me uma obra de fantasia muito lúgubre, com ecos de Lenormand e Maeterlinck e vários outros pacatos sonhadores britânicos. Os caçadores de barrete vermelho e uniformemente vestidos, dos quais um era banqueiro, outro canalizador, o terceiro polícia, o quarto

cangalheiro, o quinto agente de seguros e o sexto um presidiário fugitivo (estão a ver as possibilidades!), mudavam completamente de personalidade no Valezinho de Dolly e recordavam-se da sua verdadeira vida apenas como um sonho ou um pesadelo de que a pequena Diana os despertara. Mas o sétimo caçador (de barrete verde, o idiota) era um jovem poeta e insistia, com grande aborrecimento de Diana, que os divertimentos por ela proporcionados (ninfas a dançar, e elfos, e monstros) eram invenção dele, poeta. Sabia que, por fim, aborrecida a mais não poder com a sua petulância, a descalça Dolores conduziria Mona, de calças aos quadrados, à quinta paternal, que ficava atrás da Floresta Perigosa, para provar ao gabarola que ela não era uma fantasia de poeta, e, sim, uma rústica e simples rapariga - e um beijo de último instante sublinharia a mensagem profunda da peça, isto é, que a fantasia e a realidade se fundem no amor. Achei mais sensato não criticar a história diante de Lo: ela andava tão saudavelmente mergulhada em problemas de expressão", e unia tão encantadoramente as suas esguias mãos florentinas para me suplicar, num grande agitar de pestanas, que não assistisse aos ensaios, como alguns pais ridículos faziam, pois queria extasiar-me com uma primeira noite perfeita... - e porque, claro, eu tinha a mania de me intrometer constantemente, dizer o que não devia e prejudicar-Lhe o estilo na presença de outras pessoas.

Houve um ensaio muito especial... "coração, meu coração..."

Houve um dia de Maio assinalado por uma certa agitação alegre - passou-se tudo fora do meu alcance visual, imune à minha memória, e quando voltei a ver Lo, ao fim da tarde,
equilibrada na bicicleta e a encostar a palma da mão ao tronco húmido de uma bétula nova, ao fundo do nosso

jardim, fiquei tão impressionado com a radiante ternura do seu sorriso que,
por momentos, julguei terem acabado todos os nossos problemas.
"Lembras-te como se chamava aquele hotel", perguntou-me, "tu sabes (nariz franzido), anda; tu sabes! Aquele com colunas brancas e o cisne de mármore no átrio... Oh, tu sabes (ruidosa
exaltação), o hotel onde me violentaste! Está bem, não se fala mais disso. Mas não era (quase um murmúrio) Os Caçadores Encantados? Oh, era?! (pensativa) Era?" E com uma cascata de amoroso riso verbal, deu uma palmada no tronco brilhante e abalou pela rua acima, até ao fim, e depois voltou, com os pés a descansar nos pedais parados, descontraída, e com uma das
mãos sonhadoramente abandonada no colo coberto pelo vestido de flores estampadas.

14

Porque isso se relacionava supostamente com o seu interesse pela dança e pelo teatro, consentiria que Lo recebesse lições de piano de uma tal Miss Imperador (como nós,
eruditos franceses, lhe podemos convenientemente chamar), a cuja casinha branca com persianas azuis, a cerca de quilómetro e meio de Beardsley, ia de bicicleta duas vezes por semana. Numa noite de sexta-feira, já quase no fim de Maio (e mais ou menos uma semana depois do ensaio muito especial a que Lo não quisera que eu assistisse), o telefone do meu gabinete, onde eu estava a comer, o rei de Gustave - quero dizer, de Gaston -, o telefone tocou e Miss Imperador perguntou se Lo não iria na próxima terça-feira, pois não comparecera às lições de terça-feira anterior nem daquela sexta-feira. Respondi que iria, sem dúvida, e continuei a jogar. Como o leitor pode imaginar, as minhas faculdades ficaram perturbadas e um lance ou dois a seguir, com Gaston a jogar, reparei, através da névoa da minha angústia, que ele me podia apanhar a rainha. Ele também reparou, mas, pensando que talvez se tratasse de uma armadilha do seu manhoso adversário, ficou hesitante, a bufar e a ofegar, a abanar a cabeça e até a lançar-me olhares furtivos, começou diversas vezes a estender a mão, com os dedos enchouriçados todos unidos, mortinho por apanhar a suculenta rainha e sem se atrever a tanto... e de súbito caiu sobre ela (quem sabe se isso não lhe ensinou certas audácias posteriores?), e eu passei uma hora horrível para conseguir um empate. Gaston acabou de beber o seu brande e, pouco depois, foi-se embora, todo satisfeito com o resultado. "Mon pauvre ami, je ne

vous ai jamais revu et quoiqu'il y ait bien peu de chance que vous voyez mon livre, permettez-moi de vous dire que je vous serre la main bien cordialement, et que toutes mes fillettes vous saluent." Encontrei Dolores Haze sentada à mesa da cozinha, a comer uma fatia de torta, de olhos fixos no manuscrito. Ergueu-os para os meus, com uma espécie de celestial enfado. Confrontada com a minha descoberta, mostrou-se muito pouco perturbada e disse, d'un petit air faussement contrit, que sabia ser uma garota muito má mas não fora capaz de resistir ao encantamento e passara as horas destinadas à música - ó leitor, meu leitor! - a ensaiar com Mona, num jardim público, a cena da floresta mágica. Respondi-lhe muito bem e dirigi-me para o telefone. Foi a mãe de Mona que atendeu: "Oh, sim, ela está em casa!", - e, com uma pequena gargalhada maternal neutra de cortês contentamento, gritou, desviando o bocal: "O Roy está ao telefone!" Mona chegou a seguir e, acto contínuo, numa voz monótona, mas não desprovida de ternura, começou a ralhar com Roy por qualquer coisa que ele fizera ou dissera. Interrompi-a e, pouco depois, Mona dizia, no seu mais sexy e humilde contralto: "Sim, senhor,, certamente, senhor, a culpa deste infortunado episódio é toda minha e só minha, senhor" (que elocução, que serenidade!), palavra, sinto-me muito mal comigo
mesma" - etc., etc., como costumam falar essas meretrizezinhas.

Desci a escada, a pigarrear e com a mão a conter o coração. Lo passara para a sala e estava na sua poltrona favorita e excessivamente estofada. Ao vê-la ali estiraçada, a roer uma
unha falhada e a zombar de mim com os olhos cruéis e inexpressivos, sem deixar de bater com o calcanhar de um pé descalço num banquinho, compreendi, de repente, com um

angustiado rebate de consciência, quanto ela mudara desde que a conhecera, havia dois anos. Ou a mudança dera-se apenas nas duas últimas semanas? Tendresse? Esse era, sem dúvida, um mito já desacreditado. Ela encontrava-se mesmo no centro da minha ira incandescente. O nevoeiro da concupiscência dissipara-se, não deixando mais do que uma terrível lucidez. Oh, ela mudara! A sua cútis não era a de qualquer vulgar e desmazelada colegial que aplica cosméticos compartilhados, com os dedos sujos, na cara mal lavada e não se importa que uma pele suja ou pustulenta entre em contacto com a sua epiderme. A sua macia e tenra cútis aveludada fora tão encantadora em tempos passados, tão reluzente de lágrimas quando eu, de brincadeira, lhe rolava a cabeça desgrenhada nos joelhos! Um rubor áspero substituíra agora essa inocente florescência.
Aquilo a que, localmente, se chamava conspiração de coelho pintara-lhe de vermelho flamejante as orlas das narinas desdenhosas. Quando, aterrorizado, baixei o olhar, ele deslizou, maquinalmente, ao longo da parte de baixo da sua coxa nua e tensamente esticada. Como as suas pernas se tinham tornado brilhantes e musculosas! Conservava postos em mim os olhos afastados um do outro, de um cinzento de vidro enevoado e levemente injetados de sangue, e eu vi através deles o pensamento furtivo de que, no fim de contas, talvez Mona tivesse razão, talvez ela, a órfã Lo, me pudesse desmascarar sem que ela própria fosse castigada. Como estava enganado! Como estava louco! Tudo nela continuava a ser da mesma natureza exasperadamente impenetrável - a força das suas pernas bem feitas, a sola suja da sua peúga branca, a grossa camisola de lã que vestia apesar do calor da sala, o seu cheiro jovem e, principalmente, o beco sem saída da sua cara, com o seu estranho rubor e os seus lábios recém-pintados. O baton manchara-lhe os

dentes da frente e eu senti-me petrificado por uma pavorosa recordação - a imagem evocada não de Monique, mas, sim, de outra jovem prostituta encontrada havia séculos num bordel, que fora aproveitada por outro qualquer antes de eu ter tempo de decidir se a sua simples mocidade justificava que me arriscasse a apanhar alguma horrível doença, uma prostituta que tinha umas maçãs do rosto ruborizadas e proeminentes como aquelas, e uma maman mona, e grandes dentes da frente, e uma tira de flácida fita encarnada a prender-lhe o cabelo castanho de camponesa.

- Fala, anda - disse-me Lo. - A corroboração foi satisfatória?

- Oh, sim! Perfeita. E eu não tenho dúvidas de que vocês duas a combinaram. Por sinal, nem sequer tenho dúvidas de que lhe hajas contado tudo a nosso respeito.

- Ah, sim?!

Fiz um esforço para controlar a respiração, antes de prosseguir.

- Dolores, isto tem de acabar imediatamente. Estou disposto a levar-te de Beardsley e a fechar-te sabes muito bem onde, se necessário for, mas isto tem de acabar. Basta-me apenas o
tempo preciso para fazer uma mala e estou pronto para te levar. Isto tem de acabar, de contrário tudo poderá acontecer.

- Tudo poderá acontecer, hem? Afastei bruscamente o tamborete sobre o qual ela batia com o calcanhar e o pé caiu-lhe, com um baque, no chão.

- Eh, mais devagar! - gritou-me.

- Primeiro do que tudo, vais lá para cima - gritei por minha vez e, simultaneamente, agarrei-a e obriguei-a a levantar-se.

A partir daquele momento deixei de dominar a minha voz, continuamos a gritar um com o outro e ela

disse coisas que não se podem repetir.
Disse que me detestava, fez-me caretas monstruosas, enchendo as bochechas de ar e emitindo um som indecente e diabólico, disse que eu a tentara violentar diversas vezes quando era
inquilino da mãe, disse que tinha a certeza de que eu assassinara a mãe, disse que dormiria com o primeiro indivíduo que Lho pedisse e eu não poderia fazer nada... Quanto a mim, ordenei-lhe que subisse e me mostrasse todos os esconderijos. Foi uma cena barulhenta e odiosa. Eu agarrava-a pelo pulso ossudo e ela torcia-se e retorcia-se, procurando sub-repticiamente um ponto fraco que lhe permitisse libertar-se no momento oportuno; mas eu agarrava-a bem e, por sinal, até a magoei muito, pelo que espero que o meu coração apodreça, e uma ou duas vezes ela puxou o braço tão violentamente que tive medo de que partisse o pulso. E, durante tudo isso, fixava-me com aqueles olhos inesquecíveis, onde a cólera fria e as lágrimas escaldantes se debatiam, e as nossas vozes abafavam o retinir do telefone, e quando eu tive consciência de que ele tocava ela escapou-se imediatamente.

Pareço compartilhar com as pessoas dos filmes a máquina telefônica e o seu deus apressado. Desta vez era uma vizinha irada. A janela do lado leste estava escancarada, na sala, mas felizmente com a gelosia descida, e por detrás dela a noite húmida de uma agreste Primavera da Nova Inglaterra estivera a escutar-nos, de respiração contida. Sempre considerara aquele tipo de solteirona sorvada, de mentalidade obscena, resultado de considerável consanguinidade literária na ficção moderna; mas agora estou convencido de que a melindrosa e pruriente Miss Leste - ou, para lhe acabar com o incógnito, Miss Finton Lebone - devia ter estado com três quartas partes do corpo debruçadas da janela

do quarto, para tentar perceber o motivo da nossa discussão.

... Esta algazarra... evidencia absoluta falta de... – ouvi gritar esganiçadamente pelo auscultador. - Não vivemos em nenhum bairro de lata! Devo pedir-lhe, energicamente...

Pedi desculpa do fato de as amigas da minha filha serem tão barulhentas. A gente nova, como sabia... e desliguei, quando ela começou de novo a grasnar.

No andar de baixo, a porta batera. Lo? Fugira?

Através do vitral da escada vi um pequeno fantasma impetuoso deslizar por entre os arbustos; no escuro, um ponto prateado - cubo de roda de bicicleta - moveu-se, estremeceu e
desapareceu.

Por coincidência, o automóvel estava a passar a noite numa oficina de reparações, no centro da cidade. Não me restava outra alternativa senão perseguir a pé a alada fugitiva. Ainda hoje, decorridos mais de três anos, não consigo visualizar sem uma sufocação de pânico aquela rua numa noite primaveril, aquela rua de árvores já tão cobertas de folhas. Diante do seu alpendre iluminado, Miss Lester passeava o cãozinho hidrópico de Miss Fabian. Mr. Hyde quase o derrubou. Andava três passos e corria outros três. Uma chuva tépida começou a tamborilar nas folhas dos castanheiros. Na esquina seguinte, comprimindo Lolita contra um gradeamento de ferro, um jovem distinto abraçava e beijava... não, estava enganado, não era ela. Segui para a frente, com os esporões ainda presos de grande formigamento.

Cerca de oitocentos metros para leste do n 14, a Thayer Street funde-se com uma alameda particular e uma rua transversal, que conduz ao centro da cidade. Defronte do primeiro drugstore vi - com que arroubado alívio! - a bonita bicicleta de Lolita a esperar por ela.

Empurrei, em vez de puxar, puxei, empurrei, puxei e entrei. Atenção! A uns dez
passos de distância, vi Lolita através do vidro de uma cabina telefônica (o deus membranoso continuava connosco), com a mão em concha no bocal e inclinada confidencialmente para o
aparelho. Olhou-me de olhos semicerrados, virou-me as costas com o seu tesouro, desligou, apressada, e saiu da cabina, com um floreado.

- Estava a tentar ligar para casa - declarou-me alegremente.
- Tomei uma grande decisão. Mas primeiro oferece-me uma bebida, papá.

Observou a desinteressada e pálida empregada a pôr o gelo no copo, deitar a cola e acrescentar o xarope de cereja, enquanto o meu coração parecia querer rebentar de amor dolorido. Aquele pulso infantil... Minha encantadora criança! Tem uma filha encantadora, Mr. Humbert. Admiramo-la sempre, quando passa. Mr. Pim observou Pippa, enquanto ela sorvia a bebida.

J'ai toujours admiré l'oeuvre ormonde du sublime Dublinois. E, entretanto, a chuva transformara-se num voluptuoso aguaceiro.

- Escuta - disse-me, de bicicleta a meu lado, com um pé a arrastar no passeio, a que a chuva emprestava um brilho negro - escuta, tomei uma decisão. Quero sair da escola, detesto-a. E detesto a peça. Palavra, detesto! Não quero voltar nunca mais. Procurar outra, partir imediatamente, fazer de novo uma longa viagem. Mas desta vez iremos aonde eu quiser, não iremos?

Acenei afirmativamente. Minha Lolita.

- Escolho eu? C'est entendu? - perguntou, um pouco desequilibrada a meu lado; só falava francês quando se portava como uma boa rapariguinha.

- Está bem, entendo. Agora toca a andar depressa, Lenore, ou ficas encharcada. - Enchia-me o peito uma

tempestade de soluços.

Mostrou-me os dentes e, à sua adorável maneira de colegial, inclinou-se para a frente e lá foi velozmente, o meu passarinho.

A mão muito bem tratada de Miss Lester segurava a porta do alpendre, para deixar entrar um cão velho e trôpego, qui prenait son temps.

Lo esperava-me junto da bétula fantasmagórica.

- Estou encharcada - declarou, a plenos pulmões. – Estás satisfeito? Ao diabo com a peça! Compreendes o que quero dizer?

A mão de uma megera invisível desceu com força uma janela do primeiro andar.

No nosso vestíbulo banhado de luz acolhedora, a minha Lolita despiu a camisola, sacudiu o cabelo perlado de água da chuva, estendeu-me dois braços nus e ergueu um joelho.

- Leva-me ao colo para cima, por favor. Sinto-me a modos que romântica, esta noite.

Talvez interesse aos filósofos saber, nesta altura, que tenho a faculdade de verter torrentes de lágrimas - um caso muito singular, presumo - durante a outra tempestade.

15

Os calços dos travões foram substituídos, os canos da água desobstruídos e as válvulas ajustadas, e o pouco entendido em mecânica, mas prudente, papá Humbert pagou mais algumas reparações e melhorias, para que o carro da defunta Mrs. Humbert se encontrasse numa forma respeitável quando chegasse a altura de empreender nova viagem.

Prometêramos à escola de Beardsley, à boa e velha escola de Beardsley, que voltaríamos assim que o meu contrato em Hollywood terminasse (insinuei que o inventivo Humbert ia ser o principal consultor de produção de um filme acerca de «existencialismo», coisa ainda muito apaixonante na época). Na realidade, porém, encarava a ideia de atravessar calmamente a fronteira mexicana - sentia-me mais corajoso do que no ano anterior-, onde decidira o que faria da minha pequena concubina, que já media um metro e cinquenta e pesava quarenta e um quilos. Tiráramos das gavetas os nossos guias de viagens e os nossos mapas e ela traçara o nosso itinerário com grande entusiasmo. Dever-se-ia à experiência teatral o fato de ter ultrapassado os seus batidos ares juvenis e mostrar-se tão adoravelmente interessada em explorar a rica realidade? Quanto a mim, sentia a estranha leveza dos sonhos, quando naquela pálida mas quente manhã de domingo abandonamos a perplexa casa do professor Chem e metemos velozmente pela Main Street, a caminho da auto-estrada de quatro vias. O vestido de algodão às riscas pretas e brancas, o atrevido chapelinho azul, as meias com a grande água-marinha, deliciosamente lapidada e suspensa de um fio de prata, que lhe adornava o pescoço: um presente meu,

de chuva primaveril. Quando passámos pelo New Hotel riu-se. "Uma moeda pelos teus pensamentos", disse-lhe, e ela estendeu logo a mão. Mas naquele momento uma luz vermelha obrigou-me a travar, com certa brusquidão. Quando paramos, outro automóvel estacou também ao nosso lado e uma mulher jovem, muito bonita e de uma magreza atlética (onde a vira já?), de pele saudável e brilhante cabelo cor de bronze até aos ombros, saudou Lo com um vibrante "Olá!" e depois dirigiu-se efusivamente, efusivamente (já sabia!), sublinhando certas palavras: "Que pena ter tirado a Dolly da peça! Devia ter ouvido o autor, perfeitamente louco por ela depois daquele ensaio..." "Luz verde, idiota", disse-me Lo, baixinho, e, simultaneamente, agitando num adeus cintilante o braço cheio de pulseiras, Joana d'Arc (numa peça que víramos no teatro
local) ultrapassou-nos velozmente e meteu pela Campus Avenue.

- Quem era, ao certo? Vermont ou Rumpelmeyer?

- Não... Edusa Gold, a tipa que nos ensaia.

- Não me referia a ela. Quem foi que escreveu a peça?

- Ah! Uma velhota, Clare Qualquer-Coisa, parece-me. Estavam lá umas poucas.

- Com que então, cumprimentou-te?

- Uma fava é que me cumprimentou! Beijou-me na fronte pura - e a minha querida emitiu aquele novo tipo de gargalhadinha que, talvez devido aos seus maneirismos teatrais, adotara
recentemente.

- És uma criança engraçada, Lolita - disse-lhe (isso ou algo parecido). - Naturalmente, sinto-me encantado por teres desistido dessa absurda história do teatro. Mas o que me parece curioso é que tenhas desistido de tudo apenas uma semana antes do seu clímax natural. Oh, Lolita, deves ter cuidado com essas tuas súbitas desistências! Lembro-me de que trocaste Ramsdale pelo

acampamento, e o acampamento por uma viagem de prazer, e ainda poderia enumerar outras mudanças abruptas da tua disposição. Deves ter cuidado. Há coisas de que nunca se deve desistir. Tens de ser perseverante. E tenta ser um bocadinho mais simpática comigo, Lolita. Deves, também, vigiar a tua dieta. O diâmetro da tua coxa não deverá exceder quarenta e três centímetros vírgula sete. Mais do que isso poderia ser fatal (estava a brincar, evidentemente). Vamos iniciar uma longa e feliz viagem.

16

Lembro-me... Lembro-me de que quando era garoto, na Europa, me debrucei, encantado, sobre um mapa da América do Norte em que as palavras "Montes Apalaches" se estendiam ousadamente do Alabama a Nova Brunsvique, de tal modo que toda a região por elas abrangida - Tenessi, as Virgínias, Pensilvânia, Nova Iorque, Vermont, New Hampshire e Maine - parecia à minha imaginação uma Suíça gigantesca, ou até mesmo um Tibete, só montanhas, um esplêndido pico diamantino após outro, coníferas gigantes, le montagnard émigré na sua glória de pele de urso, e Felis tigris goldsmithi, e peles-vermelhas sob as catalpas... Era pavoroso que tudo aquilo se tivessereduzido, no fim, a um mísero relvado suburbano e a um fumacento incinerador de lixo. Adeus, Apalaches! Ao deixá-los, atravessamos o Oaio, os três estados começados por I, e o Nebrasca - ah, aquela primeira lufada do Oeste! Viajávamos sem pressa, pois dispúnhamos de mais de uma semana para chegar a Waco, divisória continental, onde ela desejava apaixonadamente ver as danças rituais que assinalam a abertura da Caverna Mágica, e, pelo menos, de três semanas para chegar a Elphinstone, jóia de um estado ocidental, onde ela queria subir ao rochedo Vermelho, de onde uma estrela de cinema já madura se lançara recentemente para a morte, depois de uma briga de ébrios com o seu gigolo.

Fomos de novo acolhidos em motéis precavidos, em cujos quartos havia inscrições que diziam:

"Desejamos que se sinta em sua casa, enquanto cá estiver. Todo o equipamento foi cuidadosamente verificado, aquando da sua chegada. A matrícula do seu

carro foi registrada. Utilize a água quente com comedimento. Reservamo-nos o direito de expulsar, sem aviso, qualquer pessoa cuja conduta levante objeções. Não deite desperdícios de qualquer tipo na sanita. Obrigado. Visite-nos de novo. A gerência. P. S. - Consideramos
os nossos hóspedes as Melhores Pessoas do Mundo."

Nestes assustadores estabelecimentos pagávamos dez dólares por quarto de duas camas, as moscas faziam bicha do lado de fora da porta sem rede e conseguiam entrar, a cinza dos cigarros dos nossos antecessores ainda estava no cinzeiro, havia um cabelo de mulher na almofada, ouvia-se o vizinho pendurar o casaco no armário, os cabides estavam
engenhosamente presos aos varões por arames, para desencorajar o roubo, e, como insulto máximo, os quadros pendurados por cima da cama eram gêmeos idênticos. Observei, também, que o tipo de comercialização se estava a modificar.
As cabinas mostravam tendência para se fundirem umas nas outras e formarem, gradualmente, um caravançarai, e (Lo não estava interessada, mas o leitor talvez esteja) acrescentara-se um segundo andar, e aparecera um átrio, e os automóveis eram levados para uma garagem comunal, e o motel revertia à forma do velho e bom hotel.

Aconselho o leitor a não zombar de mim nem do meu estonteamento mental. É-lhe fácil a ele e a mim decifrar, agora, um destino passado; mas um destino em formação não é,
acredite-me, uma dessas honestas histórias de detetives, onde mais não é preciso do que manter as pistas debaixo de olho. Na minha juventude, li um livro policial francês onde as pistas estavam assinaladas em itálico. Mas McFate não procede assim - mesmo que aprendamos a reconhecer certas indicações obscuras.

Por exemplo: não juro que não tenha havido, pelo menos, uma ocasião, anterior ao início ou mesmo no início, da parte da nossa viagem pelo Médio Oeste, em que ela conseguiu transmitir qualquer informação a - ou estabelecer contacto com – uma pessoa ou pessoas desconhecidas. Paramos numa bomba de gasolina, sob o símbolo de Pégaso, e ela saiu do lugar no automóvel e esgueirou-se para as traseiras do estabelecimento, enquanto a capota levantada, sob a qual me inclinara para observar as manipulações do mecânico, a ocultou momentaneamente da minha vista. A minha tendência para a brandura levou-me a abanar apenas a cabeça, embora, estritamente falando, tais escapadelas fossem proibidas, pois
eu sentia instintivamente que os lavabos - assim como os telefones eram, por razões insondáveis, os lugares onde o meu destino se poderia enredar perigosamente. Todos nós temos objetos fatídicos deste gênero - pode ser uma paisagem que se repete, num caso; um número, noutro, etc. -, escolhidos com cuidado pelos deuses para atraírem acontecimentos de significado especial para nós: John tropeçará sempre aqui; o coração de Jane sofrerá sempre ali.

Bem, o meu carro fora atendido e eu afastara-o das bombas, a fim de dar espaço a uma furgoneta, quando o prolongamento da sua ausência começou a pesar sobre mim, na paisagem cinzenta e ventosa. Não pela primeira vez - e também não pela última – fitei, com um desconforto surdo, todas aquelas trivialidades estáticas que parecem quase surpreendidas, como rústicos embasbacados, por se encontrarem no campo visual do viajante
encalhado: a lata de lixo verde; os pneus muito pretos e de faixa muito branca, para venda; as coloridas latas de lubrificante; a geleira encarnada com bebidas sortidas; as quatro, cinco, sete garrafas vazias dentro do esquema

inacabado do problema de palavras cruzadas que são as suas grades de madeira; o inseto a subir pacientemente pela janela do escritório, etc.

Através da porta aberta ouvia-se música de rádio, e, como o ritmo não estava sincronizado com o arfar, o estremecer e outros gestos da vegetação animada pelo vento, tinha-se a impressão de assistir a um velho filme mudo, que corria enquanto o acompanhamento de piano ou violino tocava uma música que não condizia nada com o fremir da flor e o oscilar do ramo. O som do último soluço de Charlotte vibrou incongruentemente através do seu ser quando, com o vestido a esvoaçar fora de ritmo, Lolita surgiu de uma direção totalmente inesperada. Encontrara o lavabo ocupado e atravessara direitinha ao símbolo da Concha, no outro quarteirão. Diziam que se orgulhavam do asseio das suas instalações sanitárias. Aqueles postais com porte pago destinavam-se, explicavam, aos comentários dos utentes. Não havia postais. Nem sabão. Nem nada. Nem comentários, portanto.

Nesse dia ou no seguinte, após uma enfadonha estirada por uma região de culturas alimentares, chegamos a uma vilazinha agradável e instalámo-nos no Chestnut Court - boas cabinas, terrenos circundantes verdes e húmidos, macieiras, um velho balouço e um tremendo poente que a fatigada garota ignorou.Manifestara o desejo de atravessar Kasbeam, por ficar apenas uns cinquenta quilômetros ao norte da sua cidade natal, mas na manhã seguinte encontrei-a absolutamente apática e sem o mínimo desejo de rever o passeio onde, cerca de cinco anos antes, jogara à amarelinha. Por motivos óbvios, eu receara muito esse desvio, apesar de termos combinado que não daríamos nas vistas em aspecto nenhum, que ficaríamos no automóvel e ela não procuraria velhos amigos. O alívio que senti pelo seu abandono do projeto foi prejudicado

pelo pensamento de que, se ela achasse que eu era absolutamente contrário às potencialidades nostálgicas de Pisky, como no ano anterior, não desistiria com tanta facilidade. Como eu aludisse, a suspirar, a tais pensamentos, Lo suspirou também e queixou-se de que não se sentia muito bem. Queria ficar na cama até à hora do chá, pelo menos, com montes de revistas, e depois, se se sentisse melhor, sugeria que prosseguíssemos para oeste. Devo dizer que se mostrou muito terna e lânguida e confessou um grande apetite por fruta fresca. Tanto bastou para que me decidisse a ir a Kasbeam comprar um saboroso almoço de piquenique. A nossa cabina ficava no cume arborizado de uma colina e da janela via-se a estrada descer, sinuosa, e depois seguir, direita como uma risca de cabelo, entre dois renques de castanheiros, a caminho da cidadezinha que se distinguia perfeitamente à distância na manhã límpida, pequenina e airosa como um brinquedo. Distinguia-se uma rapariguita élfica montada numa bicicleta que parecia um inseto e um cão proporcionalmente muito grande, tudo tão claramente como aqueles peregrinos e muares subindo por veredas serpenteantes e cor de cera de velhos quadros, com montes azuis e pessoas minúsculas e vermelhas. Como tenho o hábito europeu de utilizar as pernas sempre que é possível dispensar o automóvel, desci tranquilamente a encosta a pé e cruzei-me com a ciclista, uma rapariguinha feiota e roliça, de tranças, seguida por um enorme são-bernardo com órbitas como amores-perfeitos. Em Kasbeam, um barbeiro muito velho cortou-me muito mediocremente o cabelo: não se cansou de falar de um filho seu que jogava basebol e, a cada explosão de entusiasmo, enchia-me o pescoço de perdigotos. De vez em quando, limpava os óculos à toalha que me pusera à frente ou interrompia o tremulo trabalho da tesoura para me mostrar já quase apagados

recortes de jornais. Eu escutava-o com tão pouca atenção que foi um verdadeiro choque para mim compreender, quando ele apontou para uma fotografia entre antigos frascos de loção cinzenta, que o jovem jogador de grande bigode já morrera havia trinta anos.

Bebi uma chávena de desenxabido café quente, comprei um cacho de bananas para a minha macaquinha e passei mais cerca de dez minutos numa charcutaria. Devia ter decorrido pelo menos hora e meia quando este peregrinozinho de regresso ao lar apareceu na estrada sinuosa que levava a Chestnut Castle.

A rapariga que vira ao descer para a cidade encontrava-se naquele momento com um carrego de roupa e a ajudar um indivíduo disforme, cuja grande cabeça e cujas feições
grosseiras me lembraram Bertoldo, personagem da baixa comédia italiana. Estavam a arrumar as cabinas, que eram cerca de uma dúzia em Chestnut Crest, todas agradavelmente espaçadas no meio de abundante vegetação. Era meio-dia e quase todas elas já tinham sido abandonadas pelos seus ocupantes, com um definitivo bater de porta. Um casal muito idoso, quase mumificado, saía de uma das garagens contíguas, num carro de modelo muito recente; de outra emergia uma capota encarnada, um pouco no estilo rabo-de-bacalhau; e, mais perto da nossa cabina, um jovem forte e simpático, de basta cabeleira preta e olhos azuis, metia um frigorífico portátil numa station. Por qualquer razão, sorriu-me constrangidamente, quando passei. No relvado fronteiriço, na sombra de muitos ramos das luxuriantes árvores, o são-bernardo guardava a bicicleta da dona e, perto, uma mulher nova, de gravidez muito adiantada, sentara um bebê extasiado num balouço e empurrava-o devagar, enquanto um
rapazinho invejoso, de dois ou três anos, fazia grande alarido e tentava empurrar ou puxar a tábua do balouço

- por fim, foi atingido por ela e berrou como um desalmado, caído de costas
na relva, enquanto a mãe continuava a sorrir docemente, sem que o sorriso se destinasse a nenhum dos seus filhos presentes. Talvez me lembre com tanta clareza de todas estas
minúcias porque, decorridos poucos minutos, passaria completamente em revista todas as minhas impressões – além disso, desde aquela terrível noite em Beardsley havia sempre
algo vigilante em mim. Recusei-me a deixar-me distrair pela sensação de bem-estar que o passeio me provocara, pela brisa de começo de Verão que me acariciava a nuca, pelo ranger do saibro húmido sob os meus passos, pelo restinho de comida que conseguira, finalmente, chupar de um dente furado e, mesmo, pelo peso agradável das provisões, que o estado geral do meu coração não permitia que transportasse - mas até a minha bomba avariada trabalhava suavemente e eu sentia-me adolori d'amoureuse langueur, para citar o querido Ronsard, quando cheguei à cabina onde deixara a minha Dolores.

Com certa surpresa, encontrei-a vestida. Estava sentada na borda da cama, de calças compridas e camisola interior, e olhava-me como se tivesse dificuldade em identificar-me. O
tecido mole da camisa realçava, mais do que atenuava, os contornos francos e suaves dos seus seios pequenos, e essa franqueza irritou-me. Não se lavara, mas tinha a boca pintada
de fresco, ainda que mal, e os seus dentes grandes brilhavam como marfim sujo de vinho ou fichas de poker de tom rosado. Para ali estava sentada, de mãos entrelaçadas no regaço,
sonhadoramente envolta numa aura diabólica que não tinha absolutamente nada a ver comigo.

Larguei o pesado cartucho e olhei-lhe para os tornozelos nus, depois para a cara idiota e de novo para os pecaminosos pés.

- Saíste - disse (as sandálias estavam sujas de terra).

- Levantei-me mesmo agora - redarguiu, e acrescentou, ao interceptar o meu olhar voltado para baixo: - Fui lá fora apenas um segundo, para ver se já aí vinhas.

Reparou nas bananas, levantou-se e encaminhou-se para a mesa.

Que suspeita particular podia eu ter? Nenhuma, realmente... Mas aqueles olhos nublados, sonhadores, aquele calor singular que ela irradiava! Não disse nada. Olhei para a estrada, que se via serpentear tão claramente através da moldura da janela... Quem desejasse atraiçoar a minha confiança teria ali um excelente ponto de vigia. Com apetite crescente, Lo atirou-se à fruta. De súbito, lembrei-me do sorriso constrangido do Johnny da porta ao lado. Saí, a correr. Os carros tinham desaparecido todos, exceto a sua station, onde naquele momento entrava a jovem esposa grávida, com o bebê e o outro filho, mais ou menos oculto.

- Que se passa? Aonde vais? - gritou Lo, do alpendre.

Não respondi. Empurrei-lhe o corpo macio para dentro e entrei atrás dela. Arranquei-lhe a camisola, despi-a toda, descalcei-Lhe as sandálias... Dementadamente, procurei a sombra da sua infidelidade; mas o rastro da procura era tão tênue que se tornava praticamente impossível distingui-lo da imaginação de um louco.

17

O Gros Gaston gostava, à sua maneira afetada, de oferecer presentes - presentes um nadinha afetadamente fora do vulgar, ou, pelo menos, ele assim afetadamente pensava.
Tendo notado, certa noite, que a minha caixa das peças do xadrez estava partida, na manhã seguinte mandara-me, por um dos seus rapazinhos, uma caixa de cobre, com um rico lavor
oriental na tampa e uma boa fechadura. Bastou-me um olhar para ter a certeza de que se tratava de uma daquelas caixas para guardar dinheiro, por qualquer razão chamadas luizettas, que se comprava em Argel ou em qualquer outro lado e a que depois não se sabia que fazer. Era baixa demais para as minhas volumosas peças de xadrez, mas eu guardei-a e dei-Lhe um destino absolutamente diferente.

A fim de quebrar uma certa teia de destino em que, obscuramente, sentia que estava a ser enredado, decidi -apesar da visível contrariedade de Lo - passar outra noite em
Chestnut Court. Acordei, de vez, às quatro da manhã, verifiquei que Lo ainda dormia profundamente (de boca aberta, numa espécie de espanto atordoado pela vida curiosamente estúpida que todos lhe destináramos) e certifiquei-me de que o precioso conteúdo da luizetta" estava em segurança. Ali, aconchegadinha num lenço de lã branca, estava uma automática de bolso: calibre 32, capacidade do carregador oito balas, comprimento um pouco inferior a um nono da altura de Lolita, coronha de nogueira recartilhada e acabamento azul. Herdara-a do defunto Harold Haze, com um catálogo de 1938 que

dizia alegremente, a certa altura: "Especialmente apropriada para uso em casa e no carro, assim como na pessoa." Ali estava ela, pronta para uso imediato na pessoa ou nas pessoas, carregada mas com o fecho de segurança travado, para evitar qualquer disparo acidental. Não esqueçamos que uma pistola é o símbolo freudiano do membro anterior central do pai-Ur.

Senti-me grato por tê-la comigo - e mais grato ainda por ter aprendido a utilizá-la dois anos antes, no pinhal que circundava o lago de cristal de Charlotte e meu.

Farllow, com quem percorrera aquelas remotas florestas, era um admirável atirador e conseguiu acertar, com a sua 38, num beija-flor - embora eu deva dizer em abono da verdade que pouco mais ficou, para prova da façanha, do que um pouco de penugem iridescente. Um ex-polícia alentado, de seu nome Krestovski, que nos anos 20 abatera a tiro dois reclusos
fugitivos, juntou-se-nos e abateu um minúsculo pica-pau - completamente fora da época da caça, diga-se. Claro que, entre aqueles dois desportistas, eu não passava de um noviço e
falhava constantemente, embora tenha acertado num esquilo, numa altura posterior, em que fui sozinho.
"Deixa-te estar aí quietinha", segredei à minha camaradinha compacta e leve, à
qual brindei em seguida com um gole de gim.

18

O leitor deve esquecer, agora, Chestnuts e Colts e acompanhar-nos mais para oeste. Os dias seguintes foram assinalados por diversas grandes trovoadas - ou talvez se tenha tratado apenas de uma única trovoada, que avançou através do país em portentosos saltos de rã e de que não pudemos livrar-nos, assim como não nos pudemos livrar do detective Trapp - pois foi nestes dias que me apresentou o problema do descapotável vermelho asteca, que se sobrepôs por completo ao tema dos amantes de Lo.

Estranho! Eu, que tinha ciúmes de todos os homens que encontrávamos... É estranho como interpretei mal os desígnios do destino. Talvez me tivesse deixado aquietar pelo recatado comportamento de Lo no Inverno. Aliás, de qualquer modo teria sido idiota, até mesmo para um doido, supor que outro Humbert seguia avidamente Humbert e a ninfeta de Humbert, como fogo-de-artifício jupiteriano, através das imensas e feias planícies. Supus, donc, que o iaque vermelho que nos seguia, a discreta distância, quilometro após quilometro, era conduzido por um detetive que algum intrometido contratara para descobrir o que Humbert Humbert andava, ao certo, a fazer com a sua enteada menor. Como me costuma acontecer em períodos de tempestades magnéticas e relâmpagos crepitantes, tive alucinações. Talvez tenham sido mais do que alucinações. Não sei o que ela ou ele, ou ambos, tinham deitado no meu uísque, mas uma noite tive a certeza de que alguém batia à porta da nossa cabina. Abri-a de repelão e reparei em duas coisas: encontrava-me nu em pêlo e, cintilantemente branco na

escuridão a escorrer chuva, encontrava-se um homem que segurava à frente do rosto a máscara de Queixada, um detetive grotesco das histórias aos quadradinhos. O tipo emitiu uma gargalhada abafada e afastou-se, apressado, e eu recuei para dentro do quarto e readormeci - e ainda hoje não estou certo de que a visita não tenha sido um sonho provocado por qualquer droga. Estudei minuciosamente o tipo de humor de Trapp, e aquele podia muito bem ser um exemplo plausível. Oh, que grosseiro e absolutamente cruel! Imaginei que andava alguém a ganhar dinheiro com máscaras daqueles monstros e idiotas populares. Terei visto, na manhã seguinte, dois garotos a esgaravatar num latão de lixo e a experimentar uma máscara do Queixada? Não sei. Pode ter sido tudo uma coincidência devida às condições atmosféricas, suponho.

Em virtude de ser um assassino com uma memória sensacional, mas incompleta e heterodoxa, não lhes posso dizer, damas e cavalheiros, o dia exato em que tive, pela primeira vez, a certeza absoluta de que o descapotável encarnado nos seguia. Lembro-me, no entanto, da primeira vez em que vi claramente o seu condutor. Certa tarde, conduzia lentamente, através de torrentes de chuva e vendo aquele fantasma vermelho nadar e estremecer de lascívia no meu retrovisor, quando, em determinada altura, o dilúvio se transformou em chuvada e não tardou a cessar por completo. Com um ruído sibilante, um clarão de sol invadiu a auto-estrada e, como estava precisado de uns óculos escuros novos, parei numa bomba de gasolina. O que estava a suceder era uma doença, um cancro sem remédio, e, por isso, limitei-me a ignorar o fato de que o nosso sorrateiro perseguidor parara, com o tejadilho subido, um pouco atrás de nós, num café ou num bar com uma idiótica tabuleta: O Anquinhas: Um Engenhoso Assento. Atendidas as necessidades do meu automóvel, entrei no

escritório para comprar os óculos e pagar a gasolina. Quando me preparava para assinar um cheque de viagem e perguntava a mim mesmo onde me encontraria, ao certo, olhei casualmente por uma janela lateral e vi uma coisa terrível. Um indivíduo de ombros largos, um pouco careca, de casaco cor de aveia e calças castanho-escuras, escutava Lo, que, debruçada do automóvel, falava com ele muito depressa, com a mão de dedos esticados a subir e a descer, como lhe acontecia quando falava com muita seriedade e ênfase. O que mais me abalou, com uma força arrasadora, foi - como dizer? - a volúvel familiaridade da atitude dela, como se conhecessem... oh, como se conhecessem havia semanas e semanas! Vi-o coçar a testa, acenar com a cabeça, virar-se e encaminhar-se para o descapotável. Era um homem espadaúdo e um pouco atarracado, da minha idade, um tanto ou quanto parecido com Gustave Trapp, um primo suíço do meu pai - o mesmo rosto uniforme bronzeado, mais cheio do que o meu, bigodinho escuro e boca de botão de rosa, de degenerado.
Lolita estudava um mapa rodoviário quando regressei ao automóvel.
- Que te perguntou aquele homem, Lo?
- Aquele homem? Ah, aquele homem! Não sei... Perguntou-me se tinha um mapa. Suponho que se perdeu. Arrancamos e eu disse-lhe:
- Escuta, Lo, não sei se estás a mentir ou não, não sei se estás doida ou não, e de momento isso não me interessa; mas aquele indivíduo tem-nos seguido todo o dia, o seu carro
estava ontem no motel e eu penso que ele é um chui". Sabes perfeitamente o que acontecerá e aonde irás parar se a Polícia descobrir o que se passa. Agora quero saber exatamente o que
ele te disse e o que tu lhe disseste. Lo riu-se.

- Se ele é, de facto um chui - declarou esganiçadamente, mas não ilogicamente -, o pior que poderíamos fazer seria mostrar-lhe que temos medo. Ignora-o, papá.

- Ele perguntou-te para onde vamos?

- Oh, ele sabe isso - respondeu, a troçar de mim.

- De qualquer maneira - murmurei, desistindo da discussão -,agora já lhe vi a cara. Não é nada bonito, parece-se muito com um parente meu chamado Trapp.

- Talvez seja ele. No teu lugar... Oh, olha, todos os noves estão a mudar para o milhar seguinte! Quando era pequena - continuou, mudando inesperadamente de assunto -, pensava que parariam e voltariam a ficar noves se a minha mãe me fizesse a vontade e andasse em marcha atrás.

Creio que foi a primeira vez que falou espontaneamente da sua infância pré-humbertiana. Talvez o teatro lhe tivesse ensinado isso. Seguimos viagem em silêncio, sem perseguidor.

Mas no dia seguinte, como a dor que volta numa doença fatal quando passa o efeito das drogas e da esperança, lá estava de novo atrás de nós a reluzente fera vermelha. Nesse dia, o trânsito na auto-estrada era pouco, ninguém ultrapassava ninguém - e ninguém tentou meter-se entre o nosso humilde automóvel azul e a sua imperiosa sombra encarnada, como se houvesse qualquer encantamento nesse interespaço, numa zona de alegria diabólica e magia, uma zona cujas precisão e estabilidade tinham uma virtude cristalina, quase artística. O motorista que me seguia, com os seus ombros enchumaçados e o seu bigodinho à Trapp, parecia um manequim, e dir-se-ia que o seu descapotável só andava porque uma invisível e silenciosa corda de seda o ligava ao nosso modesto veículo. A nossa carripana era muitas vezes mais fraca

do que a sua esplêndida máquina envernizada e, por isso, não tentei, sequer,
distanciar-me. O lente currite noctis equi! Oh, lentos e suaves pesadelos! Subimos e descemos longas encostas, respeitamos os limites de velocidade, esperamos que crianças vagarosas atravessassem a estrada, reproduzimos em termos de impulsos as ondas pretas das curvas nos seus resguardos amarelos - e, fosse como fosse e para onde fosse que seguíssemos, o encantado interespaço lá estava sempre intacto, matemático, como uma miragem, correlativo viatório de um tapete mágico. Durante todo esse tempo tive consciência de uma chama particular à minha direita: o olho alegre de Lo, a sua face escaldante.

Um polícia de trânsito mergulhado no pesadelo das ruas entrecruzadas - às quatro e meia da tarde numa cidade fabril -, foi a mão do acaso que quebrou o encanto. Fez-me sinal para passar e depois, na continuação do mesmo gesto, truncou a minha sombra. Uma vintena de carros meteu-se entre nós, acelerei e enfiei habilmente por uma azinhaga estreita. Um pardal pousou, com uma enorme migalha, foi atacado por outro e perdeu-a.

Quando, após algumas paragens aborrecidas e algumas voltas deliberadas, regressei à estrada, a nossa sombra desaparecera.

Lola comentou, desdenhosa:

- Se ele é o que pensas, foi uma grande burrice cortar-Lhe as voltas.

- Entretanto, adquiri outras ideias a esse respeito.

- Devias... hum... verificar se estão certas... hum... mantendo o contacto com ele, pai qrido - redarguiu Lo, torcendo-se de riso com o seu próprio sarcasmo. - Jesus, és bera! - acrescentou, na sua voz normal.

Passamos uma noite péssima numa cabina imunda, a ouvir a chuva bater e com uma espécie de trovoada

pre-historicamente ruidosa a ribombar sem descanso por cima de nós.

- Não sou uma senhora e não gosto de relâmpagos - disse Lo, cujo medo das tempestades magnéticas me causava um certo alívio patético.

Tomamos o pequeno-almoço na municipalidade de Soda, com uma população de mil e uma almas.

- A julgar pelo algarismo terminal, o Cara Gorda já cá está - comentei.

- O teu humor é de rebentar a rir, pai querido.

Nessa altura estávamos numa região de campos de artemísia e tivemos um dia ou dois de maravilhosa tranquilidade (fora um idiota, corria tudo bem, todo aquele desconforto detivera-se, talvez, a flatulência contida). Pouco depois, os planaltos deram lugar a montanhas verdadeiras e chegamos a Waco a tempo.

Oh, tragédia! Houvera uma confusão qualquer, ela interpretara mal uma data, no guia de viagens, e as cerimônias da Caverna Mágica já tinham terminado! Devo confessar que aceitou a decepção corajosamente - e, quando descobrimos que havia no kurortiano Waco um teatro de Verão em plena atividade, para lá nos encaminhamos naturalmente, certa noite
suave de meados de Junho. Não posso, sinceramente, contar-lhes o enredo da peça que vimos. Foi com certeza uma banalidade qualquer, com pretensiosos efeitos de luz e uma protagonista medíocre. O único pormenor que me agradou foi um festão de sete pequeninas graças, mais ou menos imóveis, deliciosamente pintadas e de membros nus - sete estonteadas adolescentes vestidas de gaze colorida que deviam ter sido recrutadas localmente (a julgar pela agitação facciosa que se notava aqui e ali, entre a assistência) e a quem competia representar um arco-íris vivo, que durou o último acto todo e se dissipou, de certo modo provocante, atrás de uma série de véus múltiplos. Lembro-me de ter pensado

que a ideia das crianças-cores fora tirada pelos autores, Clare Quilty e Vivian Darkbloom, de uma passagem de James Joyce, e que duas das cores eram exasperantemente deliciosas - Laranja, que não parava quieta, e Esmeralda, que, quando os seus olhos se habituaram à negra caverna onde estávamos todos sentados pesadamente, sorriu, de súbito, à mãe ou ao protetor.

Assim que a função terminou e o aplauso manual - som que os meus nervos não podem suportar - irrompeu por todos os lados à minha volta, comecei a puxar e a empurrar Lo para a saída, na minha tão natural impaciência amorosa de a apanhar no nosso chalé azul-néon, na estupefata noite estrelada - digo sempre que a natureza fica estupefata com aquilo que vê. Dolly-Lo,porém, foi-se deixando ficar para trás, num estonteamento róseo, de olhos felizes semicerrados, com o sentido da visão a sobrepor-se de tal maneira a todos os outros que as suas mãos flácidas quase não se tocavam, no gesto maquinal de bater palmas a que ainda se entregava. Já tinha visto acontecer aquilo a outras crianças, mas, meu Deus, aquela era uma criança especial, a sorrir miopemente ao palco já remoto, onde vislumbrei o vulto de dois autores - o smoking de um homem e os ombros nus de uma mulher de cabelo negro, ar de falcão e surpreendentemente alta.

- Magoaste-me outra vez o pulso, grande bruto - queixou-se Lolita, em voz baixa, quando se sentou no carro.

- Lamento terrivelmente, minha querida, meu amor ultravioleta - desculpei-me, a tentar em vão agarrar-lhe o cotovelo, e acrescentei, para mudar de conversa (para mudar a direção do destino, ó Deus, ó Deus!):

- Vivian é uma mulher impressionante. Tenho a certeza de que a vimos ontem, naquele restaurante em Soda.

- Às vezes és revoltantemente estúpido - redarguiu-me Lo. - Primeiro, Vivian é o autor masculino, a autora feminina é Clare; segundo, ela tem quarenta anos, é casada e tem sangue
negro.

- Pensava - disse, para a arreliar - que Quilty era uma antiga paixoneta tua, do tempo em que gostavas de mim, na querida Ramsdale.

- O quê?! - perguntou Lo, de rosto contraído de irritação. -Aquele dentista gordo? Deves estar a confundir-me com qualquer outra fulaninha leviana.

E eu pensei para comigo como aquelas fulaninhas levianas esqueciam tudo, tudo, enquanto nós, amantes velhos, entesouramos cada centímetro da sua infância.

19

Com o conhecimento e o assentimento de Lo, as duas moradas deixadas ao chefe dos correios de Beardsley, para nos remeter qualquer correspondência, eram posta-restante de Waco e posta-restante de Elphinstone. Na manhã seguinte, fomos à primeira e tivemos de esperar numa curta mas vagarosa bicha. A serena Lo observava a galeria dos delinquentes procurados. O bem-parecido Bryan Bryanski, aliás Anthony Bryan, aliás Tony Brown, olhos castanhos, pele clara, procurado por rapto. O faux pas de um idoso cavalheiro de olhos tristes era fraude fiscal e, como se isso não bastasse, o desgraçado tinha o peito dos pés deformado. A respeito do sinistro Sullivan fazia-se uma advertência: supunha-se que andava armado e devia ser considerado perigosíssimo. Se quiserem fazer um filme do meu livro, arranjem maneira de um desses rostos se fundir suavemente com o meu, enquanto estou a olhar. Havia ainda um instantâneo pouco nítido de uma rapariga desaparecida, de catorze anos, que calçava sapatos castanhos quando fora vista pela última vez. Favor avisar o xerife Buller.

Já não me lembro do que tratavam as minhas cartas. Quanto a Dolly, havia o seu relatório escolar e um sobrescrito de aspecto muito especial, o qual abri deliberadamente e cujo conteúdo li. Compreendi que estava a fazer o que fora previsto, pois ela não pareceu importar-se e dirigiu-se para a bancada das revistas, junto da porta.

"Dolly-Lo, a peça foi um grande êxito. Os três cães estiveram muito quietos, desconfio que por terem sido levemente drogados pela Cutler, e a Linda sabia o teu

papel todo. Foi muito bem, demonstrou inteligência e domínio, mas faltou-lhe a sensibilidade, a descontraída vitalidade, o encanto da minha - e da autora - Diana. Não havia, porém, autora nenhuma para nos aplaudir, como da última vez, e a terrível tempestade magnética do exterior interferiu com a nossa modesta trovoada fora do palco. Oh, querida, a vida voa!
Agora, que tudo acabou, a escola, a peça, a embrulhada do Roy e o parto da mãe (infelizmente o nosso bebê não viveu!), parece ter-se passado tudo há muito tempo, embora eu ainda conserve praticamente vestígios da caracterização.

Partimos depois de amanhã para Nova Iorque e creio que não conseguirei esquivar-me a acompanhar os meus pais à Europa. Mas tenho ainda notícias piores para ti, Dolly-Lo! Talvez não esteja em Beardsley se e quando regressares. Com uma coisa e outra, sendo uma pessoa quem tu sabes e não sendo a outra quem tu julgas que sabes. O meu pai quer que eu frequente uma escola de Paris durante um ano, enquanto ele e o Fulbright lá estiverem.

Como se esperava, o pobre Poeta meteu água na cena III, ao chegar àquela passagem de idiotice francesa. Lembras-te? Ne manque pas de dire à ton amant Chimène, comme le lac est beau, car il faut qu'il t'y mène. Que amante felizardo! Qu'il ty... Que língua de trapos! Bem, porta-te com juizinho, Lollikins. Muitas saudades do teu Poeta e os melhores cumprimentos ao mestre. Tua Mona. P S. - Por causa de uma coisa e outra, a minha correspondência anda rigidamente controlada. Por isso, é melhor esperares que eu te escreva da Europa." (Nunca escreveu, que eu saiba. A carta continha um elemento de misteriosa torpeza, que me sinto demasiado cansado para analisar agora. Encontrei-a mais tarde, guardada num dos nossos guias de

viagens, e reproduzo-a aqui à titre documentaire. Li-a duas vezes.)

Levantei os olhos da carta e ia a... Lo desaparecera. Enquanto eu estivera absorto na leitura da velhacaria de Mona, Lo encolhera os ombros e sumira-se. "Não viu por acaso...?",
perguntei a um marreco que varria o chão, perto da entrada. Vira, o velho baboso. Parecia-lhe que ela encontrara um amigo e saíra apressadamente. Saí apressadamente, também. Parei -
ela não parara. Dei alguns passos apressados e parei de novo. Acontecera, finalmente. Ela partira para sempre.

Em anos posteriores, tenho muitas vezes perguntado a mim mesmo por que motivo não terá ela partido, de fato, para sempre nesse dia. Terá sido por causa da qualidade retentiva
das suas novas roupas de Verão, que se encontravam fechadas no carro? Haveria alguma partícula ainda não amadurecida nalgum plano geral?
Terá sido porque, considerados os prós e os contras, não perderia nada em me utilizar para a levar a Elphinstone – o término secreto? Só sei que naquele momento tinha a certeza
absoluta de que ela me deixara para sempre. As montanhas negras, cor de malva, que semi-envolviam a cidade pareciam cheias de Lolitas arquejantes, que corriam e riam, de Lolitas ofegantes que se dissolviam na sua névoa. Um grande W feito de pedras brancas, num talude íngreme ao fundo de uma distante rua transversal, parecia a inicial da palavra inglesa woe, que significava desgraça.

O novo e bonito posto de correios de onde eu acabava de sair erguia-se entre um cinema, àquela hora adormecido, e um aglomerado de choupos. Eram nove horas da manhã, hora da montanha, e a rua a Main Street. Percorri o seu lado azul, a olhar para o lado

oposto: impregnava-o de beleza uma daquelas delicadas manhãs de princípio de Verão, com cintilações de vidro aqui e ali e um ar geral de hesitação vacilante, quase de desmaio, perante a perspectiva de um meio-dia intoleravelmente tórrido. Atravessei a rua e percorri um comprido quarteirão: drugstore, agência de negócios imobiliários, modas, peças de automóveis, café, artigos de desporto, móveis, utilidades domésticas, Western Union, lavandaria, mercearia. Sr. Guarda, Sr. Guarda, a minha filha fugiu. Conluiada com um detective; apaixonada por um chantagista. Aproveitou-se do meu absoluto desamparo. Espreitei em todas as lojas. Pensei, demoradamente, se deveria interrogar algum dos poucos transeuntes. Não interroguei. Sentei-me uns momentos no automóvel estacionado. Inspecionei o jardim público do lado leste. Voltei às modas e às peças de automóveis. Disse a mim próprio, numa explosão de furioso sarcasmo - un ricanement -, que era a loucura suspeitar dela, que apareceria dali a instantes. Apareceu.

Girei nos calcanhares e sacudi a mão que colocara na minha manga. Sorria, tímida e imbecilmente.

- Entra no carro.

Obedeceu e eu continuei a andar de um lado para o outro, a debater-me com pensamentos indizíveis, a tentar encontrar uma maneira de estar à altura da sua duplicidade.

Pouco depois, saiu do carro e colocou-se de novo a meu lado. O meu sentido auditivo voltou, gradualmente, a ficar sintonizado com Lo, e tive consciência de que ela me dizia que
encontrara uma velha amiga.

- Sim? Quem?

- Uma rapariga de Beardsley.

- Muito bem. Conheço bem. Conheço o nome de todas as do teu grupo. Alice Adams?

- Esta não pertencia ao meu grupo.

- Não faz mal, tenho comigo uma lista completa das alunas. O nome, por favor.
- Não andava na minha escola. Era apenas uma rapariga de Beardsley.
- Muito bem, também tenho comigo a lista telefónica de Beardsley. Procuraremos todos os Browns.
- Só sei o seu nome próprio.
- Mary ou Jane?
- Não. Dolly, como eu.
- Estamos, então, num beco sem saída (o espelho contra o qual partimos o nariz). - Tentemos outro aspecto. Estiveste vinte e oito minutos ausente. Que fizeram as duas Dollys?
- Fomos a um drugstore.
- E tomaram...?
- Apenas duas colas.
- Cuidado, Dolly! Podemos confirmar isso, como sabes.
- Pelo menos, ela bebeu cola. Eu bebi um copo de água.
- Muito bem. Foi ali, naquele drugstore?
- Foi.
- Anda daí, vamos interrogar o empregado dos refrescos.
- Espera... Pensando melhor, talvez tenha sido um bocadinho mais abaixo, depois da esquina.
- Mesmo assim, vamos lá. Entra, por favor. Ora vejamos... -abri uma lista telefônica presa com uma corrente. – Serviços Funerários de Primavera. Não, ainda não. Cá estamos: Droguistasretalho. Hill Drugstore. Larkins Pharmacy. E mais dois. Parece que Waco não tem mais nada onde se vendam refrescos, pelo menos na zona comercial. Iremos a todos.
- Vai para o Inferno!
- A grosseria não te conduzirá a lado algum, Lo.
- Mas tu também não me vais encurralar. Muito bem, não tomamos refresco nenhum. Andamos apenas a

conversar e a ver os vestidos, nas montras.
- Em que montras? Naquela ali, por exemplo?
- Sim, naquela, por exemplo.
- Oh, Lo! Vamos ver mais perto.
Era, de fato, um rico espetáculo. Um jovem aperaltado passava o aspirador por um bocado de carpete sobre a qual se encontravam duas figuras que pareciam ter sido vítimas de uma explosão. Uma delas estava completamente nua, sem peruca e sem braços. A sua estatura relativamente pequena e o seu sorriso brejeiro indicavam que, vestida, representara, e voltaria a representar quando a vestissem de novo, uma rapariga do tamanho de Lolita.
Mas no estado em que se encontrava era assexuada. Perto dela estava uma noiva muito mais alta e de véu, que se poderia considerar perfeita e intacta se não lhe faltasse um braço. No chão, aos pés das donzelas, onde o indivíduo manejava afadigadamente o aspirador, encontravam-se três braços esguios amontoados e uma peruca loura. Dois dos braços estavam torcidos e pareciam representar um gesto de horror e súplica.
- Olha, Lo - disse, serenamente. - Olha bem. Não achas aquilo um excelente símbolo de qualquer coisa? No entanto - prossegui, ao voltarmos para o automóvel -, tomei certas
precauções. Aqui - abri delicadamente o compartimento das luvas -, neste livro de apontamentos, está registrado o número de matrícula do carro do nosso amigo.
Como grande idiota que era, não o decorara. O que restava dele, na minha memória, era a letra inicial e o algarismo final, como se todo o anfiteatro de seis símbolos tivesse
recuado, de forma côncava, por trás de um vidro colorido tão opaco que não permitia decifrar a série central e só deixava vislumbrar as extremidades - um P e um 6. Tenho de me deter

nestes pormenores (que em si próprios só podem interessar a um psicólogo profissional), porque, de contrário, o leitor (ah, se pudesse visualizá-lo como um intelectual de barba loura, a chupar com os lábios róseos la pomme de sa canne, enquanto devora o meu manuscrito!) podia não compreender a natureza do abalo que sofri ao notar que o P adquirira a conformação de um B e o 6 fora apagado por completo. O resto, com apagadelas reveladoras do uso apressado da ponta de borracha de um lápis e parte dos algarismos obliterados ou reconstruídos numa caligrafia infantil, transformara-se num emaranhado de arame farpado, rebelde a qualquer interpretação lógica. A única coisa que sabia era o nome do estado, adjacente àquele a que Beardsley pertencia.

Não disse nada. Guardei o bloco, fechei o compartimento das luvas e saí de Waco. Lo deitara a mão a umas revistas que se encontravam no banco de trás e, com um cotovelo bronzeado fora da janela, mergulhou profundamente nas aventuras de algum vagabundo ou palhaço. A cinco ou seis quilômetros de Waco virei para a sombra de um recinto para piqueniques, onde a manhã despejara a sua carga de luz numa mesa vazia. Lo levantou a cabeça, com um meio sorriso de surpresa, e, sem uma palavra, apliquei-lhe uma tremenda bofetada com as costas da mão, que lhe acertou em cheio na face quente.

E depois o remorso, a pungente doçura dos soluços de expiação, o amor rastejante, o desespero da reconciliação sensual...

Na noite aveludada, no Mirana Motel (Mirana!), beijei as solas amareladas dos seus pés de dedos compridos, imolei-me... Mas foi tudo inútil. Estávamos ambos condenados. E eu não tardaria a entrar num novo ciclo de perseguição.

Numa rua dos subúrbios de Waco... Oh, tenho a certeza absoluta de que não foi uma ilusão! Avistara, numa rua de Waco, o descapotável vermelho asteca, ou um irmão gêmeo dele. Em vez de Trapp, continha quatro ou cinco jovens barulhentos, de ambos os sexos. Mas não disse nada. Depois de Waco, apresentou-se uma situação totalmente nova. Durante um ou dois dias, apreciei a ênfase mental com a qual afirmava a mim próprio que não éramos, nem nunca fôramos, seguidos. Mas depois tornei-me angustiadamente consciente de que Trapp mudara de táctica e continuava connosco, neste ou naquele carro alugado.

Verdadeiro Proteu da estrada, mudava com espantosa facilidade de um veículo para outro. Esta técnica implicava a existência de garagens especializadas em operações de «muda automobilística», mas eu nunca consegui descobrir as que ele utilizava. Ao princípio pareceu dar a preferência ao gênero Chevrolet, começando por um descapotável creme-campus,
passando para um pequeno sedan azul-horizonte e, a partir daí, desbotando para cinzento-rebentação e cinzento-madeira-flutuante. Depois optou por outras marcas e passou por um arco-íris claro e baço de tonalidades, até que um dia dei comigo a tentar avir-me com a subtil distinção entre o nosso próprio Melmoth azul-sonho e o Oldsmobile azul-pluma que ele alugara. Os cinzentos continuaram, no entanto, a ser o seu criptocromismo favorito e, em angustiados pesadelos, eu tentei em vão distinguir convenientemente fantasmas como o cinzento-concha do Chrysler, o cinzento-cardo do Chevrolet, o cinzento-francês do Dodge...

A necessidade de estar constantemente atento ao aparecimento do seu bigodinho e da sua camisa aberta - ou da sua tola a atirar para a calvície e dos seus ombros largos

- obrigavam-me a um estudo profundo de todos os carros da estrada - os de trás, os da frente, os dos lados, os que iam, os que vinham, enfim, todos os veículos debaixo do bendito sol: o automóvel do pacato cidadão em gozo de férias, com uma caixa de lenços
de papel Tender-Touch na janela da retaguarda; a carripana a grande velocidade, cheia de crianças pálidas, entre as quais sobressaía a cabeça hirsuta de um cão, e com um guarda-lama
amachucado; o sedan "tutor" do solterião, carregado de fatos suspensos de cabides; a grande caravana, ziguezagueando àfrente e imune à fila indiana de fúria que explodia atrás dela; o carro com a jovem passageira delicadamente empoleirada no meio do banco da frente, para estar mais perto do jovem condutor; o automóvel transportando no tejadilho um barco
encarnado, com o fundo virado para cima... O carro cinzento a abrandar à nossa frente, o carro cinzento a aproximar-se de nós...

Estávamos numa região montanhosa, algures entre Snow e Champion, e descíamos uma ladeira quase imperceptível quando voltei a ver claramente o amante-detective Trapp. A névoa cinzenta atrás de nós acentuara-se e concentrara-se na compacidade de um Sedan azul-domínio. De repente, como se o carro que eu conduzia reagisse aos arrancos do meu próprio coração, começamos a ziguezaguear de uma berma à outra, enquanto qualquer coisa produzia um irritante plap plap plap debaixo de nós.

- Tem um furo, cavalheiro - disse Lo, alegremente.

Encostei... junto de um precipício. Ela cruzou os braços e apoiou um pé no estribo; eu apeei-me e examinei a roda direita da retaguarda. A base do pneu estava envergonhada e
horrivelmente quadrada. Trapp parara uns cinquenta metros atrás de nós e o seu rosto distante formava uma

mancha gordurosa de sarcasmo. Era a minha oportunidade. Comecei a
caminhar na sua direção, com a brilhante ideia de lhe pedir um macaco emprestado, embora tivesse o meu. O tipo recuou um pouco. Tropecei numa pedra... e pressenti uma atmosfera de
riso geral. De súbito, um enorme caminhão surgiu atrás de Trapp e passou ruidosamente por mim, e logo a seguir ouvi-o buzinar convulsivamente. Olhei para trás, num movimento instintivo, e vi o meu próprio carro a afastar-se devagarinho. Distingui Lo, grotescamente sentada ao volante, e não tive dúvidas de que o motor estava a trabalhar - embora me lembrasse muito bem de que o desligara, ainda que não tivesse aplicado o travão de emergência. No espaço de tempo palpitante e breve de que precisei para alcançar o veículo fugitivo, que finalmente parou, lembrei-me de que nos últimos dois anos a pequena Lo tivera tempo mais do que suficiente para aprender os rudimentos da condução. Quando abri a porta de repelão, tive a certeza de que fora ela que ligara o motor, a fim de impedir que me aproximasse de Trapp. O truque foi inútil, porém, visto que, enquanto eu corria atrás dela, ele virou energicamente e desapareceu. Descansei um momento. Lo perguntou-se se não lhe agradecia - o automóvel começara a andar sozinho e... Como não obtivesse resposta, enfronhou-se no estudo do mapa rodoviário. Apeei-me de novo e entreguei-me à provação do orbe, como Charlotte costumava dizer. Talvez estivesse a perder o juízo.

Continuámos a nossa grotesca viagem. Depois de uma triste e inútil descida, começamos a subir, a subir... Numa encosta íngreme dei comigo atrás do gigantesco caminhão que nos ultrapassara. Arfava pela estrada sinuosa acima e era impossível ultrapassá-lo. Da sua cabina voou um retangulozinho de prata - o invólucro interior de uma pastilha elástica -, que bateu no nosso

pára-brisas. Acudiu-me a ideia de que, se estivesse realmente a perder o juízo, ainda podia acabar por assassinar alguém. Na verdade - disse o encalhado Humbert ao Humbert que se afundava -, talvez fosse acertado preparar as coisas - transferir a arma da caixa paraa algibeira -, a fim de estar pronto para aproveitar o momento de insanidade quando ele surgisse.

20

Ao permitir a Lolita que estudasse arte teatral, permitira-lhe também, idiota baboso, que cultivasse a arte do engano. Começou a parecer-me que não se tratara meramente de
uma questão de encontrar respostas para perguntas como "qual é o conflito fundamental em Hedda Gabler?", ou "quais são os clímaces de Amor sob as Tílias?" ou de analisar o espírito
prevalente em Pomar de Cerejeiras; tratara-se, na verdade, de aprender a atraiçoar-me. Como lamentava os exercícios de simulação sensorial que a vira tantas vezes desempenhar na
nossa sala de Beardsley, durante os quais a observava de algum ponto estratégico, enquanto ela, como objeto hipnótico ou executante de um ritual místico, apresentava versões sofisticadas de infantil simulação, ao efetuar os gestos miméticos de ouvir um gemido vindo da escuridão, ver pela primeira vez uma jovem madrasta novinha em folha, provar
qualquer coisa que detestava - como leite coalhado -, cheirar relva esmagada num luxuriante pomar ou tocar em miragens de objetos com as suas sorrateiras e esguias mãos de rapariga-menina. Ainda conservo entre os meus papéis uma folha mimeografada com as seguintes sugestões:

Treino táctil. Imagine-se a apanhar e segurar uma bola de Pingue-pongue, uma maçã, uma tâmara pegajosa, uma bola de tênis nova e felpuda, uma batata quente, um cubo de gelo, um gatinho, um cachorrinho, uma ferradura, uma pena, uma lanterna elétrica.

Apalpe entre os dedos as seguintes coisas imaginárias: um bocado de pão, borracha, a fronte dorida de um amigo, uma amostra de veludo, uma pétala de rosa.

É uma rapariga cega. Tacteie o rosto de um jovem grego,Cirano, o Pai Natal, um bebê, um fauno a rir, um desconhecido a dormir, o seu pai.

Mas ela fora tão bonita a tecer esses delicados enredos, no desempenho sonhador dos seus encantamentos e deveres! Em certos serões aventurosos, em Beardsley, chegara a pedir-Lhe que dançasse para mim, mediante a promessa de qualquer divertimento ou presente, e, embora os seus saltos de pernas abertas se assemelhassem mais aos de um chefe de claque
futebolística do que aos lânguidos e espasmódicos movimentos de um petit rat parisiense, o ritmo dos seus membros ainda não totalmente núbeis causara-me prazer. Mas tudo isso não era nada, absolutamente nada, comparado com o êxtase indescritível que me causava vê-la jogar tênis - a sensação incomoda e delirante de me encontrar a oscilar à beira de uma ordem e de um esplendor sobrenaturais.

Apesar da sua idade já um pouco avançada, era mais ninfeta do que nunca, com os seus membros cor de damasco e o seu fato de tênis de subadolescente! Alados cavalheiros! Nenhuma vida futura será aceitável se não a reproduzir como era então, naquela estância do Colorado entre Snow e Elphinstone, com tudo perfeito: os amplos calções brancos de rapazinho, a cintura esbelta, o estômago cor de damasco, o coletinho branco, cujas alças lhe contornavam o pescoço e terminavam num nó de pontas pendentes, deixando-lhe nuas as adoráveis e perturbadoramente jovens omoplatas cor de damasco, com aquela pubescência e aqueles encantadores e delicados ossos, e as costas macias, que afilavam para baixo. O seu boné tinha uma pala branca e

a sua raqueta custara-me uma pequena fortuna. Idiota, triplamente idiota! Podia tê-la filmado! Tê-la-ia agora comigo, diante dos meus olhos, na sala de projeção da minha dor e do meu desespero.

Costumava esperar e descontrair-se, durante uns instantes de tempo forrado de branco, antes de servir, e era frequente fazer ressaltar a bola uma ou duas vezes, ou escarvar um pouco o solo, sempre à vontade, sempre desinteressada quanto à pontuação, sempre alegre - o que raramente acontecia na negra vida que levava em casa. O seu tênis era o ponto mais alto a que, na minha opinião, uma criatura jovem pode levar a arte do faz-de-conta, embora me atreva a dizer que, para ela, se tratava da própria geometria da realidade básica.

A delicada limpidez de todos os seus movimentos tinha um correlativo sonoro no som puro e vibrante de todas as suas pancadas na bola. Esta, quando entrava na esfera da sua influência, parecia tornar-se mais branca, de uma elasticidade mais rica, e o instrumento de precisão com que ela lhe tocava dir-se-ia descomedidamente preênsil e deliberado, no momento do contacto como que adesivo. A sua forma era, deveras, uma imitação absolutamente perfeita do tênis absolutamente perfeito - sem quaisquer resultados práticos. Electra Gold, irmã de Edusa e uma maravilhosa jovem treinadora, disse-me uma vez, estava eu sentado num vibrante banco duro a ver Dolores Haze jogar com Linda Hall (e ser vencida por ela): "A Dolly tem um magneto no centro das cordas da sua raqueta, mas por que diabo é ela tão cortês?" Ah, Electra, que importância tinha isso, com tal graça?! Lembro-me de que, logo na primeira vez que a vi jogar, fui inundado por uma convulsão quase dolorosa de assimilação de beleza. A minha Lolita tinha uma maneira muito sua de levantar o joelho esquerdo dobrado, no amplo e elástico início do ciclo de servir, criando, e deixando pairar ao sol durante

um segundo, uma teia vital de equilíbrio entre as pontas dos pés, a prístina axila, o braço bronzeado e a raqueta lançada muito para trás, um segundo em que sorria, de dentes cintilantes, ao globo suspenso tão alto, no zénite do potente e gracioso cosmos que ela criara com o objetivo expresso de lhe cair em cima com o estalido vibrante do seu chicote dourado.

Aquela sua maneira de servir tinha beleza, rumo certo, juventude e uma pureza de traje tória clássica, e era, não obstante o seu ritmo vigoroso, fácil de rebater, pois no seu salto longo e elegante não havia nenhum desvio nem ardil.

Hoje gemo de frustração ao pensar que podia ter, e não tenho, todas as suas jogadas, todos os seus encantamentos, imortalizados em segmentos de celuloide. Seriam muito, muito mais do que os instantâneos que queimei! Os seus lances altos estavam tão relacionados com o seu serviço como a dedicatória está relacionada com a balada, porque a minha querida fora
ensinada a saltitar imediatamente para a rede, nos seus pés perfeitos, ágeis, calçados de branco. Não era possível escolher entre o seu forehand e o seu backhand: eram o espelho
um do outro - e a minha virilidade ainda lateja só de recordar aqueles autênticos tiros de pistola, repetidos pelo eco e pelos gritos de Electra. Uma das pérolas do jogo de Dolly era
um meio rebate curto, que Ned Litam Lhe ensinara na Califórnia.

Lo preferia representar a nadar e a jogar tênis, mas mesmo assim insisto em que, se eu não tivesse quebrado qualquer coisa dentro dela do que então não tinha consciência! -,
Lolita teria, além da sua forma perfeita, o desejo de vencer, e ter-se-ia tornado uma autêntica campeã.

Dolores, com duas raquetas debaixo do braço, em Wimbledon. Dolores transformada em profissional. Dolores representando o papel de campeã num filme. Dolores e o seu grisalho, humilde e silencioso marido-treinador, o velho Humbert.

Não havia nada errado nem enganoso no espírito do seu jogo - a não ser que se considerasse a sua despreocupada indiferença pelo resultado como fingimento de ninfeta. Ela, que era tão cruel e astuta na vida de todos os dias, revelava uma inocência, uma franqueza, uma generosidade de colocação de bola que permitia a uma jogadora de segunda categoria, mas decidida, fazer figura e abrir caminho para a vitória, por muito desajeitada e incompetente que fosse. Apesar da sua pequena estatura, percorria os 97,85 metros quadrados do seu meio-campo com maravilhosa facilidade, uma vez afeita ao ritmo de um jogo e enquanto pudesse ser ela a impor esse ritmo. Mas qualquer ataque brusco ou qualquer súbita mudança de táctica da parte da adversária deixavam-na desorientada. Para pontuar, o seu segundo serviço, que – caracteristicamente era ainda mais forte e tinha mais estilo do que o primeiro (pois ela não tinha nenhuma das inibições que os vencedores cautelosos têm), batia vibrantemente na rede e ricocheteava para fora da quadra. A jóia polida do seu tiro falhado era apanhada e aproveitada por uma adversária que parecia ter quatro pernas e manejar um remo torto. Os seus lançamentos dramáticos e os seus remates encantadores caíam-lhe inocentemente aos pés. Lançava repetidamente bolas fáceis à rede... e fingia comicamente desânimo, deixando descair o corpo numa atitude balética, com o cabelo a cair-Lhe para a testa. A sua graça e as suas chicotadas eram tão estéreis que nem a mim conseguia ganhar, apesar do meu cansaço e das minhas jogadas fora de moda.

Creio que sou particularmente sensível à magia dos jogos. Nas minhas sessões de xadrez com Gaston via o tabuleiro como uma piscina quadrada de água límpida, com raras conchas e estratagemas roseamente visíveis no fundo liso e enxadrezado, que para o meu confuso adversário era todo limoso e enevoado pela tinta de chocos. Similarmente, as iniciais lições de tênis que impus a Lolita - antes das revelações por ela recebidas através do treino com o grande mestre californiano - permaneceram no meu espírito como recordações opressivas e deprimentes - não só por ela se ter tão desesperada e irritantemente enfurecido como todas as minhas sugestões, mas também porque a meticulosa simetria da quadra, em vez de refletir as harmonias nela latentes, era irremediavelmente destruída pela falta de jeito e pela lassidão da criança ressentida mal ensinada por mim. Mas as coisas eram diferentes naquele dia especial, no ar puro de Champion, Colorado, e naquela admirável quadra de tênis situada na base da íngreme escada de pedra de acesso ao Champion Hotel, onde passáramos a noite.

Senti que podia descansar do pesadelo de traições desconhecidas na inocência do seu estilo, da sua alma, da sua graça essencial.

Ela jogava rápida e forte, com os habituais movimentos fáceis e sem esforço, servindo-me bolas tão rasantes e todas tão ritmicamente coordenadas e francas que reduziam o meu movimento de pés praticamente a um passear ondulante – os jogadores experientes compreenderão o que quero dizer. O meu serviço violento, que me fora ensinado pelo meu pai - que, por sua vez, o aprendera com Decugis ou Borman, velhos amigos seus e grandes campeões -, teria atrapalhado seriamente a minha Lo se eu tentasse, realmente, atrapalhá-la. Mas quem desejaria perturbar uma querida tão radiante? Já alguma vez disse que o seu

braço nu tinha a cicatriz em 8 da vacina? Que a amava desesperadamente? Que ela contava apenas catorze anos?

Passou uma borboleta curiosa e mergulhou entre nós.

Vindas não sei de onde, apareceram duas pessoas de calções de tênis - um tipo ruivo, uns oito anos, apenas, mais novo do que eu e com as canelas de um vermelho vivo, queimadas do sol, e uma morena de boca amuada e olhos duros, talvez dois anos mais velha do que Lolita. Como é comum entre principiantes zelosos, traziam as raquetas protegidas e forradas e transportavam-nas mas não como se fossem a extensão natural de certos músculos especializados, e, sim, martelos, ou bacamartes, ou verrumas, ou o próprio peso terrível dos meus pecados. Sentaram-se sem cerimônia nenhuma perto do meu imaculado casaco, num banco adjacente à quadra, e começaram a admirar, de maneira muito ruidosa, uma jogada de uns cinquenta rebates que, inocentemente, Lo me ajudava a fazer e a sustentar - até ocorrer uma síncope na série, o que a levou a soltar uma exclamação abafada, quando a sua bola alta saiu da quadra, e a desatar a rir encantadoramente, a minha jóia.

Como estava com sede, fui até ao chafariz. O ruivo aproximou-se e, com toda a humildade, sugeriu uma dupla mista.

"Sou Bill Mead", apresentou-se, "e esta é Fay Page, actriz. Maffy On Say", acrescentou, apontando com a raqueta ridiculamente encarapuçada para a reluzente Fay, que já estava a conversar com Dolly. Ia a responder Desculpe, mas... (pois detestava ver a minha eguazinha metida com jogadores incipientes) quando um chamamento extraordinariamente melodioso distraiu a minha atenção: um mandarete descia, apressado, a escada do hotel e fazia-me sinais. Chamavam-me ao

telefone, uma chamada urgente, de longa distância – tão urgente, na realidade, que não tinham desligado e esperavam por mim. Com certeza. Vesti o casaco (a pistola pesava, no bolso interior) e disse a Lo que não me demorava nada. Ela apanhava uma bola - no estilo continental pé-raqueta, uma das poucas coisas que lhe ensinara - e sorriu-me.
Sorriu-me, a mim!

Uma calma terrível mantinha-me o coração como que em suspenso, enquanto subia a escada, atrás do mandarete. This was it, para usar uma expressão americana em que descoberta, vingança, tortura, morte e eternidade surgem repulsivamente epitomizadas. Deixara-a em mãos medíocres, mas isso agora pouco importa. Eu lutaria, claro. Oh, lutaria! Seria melhor destruir tudo do que renunciar a ela. Oh, que subida!

Na portaria, um indivíduo de ar muito digno e nariz romano - e, segundo me pareceu, com um passado muito obscuro, que devia valer a pena investigar - entregou-me um bilhete escrito pelo seu punho. Afinal, tinham desligado. O bilhete dizia: "Mr. Humbert, a diretora da escola de Birdsley (sic) telefonou. Residência de Verão, Birdsley 2-8282. Queira telefonar imediatamente. Muitíssimo importante."

Encaixei-me numa cabina, tomei um comprimido e durante cerca de vinte minutos debati-me com fantasmas do espaço. Um quarteto de afirmações tornou-se, pouco a pouco, audível: soprano, não existia semelhante número em Beardsley; alto, Miss Prat ia a caminho da Inglaterra; tenor, a escola de Beardsley não telefonara; baixo, não podia ter telefonado, pois ninguém sabia que me encontrava, naquele dia, em Champion, Colorado. Depois de eu insistir um bocado, o Nariz Romano dignou-se averiguar se houvera uma chamada de longa

distância. Não houvera. Não estava excluída a possibilidade de um telefonema falso, de qualquer cabina local. Agradeci-lhe. Respondeu-me: "O senhor manda." Depois de uma visita ao rumorejante lavabo dos homens e de uma bebida, pura, no bar, iniciei o caminho de regresso. Logo do primeiro patamar vi, lá muito em baixo, na quadra de tênis que parecia do tamanho de uma ardósia escolar mal apagada, a dourada Lolita a jogar numa dupla. Movia-se como um anjo louro entre três horríveis aleijões bosquímanos. Um deles, o seu parceiro, ao mudar de lado bateu-lhe jocosamente no traseiro, com a raqueta. Tinha uma cabeça extraordinariamente redonda e usava incongruentes calças castanhas. Houve uma confusão momentânea - ele viu-me e, largando a raqueta - a minha! -, subiu o aterro. Agitou os pulsos e os cotovelos, numa pretensa imitação cômica de asas rudimentares, enquanto subia, de pernas arqueadas, para a rua, onde o esperava o seu automóvel cinzento. No momento seguinte, ele e a mancha cinzenta tinham desaparecido. Quando acabei de descer a escada, o trio remanescente apanhava e escolhia as bolas.

- Mr. Mead, quem era aquele indivíduo?

Bill e Fay, ambos com um ar muito solene, abanaram a cabeça.

Aquele intruso absurdo intrometera-se para formar uma dupla, não é verdade, Dolly? Dolly. O cabo da minha raqueta ainda estava repugnantemente morno. Antes de regressar ao hotel, levei-a por uma pequena vereda meio sufocada por arbustos flagrantes, com flores que pareciam fumo, e estava prestes a desfazer-me em soluços e, apesar do seu sonho impassível, suplicar-lhe, do modo mais abjecto, que me esclarecesse, ainda que sordidamente, que me explicasse o lento horror que me envolvia, estava prestes a suplicar-lho, quando, de súbito,

nos encontramos atrás do convulsionado dueto Mead – pessoas diversas, compreendem, encontrando-se em cenários idílicos de velhas comédias. Bill e Fay torciam-se ambos de riso: chegamos no final de uma piada só deles conhecida. Na realidade, não importava.

Falando como se, de fato, não importasse, e presumindo, aparentemente, que a vida decorria automaticamente, com todos os seus prazeres rotineiros, Lolita disse que lhe apetecia ir vestir o fato de banho e passar o resto do dia na piscina. Estava um dia maravilhoso. "Lolita!"

21

"Lo! Lola! Lolita!", ouvi-me chamar, de uma porta para o sol, com a acústica do tempo - tempo cupulado - dotando o meu chamamento e o seu tom reveladoramente rouco de uma tal riqueza de ansiedade, paixão e dor que conseguiria, na verdade, escancarar o fecho de correr da sua mortalha de nylon, se acaso ela estivesse morta. Lolita! Encontrei-a, por fim, no meio de um pequeno pátio de relva bem aparada – saíra a correr antes de eu estar pronto. Oh, Lolita! Ali estava ela, a brincar com um maldito cão, e não comigo. O animal, uma espécie de terrier, deixava cair e abocanhava-a de novo, ajustando-a entre os dentes, uma bolinha encarnada e húmida. Batia rapidamente com as patas da frente na relva elástica e
depois fugia, aos saltos. Só quisera ver onde ela se encontrava, não podia nadar, com o coração no estado em que estava, mas que importava... E ali estava ela, e ali estava eu
de roupão de banho... e por isso deixei de chamar. Mas, de súbito, algo me chamou a atenção nos seus movimentos, do modo como corria de um lado para o outro no seu biquíni vermelho-asteca... Havia como que um êxtase, uma loucura nas suas brincadeiras que tinha muito de contentamento, que exprimia demasiada satisfação. Até o animal parecia intrigado com a extravagância das suas reações. Levei devagarinho a mão ao peito, enquanto examinava a situação. A piscina azul-turquesa, situada a certa distância atrás do relvado, já não estava atrás dele e, sim, dentro do meu tórax, e os meus órgãos flutuavam nela como excrementos no mar azul de Nice. Um dos banhistas saíra da piscina e, meio

oculto pela sombra ocelada das árvores, segurava as pontas da toalha à volta do pescoço, e, imóvel, seguia Lolita com os olhos cor de âmbar. Ali estava ele, na camuflagem do sol e da sombra, desfigurado por eles e disfarçado pela sua própria nudez, com o cabelo preto húmido - ou o que dele restava -, colado à cabeça redonda, o bigodinho transformado num risco molhado, o velo do peito escorrido como um troféu simétrico, o umbigo a latejar, as coxas hirsutas a pingar gotinhas luminosas, os calções pretos, justos, dilatados e quase a rebentar de vigor onde a grande e gorda bolsa testicular estava repuxada e lhe protegia, como um escudo acolchoado, a bestialidade virada ao contrário. Ao olhar para o seu rosto oval e tisnado compreendi que o reconhecera pela reflexão da expressão da minha filha - eram a mesma beatitude, o mesmo trejeito, mas tornados hediondos pela sua masculinidade. E compreendi também que a garota, a minha garota, sabia que ele estava a olhar, gozava com a concupiscência desse olhar e, reles e adorada cadela, dava um espetáculo de traquinice e alegria. Ao correr para a bola e deixá-la escapar, caiu de costas, com as obscenas pernas jovens a pedalar loucamente no ar. Aspirei, apesar de estar longe, a fragrância almiscarada da sua excitação e vi (petrificado com uma espécie de sagrada repugnância) o homem fechar os olhos e mostrar os dentes pequenos, horrivelmente pequenos e regulares, enquanto se encostava a uma árvore na qual estremeceu uma multidão de mosqueados priapos. Logo a seguir, verificou-se uma transformação maravilhosa. Ele deixou de ser um sátiro e passou a ser um primo suíço bonacheirão e pateta, o Gustave Trapp, que mencionei já diversas vezes e que costumava contrabalançar as suas farras (bebia cerveja com leite, o bom cevado) com proezas de levantamento de pesos, cambaleando e ofegando na margem de um lago, com o fato de banho -

aliás muito recatado - atrevidamente descido num ombro. Este Trapp de agora viu-me de longe e, a esfregar a nuca com a toalha, regressou, com fingida despreocupação, à piscina. E, como se o sol tivesse resolvido abandonar a brincadeira, Lo afrouxou o ritmo dos movimentos e levantou-se devagar, sem fazer caso da bola que o terrier Lhe colocou à frente. Quem poderá avaliar a mágoa que se causa a um cão ao abandonar uma brincadeira com ele? Comecei a dizer qualquer coisa, mas depois sentei-me na relva, com uma monstruosa dor no peito, e vomitei uma torrente de castanhos e verdes que não me lembrava de jamais ter ingerido.

Vi os olhos de Lolita, que me pareceram mais calculistas do que assustados, e ouvi-a dizer a uma amável senhora que o pai estava com um ataque. Depois fiquei muito tempo estendido numa cadeira de repouso, a emborcar cálice atrás de cálice de gim. Na manhã seguinte senti-me com forças suficientes para continuar viagem (no que, em anos posteriores, nenhum médico acreditou).

22

Verificamos que a cabina de dois quartos que mandáramos reservar no Silver Spur Court, em Elphinstone, pertencia ao tipo construído de troncos de pinheiros castanhos e
reluzentes, de que Lolita tanto gostava no tempo da nossa descuidada primeira viagem. Oh, como as coisas se tinham tornado diferentes! Não me refiro a Trapp nem a Trapps. No fim
de contas... bem, francamente... No fim de contas, cavalheiros, estava a tornar-se mais do que evidente que todos aqueles detetives idênticos, em automóveis prismaticamente mutáveis, não passavam de invenções da minha mania da perseguição, imagens recorrentes baseadas na coincidência e numa semelhança fortuita. Soyons logiques, cucuricava a arrogante parte gaulesa do meu cérebro - e tratava de destruir a ideia de um caixeiro-viajante ou gangster de comédia louco por Lolita e com sósias, a perseguir-me, a pregar-me partidas e a tirar, de outros modos indignos, partido das minhas estranhas relações com a justiça. Lembro-me de cantarolar para espantar o pânico. Lembro-me, até, de inventar uma explicação para o telefonema de Birdsley... Mas, se conseguia afastar Trapp do pensamento, assim como conseguira esquecer as minhas convulsões no relvado de Champion, o certo é que nada podia contra a angústia de saber que Lolita era tão atormentadora e desgraçadamente inatingível e amada, precisamente no limiar de uma nova era, precisamente quando os meus alambiques me diziam que ela devia deixar de ser uma ninfeta, que devia deixar de me torturar.

Fora-me carinhosamente preparada uma nova, abominável e absolutamente gratuita preocupação, em Elphinstone. Lo mostrara-se apática e silenciosa durante a última jornada -
trezentos e tal montanhosos quilômetros, não poluídos por detetives cinzento-fumo nem por idiotas ziguezagueantes. Mal olhou para o rochedo famoso, de forma estranha e
esplendidamente avermelhado, que se erguia acima das montanhas e tinha sido ponto de partida para o nirvana de uma atriz temperamental. A cidade fora recentemente construída -,
ou reconstruída - no fundo plano de um vale a dois mil e cem metros de altitude, e eu esperava que Lo não tardasse a aborrecer-se e continuaríamos a nossa viagem para a
Califórnia, para a fronteira mexicana, a caminho de praias míticas, desertos de saguaro e fadas morganas. Como se devem lembrar, José Lizarrabengoa planeava levar a sua Carmen para os États Unis; eu imaginava uma competição de tênis centro-americana, na qual participariam arrebatadoramente Dolores Haze e várias estudantes californianas campeãs.
Excursões de boa vontade, nesse nível sorridente, eliminam a distorção entre passaporte e sport. Porque tinha eu a esperança de que seríamos felizes no estrangeiro? Uma mudança
de clima é a falácia tradicional, a panaceia com que contam amores e pulmões condenados.

Mrs. Hays, a viúva ativa, de olhos azuis e faces pintadas de cor de tijolo, que dirigia o motel, perguntou-me se eu era, porventura, suíço, pois a sua irmã casara com um professor
suíço de esqui. Respondi-lhe que sim, que era, e que a minha filha era metade irlandesa. Inscrevi-me, a Hays

deu-me a chave, juntamente com um sorriso cintilante, e, sempre a
sorrir, indicou-me onde arrumar o carro. Lo apeou-se e estremeceu um pouco; o luminoso ar vespertino estava, sem dúvida, fresco. Quando entramos na cabina, sentou-se numa
cadeira, a uma mesa de jogo, deitou a cabeça no braço dobrado e disse que se sentia muito mal. Fingia, pensei, com certeza, para se furtar às minhas carícias, e eu estava consumido de
desejo. Mas quando tentei afagá-la começou a choramingar, de um modo triste e invulgar. Lolita doente. Lolita moribunda. A sua pele escaldava! Tirei-lhe a temperatura, oralmente, consultei uma fórmula que, por sorte, tinha rabiscada na agenda, e depois de reduzir os graus Fahrenheit, que para mim não significavam nada, aos familiares graus centígrados da minha infância, verifiquei que tinha quarenta graus e meio de febre, o que, pelo menos, fazia sentido. Sabia que as ninfetas histéricas tinham propensão para as temperaturas altas, às
vezes excedendo, até, a máxima fatal. Ter-lhe-ia dado um gole de vinho quente condimentado, duas aspirinas e um beijo, para afastar a febre, se, ao examinar-lhe a encantadora úvula, uma das pérolas do seu corpo, não a achasse violentamente vermelha. Despi-a. O seu hálito era agridoce e a sua pele trigueira sabia a sangue. Tremia dos pés à cabeça e queixava-se de uma rigidez dolorosa das vértebras superiores – pensei logo em poliomielite, como qualquer pai americano. Renunciando a toda a esperança de intimidade amorosa, enrolei-a numa manta de viagem e levei-a para o automóvel. Entretanto, a amável Mrs. Hays avisara o médico local. "Tem sorte em ter acontecido aqui", afirmou-me, não só porque Blue era o melhor médico da região, mas também por o hospital de Elphinstone ser o mais

moderno que podia ser, apesar da sua capacidade limitada.

Para lá me dirigi, meio cego por um majestoso poente do lado da planície, seguido por um Erlknig heterossexual e conduzido por uma velhinha, uma espécie de bruxa portátil - talvez filha dele -, que Mrs. Hays me cedera e que nunca mais voltaria a ver. O Dr. Blue, cuja sapiência era, sem dúvida, infinitamente inferior à sua fama, garantiu-me que se tratava de uma infecção virosa, e quando aludi à sua gripe recente disse-me secamente tratar-se de outro vírus; tinha quarenta casos como aquele, todos semelhantes ao paludismo" dos antigos. Perguntei a mim mesmo se deveria mencionar, com um sorriso despreocupado, que a minha filha de quinze anos tivera um pequeno acidente, ao saltar uma cerca com o namorado, mas, consciente de que estava embriagado, resolvi deixar a informação para mais tarde, se fosse necessária. Disse à secretária loura, carrancuda e embirrante, que a minha filha tinha praticamente dezesseis anos". Aproveitaram um momento em que não estava a olhar para me levarem a garota! Insisti, em vão, para que me deixassem passar a noite enroscado num tapete com a palavra "bem-vindo", num canto do maldito hospital. Corri por complicados lanços de degraus acima, na ânsia de localizar a minha querida e recomendar-Lhe que seria melhor não dar com a língua nos dentes, sobretudo se sentisse a cabeça tão leve como todos nós. A certa altura, fui tremendamente grosseiro com uma jovem e muito atrevida enfermeira com hiperdesenvolvimento glúteo e coruscantes olhos pretos, que mais tarde vim a saber ser de ascendência basca. O pai era pastor imigrado e treinava cães-pastores. Por fim, voltei para o automóvel e lá fiquei não sei quantas horas, encolhido e às escuras, atordoado com aquela nova solidão e olhando boquiaberto ora para o edifício quadrado, muito

baixo e vagamente iluminado do hospital, que se erguia no meio de um recinto arrelvado, ora para o chuveiro de estrelas e para os prateados e irregulares contrafortes da haute montagne onde, naquele momento, o pai de Mary, o solitário Joseph Lore, sonhava com Oloron, Lagore, Rolas - que sais je! -, ou seduzia alguma ovelha. Os pensamentos vagabundos e fragrantes deste gênero têm sido sempre um bálsamo para mim, em momentos de tensão fora do vulgar, e só quando, apesar de generosas libações, me senti razoavelmente enregelado pela noite interminável, pensei em regressar ao motel. A velha desaparecera e eu não estava muito certo do caminho. Largas estradas de cascalho atravessavam sonolentas sombras retangulares. Distingui o que me pareceu a silhueta de uma forca, no que talvez fosse o recreio de uma escola, e num quarteirão baldio vi erguer-se, num silêncio de cúpula, o templo pálido de qualquer seita local.

Por fim lá encontrei a estrada e depois o motel, onde milhões de moleiros, uma espécie de insetos, esvoaçavam em redor dos contornos neónicos do letreiro Não Há Vagas. E quando, às três horas da manhã, depois de um daqueles inoportunos duches quentes que, como certos mordentes, só servem para fixar o desespero e a fadiga de um homem, me deitei na cama de Lo, que cheirava a castanhas, rosas e hortelã-pimenta e ao delicado e muito especial perfume francês que ultimamente a autorizara a usar, quando me deitei senti-me incapaz de assimilar o fato simples de que, pela primeira vez em dois anos, estava separado da minha Lolita. Acudiu-me, de repente, a ideia de que a sua doença era, de certo modo, o desenvolvimento de um tema - que tinha o mesmo gosto e o mesmo tom da série de impressões interligadas que me tinham intrigado e torturado durante a viagem. Imaginei o agente secreto, ou amante secreto, ou amigo de pregar partidas, ou

alucinação, ou lá o que era, a rondar o hospital - e a Aurora ainda mal aquecera as mãos, como os apanhadores de alfazema dizem no meu país natal, quando dei comigo a tentar entrar de novo naquela masmorra, a bater às suas portas verdes sem ter tomado o pequeno-almoço, sem ter ido à retrete, desesperado.

Isto passou-se na terça-feira, e na quarta-feira ou quinta-feira, reagindo esplendidamente, como a jóia que era, a um soro qualquer (esperma de espermófilo ou esterco de estercorário), ela estava muito melhor e o doutor disse que dentro de um dia ou dois pularia de novo.

Das oito vezes que a visitei, a última, a sós, continua vivamente gravada no meu espírito. Fora uma autêntica proeza para mim ter conseguido ir ao hospital, pois sentia-me
positivamente arrombado pela infecção que, entretanto, já alastrava também em mim. Ninguém pode imaginar o esforço que me custou transportar aquele bouquet, aquele carregamento de amor, aqueles livros para comprar os quais percorrera mais de noventa quilômetros: As Obras Dramáticas de Browning, A História da Dança, Palhaços e Columbinas, O Ballet Russo, Flores das Rochosas, Antologia da Associação de Teatro e Tênis, de Helen Wills, que ganhara o Campeonato Nacional Juvenil Feminino aos quinze anos. Quando me dirigia, cambaleante, para a porta do quarto particular, de treze dólares por dia, da minha filha, Mary Lore, a embirrante enfermeira em part-time que antipatizava francamente comigo, saiu do quarto com um tabuleiro de pequeno-almoço - já comido -, colocou-o ruidosamente em cima de uma cadeira do corredor e, a bambolear o alentado traseiro, entrou de novo no quarto - provavelmente para avisar a pobre e pequenina Dolores de que o tirano e velho pai se aproximava sorrateiramente, com pezinhos de lã, carregado de livros

e bouquet – este compusera-o de flores silvestres e belas folhas colhidas pelas minhas próprias mãos enluvadas na garganta de uma montanha, ao nascer do Sol (mal dormi em toda aquela fatídica semana). Andavam a alimentar bem a minha Carmencita? Olhei distraidamente para o tabuleiro. Num prato sujo de gema de ovo estava um sobrescrito amarrotado. Contivera qualquer coisa, pois uma das extremidades estava rasgada, mas não tinha nenhuma morada - não tinha nada mesmo, a não ser uma espécie de pseudobrasão com as palavras «Ponderosa Lodge», em letras verdes. Em seguida, efetuei uma chassé-croisé com Mary, que vinha a sair - é espantosa a velocidade com que se movem e o pouco que fazem estas enfermeiras de grandes nádegas! -, e olhou, furiosa, para o sobrescrito que repusera, sem o voltar a amarrotar, no prato.

- É melhor não mexer - disse-me, inclinando a cabeça na direção do tabuleiro. - Pode queimar os dedos.

Estava abaixo da minha dignidade responder-lhe a preceito. Limitei-me a observar:

- Je croyais que c'était un bill,, uma conta, e não um billet doux. - E, entretanto no quarto cheio de sol, cumprimentei Lolita: - "Bonjour, mon petit."

- Dolores - disse Mary Lore, entrando comigo, adiante de mim, através de mim, a gorda meretriz, e piscando o olho ao mesmo tempo que dobrava, apressadamente, um cobertor branco -, Dolores, o seu papá pensa que anda a receber cartas do meu namorado. Sou eu (bateu, presumida, na cruz dourada que trazia ao pescoço) que as recebo. E o meu paizinho parla franciú tão bem como o seu.

Saiu do quarto. Dolores, muito rosada e fresca, de lábios acabados de pintar, cabelo bem escovado e braços nus estendidos na colcha direita, sorria inocentemente, a mim ou a

nada. Na mesa-de-cabeceira, ao lado de um guardanapo de papel e de um lápis, o seu anel de topázio ardia ao sol.

- Que flores tão fúnebres! - exclamou. - De qualquer modo, obrigada. Importavas-te muito de acabar com o francês? Aborrece toda a gente.

Com a rapidez habitual, a polpuda delambida reapareceu, a tresandar a alho e a urina, com o Desert News, que a sua linda paciente aceitou, ávida, sem ligar importância aos volumes
sumptuosamente ilustrados que eu lhe levara.

- A minha irmã Ann - disse Mary, como se acabasse de se lembrar de um pormenor importante - trabalha na Ponderosa.

Pobre barba-azul! Brutais irmãos! Est-ce que tu ne m'aimes plus, ma Carmen? Nunca amara. Naquele momento, compreendi que o meu amor era tão sem esperança como nunca - e também que as duas raparigas eram conspiradoras, que conspiravam em basco,
ou em zemfiriano, contra o meu desesperado amor. Vou ainda mais longe e acrescento que Lo fazia jogo duplo, pois também enganava a sentimental Mary, a quem dissera, suponho, que preferia viver com o seu divertido e jovem tio e não comigo, pai cruel e melancólico. E outra enfermeira que nunca identifiquei, e o idiota da aldeia que transportava camas e
caixões para o elevador, e os idiotas periquitos verdes da gaiola da sala de espera - todos, todos, participavam na sórdida conjura. Mary pensava, suponho, que o pai de comédia
professor Humbertoldi interferia no romance entre Dolores e o seu substituto-de-pai, o rechonchudo Romeu (sim, Rom, tu eras um bocado gorducho, apesar de toda essa neve e de todo esse sumo de alegria).

Com a garganta dorida, parei, a engolir dificilmente em seco, defronte da janela, de olhos fitos nas montanhas e no romântico rochedo, a erguer-se para o céu sorridente e
conspirador.

- Minha Carmen - às vezes tratava-a assim -, abandonaremos esta desagradável cidade assim que te levantares da cama.

- A propósito, quero as minhas roupas todas - interveio a gitanilla, erguendo os joelhos e virando a página.

- Na realidade - prossegui -, não há motivo nenhum para cá ficarmos.

- Não há motivo nenhum para ficarmos em lado algum.

Sentei-me numa poltrona forrada de cretone, abri o atraente livro de botânica e tentei, no silêncio febril do quarto, identificar as minhas flores. Foi impossível. Pouco depois, uma campainha musical retiniu, algures no corredor.

Não creio que tivessem mais do que uma dúzia de doentes (três ou quatro eram loucos, como Lo me informara, alegremente, dias antes) naquele vistoso hospital, e o pessoal
tinha muito pouco que fazer. No entanto - também por razões de exibicionismo -, os regulamentos eram rígidos. É igualmente verdade, confesso, que eu aparecia constantemente a horas indevidas. Não sem um secreto sorriso de sonhadora malice, a visionária Mary (da próxima vez será une belle dame toute em bleu flutuando pela Roaring Gulch) pegou-me na manga e conduziu-me à porta. Olhei-lhe para a mão e ela largou-me.

Quando eu ia a sair - a sair voluntariamente -, Dolores Haze pediu-me que lhe levasse, na manhã seguinte... Não se lembrava onde estavam as várias coisas que queria... "Traz-me", gritou (já fora da minha vista, com a porta a deslizar, a fechar-se, fechada), a maleta cinzenta

nova e a mala de viagem da minha mãe." Mas na manhã seguinte eu batia o queixo, e bebia, e morria na cama do motel em que ela se deitara apenas alguns minutos, e a única e melhor coisa que pude fazer, nas circulares e distendidas circunstâncias, foi mandar-lhe as duas malas pelo pretendente da viúva, um robusto e amável caminhoneiro. Imaginei Lo a mostrar os seus tesouros a Mary... Estava, sem dúvida, um bocadinho delirante - e no dia seguinte era ainda mais uma vibração do que um sólido, pois, quando olhei, pela janela da casa de banho, para o relvado adjacente, vi a bonita bicicleta de Dolly apoiada no seu suporte, com a graciosa roda da frente virada para o lado contrário àquele em que me encontrava, como acontecia sempre, e um pardal empoleirado no selim. Mas tratava-se da bicicleta da estalajadeira e, sorrindo um pouco e abanando a minha pobre cabeça, consciente das minhas ternas fantasias, voltei, cambaleante, para a cama e deitei-me, quieto como um santo... Santo, pois não! Enquanto a trigueira Dolores, Num retalho de relva ensolarada Com Sanchica lendo histórias Numa revista de cinema... representado por numerosos espécimes onde quer que Dolores tocava, e havia na cidade uma grande comemoração nacional qualquer, a julgar pelos foguetes; verdadeiras bombas, que explodiam sem cessar, e à uma e cinquenta e cinco da tarde ouvi o som de lábios a assobiar, aproximando-se da porta entreaberta da minha cabina, e depois alguém bater.

Era o corpulento Franck, que ficou enquadrado na porta aberta, com uma das mãos na ombreira e um pouco inclinado para a frente.

Olá. A enfermeira Lore estava ao telefone, queria saber se eu estava melhor e se lá ia naquele dia.

A vinte passos, Franck costumava parecer-me uma montanha de saúde; a cinco, como naquele momento, era um rubicundo mosaico de cicatrizes - uma explosão

atirara-o através de uma parede, no estrangeiro, mas os inúmeros e incríveis ferimentos recebidos não o impediam de conduzir um gigantesco caminhão, pescar, caçar, beber e distrair-se alegremente com damas da beira da estrada. Naquele dia, quer por ser um feriado tão
importante, quer apenas por desejar distrair um homem doente, descalçara a luva que costumava usar na mão esquerda (a que comprimia contra a ombreira da porta) e revelava ao fascinado padecente não só a ausência completa dos dedos mínimo e anelar, mas também uma rapariga nua, com mamilos cor de cinabre e delta de índigo, deliciosamente tatuada nas costas da mão mutilada, com o indicador e o dedo médio a servirem de pernas e a cabeça coroada de flores a chegar ao pulso. Oh, deliciosa!... Reclinada na madeira, como uma fada maliciosa.

Pedi-lhe que dissesse a Mary Lore que ficaria na cama todo o dia e comunicaria com a minha filha no seguinte, se me sentisse, provavelmente, polinésico.

Franck reparou na direção do meu olhar e agitou sensualmente a anca direita da boneca.

- Muito bem - respondeu o calmeirão, deu uma palmada na porta e lá foi, a assobiar, com o meu recado.

Continuei a beber e de manhã a febre passara. Embora me sentisse mole como um sapo, enfiei o roupão cor de púrpura por cima do pijama amarelo-milho e fui telefonar ao escritório. Estava tudo muito bem, informou-me uma voz clara. Sim, estava tudo muito bem, a minha filha partira na véspera, cerca das duas horas da tarde. O tio, Mr. Gustave, fora-a buscar, com um cachorrinho cocker spaniel, um sorriso para toda a gente e um Caddy Lack preto, e pagara a conta de Dolly em dinheiro e dissera-lhes que me dissessem que não me preocupasse nem apanhasse frio e que eles iam para o rancho do avô, como combinado.

Elphinstone era, e espero que ainda seja, uma cidadezinha muito bonita. Estendia-se como uma maqueta, com as suas perfeitas árvores de lã verde e as suas casas de telhado vermelho, ao longo do vale, e eu creio já ter referido a sua escola e o seu templo, também estilo maqueta, os seus espaçosos quarteirões retangulares - alguns dos quais eram, curiosamente apenas pastagens convencionais, com um macho ou um unicórnio a pastar na neblina matinal do jovem mês de Julho. Muito interessante. Numa curva apertada, com o saibro a ranger sob os pneus, toquei de raspão num carro estacionado e disse para comigo, telesticamente - e telepaticamente (esperei) ao seu gesticulante proprietário -, que voltaria mais tarde, que o endereço era Bird Scholl, Bird, New Bird. O gim mantinha-me o coração vivo, mas toldava-me o cérebro e após alguns lapsos e lacunas, comuns às sequências dos sonhos, dei comigo na sala de espera do hospital, a tentar espancar o médico, a berrar com pessoas metidas debaixo das cadeiras e a clamar por Mary, que, por sorte dela, estava ausente. Mãos violentas agarraram o meu roupão e arrancaram-lhe uma algibeira, e pareceu-me que, não sei como, estivera sentado em cima de uma doente de bronzeada cabeça careca, que tomara pelo Dr. Blue e que por fim conseguiu levantar-se e indagar, com um sotaque grotesco: "E agora pergunto eu, quem é o neurótico, quem é?" Depois, uma enfermeira escanzelada e carrancuda apresentou-me sete lindos, lindos, livros e a manta escocesa muito bem dobrada, e exigiu-me um recibo. No súbito silêncio que se estabeleceu, tive a consciência da presença de um polícia, no corredor, a quem o dono do automóvel apontava a minha pessoa, e assinei humildemente o muito simbólico recibo, abandonando assim a minha Lolita a todos aqueles macacos. Mas que outra coisa

podia fazer? Na minha cabeça havia um único e simples pensamento, que era: De momento, "a liberdade é tudo." Um passo em falso, e talvez fosse obrigado a explicar toda uma vida de crime. Por isso, fingi que voltava a mim de um atordoamento de espírito. Paguei ao dono do carro o que ele
achou justo. Ao Dr. Blue, que então me fazia festas na mão, falei, em lágrimas, do álcool com que fortalecia um coração traiçoeiro, mas não necessariamente doente. Ao hospital, em
geral, pedi desculpa, com uma mesura que quase me fez virar os pés pela cabeça, mas acrescentei que as minhas relações com o resto do clã Humbert não eram as melhores. A mim próprio, segredei que ainda tinha a pistola e ainda era um homem livre - livre para localizar a fugitiva, livre para destruir o meu irmão.

23

Uma extensão de mil e quinhentos quilômetros de estrada suave como seda separava Kasbeam - onde, que eu soubesse, o demônio vermelho aparecera pela primeira vez - da fatídica Elphinstone, onde chegáramos cerca de uma semana antes do Dia da Independência. A viagem consumira quase todo o mês de Junho, pois raramente percorrêramos mais de duzentos e cinquenta quilômetros por dia de viagem e passáramos o resto do tempo - numa ocasião cinco dias seguidos - em vários pontos de paragem, todos eles, sem dúvida, também preestabelecidos. Era, pois, ao longo desse caminho que devia procurar o rasto do demônio - e a isso me dediquei, depois de passar alguns dias indescritíveis a subir e a descer como um demente as estradas das imediações de Elphinstone, que bifurcavam uma nas outras, implacavelmente.

Imagine-me, leitor, com a minha timidez, a minha antipatia por toda e qualquer ostentação, o meu sentido inerente do comme il faut, imagine-me a disfarçar o frenesi da minha dor com um tremulo sorriso cativante, enquanto congeminava um pretexto qualquer, com um mínimo de plausibilidade, para dar uma vista de olhos ao registro do hotel! "Oh", dizia, "tenho quase a certeza de que fiquei aqui uma vez... Deixe-me ver os registros de meados de Junho..."

"Não, afinal estou enganado... Kawtagain, que nome tão estranho para uma cidade natal. Muito obrigado." Ou: "Tive um cliente que esteve aqui... perdi a sua morada... Dá-me licença...?" Mas de vez em quando, sobretudo quando o funcionário da portaria pertencia a

certo tipo de homem com cara de poucos amigos, a inspeção pessoal dos livros era-me recusada.

Tenho aqui um apontamento: entre 5 de Julho e 18 de Novembro, data em que regressei a Beardsley durante alguns dias, registei-me, se é que não me instalei de fato, em trezentos e quarenta e dois hotéis, motéis e residências turísticas. Este número abrange algumas inscrições entre Chestnut e Beardsley, uma das quais me proporcionou uma sombra do demônio (N. Petit, Larousse, Ilust.) Tinha de espaçar e sincronizar as minhas consultas cuidadosamente, a fim de não atrair indevida atenção, e pelo menos em cinquenta estabelecimentos devo-me ter limitado a fazer perguntas na portaria - mas isso era uma tentativa condenada ao malogro e eu preferia formar uma base de verosimilhança e boa vontade, pagando primeiro um quarto de que não precisava. Vinte, pelo menos, dos cerca de trezentos livros que consultei forneceram-me uma pista: o demônio errante parara ainda mais vezes do que nós, ou então - era muito capaz disso – fizera registros adicionais, para me manter bem fornecido de pistas sem significado. Só num caso ele ficara, de facto, no mesmo motel que nós, a poucos passos da almofada de Lolita. Algumas vezes instalara-se no mesmo quarteirão que nós ou num contíguo, e não poucas ficara à espera num local intermédio entre dois pontos combinados. Como me lembro claramente de Lolita, pouco antes de partirmos de Beardsley, deitada no tapete da sala a estudar mapas e guias de viagem e a assinalar com baton trechos do percurso e paragens!

Descobri imediatamente que ele previra as minhas investigações e inventara, para meu benefício especial, pseudónimos insultuosos. No escritório do primeiro motel que visitei - Ponderosa Lodge - o seu registo, entre uma dúzia de outros obviamente humanos, dizia: "Dr.

Gratiano Forbeson, Mirandola, N. I." Claro que as conotações de tal identificação
com a comédia italiana não me escaparam. A gerente dignou-se informar-me de que o cavalheiro estivera de cama cinco dias com um resfriado grave, deixara o automóvel a reparar numa garagem qualquer e fora-se embora no dia 4 de Julho. Sim, uma rapariga chamada Ann Lore trabalhara no Ponderosa Lodge, mas agora estava casada com um merceeiro de Cedar City. Certa noite de luar saí ao caminho da Mary dos sapatos brancos, numa rua deserta. Ia a gritar esganiçadamente, como um autômato, mas consegui humanizá-la com o simples ato de cair de joelhos e implorar-lhe, com uivos arrancados da alma, que me ajudasse. Não sabia nada, jurou-me. Quem era Gratiano Forbeson? Pareceu vacilar. Tirei uma nota de cem dólares e ela ergueu-a, para a examinar ao luar. "É o seu irmão", murmurou, por fim. Arranquei-lhe a nota da mão fria como a lua, bolsei uma praga francesa e fugi. O episódio ensinou-me a contar exclusivamente comigo. Nenhum detetive conseguiria descobrir as pistas que Trapp inventara de acordo com a minha mentalidade e a minha maneira de ser. Claro que não podia esperar que ele deixasse, alguma vez, o seu nome e a sua morada corretos; mas esperava que escorregasse no gelo da sua própria subtileza, ousando, digamos, acrescentar uma pincelada de cor mais rica e mais pessoal do que era estritamente necessário, ou revelando demasiado através de uma soma qualitativa de partes quantitativas que revelavam muito pouco. Uma coisa conseguiu enredar-me completamente, e à minha dementada angústia, no seu jogo demoníaco. Com infinita perícia, oscilava e cambaleava e recuperava um equilíbrio que parecia impossível, deixando-me com a esperança desportiva - se me é lícito empregar tal palavra ao falar de traição, fúria, desolação, horror e ódio - de que talvez ele se denunciasse da próxima vez.

Nunca se denunciou, embora tivesse estado muito perto disso. Todos nós admiramos o acrobata cintilante de lantejoulas a caminhar meticulosamente, com graça clássica, pela corda esticada, a uma luz que parece polvilhada de talco. Contudo, é muito mais rara a arte do perito da corda bamba, vestido de espantalho e imitando um bêbedo grotesco! Eu que o diga!

As pistas que ele deixava não estabeleciam a sua identidade, mas refletiam a sua personalidade - ou, pelo menos, uma certa personalidade homogênea e extraordinária. O seu gênero, o seu tipo de humor - nos seus melhores exemplos, sem dúvida - e o estilo do seu cérebro tinham afinidades com os meus. Ele imitava-me e zombava de mim. As suas alusões eram definitivamente intelectuais. Lera muito. Sabia francês. Era versado em logo de daleísmo e logomancia. Era amador de cultura sexual. Tinha caligrafia feminina. Conseguia mudar de nome, mas não era capaz de disfarçar, fosse qual fosse a inclinação que lhes desse, os seus muito peculiares tt, ww" e Kll,. Quelquepan Island era uma das suas residências favoritas. Não utilizava caneta de tinta permanente, fato que, como qualquer psicanalista lhes dirá, caracteriza um indivíduo como ondinista reprimido. Esperemos, piedosamente, que no Estige haja ninfas aquáticas.

A sua característica principal era a sua paixão pela tantalização. Meu Deus, como o pobre diabo era amigo de arreliar! Punha em causa a minha erudição. Orgulho-me tanto do que sei que tenho a modéstia suficiente para confessar que não sei tudo, e por isso admito que me escaparam alguns elementos naquela criptogrâmica caçada de
papel. Que calafrio de triunfo e ódio sacudia o meu frágil arcabouço quando, entre os nomes simples e inocentes de um registro de hotel, o seu diabólico espírito charadístico ejaculava na minha cara! Reparei que,

todas as vezes que Lhe parecia estarem os seus enigmas a tornar-se excessivamente recônditos, até para um decifrador do meu calibre, me atraía com um fácil. Arsène Lupin, era mais do que fácil para um francês que se lembrava das histórias de detetives da sua juventude e, na verdade, não era preciso ser coleridgiano para compreender o gracejo banal de A. Person, Porlock, Inglaterra. De horrível mau gosto, mas fundamentalmente denunciadores de um homem culto - não de um polícia, não de um vulgar fanfarrão, não de um caixeiro-viajante lúbrico -, eram os nomes supostos de Arthur Rainbow - obviamente o autorcaricaturado de Le Bateau Bleu (deixem-me rir também um bocadinho, cavalheiros) - e Morris Schmetterling, do famoso LOiseau Ivre (touché, leitor!). O idiota, mas engraçado, D. Orgon, Elmira, N. I., era de Molière, claro, e como, recentemente, eu tentara interessar Lolita numa famosa peça do século XVIII, acolhi como um velho amigo Harry Bumper, Sheridan, Wyo. Uma vulgar enciclopédia explicou-me que era peculiar Phineas Quimby, Lebanon, N. H., e qualquer bom freudiano, com nome alemão e certo interesse pela prostituição religiosa, reconheceria à primeira vista o significado de Dr. Kitzler, Eryx, Miss. Até aqui, muito bem. Este tipo de brincadeira era pretensioso, mas, de modo geral, impessoal e inofensivo. Quanto aos registos que prenderam a minha atenção como pistas indubitáveis per se, mas me intrigaram a respeito do seu significado mais alto, não ouso referir muitas mais, pois sinto-me a tactear numa neblina fronteiriça, com
fantasmas verbais transformando-se, talvez, em turistas vivos. Quem era Johnny Randall, Ramble, Oaio? Tratar-se-ia de uma pessoa verdadeira, que por coincidência tinha uma caligrafia semelhante a N. S. Aristoff, Catagela, N. I.? Qual a ferroada de Catagela? E quanto a James Manor Morell, Embusteton, Inglaterra?

Aristófanes, embuste... muito bem, mas que me escapava?

Ao longo de toda aquela pseudonomínia havia um estilo característico que me causava palpitações especialmente dolorosas sempre que o encontrava. Nomes como G. Trapp, Genebra, N. I., eram sinal de traição da parte de Lolita. Albrey Beardsley, Quelquepart Island indicava, mais claramente do que o telefonema adulterado, que o ponto de partida devia ser procurado no Leste.

Lucas Picador, Merrymay, Pens insinuava que a minha Carmen revelara ao impostor os meus patéticos nomes ternos. Horrivelmente cruel, sem dúvida, o Will Brown, Dolores,
Colorado, e o sinistro Harold Haze, Tombstone, Arizona (que noutras circunstâncias talvez agradasse ao meu sentido do humor) sugeria uma familiaridade com o passado da rapariga
que, num estilo de pesadelo, parecia revelar momentaneamente ser a minha presa um velho amigo da família, talvez o antigo apaixonado de Charlotte, talvez um desagravador de erros
cometidos (Donald Quixote, Sierra, Nev.). Mas o estilete mais penetrante foi o registo anagramático em Chesmut Lodge: Ted Hunter, Cane, NH.

Os espúritos números de matrícula deixados por todos esses Persons e Orgons e Morelis e Trapps só me deram a certeza de que os gerentes dos motéis não conferem a exatidão das matrículas registadas pelos clientes. As referências - incompleta ou incorretamente registradas - aos carros que o demônio alugara por breves períodos entre Waco e Elphinstone foram, claro, inúteis. A licença do asteca inicial era um tremeluzir de algarismos mutáveis, transpostos uns, modificados ou omitidos outros, mas formando, de certo modo, combinações inter-relacionadas (como, por exemplo, WS

1564 e SH 1616, e Q 32 888 - ou CU 88 322), as quais tinham, no entanto, sido tão astuciosamente engendradas que não revelavam nenhum denominador comum.

Acudiu-me a ideia de que, depois de ter entregado o descapotável a cúmplices, em Waco, e adotado o sistema de muda de automóvel, os seus sucessores talvez tivessem sido
menos cuidadosos e houvesse inscrito no livro de registro de algum hotel o arquétipo daqueles algarismos inter-relacionados. Mas se procurar o demônio numa estrada que
eu sabia ter ele percorrido era uma tarefa tão complicada, vaga e improfícua, que poderia esperar de qualquer tentativa para localizar motoristas desconhecidos, viajando por estradas
desconhecidas?

24

Quando cheguei a Beardsley, no decurso da angustiante recapitulação que acabo de discutir com suficiente minúcia, formara-se no meu cérebro uma imagem completa, e eu, pelo sempre arriscado processo da eliminação, reduzira essa imagem à única fonte concreta que a mórbida celebração e a apática memória lhe podiam conceder.

Excetuando o reverendo Rigor Mortis (como as raparigas lhe chamavam) e um cavalheiro idoso que ensinava alemão e latim -, disciplinas facultativas -, não havia na escola de Beardsley professores regulares do sexo masculino. Mas em duas ocasiões fora lá um assistente de arte da respectiva faculdade da Universidade de Beardsley, a fim de mostrar às educandas diapositivos de castelos franceses e quadros do século XIX.

Quisera assistir a essas projeções e a essas palestras, mas Dolly, como era hábito, pedira-me que não fosse, e, pronto, eu não fora. Lembrava-me, também, de que Gaston classificara o

indivíduo de garçon brilhante. Mas era tudo. A memória recusava-se a indicar-me o nome do amante de castelos.

No dia marcado para a execução, atravessei o campus, debaixo de granizo, a caminho da Secção de Informações, no Maker Hall, Universidade de Beardsley. Aí fiquei a saber que o nome do indivíduo era Riggs (muito semelhante ao do sacerdote), que ele era solteiro e que dentro de dez minutos sairia do Museu, onde estava a dar uma aula. Sentei-me no corredor que levava ao auditório, num banco de mármore doado por Cecília Dalrymple Ramble. Enquanto esperava, num grande

desconforto prostático, ébrio, morto de sono e a segurar a arma na algibeira do
impermeável, pensei, de súbito, que estava dementado e prestes a cometer uma estupidez. Não havia uma probabilidade num milhão de Albert Riggs, professor assistente, ter a minha Lolita escondida na sua residência de Beardsley, na Pritchard Road, 24. Não podia ser ele o vilão. Era absolutamente ridículo. Estava a perder o meu tempo e a tramontana. Ele e ela estavam na Califórnia, e não, de modo algum, ali.

Pouco depois, apercebi-me de certa agitação atrás de algumas estátuas brancas. Abriu-se bruscamente uma porta - não aquela onde os meus olhos tinham estado fixos - e, no meio de um enxame de estudantes do sexo feminino, avançaram uma cabeça um pouco calva e dois olhos castanhos, vivos e pequenos.

Era-me absolutamente desconhecido, mas teimou que nos conhecêramos numa festa ao ar livre, na escola de Beardsley. Como estava a deliciosa tenista da minha filha? Tinha de ir dar outra aula. Voltaríamos a ver-nos.

Fiz outra tentativa de identificação mais demorada. Por intermédio de um anúncio numa das revistas de Lo, atrevi-me a comunicar com um detetive particular e ex-pugilista. Apenas para lhe dar uma ideia do método adotado pelo demônio, pu-lo ao corrente do gênero de nomes e moradas que coligira. Pediu-me um adiantamento generoso e durante dois anos – dois anos, leitor! - o imbecil entreteve-se a confirmar aqueles dados idiotas. Cortara havia muito todas as relações monetárias com ele quando, um dia, me transmitiu a triunfante informação de que um índio de oitenta anos, chamado Bill Brown, morava perto de Dolores, Colorado.

25

Este livro é acerca de Lolita, e agora que cheguei à parte que (não tivera sido impedido por outro mártir de combustão interna) se poderia chamar Dolorés Disparue, pouco sentido faria analisar os três anos áridos que se seguiram. Embora tenham de ser assinalados alguns pontos pertinentes, a impressão geral que desejo comunicar é a de uma porta lateral violentamente escancarada para a vida em pleno curso e de um tropel de clamoroso tempo negro abafando com o azorrague do seu vento o grito da tragédia solitária. Singularmente, quase nunca, ou mesmo nunca, sonhava com Lolita de que me lembrava, com a Lolita que via constante e obsessivamente no meu espírito consciente, durante os meus pesadelos diurnos e as minhas insônias. Mais precisamente: ela preenchia-me o sono, mas em estranhos e grotescos disfarces, como Valéria ou Charlotte ou uma mistura de ambas. Esse complexo fantasma procurava-me, apresentando um aspecto após outro, numa atmosfera de grande melancolia e asco, e reclinava-se, num convite enfadado, em qualquer tábua direita ou sofá duro, com a carne entreaberta como a válvula de borracha do balão interior de uma bola de futebol. Dava comigo, de dentes partidos ou desesperadamente desorientado, em horríveis chambres garnies onde assistia a enfadonhas sessões de vivissecção, que terminavam geralmente com Charlotte ou Valéria a chorarem nos meus braços ensanguentados e a serem ternamente beijadas pelos meus lábios fraternais, numa desordem onírica de bricabraque vienense em leilão, piedade, impotência e perucas castanhas de velhas trágicas acabadas de gasear.

Um dia, tirei do automóvel e destruí uma quantidade de revistas de adolescentes que lá se acumulara. Conhecem o gênero. Idade da Pedra, no fundo; atuais, ou pelo menos
micénicas, quanto a higiene. Uma atriz bonita e muito madura, de grandes pestanas e carnudo e rubro lábio inferior, a recomendar um champu. Anúncios e modas passageiras. As estudantes jovens gostam de muitas pregas - que c'était loin, tout cela! É dever de anfitriã fornecer vestidos às convidadas. Os pormenores soltos tiram todo o brilho e vivacidade à sua conversa. Todos nós conhecemos pessoas com o desagradável hábito de arrancar as cutículas das unhas nas festas do escritório. A não ser que seja muito idoso ou muito importante, um homem deve descalçar as luvas antes de apertar a mão a uma mulher. Atraia o romance usando a nova cinta que adelgaça a cintura e modela as ancas. Tristão em amor de cinema. Sim, senhor, o enigma marital Joe-Roe está a dar que falar! Glamorize-se rápida e economicamente. Histórias aos quadradinhos. Menina má de cabelo preto, pai gordo de charuto; boa menina ruiva, papocas jeitoso de bigodinho aparado. Ou aquela repugnante banda de grande calmeirão e da sua mulher, uma gnómica garotóide. Et moi qui toffrais mon génie... Lembrei-me dos encantadores versos absurdos que lhe costumava escrever quando ela era pequena: absurdos,, dizia, zombeteira, é a palavra acertada,. O Cavaleiro e o seu Cavalo, os Ágapes e os seus Agapitos, Têm certos obscuros e peculiares hábitos. Os beija-flores machos são foguetes de pasmar E as serpentes metem as mãos nos bolsos, ao caminhar Às outras coisas que lhe tinham pertencido era mais fácil renunciar. Até ao fim de 1949, entesourei e adorei, e manchei com os meus beijos e as minhas lágrimas de tritão, um velho par de sapatos de ténis, uma camisa de rapaz que ela usara, umas blue jeans coçadas que encontrei no porta-bagagens, um

gorro escolar amarrotado e outros voluptuosos tesouros do mesmo gênero. Depois, quando compreendi que o meu juízo estava em perigo, reuni todos esses objetos variados, juntei-lhes o que ficara em Beardsley-um caixote de livros, a bicicleta, velhos casacos e galochas - e, no dia do seu décimo quinto aniversário, mandei tudo, como dádiva anônima, para um lar de raparigas órfãs existente num lago ventoso, na fronteira canadiana.

É possível que, se tivesse recorrido a um bom hipnotizador, ele me tivesse arrancado, e ordenado num padrão lógico, certas recordações ocasionais que fui semeando ao longo deste livro muito mais ostensivamente do que se apresentam ao meu espírito, mesmo agora que sei o que procurar no passado. Nessa altura, tinha a sensação de que estava apenas a perder contacto com a realidade, e, depois de passar o resto do Inverno e a maior parte da Primavera seguinte numa casa de repouso de Quebeque, onde já estivera anteriormente, decidi arrumar alguns assuntos particulares em Nova Iorque e seguir depois para a Califórnia, a fim de efetuar uma busca minuciosa.

Eis uma coisa que compus durante o meu internamento:

Procura-se, procura-se: Dolores Haze. Cabelo: castanho. Boca: escarlate. Idade: cinco mil e trezentos dias. Profissão: nenhuma, ou starlee Onde te escondes, Dolores Haze? Porque te escondes, amorzinho? (Falo aturdido, ando num labirinto, Não posso sair, disse o estorninho.)

Para onde vais, Dolores Haze? De que marca é o mágico tapete? O Cougar creme é que faz agora furor? E onde estás estacionada, meu diabrete? Quem é o teu herói, Dolores Haze? É ainda um daqueles astros de boné azul? Ah, os dias perfumados, as palmeiras, E os carros, e os bares, minha Cármen taful! Oh, Dolores, aquela música dói! Querida, ainda

estás dançando? (Ambos de calças coçadas e blusas rasgadas, E eu, no meu canto, rosnando.) Feliz, feliz é o torcido McFate, Passeando a esposa-menina estremecida, Arando a sua leviana em cada estado Entre a fama selvagem protegida. Minha Dolly, minha loucura! Quando a beijava Não fechava os olhos, nunca por nunca ser. Conhece um velho perfume chamado Soleil Vert?

É por acaso, de Paris, mister L'autre soir un air froid d'opéra m'alita: Son fêlé - bien fol est qui s'y fie! Il neige, le décor s'écoule, Lolita! Lolita, qu'ai-je fait de ta vie? Morro, morro, Lolita Haze, Morro de ódio e remorso e quebranto. E de novo ergo o punho hirsuto, E de novo escuto o teu pranto. Guarda, guarda, lá vão eles! Ali, à chuva, onde brilham aquelas cores! As peúgas dela são brancas, e amo-a tanto, E o seu nome é Haze, Dolores...

Guarda, guarda, ali vão eles! Dolores Haze e o seu par! Saque a pistola e siga aquele carro. Agora salte, proteja-se e dispare. Procura-se, procura-se: Dolores Haze. Seu olhar
cinzento-sonho jamais cede. Quarenta quilogramas, é tudo quanto pesa, Metro e meio, é tudo quanto mede. O meu carro falha, Dolores Haze. À última estirada nada se pode comparar,
Cairei onde as ervas daninhas apodrecem E o resto é dissolução e poalha estelar.

Psicanalisando este poema, verifico que se trata, efetivamente, da obra-prima de um maníaco. As rimas duras, sombrias, severas, correspondem com muita exatidão a certas
paisagens e figuras terríveis e sem perspectiva e a partes amplificadas de paisagens e figuras, como as que os psicopatas desenham nos testes inventados pelos seus astutos examinadores. Escrevi muitos mais poemas, imergi na poesia alheia, mas nem por um segundo esqueci a carga de vingança.

Seria um velhaco se dissesse, e o leitor um tolo se acreditasse, que o abalo de perder Lolita me curou da pederosis. A minha maldita natureza não podia mudar, por muito que mudasse o meu amor por ela. Em campos de recreio e praias, os meus olhos sombrios e sorrateiros continuaram a procurar, contra a minha vontade, a luminosidade de umas pernas de ninfeta, os símbolos furtivos das aias em botão de Lolita. Mas uma visão essencial fenecera em mim: nunca mais pensei na possibilidade de êxtase com uma donzelinha, autêntica ou sintética, em qualquer lugar distante; nunca mais a minha imaginação cravou as garras em irmãs de Lolita, muito, muito longe, em praias de ilhas evocadas. Isso acabara, pelo menos por enquanto. Por outro lado, ai de mim!, dois anos de monstruosa satisfação tinham-me deixado certos hábitos lascivos, e eu temia que o vácuo em que vivia me pudesse empurrar para a liberdade da loucura súbita, se me visse confrontado com uma tentação ocasional, nalguma azinhaga, entre a escola e o jantar. A solidão corrompia-me. Precisava de companhia e de cuidados, o meu coração transformara-se num órgão histérico e indigno da mínima confiança. Foi por isso que Rita entrou na história.

26

Tinha o dobro da idade de Lolita e três quartos da minha, e era uma adulta muito frágil, de cabelo escuro e tez clara, quarenta e sete quilos e meio de peso, olhos deliciosamente assimétricos, perfil anguloso e como que esboçado em traços rápidos e uma ensellure muito tentadora no dorso flexível - creio que tinha algum sangue espanhol ou babilônico. Encontrei-a numa depravada noite de Maio, algures entre Montreal e Nova Iorque, ou, reduzindo mais a distância, entre Toylestown e Blake, num bar mal iluminado, sob o signo da Mariposa, onde ela estava cordialmente embriagada: teimou que andáramos na escola juntos e colocou a sua mãozinha tremula na minha manápula de macaco. Os meus sentidos excitaram-se muito ligeiramente, apenas, mas resolvi dar-Lhe uma oportunidade.
Dei, e adoptei-a como companheira constante. Era tão bondosa, a Rita, tão boa rapariga, que me atrevo a dizer que se daria a qualquer patética criatura falaciosa, a uma velha árvore derrubada ou a um porco-espinho enlutado, por simples camaradagem e compaixão.

Quando a conheci divorciara-se recentemente do terceiro marido e, um pouco mais recentemente ainda, fora abandonada pelo seu sétimo cavalier servant - os outros, os mutáveis, eram tão numerosos e inconstantes que se tornava impossível fazer uma contagem. O irmão era - e sem dúvida ainda é - político proeminente - cara lívida, suspensórios e gravata estampada - prefeito e impulsionador da sua cidade natal de gente que jogava à bola, lia a Bíblia e produzia cereais. Nos últimos oito anos pagara à sua irmãzinha crescida diversas centenas de dólares por mês, com a condição estrita de que ela

nunca, nunca mais, poria os pés na grande pequena cidade de Grainball. Contou-me, entre exclamações de perplexidade, que, por qualquer maldita razão, a primeira coisa que qualquer novo namorado que arranjava fazia era levá-la para os lados de Grainball, como se obedecesse a alguma fatal atração, e quando dava por isso estava a ser sugada para a órbita lunar da cidade e a percorrer o caminho iluminado que a cercava - «às voltas e às voltas», para usar a sua expressão, como um raio de uma «borboleta de amoreira».

Tinha um bonito coupé pequenino, no qual viajamos para a Califórnia, a fim de deixar descansar o meu vulnerável veículo. A sua velocidade natural eram os cento e quarenta e cinco quilômetros à hora. Querida Rita! Viajámos juntos dois vagos anos, do Verão de 1950 ao Verão de 1952, e ela foi a mais suave, mais simples, mais terna e mais estúpida Rita imaginável.

Comparadas com ela, Valechka era uma Schlegel e Charlotte uma Hegel. Não há, positivamente, razão alguma para que me detenha nela à margem destas sinistras memórias, mas consintam-me que diga (olá, Rita! Onde quer que estejas, embriagada ou de ressaca,, olá, Rita!) que foi a companheira mais apaziguadora e mais compreensiva que jamais tivera e que me salvou, sem dúvida, do manicómio. Disse-lhe que andava a tentar localizar uma rapariga e meter uma bala no corpo do amante dela. Rita aprovou solenemente o plano - e no decorrer de uma investigação a que meteu ombros por sua conta (sem saber nada de nada), nas imediações de San Humbertino, enredou-se com um patife muito indesejável e eu tive um trabalho danado para a reaver - usada e maltratada, mas ainda impudente. Até que um dia propôs que jogássemos roleta russa com a minha maldita automática. Disse-lhe que não podíamos, visto não se tratar de um revólver, e enquanto lutávamos pela posse da arma ela disparou e fez sair um esguicho muito

fino e muito cómico de água quente, do buraco que fez na parede da cabina. Ainda me lembro das suas estridentes gargalhadas.

A curva singularmente pré-adolescente das suas costas, a sua pele branca e fina e os seus lentos e langorosos beijos columbinos, afastavam-me de sarilhos. Não são as aptidões
artísticas que constituem caracteres sexuais secundários como certos impostores e empolados têm dito; pelo contrário: o sexo mais não é do que a ancilla da arte. Não posso deixar de referir uma farra assaz misteriosa, que teve interessantes repercussões. Abandonara a busca: o demônio ou estava na Tartária ou ardia no meu cerebelo (com as chamas atiçadas pela minha imaginação e pelo meu desgosto), mas o que não estava, com certeza, era a exibir Dolores Haze como campeã de tênis na costa do Pacífico. Certa tarde, ao regressarmos ao Leste, estávamos instalados num terrível hotel - do tipo onde se realizam convenções e se veem por todos os lados homens gordos, corados e rotulados, todos primeiros nomes, negócios e álcool - e quando acordamos, a querida Rita e eu, encontramos uma terceira pessoa no quarto: um tipo novo, louro e quase albino, de pestanas brancas e grandes orelhas transparentes, que nem ela nem eu nos recordávamos de ter jamais visto nas nossas tristes vidas. De roupa interior grossa e suja e velhas botas do exército, suava e ressonava na cama de casal, do outro lado da minha casta Rita. Faltava-lhe um dos dentes da frente e tinha pústulas ambarinas na testa. Ritochka envolveu a sinuosa nudez no meu impermeável, que foi a primeira coisa que encontrou à mão, e eu enfiei umas ceroulas às riscas, e passamos a situação em revista. Tinham sido usados cinco copos, o que, no capítulo de pistas, era uma abundância embaraçosa.

A porta não estava convenientemente fechada e no chão encontrava-se uma camisola e um par de informes calças castanhas. Aos safanões, devolvemos o seu dono a um lastimoso
estado consciente. O desgraçado estava completamente amnésico. Num sotaque que Rita identificou como puro Brooklyn, insinuou impertinentemente que lhe furtáramos a (vil) identidade. Vestimo-lo à pressa e deixámo-lo no hospital mais próximo, apercebendo-nos no caminho de que, por fás ou por nefas, depois de várias voltas e contravoltas esquecidas, estávamos em Grainball. Meio ano depois, Rita escreveu ao médico, a pedir notícias. Jack Humbertson, como o haviam alcunhado com tremendo mau gosto, continuava isolado do seu passado pessoal. Oh, Mnemósine, mais terna e mais travessa das musas!

Não teria mencionado este incidente se ele não houvesse desencadeado na Cantrip Review, de um ensaio sobre Mímica e Memória, no qual sugeri, entre outras coisas que pareceram originais e importantes aos benevolentes leitores daquela esplêndida revista, uma teoria de tempo perceptivo baseado na circulação do sangue e conceptualmente dependente (para resumir) de o espírito estar consciente não só da matéria, mas também de si próprio, criando assim como que um leque contínuo de dois pontos (o futuro armazenável e o passado armazenado). Em consequência desse empreendimento - e como culminação da impressão causada pelos meus anteriores travaux -, fui chamado de Nova Iorque, onde Rita e eu vivíamos num apartamentozinho do qual se desfrutava um espectáculo de cintilantes crianças a tomar duche lá muito em baixo, numa pérgula cheia de fontes do Central Park - mas, como dizia, fui chamado de Nova Iorque ao Cantrip College, a seiscentos e cinquenta quilómetros de distância, com um contrato de um ano. Lá me instalei,

nos apartamentos especiais destinados a poetas e filósofos, de Setembro de 1951 a Junho de 1952, enquanto Rita, que preferi não exibir, vegetava - um tanto ou quanto indecorosamente, há que dizê-lo - numa estalagem de beira da estrada, onde a visitava duas vezes por semana. Até que desapareceu – mais humanamente do que a sua antecessora: passado um mês encontrei-a na cadeia local. Mostrou-se très digne, disse-me que tinha sido operada ao apêndice e conseguiu convencer-me de que as bonitas peles azuladas de que era acusada de ter roubado a uma tal Mrs. Roland MacCrum tinham, efectivamente, sido um presente espontâneo, ainda que um tanto ou quanto alcoólico, do próprio Roland. Consegui tirá-la da cadeia sem recorrer ao seu melindroso irmão, e pouco depois regressámos a Central Park West, via Briceland, onde paráramos algumas horas no ano anterior.

Apoderara-se de mim um desejo curioso de reviver a estada ali com Lolita. Iniciara uma fase da minha existência em que perdera toda a esperança de a localizar e ao seu raptor.

Tentava regressar aos antigos cenários, para salvar o que ainda podia ser salvo, à guisa de souvenir, souvenir que me veux-tu? O Outono pairava no ar. Em resposta a um postal
reservando um quarto de duas camas, o professor Hamburg recebeu em resposta uma afirmação de pesar. Estavam cheios. Tinham um quarto na cave, com quatro camas e sem casa de banho, que supunham não me interessar. O cabeçalho do seu papel de carta dizia:

OS CAÇADORES ENCANTADOS Próximo de igrejas. Proibidos cães.
Todas as bebidas autorizadas por lei.

Perguntei a mim próprio se a última afirmação corresponderia à verdade. Todas? Teriam, por exemplo, xarope de romã? Perguntei-me também se um caçador,

encantado ou não, não precisaria mais de um perdigueiro do que um banco de igreja e, com um espasmo doloroso, recordei uma cena digna de um grande artista: petite nymphe accroupie. Mas aquele sedoso Cocker spaniel talvez tivesse sido baptizado. Não, achei que não suportaria a angústia de visitar de novo o átrio. Havia uma possibilidade muito melhor de recuperar o tempo noutro lado qualquer da suave, ricamente colorida e outonal Briceland. Deixei Rita num bar e dirigi-me à biblioteca da cidade. Uma solteirona chilreante teve muito prazer em me ajudar a desenterrar os números de meados de Agosto de 1947 da Briceland Gazette, que se encontravam encadernados, e, pouco depois, estava num nicho isolado, sob uma lâmpada nua, a folhear as enormes e frágeis páginas de um volume negro-caixão, quase tão grande como Lolita.

Leitor! Bruder! Que Hamburg idiota aquele Hamburg era! Como o seu supersensitivo sistema nervoso receava enfrentar o cenário autêntico, julgou que poderia, ao menos, saborear uma parte secreta dele - o quem e lembra o décimo ou vigésimo soldado de uma bicha de violentadores, que tapa o rosto pálido da rapariga com o xale preto para não ver aqueles olhos impossíveis, enquanto desfruta o seu prazer militar na aldeia triste e saqueada. O que eu ansiava por encontrar era a impressão da fotografia que, casualmente, captara a minha imagem intrusa, quando o fotógrafo da Gazette concentrava atenção e objectiva no Dr. Braddock e no seu grupo. Esperava apaixonadamente que tivessem preservado o retrato do artista quando besta mais jovem. Uma câmara inocente captando-me quando ia sinistramente a caminho da cama de Lolita - que magneto para Mnemósine! Não sei explicar bem a verdadeira natureza do impulso que me levara à biblioteca. Aliava-se, suponho, à mórbida curiosidade que leva as pessoas a examinar com uma lente as

desoladas pequenas figuras - naturezas-mortas, praticamente, e toda a gente com vontade de vomitar - presentes numa execução matinal e em que a expressão do condenado é impossível de decifrar, na fotografia. O certo é que estava literalmente de boca aberta, com falta de ar, e um canto do livro do destino cravava-se-me constantemente no estômago, enquanto eu folheava e procurava... No domingo, 24, os dois cinemas apresentariam Força Bruta e Possesso. Mr. Purdom, leiloeiro de tabaco independente, afirmava que fumava Omen Faustum desde 1925. Husky Hank e a sua noivazinha seriam hóspedes de Mr. e Mrs. Reginald G. Gore, Inchkeith Avenue, 58. O tamanho de certos parasitas é um sexto do tamanho do hospedeiro. Dunquerque foi fortificada no século x. Peúgas para meninas, trinta e nove cêntimos. Sapatos de montar, três dólares e noventa e oito cêntimos. Vinho, vinho, vinho, sombou o autor de Idade Média, que se recusou a ser fotografado, o vinho pode servir a um esfusiante bardo persa, mas a mim, para as rosas e para a inspiração, dêem-me chuva, chuva, chuva nas telhas do telhado! As espinhas resultam da aderência da pele aos tecidos mais profundos. Os Gregos repeliram um grande ataque guerrilheiro - e, ah, finalmente!, uma figurinha de branco e o Dr. Braddock
de preto, mas, fosse qual fosse o ombro espectral que roçava pelo seu forte arcabouço, não consegui distinguir nada de mim próprio.

Fui encontrar-me com Rita, que me apresentou, com o seu sorriso de vin triste, a um velhote encarquilhado, de tamanho de bolso e truculentamente etilizado, dizendo que era – que nome disse ela, meu filho? - um seu antigo condiscípulo. O velho tentou retê-la e na pequena sarrafusca que se seguiu feri o meu polegar na cabeça dura do indivíduo. No silencioso parque a que a levei para tomar um pouco de ar,

começou a soluçar e a dizer que não tardaria a abandoná-la, muito em breve, como todos faziam, e eu cantei-lhe uma melancólica balada francesa e alinhavei uns versos de pé quebrado, para a divertir: O lugar chamava-se Caçadores Encantados. Pergunta: Que corantes índios usou o teu vale, Diana, Para fazer do lago Ilustrado um banho De sangue de árvores diante do hotel azul?

Ela perguntou: "Porquê azul, se é branco, porquê azul, com os diabos?" E começou a chorar outra vez, e eu meti-a no automóvel e seguimos para Nova Iorque, e em breve sentia-se de novo razoavelmente feliz, na neblina do terraço do nosso apartamentozinho alto. Reparo agora que misturei dois acontecimentos, a minha visita com Rita a Briceland, a caminho de Cantrip, e a nossa passagem por Briceland no regresso a Nova Iorque, mas estas confusões de cores flutuantes não devem ser desdenhadas pelo artista, ao recordar.

27

A minha caixa de correio, no átrio de entrada, era do tipo que permite ver se lá está alguma coisa dentro por uma tira de vidro. Já por diversas vezes um artifício de luz arlequinada incidira, através do vidro, numa caligrafia desconhecida e assemelhara-a à de Lolita, o que por pouco não me fizera perder os sentidos e me obrigara a encostar-me à parede mais próxima, meio morto. Sempre que tal acontecia - sempre que a sua caligrafia infantil, cheia de rabiscos, se transformava horrivelmente na letra enfadonha e sem vida de um dos meus poucos correspondentes -, recordava, com angustiado deleite, as ocasiões do meu confiante e pré-doloriano passado em que, enganado pelo brilho de uma reluzente janela oposta, os meus olhos sempre atentos, o periscópio sempre a postos do meu vergonhoso vício, julgavam ver, de longe, uma ninfeta meio despida, imobilizada no gesto de pentear o seu cabelo de Alice no País das Maravilhas. Havia no ardente fantasma uma perfeição que tornava o meu prazer selvagem também perfeito, só porque a visão estava fora do meu alcance, sem nenhuma possibilidade de que a proximidade a destruísse, pela revelação de qualquer tabu inerente. É até muito possível que a própria atração que encontro na imaturidade resida menos na limpidez da pura beleza infantil proibida do que na segurança de uma situação em que infinitas perfeições preenchem o abismo entre o pouco dado e o muito prometido - o grande cinzento-róseo jamais alcançável. Mes fenêtres! Pairando acima do crepúsculo sombreado e da noite que se avizinhava, rangendo os dentes, concentrava todos os demônios do meu desejo no gradeamento de palpitante varanda: uma

varanda pronta para levantar voo na noite húmida, damasco e negro, uma noite que levantava voo e... a imagem iluminada mexia-se, Eva voltava a ser costela e na janela não havia mais do que um homem obeso e reduzidamente vestido, a ler o jornal.

Como, às vezes, ganhava a corrida entre a minha fantasia e a realidade da natureza, a decepção era suportável.

A dor insuportável só começava quando o acaso entrava no jogo e me privava do sorriso que me era destinado. Savez-vous qu'à dix ans ma petite était folle de vous?, perguntava-me uma mulher com quem conversava num chá, em Paris, e a petite acabava de casar, a quilômetros de distância, e eu nem sequer me lembrava se alguma vez reparara nela naquele jardim, junto daquela quadra de ténis, uma dúzia de anos atrás. E agora, do mesmo modo, o radiante vislumbre, a promessa de realidade, uma promessa que não seria apenas sedutoramente simulada, mas também nobremente cumprida - tudo isso o acaso me negava, o acaso e uma mudança para letras mais pequenas da parte da adorada e pálida correspondente. A minha imaginação foi simultaneamente proustianizada e procusteanizada, pois naquela manhã especial de princípios de Setembro de 1952, quando desci para recolher o meu correio, o ativo e bilioso porteiro, com quem mantinha relações execráveis, começou a queixar-se de que um homem que acompanhara Rita a casa, recentemente, vomitara como um cão nos degraus da entrada. Enquanto o ouvia e gratificava, e depois escutava uma versão revista e mais cortês do carteiro me levara era da mãe de Rita, uma mulherzinha doida que visitáramos uma vez em Cap Cod e que passava a vida a escrever-me, para as minhas várias moradas, dizendo que a filha e eu fazíamos um par maravilhoso, como se tivéssemos nascido um para o outro, e como

seria bom se nos casássemos. A outra carta, que abri e a que dei uma vista de olhos rápida no elevador, era de John Farlow.

Tenho notado muitas vezes que possuímos tendência para dotar os nossos amigos com a estabilidade de tipo que as personagens literárias adquirem na mente do leitor. Por muitas vezes que reabramos o Rei Lear, jamais encontraremos o bom rei a emborcar a sua caneca de cerveja, numa grande farra, esquecidos todos os infortúnios, numa alegre reunião com todas as suas três filhas e os seus cãezinhos de regaço. Ema jamais se reanimará, também, ressuscitada pelos sais compreensivos da lágrima oportuna que Flaubert fez chorar ao pai. Sejam quais forem as evoluções por que passou esta ou aquela personagem popular entre as páginas de um livro, o seu destino está fixado no nosso espírito. Similarmente, esperamos que os nossos amigos sigam este ou aquele rumo convencional e lógico que para eles determinamos. Assim, X jamais comporá a música imortal que estaria em total desacordo com as sinfonias de segunda categoria a que nos habituou. Y jamais assassinará. Z jamais nos atraiçoará, sejam quais forem as circunstâncias. Temos tudo isso bem arrumadinho no nosso espírito, e quanto menos vemos determinada pessoa mais nos compraz verificar, sempre que dela temos notícias, como respeita obedientemente a ideia que fazemos a seu respeito. Qualquer desvio do destino que fixámos parece-nos não só anômalo, mas também contrário à ética. Preferíamos não ter conhecido o nosso vizinho, vendedor reformado de cachorros quentes, se vimos a saber que acaba de publicar o melhor livro de poesia do século.

Estou a dizer tudo isto a fim de explicar o espanto que me causou a carta histérica de Farlow. Sabia que a

mulher dele morrera, mas esperava que se mantivesse, ao longo de uma
dedicada viuvez, a pessoa tristonha, pacata e digna de confiança que sempre fora. Mas eis que me escrevia a dizer que, após uma breve visita aos Estados Unidos, regressara à
América do Sul e resolvera confiar os assuntos de que tratara em Ramsdale a Jack Windmulter, advogado dessa cidade que ambos conhecíamos. Parecia particularmente aliviado por se ver livre das complicações, Haze. Casara com uma rapariga espanhola, deixara de fumar e aumentara 13,5 kg. Ela era muito jovem e campeã de esqui e iam passar a lua-de-mel à Índia. Visto ir K constituir família, como dizia, não teria tempo para se dedicar aos meus negócios, que classificava de muito estranhos e muito aborrecidos,. Intrometidos - um exército deles, ao que parecia - tinham-no informado de que o paradeiro da pequena Dolly Haze era desconhecido e que eu vivia na Califórnia com uma divorciada que não gozava de muito boa fama. O sogro dele era conde e riquíssimo. As pessoas que moravam, por aluguer, na residência Haze, havia anos, estavam interessadas em comprá-la, e ele aconselhava-me a encontrar a Dolly depressa. Partira uma perna. Juntava uma fotografia sua e de uma morena vestida de lã branca, a sorrirem, derretidos, um com o outro, entre as neves do Chile.

Lembro-me de entrar no apartamento e começar a dizer: "Bem, ao menos agora teremos de os procurar..." Mas nessa altura a outra carta começou a falar comigo, numa vozinha prática:

Querido Pai:

Como vai tudo? Casei e vou ter um bebê. Desconfio que vai ser muito grande e chegará a tempo para o Natal. Custa-me muito escrever-lhe esta carta. Estou a dar em chamada porque não temos dinheiro que

chegue para pagar as nossas dívidas e sair daqui para fora. Prometeram um emprego formidável ao Dick, no Alasca, no seu ramo muito especializado da mecânica - é a única coisa que sei a tal respeito, mas é realmente grande. Perdoa ocultar-te a nossa morada, mas receio que ainda estejas furioso comigo e não quero que o Dick saiba de nada. Esta cidade é formidável, não se podem ver os idiotas por causa do smog. Envia-nos um cheque, por favor, pai. Poderíamos arranjar-nos com trezentos ou quatrocentos dólares, ou ainda menos, tudo ajudará, podes vender as minhas coisas velhas, porque quando sairmos daqui a massa começará a entrar, à farta. Escreve, por favor. Tenho passado por muito sofrimento e muitas dificuldades. Espera notícias tuas, DOLLY (Mrs. Richard F. Schiller).

28

Estava de novo na estrada, de novo ao volante do velho sedan azul, de novo só. Rita estava morta para o mundo quando eu lera a carta e me debatera com as montanhas de angústia que se tinham levantado dentro de mim. Olhara para ela, que sorria adormecida, beijara-lhe a fronte húmida e deixara-a para sempre, com um bilhetinho de terno adieu que lhe colara ao umbigo, pois de contrário seria capaz de não o ver.

"Só", disse eu? Pas tout à fait. Levava comigo a minha camaradinha preta e assim que cheguei a um lugar isolado ensaiei a morte violenta de Mr. Richard F. Schiller. Encontrara, no banco de trás do carro, uma camisola cinzenta minha, muito velha e muito suja, e pendurei-a no ramo de uma árvore, numa clareira silenciosa aonde chegara por um caminho da floresta, vindo da já remota auto-estrada. A execução da sentença foi um pouco perturbada pelo que me pareceu ser uma certa rigidez no funcionamento do gatilho. Pensei se não seria melhor arranjar um pouco de óleo, para o misterioso objecto, mas achei que não podia perder tempo. A velha camisola morta voltou para o automóvel com perfurações adicionais, e depois de recarregar a quente camarada continuei a minha viagem.

A carta estava datada de 18 de Setembro de 1952 (estávamos em 22 de Setembro) e a morada que ela me indicava era Posta-Restante, "Coalmont" (não "Virgínia", não "Pensilvânia", não "Tenessi" - e também não Coalmont. Camuflei tudo, meu amor). As averiguações a que procedi esclareceram-me de que se tratava de uma pequena comunidade industrial, a mais de mil e duzentos quilómetros da cidade de Nova Iorque. Ao

princípio, planeara conduzir todo o dia e toda a noite, mas depois reflecti e, perto do amanhecer, descansei duas horas num quarto de motel, alguns quilómetros antes da cidade em questão. Convencera-me de que o demónio, o tal Schiller, era um vendedor de automóveis que conhecera, talvez, a minha Lolita ao dar-lhe uma boleia em Beardsley - no dia em que a bicicleta dela tivera um furo, quando se dirigia para casa de Miss Imperador - e que depois disso se metera em qualquer sarilho.

O cadáver da camisola executada, por muito que lhe modificasse os contornos, no banco de trás do carro, revelava teimosamente diversas características de Trapp-Schiller... a vulgaridade e obscena bonomia do seu corpo. Paracontrabalançar o seu gosto pela corrupção grosseira, decidi arranjar-me com especial cuidado e elegância, ao premir o botão do despertador, antes que começasse a tocar, às seis da manhã. Depois, com um severo e romântico cuidado de um cavalheiro prestes a bater-se em duelo, verifiquei a disposição dos meus documentos, banhei e perfumei o meu corpo delicado, rapei a cara e o peito, escolhi uma camisa de seda e roupa interior lavada, calcei peúgas transparentes, cor de toupeira, e felicitei-me por ter comigo a minha mala, com algumas roupas muito elegantes - um colete com botões de madrepérola, por exemplo, uma gravata de caximira clara, etc.

Não me foi possível conservar no estômago o pequeno-almoço, mas considerei essa indisposição física um simples contratempo sem importância, limpei a boca com um lenço finíssimo que tirei da manga e, com um bloco de gelo azul no lugar do coração, um comprimido na língua e morte sólida na algibeira de trás das calças, entrei elegantemente numa cabina telefõnica de Coalmont ("ah! ah! ah!", riu-se a sua pequena porta) e liguei para o único Schiller - Paul, Móveis – que

encontrei registrado na lista a desfazer-se. O rouco Paul disse-me que conhecia um Richard Schiller, filho de um primo seu, e que a sua morada era, deixe-me ver, Rua do Assassino, 10 (não estou a cansar-me muito à procura dos seus pseudónimos). "Ah! ah! ah!", riu-se de novo a pequena porta.

Na Rua do Assassino, 10, um prédio de apartamentos, interroguei diversos velhos tristonhos e duas ninfetas de cabelos compridos, louras-morango, incrivelmente sujas (quase sem dar por isso, a velha fera existente em mim procurava em seu redor alguma criança ligeiramente vestida, que pudesse apertar um momento contra mim, quando o assassínio estivesse consumado, já nada importasse e tudo fosse permitido). Sim, Dick Schiller morara ali, mas mudara-se quando casara. Ninguém sabia a sua morada. "Talvez no armazém saibam", disse uma voz de baixo, através de um postigo aberto, perto do qual me encontrava com as duas rapariguinhas descalças e magras e as suas indistintas avós. Enganei-me no armazém e um velho negro circunspecto abanou a cabeça, sem sequer me dar tempo a perguntar fosse o que fosse. Atravessei a rua, entrei numa mercearia miserável e aí, chamada por uma cliente a meu pedido, uma voz de mulher, vinda de um abismo de madeira aberto no chão, gritou: "Estrada do Caçador, a última casa."

A Estrada do Caçador ficava a quilômetros de distância, num bairro ainda mais miserável, cheio de lixeiras e fossas, e hortas infestadas de insetos, e barracas, e morrinha cinzenta, e lama vermelha, e diversas chaminés fumegantes, ao longe. Parei na última casa" - uma barraca de madeira, com duas ou três similares mais distantes da estrada e um deserto de ervas enfezadas a toda a volta. Ouvi marteladas, vindas das traseiras da casa, e durante alguns minutos permaneci imóvel no carro, velho e frágil, no fim da

viagem, chegado ao meu cinzento objectivo, finis, meu amigo, finis, meu inimigo. Eram cerca de duas horas e a minha pulsação era de quarenta, num minuto, e cem, no seguinte. A morrinha crepitava suavemente no tejadilho do automóvel. A arma transferira-se para a algibeira direita das calças. Um rafeiro surgiu de trás da casa, parou surpreendido e começou a latir e a rosnar bonacheironamente, de olhos semicerrados e barriga toda enlameada. Depois afastou-se um pouco e voltou a rosnar.

29

Saí do automóvel e bati com a porta. Como aquele bater de porta pareceu banal, natural, no vácuo do dia sem sol! "Woof.", rosnou o cachorro, por rosnar. Premi o botão da
campainha, cujo som se repercutiu por todo o meu sistema nervoso. Personne. Je resonne. Repersonne. De que abismos veio agora esta idiotice do reH? "Woof.", repetiu o cão. Um pequeno tropel, um arrastar de pés, e a porta abriu-se, gemendo.
Cinco centímetros mais alta. Óculos de aros cor-de-rosa. Penteado novo, para cima, orelhas novas. Que simples! O momento, a morte que andava a conjurar havia três anos era tão
simples como um bocado de madeira seca. Ela estava franca e enormemente grávida. A sua cabeça parecia mais pequena (só tinham decorrido dois segundos, mas permitam que lhes dê o máximo de insípida duração que a vida pode suportar), as suas faces de sardas pardas estavam encovadas e os seus membros nus tinham perdido todo o bronzeado, pelo que se viam os pequenos pêlos. Vestia uma bata castanha de algodão, sem mangas, e calçava uns cambados chinelos de feltro.

- O... oh! - exclamou, passados instantes, com toda a ênfase da surpresa e das boas-vindas.

- O marido está em casa? - perguntei, rouco, de mão na algibeira.

Não a podia matar a ela, claro, como alguns pensaram.Compreendem, eu amava-a. Foi amor à primeira vista, à última vista, a todas as vistas.

- Entra - convidou, em tom veemente e alegre.

Dolly Schiller encolheu-se o mais que pôde contra a madeira lascada e morta da porta (até se pôs em bicos de pés) para me deixar entrar, e ficou um momento crucificada, a olhar para baixo, sorrindo ao limiar, de faces encovadas e pommettes redondas, com os braços brancos de leite aguado estendidos na madeira. Passei sem tocar no volume do bebê por nascer. O cheiro de Dolly, com uma tênue adição de fritos. Os meus dentes bateram como os de um idiota.

- Não, tu ficas aí fora - ordenou ao cão e fechou a porta e seguiu-me, mais a sua barriga, para a sala da casa de bonecas.

- O Dick está ali em baixo - disse, apontando com uma raqueta de tênis invisível, convidando o meu olhar a viajar, da triste sala-quarto de cama onde nos encontrávamos, através da cozinha e até à porta das traseiras, onde, num cenário muito primitivo, um jovem desconhecido de cabelos pretos, cuja vida foi imediatamente poupada, estava empoleirado numa escada, de costas para mim, a arranjar qualquer coisa perto da, ou na, barraca do vizinho, um tipo mais roliço e só com um braço, que olhava para cima.

Ela explicou de longe, em tom de desculpa, o que se passava (Os homens hão-de ser sempre homens"). Queria que o chamasse? Não.

De pé no meio do aposento de teto em declive e emitindo hums interrogativos, esboçou com os pulsos e as mãos familiares gestos javaneses, oferecendo-me à escolha, num momento de cortesia bem humorada, uma cadeira de baloiço e o divã (que Lhe servia de cama depois das dez horas da noite). Disse familiares" porque, um dia, ela acolhera-me com a mesma dança de pulsos na sua festa em Beardsley. Sentámo-nos ambos no divã. Curioso: embora as suas feições houvessem, de fato, estiolado, compreendi com clareza, tão irremediavelmente tarde, quanto ela se parecia - se

parecera sempre - com a Vénus ruiva de Botticelli - o mesmo suave nariz, a mesma beleza indistinta. Dentro da algibeira, os meus dedos largaram devagarinho, e voltaram a agarrar mais acima, dentro do lenço em que estava aninhada, a arma não utilizada.

- Aquele não é o tipo que procuro - declarei.

A expressão difusa de boas-vindas apagou-se-lhe dos olhos e a sua testa franziu-se, como nos dias amargos do passado.

- Não é quem?

- Onde está ele? Depressa!

- Escuta - redarguiu, inclinando a cabeça para o lado e abanando-a nessa posição -, não vais falar disso agora.

- Claro que vou! - repliquei e, durante um momento - singularmente, o único momento misericordioso e suportável de toda a entrevista -, atiçámo-nos um contra o outro, como se
ela ainda fosse minha.

Mas, rapariga sensata, dominou-se.

Dick não sabia absolutamente nada de toda a trapalhada. Julgava que eu era pai dela, pensava que ela fugira de um lar burguês para lavar pratos num restaurante, acreditava em tudo quanto se lhe dissesse. Que lucraria eu em tornar as coisas ainda mais duras do que já eram, remexendo nesse lodo todo?

Mas, disse-lhe, ela devia ser compreensiva, devia ser uma rapariga sensata (com aquele tambor nu debaixo do fino tecido castanho da bata), devia compreender que se queria o auxílio que fora ali para lhe dar me devia permitir, pelo menos, que fizessem uma ideia clara da situação.

- Vamos, o nome dele!

Julgava que eu já tivesse adivinhado há muito tempo. Era (sorriu maliciosa e melancolicamente) um nome tão sensacional que eu nem acreditaria. A ela própria custava a acreditar.

O nome dele, minha ninfa caída.
Tinha tão pouca importância! Sugeriu que deixássemos isso.
Queria um cigarro?   Não. O nome dele.

Abanou a cabeça, muito decidida. Achava que era tarde demais para fazer fosse o que fosse e, de resto, eu jamais acreditaria no inacreditavelmente inacreditável...

Declarei-lhe que era melhor ir-me embora, cumprimentos, gostara de a ver.

Repetiu que, na realidade, era inútil, que jamais diria, mas, por outro lado, no fim de contas...

- Desejas, de fato, saber quem foi? Bem, foi...

E, docemente, confidencialmente, arqueando as sobrancelhas finas e franzindo os lábios ressequidos, pronunciou, um pouco zombeteiramente, um tanto ou quanto enfadadamente, mas não sem certa ternura, numa espécie de assobio mudo, o nome que o leitor astuto já adivinhou há muito tempo.

À prova de água. Porque me atravessou o espírito, num relâmpago, uma visão do lago Hourglass? Eu também o soubera, sem o saber, desde sempre. Não senti nenhum choque, nenhuma surpresa. A fusão efetuou-se serenamente e ficou tudo nos seus devidos lugares, na teia de ramos que teci através destas memórias com o objetivo expresso de ver o fruto maduro cair no momento certo; sim, com o objetivo expresso e perverso de exprimir - ela estava a falar, mas eu derretia-me na minha paz dourada -, de exprimir aquela paz dourada e monstruosa através de satisfação do reconhecimento local, que o meu leitor mais hostil deve experimentar neste instante.

Ela estava, como disse, a falar. As palavras fluíam-lhe agora descontraidamente, fluentemente. Ele era o único homem que conseguira enlouquecê-la. E Dick? Oh, o Dick era um santo, um cordeirinho, eram felizes

juntos, mas ela referia-se a algo diferente. E eu nunca contara, evidentemente?

Olhou-me como se, de repente, tivesse consciência do fato incrível - e de certo modo enfadonho, perturbador e desnecessário - de que o altivo, elegante, esbelto e valetudinário quarentão de casaco de veludo, sentado a seu lado, conhecera e adorara todos os poros e folículos do seu corpo adolescente. Por momentos, o nosso pobre romance reflectiu-se nos seus olhos cinzentos deslavados – tão estranhos como aqueles óculos - e foi estudado e repudiado sempre como uma coisa enfadonha, como um piquenique em que chovera e a que só tinham comparecido as criaturas mais aborrecidas que se possa imaginar, como um exercício monótono, como um pedaço de lama seca agarrado à sua infância.

Mal consegui, com um movimento brusco, desviar o joelho do alcance de uma palmadinha - um dos hábitos que ela adquirira.

Pediu-me que não fosse estúpido. O passado era o passado. Eu tinha sido um bom pai, supunha - fazia-me essa justiça.Continua, Dolly Schiller.

Bem, eu sabia que ele conhecera a mãe dela? Que era praticamente um velho amigo? Que tinha em Ramsdale um tio que costumava visitar? Oh, há anos! E falara no clube da mãe, e agarrara-a, a ela, Dolly, pelo braço nu e sentara-a no colo, à frente de toda a gente, e beijara-a na cara, ela tinha dez anos e sentira-se furiosa com ele, sabia? Sabia que ele nos vira, aos dois, na estalagem onde estava a escrever a própria peça que ela ensaiara em Beardsley, dois anos depois? Sabia... Fora horrível da sua parte levar-me a crer que Clare era uma mulher velha, talvez uma parente dele ou uma antiga companheira... Oh, e como estivera quase a ser descoberta quando o Journal de Waco publicara a sua fotografia!

A Briceland Gazette não publicara. Sim, muito engraçado.

Sim, afirmou, este mundo era uma anedota pegada, se alguém se lembrasse de escrever a história da sua vida ninguém acreditaria.

Nessa altura ouviram-se ruídos caseiros vindos da cozinha, onde Dick e Bill tinham entrado, à procura de cerveja. Viram o visitante, pela porta aberta, e Dick entrou na sala.

- Dick, este é o meu pai! - apresentou Dolly numa voz forte e violenta, que me pareceu totalmente desconhecida, e nova, e alegre, e velha, e triste, porque o jovem, veterano de uma guerra longínqua, era duro de ouvido.

Olhos de um azul-árctico, cabelo preto, faces avermelhadas, barba crescida. Trocámos um aperto de mão. O discreto Bill, que evidentemente se orgulhava de operar maravilhas com a mão que lhe restava, levou para a sala as latas de cerveja que abrira. Quis retirar-se. A refinada cortesia da gente simples. Foi obrigado a ficar. Um anúncio de cerveja. Passei para a periclitante cadeira de baloiço. A mastigar avidamente, Dolly ofereceu-me rebuçados de alteia e batatas fritas. Os homens olhavam para o seu frágil, frileux, franzino, europeu e ainda jovem mas adoentado pai, de casaco de veludo e colete cor de creme. Um visconde, talvez.

Tiveram a impressão de que eu tencionava lá ficar e Dick, com um grande franzir de sobrancelhas, denunciador de raciocínio lento, sugeriu que a Dolly e ele dormiriam na cozinha, num colchão. Levantei a mão num protesto e disse a Dolly, que o transmitiu a Dick com um grito especial, que passara por ali apenas a caminho de Readsburgo, onde seria recebido por alguns amigos e administradores. Reparou-se, então, que um dos poucos dedos que restavam a Bill sangrava (não era um operador de maravilhas tão grande como parecia,

afinal). Que feminil, e de certo modo nunca visto assim, o vale sombrio entre os pálidos seios de Dolly, quando se inclinou para a mão do homem! Levou-o para a cozinha, para o tratar, e durante alguns minutos, três ou quatro pequenas eternidades positivamente repletas de falsa simpatia, Dick e eu ficámos sós. Ele sentou-se numa cadeira, a esfregar as pernas e a franzir a testa, e eu senti um desejo ocioso de lhe espremer os pontos negros das narinas suadas com as minhas compridas garras de ágata. Tinha olhos tristes e simpáticos, pestanas bonitas e dentes muito brancos. O seu pomo-de-adão era grande e peludo. Porque não se barbeariam melhor aqueles tipos novos e cheios de músculos? Ele e a sua Dolly tinham tido relações sexuais desenfreadas naquele divã, pelo menos cento e oitenta vezes ou talvez muito mais. E antes disso quanto tempo o conhecera ela? Não sentia qualquer ressentimento, nada, a não ser mágoa e náusea. Naquele momento, ele estava a esfregar o nariz. Tive a certeza de que, quando abrisse finalmente a boca, diria (a abanar um pouco a cabeça): "Ela é uma pequena formidável, Mr. Haze. Lá isso é! E vai ser uma mãe formidável." Abriu a boca:.. e bebeu um gole de cerveja. Isso deu-Lhe uma certa tranquilidade e ele continuou a beber, até espumar pela boca. Era um cordeirinho. Segurara nas mãos em concha os seios florentinos de Dolly.

Tinha as unhas negras e partidas, mas as falanges, todo o corpo e o pulso forte e bem torneado eram melhores do que os meus: eu tenho magoado demasiado demasiados corpos, com as minhas pobres mãos deformadas, e por isso não me posso orgulhar delas. Epítetos franceses, nós de dedos de um labrego do Dorset, pontas de dedos espatuladas de alfaiate austríaco -

eis Hunbert Humbert.

Muito bem. Se ele se mantinha calado, eu podia fazer o mesmo. Aliás, não perdia nada se descansasse um bocadinho naquela sossegada e aterrorizada cadeira de baloiço, antes de seguir de carro para o fojo da fera - e depois puxaria para trás o prepúcio da pistola, e depois gozaria o orgasmo do gatilho esmagado: fui sempre um bom adeptozinho do médico vienense. Mas, passados momentos, compadecia-me do pobre Dick, a quem, de qualquer modo hipnótico, estava a impedir horrivelmente de fazer a única observação que lhe vinha à cabeça ("Ela é uma pequena formidável...").

- Vai, então, para o Canadá? - gritei. - Para o Canadá, não - regritei. - Queria dizer Alasca, evidentemente.

Girou o copo nas mãos e, acenando vagarosamente com a cabeça, respondeu-me:

- Deve-se ter cortado numa rebarba da lata. Perdeu o braço direito em Itália.

Encantadoras amendoeiras em flor. Um braço surrealista, arrancado por uma explosão, suspenso do malva pontilhístico da árvore. A tatuagem de uma jovem florida na mão. Dolly
reapareceu com Bill, que trazia um penso rápido num dedo. Passou-me pela cabeça a ideia de que a beleza ambígua, trigueira e pálida de Dolly excitava o aleijado. Dick levantou-se, com um sorriso de alívio. Supunha que Bill e ele próprio iriam voltar atrás para reparar os fios. Supunha que Mr. Haze e Dolly tinham montes de coisas para dizer um ao outro. Supunha que me veria antes de eu partir. Por que diabo supõe aquela gente tanto, se barbeia tão pouco e desdenha tanto dos aparelhos auditivos?

- Senta-te - disse Dolly, e bateu audivelmente com as palmas das mãos nos quadris.

Deixei-me cair de novo na cadeira de baloiço preta.

- Atraiçoaste-me, então? Para onde foram? Onde está ele agora?

Tirou da prateleira da chaminé uma fotografia brilhante e côncava. Velha de vestido branco, forte, sorridente, caneja e de saia muito curta; velho em mangas de camisa, bigode de guias pendentes e relógio de bolso com corrente. Os sogros. Viviam com a família do irmão de Dick em Juneau.

- Tens a certeza de que não queres fumar?

Ela fumava. Era a primeira vez que a via fumar. Streng verboten no tempo de Humbert o Terrível. Graciosamente, numa neblina azul, Charlotte Haze levantou-se da sepultura.

Encontrá-lo-ia por intermédio do tio Ivory, se ela recusasse.

- Atraiçoei-te? Não.

Atirou a ponta do cigarro para a chaminé, com um piparote do dedo indicador, exatamente como a mãe costumava fazer, e depois, igualmente como a mãe, oh, meu Deus, raspou com a unha um fragmento de mortalha que se colara ao lábio inferior. Não, ela não me atraiçoara. Encontrava-me entre amigos. Edusa avisara-a de que Cue gostava de rapariguinhas, de fato (lindo fato), uma vez até estivera quase a ser preso, e ele sabia que ele sabia. Sim... Cotovelo na palma da mão, sorriso, fumo exalado, gesto rápido. Cada vez mais reminiscente. Ele via - sorriso - através de tudo e todos, porque não era como eu ou ela e, sim, um gênio. Um tipo formidável. Divertidíssimo. Quase rebentara a rir quando ela Lhe contara o que se passava entre nós, e dissera que já desconfiava disso. Não houvera perigo em dizer-lhe, dadas as circunstâncias...

Bem, Cue... todos o tratavam por Cue.

No acampamento, havia cinco anos. Curiosa coincidência... Levara-a a um rancho turístico, a cerca de um dia de automóvel de Elephant (Elphinstone). Como se chamava? Um nome idiota qualquer... Duk Duk Ranch-tu sabes, perfeitamente idiota-, mas agora não

interessava, aliás, porque desaparecera, desintegrara-se. Palavra, eu não podia imaginar como aquele rancho era maravilhoso, queria dizer, tinha tudo, mas tudo, até uma queda de água. Lembrava-me do tipo ruivo com quem nós (o nós" era bom) jogáramos uma vez um pouco de tênis? Bem, o rancho pertencia, na realidade, ao irmão do Red, mas ele cedera-o ao Cue, para o Verão. Quando ela e Cue chegaram, os outros submeteram-nos a uma cerimónia da coroação e depois... um tremendo mergulho, como quando se passa o equador. Tu sabes como é. Revirou os olhos, num gesto de sintética resignação.

- Continua, por favor.

Bem, a ideia tinha sido que ele a levaria em Setembro para Hollywood, a fim de ser submetida a um teste, um papelito numa cena de tênis de um filme baseado numa peça dele - Golden Guts -, e talvez até a pusesse a dobrar uma das suas starlets sensacionais na quadra de tênis iluminada pelos projetores. Mas, infelizmente, isso nunca sucedera.

- Onde está agora o cevado?

Ele não era cevado nenhum. Era um tipo formidável, em muitos aspectos. Mas enfrascava-se em álcool e em drogas. E, claro, era um fracasso completo em questões de sexo, e os seus amigos eram seus escravos. Eu não podia imaginar (Eu, Humbert, não podia imaginar!) o que eles todos tinham feito no Duk Duk Ranch. Ela recusara-se a participar, porque o amava, e ele pusera-a na rua.

- Que coisas fizeram?

- Oh, coisas esquisitas, porcas, fantasias! Quero dizer, ele tinha duas raparigas e dois rapazes, e três ou quatro homens, e a ideia era que nos misturássemos todos, nus, enquanto uma velha filmava. (A Justina de Sade começara com doze anos.)

- Que coisas, exactamente?

- Ora, coisas!... Oh, eu... francamente eu... - proferiu o eu, como um grito abafado, enquanto parecia escutar a fonte do sofrimento, e, por falta de palavras, esticou os cinco dedos da mão que se movia para cima e para baixo, angulosamente. Não, desistia, recusava-se a entrar em pormenores, com aquele bebê dentro dela.

Tinha lógica.

- Agora já não tem importância nenhuma - declarou, afofando uma almofada cinzenta com a mão e deitando-se, de barriga para o ar, no divã. - Coisas malucas, coisas porcas. Disse que não, "não vou... (empregou, com toda a despreocupação, um repugnante termo de calão que, literalmente traduzido em francês, significaria souffler)... os seus nojentos rapazes, porque só o quero a si". Bem, pôs-me fora com um pontapé.

Pouco mais havia a dizer. Naquele Inverno de 1949, Fay e ela tinham arranjado emprego. Durante quase dois anos ela havia... enfim, andado por aí, trabalhando em restaurantes de terras pequenas, e depois conhecera Dick. Não, não sabia onde o outro estava. Em Nova Iorque, supunha. Era tão famoso que, claro, o teria encontrado imediatamente, se quisesse. Fay tentara regressar ao rancho, mas já não existia - ardera por completo,
não restava nada, apenas um monte de restos queimados. Era tão estranho, tão estranho...

Fechou os olhos e abriu a boca, reclinada na almofada e com um pé, de chinelo enfiado, no chão. Dada a inclinação do soalho, uma pequena esfera de aço rolaria até à cozinha. Já sabia tudo quanto queria saber. Não tinha intenção nenhuma de torturar a minha querida. Algures, para lá da barraca de Bill, um rádio começara a transmitir uma canção de loucura e destino, e ali estava ela com as suas feições arruinadas, e as suas mãos adultas, estreitas e de veias grossas, e os seus braços brancos com pele de galinha, e as suas orelhas

pequeninas, e as suas axilas descuidadas, ali estava ela (a minha Lolita!), irremediavelmente gasta aos dezessete anos, com aquele bebê já a sonhar, no seu ventre, que viria a ser um tipo importante e se reformaria cerca do ano 2020 d. C. - e eu olhava-a, olhava-a, e sabia, de ciência tão certa como sei que morrerei, que a amava mais do que tudo que jamais vira ou imaginara neste mundo ou esperara no outro. Ela era apenas a leve fragrância violeta, o suave eco de folha morta da ninfeta, em que, no passado, me cevara com tão loucos gritos de prazer; um eco na margem de uma ravina avermelhada, com um bosque distante sob um céu branco, e folhas castanhas a entupir o ribeiro, e um derradeiro grito nas ervas secas... mas, graças a Deus, não era só esse eco que eu adorava. O que, outrora, amimara entre as vides emaranhadas do meu coração,mon grand péché radieux, reduzira-se à sua essência: vício estéril e egoísta, tudo isso suprimi e amaldiçoei. Podem rir-se de mim, e ameaçar que mandam evacuar a sala do tribunal, mas enquanto não estiver amordaçado e meio asfixiadocontinuarei a gritar a minha verdade. Insisto em que o mundo saiba quanto amei a minha Lolita, esta Lolita pálida e maculada e prenhe com o filho de outro, mas ainda de olhos cinzentos, ainda de pestanas fuliginosas, ainda de tom ruivo e amêndoa, ainda Carmencita, ainda minha. Changeons de vie, ma Carmen, allons vivre quelque part où nous ne serons jamais séparés. Oaio? Nos desertos do Massachusetts? Não importa. Mesmo que aqueles seus olhos perdessem o brilho e se tornassem míopes como os de um peixe, e os seus mamilos engrossassem e estalassem, e o seu jovem, encantador, veludíneo e delicado delta ficasse manchado e dilacerado... mesmo assim bastaria ver a tua cara pálida e bonita, bastaria ouvir o som da tua voz jovem e rouca para eu enlouquecer de ternura, minha Lolita.

- Lolita, isto poderá ser descabido, mas tenho de o dizer. A vida é muito curta. Daqui até àquele velho carro que tão bem conheces são vinte, vinte e cinco passos. É uma caminhada
muito breve. Dá esses vinte e cinco passos. Agora. Imediatamente. Assim mesmo como estás. E viveremos felizes para sempre.

Carmen, voulez-vous venir avec moi?

- Queres dizer - perguntou, abrindo os olhos e soerguendo-se ligeiramente, como uma serpente pronta para atacar -, queres dizer que só (nos) darás esse dinheiro se eu for contigo para um motel? É isso que queres dizer?

- Não, compreendeste mal. Quero que deixes o teu acidental Dick e este horrível buraco e vás viver comigo, e morrer comigo, e tudo comigo (ou palavras semelhantes).

- És louco - afirmou, desfigurada.

- Pensa bem, Lolita. Sem condições nenhumas. Exceto, talvez... bem, não importa. (Queria dizer a suspensão de uma sentença, mas não disse.) De qualquer modo, mesmo que recuses,
receberás o teu... trousseau.

- Deveras? - perguntou Dolly.

Entreguei-lhe um sobrescrito com quatrocentos dólares em dinheiro e um cheque de mais três mil e seiscentos dólares.

Desajeitadamente, hesitantemente, recebeu mon petit cadeau, e depois a sua testa adquiriu um bonito tom rosado.

- O quê, dás-nos quatro mil dólares?

Cobri o rosto com a mão e derramei as lágrimas mais ardentes da minha vida. Sentia-as escorrer através dos meus dedos e pelo queixo abaixo, queimando-me, o nariz entupiu-se-me, não fui capaz de me controlar e, de súbito, ela tocou-me no pulso.

- Se me tocas, morro - afirmei. - Tens a certeza de que não vais comigo? Não há nenhuma esperança de que me acompanhes?
Responde-me só a isso.

- Não - respondeu. - Não, querido, não. Era a primeira vez que me chamava querido.

- Não - repetiu -, está absolutamente fora de questão. Mais depressa voltaria para o Cue. Quero dizer...

Calou-se, à procura das palavras adequadas, e eu murmurei-as mentalmente: "Ele despedaçou-me o coração. Tu apenas me arruinaste a vida."

- Acho... - o sobrescrito escorregou para o chão e ela apanhou-o - ... acho que é absolutamente formidável da tua parte dar-nos todo este dinheiro. Assim podemos liquidar tudo e partir para a semana. Pára de chorar, por favor. Devias compreender... Vou-te buscar mais cerveja. Oh, não chores! Tenho muita pena de ter mentido tanto, mas as coisas são assim..

Limpei o rosto e os dedos. Ela sorria ao cadeau. Exultava. Queria chamar o Dick. Disse-lhe que tinha de partir dentro de momentos e que não o queria ver. Tentamos encontrar um motivo de conversa qualquer. Não sei porquê, não parava de ver – a imagem tremia e brilhava como seda na minha retina húmida - uma radiosa garota de doze anos, sentada no limiar de uma porta, a atirar pedrinhas - ping! - para dentro de uma lata vazia. Quase perguntei, ao procurar uma observação casual qualquer: "Às vezes penso o que será feito da pequena Haze..." Por fim, voltei a falar de dinheiro. Aquela importância, expliquei-Lhe, representava mais ou menos o total da renda líquida da casa da mãe dela. "Não tinha sido vendida há anos?", perguntou-me. Não (confesso que lhe tinha dito isso, para cortar as ligações com R.); um advogado enviar-lhe-ia, mais tarde, uma discriminação completa da situação financeira, que era risonha: algumas das pequenas

acções que a mãe possuíra não tinham parado de subir. Sim, tinha de me ir embora. Tinha de partir, e de o encontrar, e de o destruir.

Como não sobreviveria ao contacto dos seus lábios, fui recuando, numa dança miudinha, a cada passo que ela e a sua barriga davam na minha direcção.

Ela e o cão acompanharam-me à porta. Surpreendeu-me (isto é apenas uma figura retórica, pois não me surpreendeu) que ficasse tão indiferente ao ver o velho automóvel em que viajara tanto como criança e ninfeta. Observou apenas que estava a ficar um bocado arroxeada nas guelras. Disse-Lhe que era dela, que eu podia regressar de autocarro, mas replicou-me que não fosse idiota, que partiriam de avião para Júpiter e comprariam lá um automóvel. Sugeri comprar-Lhe aquele por quinhentos dólares.

- Por este andar, não tardaremos a ser milionários - observou, dirigindo-se ao extasiado cão.

Carmencita, lui demandais-je...

- Uma última palavra - pedi, no meu horrível e meticuloso inglês. - Tens a certeza absoluta de que... bem, não digo amanhã, claro, nem depois de amanhã, mas... enfim, um dia, qualquer dia, não irás viver comigo? Criarei um deus novinho em folha e agradecer-lhe-ei com gritos penetrantes, se me deres essa microscópica esperança (qualquer coisa no género).

- Não - respondeu, sorrindo. - Não.

- Faria uma grande diferença se respondesses sim" – disse Humbert Humbert.

E então saquei da automática - quero dizer, isto é a idiotice que o leitor poderia imaginar que fiz. Mas nem sequer me passou pela cabeça.

- Ad-eus! - despediu-se, em tom cantante, o meu terno, imortal e morto amor americano; sim, porque ela está morta mas é imortal se estão a ler isto, pois foi esse o acordo formal que fiz com as chamadas autoridades.

Quando me afastei, no carro, ouvi-a gritar em voz vibrante ao seu Dick. O cão começou a saltar ao lado do automóvel como um golfinho gordo, mas era muito velho e muito pesado e não tardou a desistir.

Pouco depois, conduzia através da morrinha do dia moribundo, com os limpa-vidros a trabalhar a toda a velocidade, mas incapaz de se avir com as minhas lágrimas.

30

Deixando, como deixei, Coalmont cerca das quatro horas da tarde (pela Estrada X; não me lembro do número), podia ter chegado a Ramsdale ao nascer do dia, se um atalho não me tivesse tentado. Precisava de encontrar a Auto-Estrada Y. O meu mapa indicava gentilmente que logo a seguir a Woodbine, onde cheguei ao anoitecer, podia trocar a estrada pavimentada X pela estrada pavimentada Y se metesse por uma transversal de cascalho, a qual tinha apenas cerca de sessenta e cinco quilómetros, também segundo o mapa. Caso contrário, teria de seguir pela X mais cento e cinquenta quilómetros e depois meter pela ziguezagueante e lenta Z, para chegar à Y e ao meu destino. No entanto, o atalho em questão foi-se tornando gradualmente pior, mais esburacado e mais enlameado, e quando tentei voltar para trás, após uns quinze quilômetros de progresso peticego, tortuoso e a passo de tartaruga, o meu velho e cansado Melmoth atolou-se profundamente em barro. Vi-me cercado de escuridão, humidade e desespero. Os meus faróis iluminavam uma larga vala cheia de água. O terreno circundante, se algum existia, era um deserto negro. Tentei libertar-me, mas as rodas da rectaguarda limitavam-se a gemer, atascadas em lama e angústia. Amaldiçoando a minha sorte, despi a vestimenta fina, enfiei umas calças práticas e a camisola crivada de balas e percorri, mais ou menos a vau, mais de seis quilómetros, até uma quinta da beira da estrada. Começou a chover, no caminho, mas não tive forças para retroceder e ir buscar o impermeável. Estes e outros incidentes convenceram-me de que o meu coração é fundamentalmente saudável, não obstante os recentes

diagnósticos. Cerca da meia-noite, um pronto-socorro desatolou-me o carro, regressei à estrada X e segui o meu caminho. Uma hora depois, o cansaço extremo venceu-me, numa cidadezinha anónima. Encostei à berma da estrada e, às escuras, bebi longamente por um frasco amigo.

A chuva parara alguns quilómetros atrás. Estava uma noite quente e negra, algures nos Apalaches. De vez em quando cruzavam-se comigo outros automóveis: luzes vermelhas a afastar-se, luz branca dos faróis a aproximar-se. Mas a cidade estava morta. Ninguém passeava e ria nos passeios, como na doce e jovial Europa costumavam fazer os cidadãos, em horas de folga. Encontrava-me sozinho a saborear a noite inocente e a suportar os meus terríveis pensamentos. Um receptáculo de arame, junto da berma, mostrava-se exigente quanto ao conteúdo aceitável: varreduras; papéis, nada de lixo. Letras luminosas vermelho-cereja assinalavam uma loja de artigos fotográficos. Um enorme termómetro, com o nome de um laxativo, residia pacatamente defronte de um drugstore. A Rubinovs Jewellery Company exibia na montra uma colecção de diamantes artificiais, reflectidos num espelho vermelho. Um relógio verde, iluminado, parecia flutuar nas ondas de roupa da Lavandaria Jiffy Jeff. Do outro lado da rua, uma garagem dizia, no sono, lubricidade genuflexão, mas emendava-se logo para Lubrificação Gulflex. Um avião, também cravejado de jóias Rubinov, passou, a roncar, no céu de veludo. Quantas cidades mortas durante a noite eu já vira! E aquela ainda não seria a última.

Permitam que divague um pouco; ele já se pode considerar destruído. Do outro lado da rua, a certa distância, luzes de néon acendiam-se e apagavam-se num ritmo duas vezes mais lento do que o do meu coração: os contornos do símbolo de um restaurante -

uma enorme cafeteira - explodiam, mais ou menos de segundo em segundo, num mar de vida esmeralda, e quando esta se extinguia substituíam-na letras vermelhas, que diziam Boa Comida,, mas a cafeteira continuava a distinguir-se, como sombra latente a provocar os olhos, antes da sua seguinte ressurreição esmeralda. Fazíamos sombrógrafos. Aquele burgo furtivo não ficava longe de Os Caçadores Encantados. Estava de novo a chorar, ébrio do passado impossível.

31

Passei o meu caso em revista na paragem solitária, para restaurar as forças, entre Coalmont e Ramsdale (entre a inocente Dolly Schiller e o jovial tio Ivory). Com suprema
simplicidade e clareza, vi-me e ao meu amor. As tentativas anteriores, nesse sentido, pareciam, por contraste, desfocadas. Dois anos antes, sob a orientação de um inteligente confessor de língua francesa a quem, num momento de curiosidade metafísica, entregara um soturno ateísmo protestante em troca de um antiquado cura papista, esperara deduzir, partindo do meu sentido do pecado, a existência de um Ser Supremo. Nessas manhãs geladas de um Quebeque rendilhado de geada, o bom padre dedicara-se-me com a maior ternura e compreensão. Estou-lhe infinitamente grato e à grande instituição que ele representava. Ai de mim, sentia-me incapaz de transcender o simples e humano facto de que, fosse qual fosse o alívio espiritual que eu pudesse encontrar, fossem quais fossem as eternidades litofânicas que me proporcionassem, nada poderia fazer esquecer à minha Lolita a concupiscência imunda que lhe infligira. A não ser que me consigam provar - a mim como sou agora, hoje, com o meu coração e a minha barba, e a minha putrefacção - que no curso infinito da vida não tem a mínima importância o facto de uma criança norte-americana chamada Dolores Haze ter sido privada da sua infância por um maníaco, a não ser que isso possa ser provado (e, se puder, a vida é uma anedota), não encontro para tratamento da minha angústia nada mais do que a melancolia e o paliativo muito circunscrito da arte da palavra. Citando um velho

poeta: O senso moral dos mortais é o dever. Temos de pagar com o sentido mortal da arte.

32

Houve um dia, na nossa primeira viagem - no nosso primeiro circuito do Paraíso - em que, para gozar os meus fantasmas em paz, decidi firmemente ignorar o que não podia
deixar de compreender: que, para ela, não era um namorado, nem um homem sedutor, nem um camarada, nem sequer uma pessoa, e sim, apenas, dois olhos e um palmo de músculo ingurgitado - para mencionar somente as coisas mencionáveis. Houve um dia em que, depois de recusar cumprir a promessa funcional que lhe fizera na véspera (qualquer coisa em que o seu engraçado coraçãozinho tinha empenho - um ringue de patinagem com um piso especial de plástico ou uma matinée a que queria ir sozinha), vi por acaso, da casa de banho, graças a uma ocasional combinação de espelho inclinado e porta entreaberta, uma expressão no seu rosto... uma expressão que não consigo descrever exactamente... uma expressão de tão perfeito desespero que parecia transmutar-se gradualmente noutra de confortável inanidade, precisamente porque fora atingido o próprio limite da injustiça e da frustração - e cada limite pressupõe algo para além dele, daí a compreensão neutra. E, se tiverem em mente que se tratava das sobrancelhas arqueadas e dos lábios entreabertos de uma criança, poderão avaliar melhor os abismos de carnalidade calculada e o pensado desespero que me contiveram e impediram de cair aos seus queridos pés e desfazer-me em lágrimas humanas, e sacrificar o meu ciúme aos prazeres que Lolita esperasse, porventura, encontrar na companhia de crianças sujas e perigosas num mundo exterior que era real para ela.

Mas ainda tenho outras recordações sufocadas, que se desdobram agora em monstros de dor desprovidos de membros. Uma vez, numa rua de Beardsley envolta no poente, ela voltou-se para a pequena Eva Rosen (eu levava as duas ninfetas a um concerto e caminhava atrás delas, mas tão perto que quase lhes podia tocar com o meu corpo), voltou-se para Eva e, muito serena e seriamente, em resposta a qualquer coisa que a outra dissera acerca de ser melhor morrer do que ouvir Milton Pinski, um estudante qualquer que ela conhecia, falar de
música, a minha Lolita observou: - Sabes, o que há de tão terrível em morrer é que ficamos completamente entregues a nós próprias. Pensei então, enquanto os meus joelhos de autômato subiam e desciam que não sabia nada a respeito da mentalidade da minha querida e que, possivelmente, atrás dos horríveis clichés juvenis, havia nela um jardim e um crepúsculo, e o portão de um palácio, vagas e adoráveis regiões que me eram lúcida e absolutamente proibidas, nos meus farrapos poluídos e nas minhas miseráveis convulsões. Pois ocorreu-me muitas vezes que, vivendo como vivíamos, ela e eu, num mundo de mal absoluto, ficaríamos estranhamente embaraçados sempre que eu tentasse discutir qualquer coisa que ela e uma amiga mais velha, ela e uma pessoa de família, ela e um namorado autêntico e saudável, eu e Annabel, Lolita e um sublime, purificado, analisado, deificado Harold Haze poderiam discutir-uma ideia abstracta, um quadro, pontilhado Hopkins ou o esbulhado Baudelaire, Deus ou Shakespeare, fosse o que fosse
de natureza genuína. Boa vontade! Ela envolvia a sua vulnerabilidade em impudência ordinária e enfado, enquanto eu, utilizando nos meus comentários desesperadamente impessoais um tom de voz artificial que me irritava, provocava na minha interlocutora tais

explosões de rudeza que se tornava impossível continuar a conversa. Oh, minha pobre, minha magoada criança! Amava-te. Era um monstro pentápode, mas amava-te. Era desprezível e brutal, era torpe, era tudo, mais je t'aimais, je t'aimais! Ah, e havia ocasiões em que sabia o que sentias, e era um inferno sabê-lo, minha pequenina! Bonita Lolita, corajosa Dolly Schiller. Recordo-me de certos momentos - chamemos-lhes icebergues no Paraíso-em que, depois de me saciar dela-depois de fabulosos e insanos esforços que me deixavam inerte e manchado de azul -,a apertava nos braços com- finalmente - um gemido mudo de humana ternura (a sua pele brilhava à luz de néon do pátio, que entrava pelas fendas da gelosia, as suas pestanas negras estavam coladas umas às outras e os seus graves olhos cinzentos mais vazios do que nunca - era, para todos os efeitos, uma pequena doente ainda confusa da anestesia, depois de uma grande operação), e a ternura transformava-se em vergonha e desespero, e eu embalava a minha solitária e leve Lolita nos braços de mármore, e gemia no seu cabelo quente, e acariciava-a ao acaso, e suplicava-lhe mudamente a bênção, e no auge dessa angustiada e desinteressada ternura humana (com a minha alma veramente a pairar junto do seu corpo nu e pronta a arrepender-se), de repente, ironicamente, horrivelmente,a luxúria impunha-se de novo - e "oh, não!", gemia Lolita, com um suspiro para o céu, e no momento seguinte a ternura e o paraíso despedaçavam-se.

As ideias de meados deste século xx no tocante às relações criança-pais têm sido consideravelmente corrompidas pelo palavreado escolástico e pelos símbolos estandardizados do negócio psicanalítico, mas eu espero estar a dirigir-me a leitores imparciais. Uma vez, quando o pai de Avis buzinou a avisar que chegara para levar a sua pequenina para casa, senti-me obrigado

a convidá-lo a entrar para a sala e ele sentou-se um momento. Enquanto conversámos, Avis, uma garota pesadona, sem atractivos e afectuosa, chegou-se para ele e, pouco depois, sentou-se confortavelmente no seu joelho. Não me lembro se mencionei o facto de Lolita ter sempre um sorriso absolutamente fascinante para os estranhos, um terno semicerrar de olhos, uma doce e sonhadora radiância de todas as suas feições que não significava nada, evidentemente, mas que era tão belo, tão afectuoso, que se tornava impossível reduzir tanta doçura ao simples trabalho de um gene mágico que lhe iluminava automaticamente o rosto num símbolo atávico de qualquer antigo ritual de boas-vindas – prostituição hospitaleira, poderá comentar um leitor grosseiro. Bem, ela estava de pé, enquanto Mr. Byrd girava o chapéu nas mãos e conversava e... Imaginem a minha estupidez, esqueci-me de mencionar a principal característica do famoso sorriso de Lolita: o terno e nectarino sorriso, que lhe enchia a cara de covinhas, não se dirigia nunca ao estranho que se encontrava na sala: pairava, por assim dizer, no seu próprio vazio remoto e florido ou percorria, com míope suavidade, objectos ocasionais - e foi isso que aconteceu naquele momento: enquanto a gorda Avis se abeirava do seu papá, Lolita sorria ternamente a uma faca de fruta, que tacteava na borda da mesa, ao mesmo tempo que se encontrava a muitos quilómetros de mim. De súbito, quando Avis se agarrou ao pescoço do pai e, com um gesto casual, o homem enlaçou com um braço o seu avantajado rebento, vi o sorriso de Lolita perder toda a luminosidade e tornar-se uma pequena sombra petrificada de si próprio. No mesmo instante a faca da fruta escorregou da mesa e o cabo de prata bateu-lhe, sem grande força, no tornozelo, o que a levou a soltar um gemido abafado, baixar-se e, ao pé-coxinho e com aquela horrível careta que todas as crianças fazem antes de deixarem correr as lágrimas, saiu da sala –

imediatamente seguida e consolada na cozinha por Avis, que tinha um pai gorducho e rosado tão maravilhoso, e um querubínico irmãozinho, e uma irmãzinha bebé, e dois cães sorridentes, enquanto Lolita não tinha nada. Recordo-me de outra cena do gênero, também em Beardsley.

Lolita, que estivera a ler junto da lareira, espreguiçou-se e perguntou, num resmungo, de cotovelo ainda levantado: "Mas afinal onde está ela enterrada?" "Quem?" "Oh, sabes muito bem! A minha mãe assassinada." "E tu sabes onde é a sepultura", respondi, dominando-me, e depois indiquei o cemitério - logo à saída de Ramsdale, entre o caminho-de-ferro e o monte Lakeview. "Além disso", acrescentei, "a tragédia desse acidente é ridicularizada pelo epíteto que julgas por bem aplicar-Lhe. Se realmente desejas triunfar, no teu espírito, sobre a ideia da morte..." "Rra!" ,, exclamou Lolita, que queria dizer "hurra!", e saiu languidamente da sala. Durante muito tempo fiquei a olhar para o lume, com os olhos a arder. Depois peguei no livro que ela estivera a ler. Era uma porcaria qualquer, para gente nova, na qual havia uma rapariga tristonha, chamada Marion, e uma madrasta que, contra todas as expectativas, era uma ruiva jovem, alegre e compreensiva, que explicava a Marion que a mãe desta fora, na verdade, uma mulher heróica, pois dissimulara deliberadamente o amor pela filha, visto estar a morrer e não querer que Marion sentisse a sua falta. Não corri, a chorar, para o quarto dela. Preferi sempre a higiene mental da não interferência. Agora, debatendo-me com a minha própria memória e suplicando-lhe misericórdia, recordo-me de que, nessa e em ocasiões similares, tinha por hábito e método ignorar o estado de espírito de Lolita e confortar a minha própria vil pessoa. Quando a minha mãe, num lívido vestido húmido e sob a névoa que caía (era assim que a recordava claramente), correra,

ofegante, pela encosta acima do Moulinet, para aí ser fulminada por um raio, eu era apenas um bebé e, em retrospectiva, não pude atribuir a nenhum momento da minha juventude quaisquer anseios e nostalgias do tipo aceite, por muito selvaticamente que os psicoterapeutas insistissem nesse ponto, nos meus períodos posteriores de depressão. Mas admito que um homem com a minha imaginação não pode alegar ignorância pessoal de emoções que são universais. Talvez tenha, também, contado demasiado com as relações anormalmente frias entre Charlotte e a filha. Mas a horrível conclusão a que quero chegar com todos estes argumentos é a seguinte: tornara-se gradualmente evidente à minha convencional Lolita, durante a nossa singular e bestial coabitação, que até a mais miserável das vidas familiares era melhor do que a paródia de incesto que, no fim de contas, era também o melhor que eu podia oferecer à desamparada criança.

33

Ramsdale revisitada. Entrei pelo lado do lago. O soalheiro meio-dia era todo olhos. Enquanto avançava no meu carro salpicado de lama, distinguia cintilações de água diamantina entre os pinheiros distantes. Entrei no cemitério e caminhei entre os pequenos e grandes monumentos de pedra. Bonzhur, Charlotte. Nalgumas das sepulturas havia pálidas e transparentes bandeirinhas nacionais, imóveis no ar parado, sob as sempre-verdes. Jesus, Ed, que pouca sorte!... Referia-me a G. Edward Grammar, um gerente de escritório de Nova Iorque, de trinta e cinco anos, que acabava de assassinar a mulher, de trinta e três anos, Dorothy. Com pretensões a praticar um crime perfeito, Ed matara-a à cacetada e metera-a num automóvel. O caso veio a lume quando dois polícias do condado, em serviço de patrulhamento, viram o novo grande Chrysler azul de Mrs. Grammar, presente de aniversário do marido, descer veloz e loucamente uma encosta, ainda dentro da sua jurisdição (Deus abençoe os nossos bons polícias!). O carro bateu de raspão num poste, subiu um aterro coberto de erva, morangos silvestres e cinco-folhas, e virou-se. As rodas ainda giravam devagarinho, sob a luz suave do Sol, quando os polícias retiraram o corpo de Mrs. G. Ao princípio, pareceu tratar-se de um acidente de viação rotineiro. Mas, infelizmente, o cadáver maltratado da mulher não condizia com os estragos sofridos pelo carro, todos de pouca monta. Eu tive mais sorte.

Segui o meu caminho. Causou-me uma sensação estranha rever a esguia igreja branca e os enormes olmos. Esquecendo-me de que numa rua solitária um

peão solitário dá mais nas vistas do que um motorista solitário, deixei o carro na avenida a fim de passar, sem ser notado, pela Lawn Street, 342. Antes da grande sangueira, considerava-me com direito a um pequeno alívio, a um espasmo catártico de regurgitação mental. Fechadas estavam as gelosias brancas da mansão do ferro-velho, e alguém pendurara uma fita preta de veludo, de cabelo, no letreiro branco de VENDE-SE, que pendia para o passeio.

Não ladrou nenhum cão. Não telefonou nenhum jardineiro. Não se encontrava nenhuma Miss Defronte sentada no alpendre coberto de trepadeiras - onde, com desagrado do transeunte solitário, duas mulheres jovens, de rabo-de-cavalo e aventais às pintas, interromperam o que quer que faziam para olhar para ele. A velha senhora devia ter morrido há muito tempo, sem dúvida, e aquelas deviam ser as suas sobrinhas gémeas de Filadélfia.

Deveria entrar na minha antiga casa? Como num conto de Turgueniev, saía de uma janela aberta uma torrente de música italiana - era a janela da sala. Que romântica alma tocava piano, quando nenhum piano tocara naquele enfeitiçado domingo, com o sol a banhar-lhe as adoradas pernas? De súbito, reparei que, do relvado que aparara, olhava para mim, com uma expressão fascinada nos grandes olhos negro-azulados, uma ninfeta de pele dourada e cabelo castanho, de nove ou dez anos. Disse-lhe qualquer coisa agradável sem nenhuma má intenção, um cumprimento cortês, como tens uns bonitos olhos, mas ela retirou-se apressadamente, a música parou de repente e um homem moreno, de aspecto violento e a reluzir de suor, apareceu à porta e lançou-me um olhar furioso. Ia a identificar-me quando, tremendamente embaraçado, tive consciência das minhas calças cheias de lama, da camisola suja e rasgada, da barba de dois dias e dos

olhos de vadio, injectados de sangue. Sem dizer uma palavra, retrocedi pelo
caminho que trouxera. Numa fenda recordada do passeio nascia uma flor anémica, tipo áster. Sossegadamente ressuscitada, Miss Defronte chegava, empurrada pelas sobrinhas, ao alpendre, como se estivesse a representar uma peça de que eu era o protagonista. Pedindo a todos os santinhos que ela não me chamasse, estuguei o passo a caminho do carro. Que ruazinha tão íngreme! Que comprida avenida! Entre os limpa-vidros e o pára-brisas estava um aviso vermelho, que rasguei cuidadosamente em dois, quatro e oito bocados.

Sentindo que estava a perder o meu tempo, dirigi-me, a guiar energicamente, para o hotel do centro aonde chegara, com uma alma nova, havia mais de cinco anos. Aluguei um quarto, marquei dois encontros pelo telefone, barbeei-me, tomei banho, vesti-me de preto e fui tomar uma bebida ao bar. Nada mudara. A sala do bar estava iluminada pela mesma impossível e vaga luz vermelho-romã, que havia anos, na Europa, era característica de antros mal afamados, mas que ali emprestava apenas um pouco de atmosfera a um hotel tipo familiar. Sentei-me à mesma mesinha onde, no princípio da minha estada, imediatamente após ter-me tornado inquilino de Charlotte, achara conveniente celebrar a ocasião compartilhando com ela meia garrafa de champanhe, que, fatalmente, conquistara o seu pobre coração transbordante. Como então, um criado de cara de lua dispunha, com estelar cuidado, cinquenta cálices de xerez numa bandeja redonda, para uma festa de casamento. Fantasia Murphy; desta vez. Faltavam oito minutos para as três. Ao atravessar o átrio tive de contornar um grupo de senhoras que, com mille grâces, se despediam umas das outras, depois de um almoço. Uma delas caiu-me em cima, com um grito áspero de

reconhecimento. Era uma mulher baixa e forte, de vestido cinzento-pérola e uma pluma cinzenta, fina e comprida, no chapelinho. Mrs. Chatfield. Atacou-me com um falso sorriso, toda incendiada de perversa curiosidade. (Teria eu feito, talvez, a Dolly o que Frank Laselle, um mecânico de cinquenta anos, fizera a Sally Horner, de doze anos, em 1948?) Não tardei a controlar aquele ávido sorriso. Ela pensava que me encontrava na Califórnia. Como estava...? Com refinado prazer, informei-a de que a minha enteada acabava de casar com um brilhante jovem engenheiro de minas, que tinha um emprego de caráter secreto no Noroeste. Declarou-me desaprovar que as raparigas casassem tão cedo e que nunca deixaria a sua filha Phyllis, então com dezoito anos...

- Ah, sim, lembro-me da Phyllis! - interrompi, calmamente.Phyllis e o Acampamento Q. Sim, certamente. A propósito, ela alguma vez lhe contou como Charlie Holmes corrompia as raparigas confiadas ao cuidado da mãe?

O sorriso já amarelo de Mrs. Chatfield desintegrou-se por completo.

- Devia ter vergonha, Mr. Humbert, devia ter vergonha! O pobre rapaz acaba de ser morto na Coreia.

Disse-lhe que tinha de ir andando e deixei-a.

Dali ao escritório de Windmuller eram apenas dois quarteirões. O advogado cumprimentou-me com um aperto de mão muito lento, muito forte e muito inquiridor. Julgava que eu estava na Califórnia. Não residira durante uns tempos em Beardsley? A filha acabava de se matricular na Universidade de Beardsley. E como estava...? Dei-lhe todas as informações necessárias acerca de Mrs. Schiller. Tivemos uma agradável conversa de negócios e quando saí para o sol quente de Setembro estava transformado num indigente satisfeito.

Agora que resolvera todos os assuntos, podia dedicar-me livremente ao principal objectivo da minha visita a Ramsdale. À maneira metódica de que sempre me prezei, mantivera a cara de Clare Quilty oculta na minha masmorra escura, onde ele aguardava que eu chegasse com barbeiro e padre: "Réveillez-vous, Laqueue, il est temps de mourir!" Neste momento não tenho tempo para discutir a mnemônica da fisiognomização - vou a caminho da casa do tio dele e a andar depressa -, mas permitam-me um breve pensamento: conservara no álcool de uma memória enevoada a imagem repulsiva de um rosto. Alguns breves vislumbres tinham-me permitido notar uma ligeira semelhança com um alegre e muito repelente negociante de vinhos, um suíço meu parente. Com os seus alteres, o seu fedorento fato de malha, os seus braços gordos e cabeludos, a sua cabeça calva e a sua criada-concubina de rosto porcino, era, de modo geral, um velho patife inofensivo.
Tão inofensivo, até, que não podia ser confundido com a minha presa. No estado de espírito em que naquele momento me encontrava, perdera o contacto com a imagem de Trapp, que fora completamente avassalada pelo rosto de Clare Quilty – pelo rosto representado, com precisão artística, numa fotografia emoldurada que o tio tinha em cima da secretária.

Em Beardsley submetera-me a uma séria operação odontológica, às mãos do encantador Dr. Molnar, e tinha ficado apenas com alguns dentes da frente, em cima e em baixo. Os substitutos dependiam de um sistema de placas dotadas de uma engenhoca de arame, que não se via e corria ao longo das minhas gengivas superiores. Tratava-se de uma obra-prima de conforto e os meus caninos encontravam-se de perfeita saúde. No entanto, para dar ao meu objectivo secreto um pretexto plausível, disse ao Dr. Quilty que, na esperança de aliviar as

nevralgias faciais, resolvera tirar os dentes todos. Quanto custaria uma dentadura completa? Quanto tempo levaria todo o processo, presumindo que fixávamos a primeira consulta para um dia de Novembro a combinar? Onde se encontrava agora o seu famoso sobrinho? Seria possível arrancar os dentes todos que me restavam numa única e dramática sessão?

Homem grisalho, de bata branca, cabelo em escova e grandes faces planas de político, o Dr. Quilty empoleirou-se numa ponta da secretária, um pé a balouçar sonhadora e sedutoramente, enquanto desenvolvia o seu glorioso plano de longo alcance. Primeiro fornecer-me-ia placas provisórias, até as gengivas calejarem. Depois faria uma dentadura definitiva. Gostava de dar uma vista de olhos à minha boca. Usava sapatos de duas cores, perfurados. Não via o patife do sobrinho desde 1946, mas supunha que ele se encontrava na residência ancestral, na Grimm Road, não muito longe de Parkington. Era um sonho nobre. O seu pé continuava a balançar e o seu olhar parecia inspirado. Custar-me-ia cerca de seiscentos dólares. Achava aconselhável tirar imediatamente um molde, a fim de fazer o primeiro jogo antes de começar a extrair os dentes. A minha boca era, para ele, uma caverna explêndida, cheia de tesouros valiosíssimos, mas eu não Lhe franqueei a entrada.

- Não - declarei. - Pensando melhor, encarregarei o Dr. Molnar do trabalho. O seu preço é mais elevado, mas ele é, evidentemente, muito melhor dentista do que você.

Não sei se algum dos meus leitores terá, jamais, ensejo de dizer uma coisa destas. Causa uma deliciosa sensação de sonho. O tio de Clare continuou sentado na ponta da secretária, ainda com ar sonhador, mas o seu pé deixou de embalar o berço da rósea expectativa. Por outro lado, a sua enfermeira, uma rapariga esquelética e fanada, com os olhos trágicos das louras frustradas,

correu atrás de mim, para ter a certeza de que me batia com a porta nas costas.

Mete o carregador na coronha. Empurra bem, até ouvires o estalido do fecho prender. Deliciosamente aconchegado. Capacidade: oito balas. Prontinho. Ansioso por disparar.

34

O empregado do posto de gasolina de Parkington explicou-me com muita clareza o caminho para a Grimm Road. Desejando ter a certeza de que encontraria Quilty em casa,
tentei telefonar-Lhe, mas informaram-me de que o seu telefone particular fora recentemente desligado. Significaria isso que partira? Pus-me a caminho da Grimm Road, que ficava cerca de vinte quilómetros ao norte da cidade. Nessa altura a noite já eliminara a maior parte da paisagem, e, à medida que eu seguia a estrada estreita e sinuosa, uma série de postes curtos, fantasmagoricamente brancos e com refletores, aproveitava a luz dos meus próprios faróis para assinalar esta ou aquela curva. Distingui um vale escuro, de um lado da estrada, e encostas arborizadas, do outro. Em frente, como flocos de neve, mariposas saíam da escuridão e lançavam-se na minha aura esquadrinhadora. Ao chegar ao vigésimo quilometro, como me tinham dito, uma ponte curiosamente coberta ocultou-me durante um momento e, para lá dela, avistei, à direita, um rochedo caiado de branco. Um pouco mais adiante, e do mesmo lado, saí da estrada e meti pela Grimm Road, que não era pavimentada. Durante uns dois minutos foi tudo humidade, trevas, floresta densa. Depois ergueu-se numa clareira circular a Mansão Pavor, uma casa de madeira com uma torre. As suas janelas estavam iluminadas de amarelo e vermelho e meia dúzia de automóveis obstruíam o caminho de acesso. Parei sob o abrigo das árvores e desliguei os faróis, para estudar cuidadosamente a jogada seguinte. Ele devia estar rodeado pelos seus lacaios e pelas suas

prostitutas. Não pude deixar de imaginar o interior daquele castelo festivo e decrépito em termos de Adolescência Perturbada, história de uma das revistas dela: orgias" vagas, um adulto sinistro de charuto na boca, drogas e guarda-costas. Pelo menos ele estava ali. Voltaria na letárgica manhã.

Devagarinho, regressei à cidade, naquele velho e fiel carro que trabalhava para mim serenamente, quase alegremente. Minha Lolita! Nas profundezas do compartimento das luvas ainda se encontrava um dos seus ganchos de cabelo, havia quase três anos. Voltei a encontrar a nuvem de pálidas mariposas, aspiradas da noite pelos meus faróis. Aqui e ali, ainda se viam velhos barracões, à beira da estrada. As pessoas ainda iam a caminho do cinema. Enquanto procurava alojamento para passar a noite, passei por um drive-in. Numa luminosidade selenítica, deveras mística em contraste com a noite escura e sem lua, via-se um écrã gigantesco, ligeiramente inclinado entre os campos escuros e adormecidos, e, nele, um esguio fantasma ergueu uma pistola, ele e o braço reduzidos a trémula água de lavar louça, devido ao ângulo oblíquo daquele mundo que recuava. No momento seguinte, um renque de árvores ocultou a gesticulação.

35

De manhã, parti da mansão da insónia às oito horas, mais ou menos, e passei algum tempo em Parkington. Atormentavam-me, obsessivas, visões de um possível malogro da execução. Receoso de que as balas da automática se tivessem deteriorado durante uma semana de inactividade, substituí-as por outras. Dei um tal banho de óleo à camaradinha, que fiquei todo besuntado. Envolvi-a num trapo, como um membro ferido, e servi-me de outro trapo para embrulhar um punhado de balas sobressalentes.

Uma trovoada acompanhou-me durante a maior parte do caminho para a Grimm Road, mas quando cheguei à Mansão do Pavor o Sol brilhava de novo, a arder como um homem, e os pássaros chilreavam nas árvores molhadas e fumegantes. A casa arrebicada e decrépita parecia erguer-se numa espécie de névoa, como se reflectisse o meu próprio estado de espírito - pois não pude deixar de me aperceber, quando os meus pés tocaram no solo fofo e inseguro, que exagerara na estimulação alcoólica.

Um silêncio reservadamente irónico acolheu o meu toque de campainha. No entanto, o carro dele estava na garagem – um descapotável preto, para variar. Experimentei a aldrava.

Re-silêncio. Com um rosnido petulante, empurrei a porta principal... e, que agradável, abriu-se, como num conto de fadas medieval. Depois de a fechar devagarinho, atravessei um

vestibulo muito espaçoso e muito feio. Espreitei numa sala adjacente, reparei numa quantidade de copos que

pareciam nascer da carpete e disse para comigo que o senhor ainda estava a dormir no quarto senhorial.

Por isso, subi a escada. A minha mão direita agarrava a embrulhada camaradinha, na algibeira; a esquerda agarrava-se ao pegajoso corrimão. Dos três quartos que inspeccionei, um fora, sem dúvida, ocupado naquela noite.

Havia uma biblioteca cheia de flores. Havia uma sala quase vazia, com espelhos altos e amplos e uma pele de urso polar no chão escorregadio. Havia ainda outras divisões. Acudiu-me uma ideia agradável. Se e quando o senhor regressasse do seu passeio higiênico pela floresta, ou emergisse de qualquer secreto fojo, talvez fosse conveniente para um pistoleiro pouco seguro de si e com um grande trabalho à frente impedir que o seu companheiro de folguedo se fechasse à chave num quarto. Consequentemente, durante pelo menos cinco minutos, lucidamente louco e loucamente calmo, caçador encantado e muito ébrio, andei a tirar as chaves que encontrei nas fechaduras e a metê-las na algibeira, com a mão esquerda livre. Em virtude de ser antiga, a casa fora concebida para proporcionar mais intimidade do que os modernos caixotes deslumbrantes, onde a casa de banho, única divisão fechável", tem de ser utilizada para as furtivas necessidades da paternidade planeada.

Por falar de casas de banho, ia a entrar numa terceira quando o senhor saiu dela, deixando atrás de si uma pequena e breve queda de água. A esquina de um corredor não me ocultou por completo. De rosto pardacento, olhos opacos e ralo cabelo desgrenhado, mas perfeitamente reconhecível, passou por mim vestindo um roupão cor de púrpura, muito semelhante a um que eu tinha. Ou não me viu, ou considerou-me qualquer familiar e inofensiva alucinação a que não ligava a mínima importância. Mostrando as peludas

barrigas das pernas, desceu a escada comum sonâmbulo. Meti a última chave na algibeira e segui-o, a caminho do vestíbulo da entrada. Entreabrira a boca e a porta principal e espreitara pela fresta luminosa de sol, como alguém que julga ter ouvido um visitante pouco interessado tocar à campainha e retirar-se. Depois, continuando a ignorar o fantasma de impermeável que parara no meio da escada, o senhor entrou num boudoir aconchegado, que ficava defronte da sala - através da qual, com toda a calma, pois sabia-o seguro, me afastei dele, numa cozinha-bar, desembrulhei desajeitadamente a suja camaradinha, tomando cuidado para não deixar marcas de óleo nos cromados - creio que me enganara no produto que utilizara, que era preto e sujava tudo. Com a meticulosidade habitual, transferi a nua camaradinha para um recesso limpo da minha pessoa e dirigi-me para o pequeno boudoir. Os meus passos, como já disse, eram vacilantes - talvez demasiado vacilantes, até, para que a minha missão tivesse êxito. Mas o meu coração batia com uma alegria tigrina e esmaguei um copo de cocktail debaixo dos pés.

O senhor foi ao meu encontro na sala oriental.

- Quem é você? - perguntou em voz alta e áspera, de mãos enfiadas nas algibeiras do roupão e olhos fixos num ponto a nordeste da minha cabeça. - É, por acaso, Brewster?

Tornou-se evidente que o tipo estava meio drogado e completamente à minha mercê, como se costuma dizer. Podia-me divertir.

- Exacto - respondi, em tom suave. - Je suis Monsieur Brustère. Conversemos um bocadinho, antes de começarmos.

Pareceu satisfeito. O seu fino bigode estremeceu. Despi o impermeável e fiquei de fato e camisa pretos, sem gravata. Sentámo-nos em duas poltronas.

- Sabe - disse-me ele, a coçar ruidosamente a cara carnuda e áspera de barba e mostrando os dentes pequenos, perolinos, num sorriso velhaco -, não parece o Jack Brewster. Quero dizer, a semelhança não é particularmente notável. Não sei quem me disse que ele tinha um irmão na mesma companhia de telefones.

Tinha-o encurralado, depois daqueles anos de arrependimento e raiva... Olhar para os cabelos pretos das costas das suas mãos sapudas... Vaguear com cem olhos pela seda púrpura e pelo peito hirsuto, antevendo as perfurações, o sangue e a música da dor... Saber que aquele aldrabão semianimado e sub-humano que sodomizara a minha querida... oh, minha querida, meu amor, era uma felicidade intolerável!

- Não, creio que não sou nenhum dos Brewsters.
Inclinou a cabeça, parecendo mais contente do que nunca.

- Tenta de novo adivinhar, Polichinelo.

- Não veio, então, maçar-me por causa daqueles telefonemas de longa distância?

- Fá-los umas vezes por outras, não faz?

- Perdão.

Disse-lhe que tinha dito pensar que ele dissera que nunca...

- As pessoas, as pessoas em geral, não o estou a acusar a você, Brewster, mas creia que é absurda a maneira como as pessoas invadem esta maldita casa sem baterem, ao menos.
Servem-se da vaterre, servem-se da cozinha, servem-se do telefone... Recuso-me a pagar. Tem um sotaque esquisito, capitão.

- Quilty, recorda-se de uma rapariguinha chamada Dolores Haze, Dolly Haze. Dolly de nome Dolores, Colorado.

- Claro, deve ter sido ela que fez essas chamadas! Para qualquer lado. Paraíso, Washington, Canyon do Inferno.

Quem se importa?
- Importo-me eu, Quilty. Já vê, sou o pai dela.
- Que disparate! Não é nada o pai dela. É algum agente literário estrangeiro. Uma vez, um francês traduziu a minha Proud Flesh por La Fierté de la Chair. Absurdo!
- Ela era minha filha, Quilty.

No estado em que se encontrava, não havia, na verdade, nada que o pudesse surpreender. Mas a sua atitude fanfarrona não era totalmente convincente... Uma espécie de vaga desconfiança deu-lhe aos olhos uma aparência de vida. Mas foi sol de pouca dura e ficaram de novo mortiços.
- Também sou muito amigo de crianças e os pais contam-se entre os meus melhores amigos - afirmou.

Virou a cabeça, à procura de qualquer coisa, tacteou nas algibeiras e tentou levantar-se.
- Para baixo! - ordenei, aparentemente muito mais alto do que era necessário.
- Não precisa de berrar comigo! - protestou, no seu estranho modo efeminado. - Queria apenas um cigarro. Morro por um cigarro.
- Morrerá de qualquer maneira.
- Deixe-se de asneiras, que começa a aborrecer-me. Que quer? É francês, mister? Quem é você, afinal? Vamos até ao barzinho tomar uma...

Viu uma pequena arma depositada na minha mão, como se lha oferecesse.
- Oh, tem aí uma armazinha catita! - exclamou, a imitar a linguagem arrastada dos bandidos dos filmes. - Quanto quer por ela?

Dei-lhe uma palmada na mão estendida e ele derrubou uma caixa que se encontrava numa mesinha, a seu lado, e que ejectou um punhado de cigarros.
- Cá estão eles! - exclamou, alegremente. - Lembra-se de Kipling? Une femme est une femme, mais um Caporal est une cigarrette. Agora precisamos de fósforos.

- Quilty, quero que se concentre. Vai morrer daqui a momentos. O Além, pelo que sabemos, pode ser um estado eterno de tormentosa insanidade. Fumou ontem o seu último cigarro.
Concentre-se. Tente compreender o que lhe está a acontecer.

Começou a desfazer o cigarro Drome e a mascar bocados de tabaco.

- Estou disposto a tentar - afirmou. - Você ou é australiano ou refugiado alemão. Acha que pode falar comigo? Esta é a casa de um gentio, sabe? Talvez seja melhor ir-se embora. E pare de exibir essa arma. Tenho uma antiga Stern-Luger na sala de música.

Apontei a camaradinha aos seus pés enfiados em chinelos e premi o gatilho. Ouviu-se um estalido. Ele olhou para os pés, para a pistola e de novo para os pés. Fiz outro esforço tremendo e, com um estampido ridiculamente frágil e juvenil, a arma disparou. A bala penetrou no espesso tapete cor-de-rosa e eu tive a paralisante impressão de que o projéctil era muito capaz de voltar a sair.

- Compreende agora o que eu queria dizer? - perguntou-me Quilty. - Devia ter um pouco mais de cuidado. Deixe-me ver essa coisa, pelo amor de Deus.

Estendeu a mão e eu empurrei-o para a cadeira. A inebriante alegria do princípio estava a desvanecer-se. Já era mais que tempo de o destruir, mas ele tinha de compreender por que era
destruído.

O seu estado contagiava-me, começava a sentir a arma pesada e inerte na mão.

- Concentre-se no pensamento de Dolly Haze, que raptou...

- Não raptei nada! - protestou. - Está absolutamente equivocado. Salvei-a da besta de um pervertido. Mostre-me a sua identificação como polícia, em vez de disparar

para os meus pés, seu macaco! Onde está a identificação? Não sou responsável pelos estupros dos outros. Absurdo! Aquela passeata alegre foi uma brincadeira idiota, admito, mas ela voltou para si, não voltou? Ande, vamos tomar uma bebida.

Perguntei-lhe se queria ser executado sentado ou de pé.

- Ah, deixe-me pensar! Não é uma pergunta fácil. A propósito, cometi um erro, que lamento sinceramente. Não me diverti nada com a sua Dolly. Sou a bem dizer impotente, para confessar a melancólica verdade. E proporcionei umas esplêndidas férias à garota.

Teve oportunidade de conhecer algumas pessoas notáveis. Conhece, por acaso...

E, com um salto tremendo, atirou-se a mim e a pistola foi parar debaixo de uma cómoda. Por sorte, era mais impetuoso do que vigoroso e não me foi difícil empurrá-lo de novo para a cadeira.

Cruzou os braços no peito, a ofegar um bocado.

- Arranjou-a bonita - declarou. - Vous voilà dans de beaux draps, mon vieux.

O seu francês melhorava.

Olhei em meu redor. Talvez se... talvez eu pudesse... De gatas?

Deveria arriscar?

- Alors, que fait-on? - Perguntou, a olhar-me atentamente.

Inclinei-me. Não se mexeu. Inclinei-me ainda mais.

- Meu caro senhor, deixe-se de brincar com a vida e a morte.

Sou dramaturgo. Já escrevi tragédias, comédias e fantasias. Fiz filmes particulares baseados em Justine e outras sexescapadas do século XVIII. Sou autor de cinquenta e dois
argumentos cinematográficos com êxito. Conheço os cordelinhos. Porque não o vou buscar, para, depois,

pescarmos a sua arma?

Espalhafatosamente, astutamente, levantara-se de novo, enquanto falava.

Tacteei debaixo da cómoda, tentando, ao mesmo tempo, não desviar os olhos do indivíduo. De repente, reparei que ele reparara que eu parecia não ter reparado que a camaradinha espreitava do outro lado da cómoda. Atirámo-nos de novo um ao outro e rolámos no chão, nos braços um do outro, como duas enormes crianças indefesas. Ele estava nu e tinha um aspecto libidinoso, debaixo do roupão, e eu senti-me sufocar quando rolou sobre mim. Rolei sobre ele. Rolámos sobre mim. Rolámos sobre ele. Rolámos sobre nós.

Suponho que, na sua forma impressa, este livro será lido nos primeiros anos de 2000 d. C. (1935 mais oitenta ou noventa anos, longa vida, meu amor), os leitores idosos recordar-se-ão, com certeza, nesta altura, do cenário obrigatório dos westerns da sua infância. À nossa luta faltaram, porém, os murros de atordoar bois e a mobília a voar. Ele e eu éramos dois grandes bonecos, cheios de algodão sujo e trapos. Tratou-se de uma luta silenciosa, suave e informe da parte de dois literatos, um dos quais se encontrava absolutamente desorganizado por uma droga qualquer, enquanto o outro acumulava os handicaps de um coração doente e excesso de gim. Quando, por fim, me reapoderei da minha preciosa arma e o argumentista foi reinstalado na sua poltrona baixa, ofegamos ambos mais do que vaqueiro e pastor após uma das suas lutas.

Decidi examinar a pistola - a nossa transpiração podia ter estragado qualquer coisa - e recuperar o fôlego antes de iniciar o número principal do programa. A fim de preencher o
hiato, propus-lhe que lesse a sua própria sentença, na forma poética que lhe dera. A expressão justiça poética

pode ser usada a este respeito muito apropriadamente. Entreguei-lhe o
documento muito bem dactilografado.

- Esplêndida ideia - declarou. - Deixe-me ir buscar os óculos de leitura - e tentou levantar-se.

- Não.
- Como queira. Devo ler em voz alta?
- Sim.
- Lá vai. Ah, está em verso!

Porque tirou vantagem de um pecador
Porque tirou vantagem
Porque tirou
Porque tirou vantagem da minha desvantagem...

- Oh, formidável!

... Porque tirou vantagem de um pecado
Quando húmido e sensível como se mudasse de pele
Estava esperançado no melhor
Sonhando com um casamento
num estado da montanha
E - sim! - com uma ninhada de Lolitas...

- Não percebi isto.

Porque tirou vantagem da minha intima
E essencial inocência
Porque me roubou...

- Excessivamente repetido, não acha? Mas onde ia eu?

Porque me roubou a minha redenção
Porque a levou Numa idade
em que os garotos Brincam com fotografias eróticas?

- Está a tornar-se obsceno, hem?

Uma rapariguinha pubescente usando ainda papoulas
Comendo ainda pipocas no crepúsculo cromático
Em que índios fulvos liquidavam lavradores pagos
Porque a roubou Ao seu nobre protector de cerácea fronte,
Cuspindo-lhe no olho de pesada pálpebra
Rasgando-lhe a flava toga e ao alvorecer
Deixando o suíno a rolar no seu novo desconforto
O horror de amor e violetas Remorso e desespero
enquanto você Despedaçava uma triste boneca
E lhe atirava fora a cabeça Por tudo quanto fez
Por tudo quanto não fiz Tem de morrer.

- Isto está bom, sabe? Está muitíssimo bom.

.. quando me encontrava nu como Adão Perante uma lei federal e todas as ardentes estrelas.

- Bem, cavalheiro, não há dúvida de que se trata de um belo poema. Na minha opinião, o seu melhor poema. - Dobrou o papel e devolveu-mo.
Perguntei-lhe se tinha alguma coisa séria a declarar antes de morrer.

A automática estava de novo pronta para ser usada nele. Olhou-a e soltou um grande suspiro.

- Escute cá, Mac, você está bêbado e eu sou um homem decente. Adiemos a questão. Preciso de tranquilidade, tenho de estimular a minha impotência. Espero amigos, esta tarde, para me levarem a um jogo. Essa farsa da pistola está a tornar-se terrivelmente enfadonha. Somos homens do mundo em tudo - sexo, versos livres, pontaria. Se tem algum ressentimento contra mim, estou disposto a fazer as devidas reparações. Nem sequer excluo a possibilidade de um rencontre à moda antiga, à espada ou à pistola, no Rio ou em qualquer outro lado. A minha memória e a minha eloquência não estão hoje na sua melhor forma, mas francamente, meu caro Mr. Humbert, o senhor não era o padrasto ideal e eu não obriguei a sua pequena protégée a reunir-se-me. Foi ela que me obrigou a transferi-la para um lar mais feliz. Esta casa não é tão moderna como o rancho que compartilhámos com amigos queridos. Mas é espaçosa, fresca no Verão e no Inverno e, numa palavra, confortável. Portanto, como tenciono retirar-me definitivamente para Inglaterra ou Florença, sugiro-lhe que venha para cá. É sua, grátis. Com a condição de que deixe de me apontar essa (disse um palavrão nojento) arma. A propósito, não sei se gosta do esquisito, mas, se gosta, posso-lhe oferecer, também grátis, como mascote caseira, uma aberraçãozinha muito excitante, uma jovem com três seios, um dos quais é uma delícia, trata-se de uma rara e deliciosa maravilha da natureza. Vá, soyons raisonnables. Não conseguirá mais do que ferir-me horrivelmente e depois apodrecerá na cadeia, enquanto eu recupero num ambiente tropical. Garanto-lhe que será feliz aqui, Brewster, com uma adega magnificente e todos os direitos da minha próxima peça - não tenho muito no banco, neste momento, mas tenciono pedir emprestado - como o bardo disse, com aquele frio na cabeça, pedir emprestado, e pedir emprestado, e pedir emprestado. Há outras vantagens. Temos cá uma mulher

a dias muito digna de confiança e subornável, uma tal Mrs. Vibrissa - curioso nome -, que vem da aldeia duas vezes por semana, infelizmente hoje não vem, tem filhas e netas, sei uma coisa acerca do chefe da
Polícia que faz dele meu escravo. Sou um dramaturgo. Já me chamaram o Maeterlinck americano. Maeterlinck-Schmetterling, digo eu. Vamos, tudo isto é muito humilhante e eu não tenho a certeza de estar a proceder como convém. Nunca misture herculanita com rum. Vamos, seja bom rapaz e largue essa pistola. Conheci ligeiramente a sua querida esposa. Pode servir-se do meu guarda-roupa. Ah, outra coisa! Vai gostar disto. Temos lá em cima uma coleção de material erótico absolutamente única. Menciono só uma das suas peças, para amostra; o in-folio de luxo Bagration Island, pela exploradora e psicanalista Melanie Weiss, uma dama notável e uma notável obra - largue a arma - com fotografias de oitocentos e tal órgãos masculinos que ela examinou e mediu em 1932, em Bagration, no mar Barda, gráficos muito esclarecedores, traçados com amor sob um céu agradável - largue a arma -, e, além disso, posso arranjar maneira de o senhor assistir a execuções, nem toda a gente sabe que a cadeira é pintada de amarelo...

Feu. Desta vez acertei em qualquer coisa dura: as costas de uma cadeira de baloiço preta, semelhante à de Dolly Schiller. A bala acertou na superfície interior das costas da cadeira, que começou imediatamente a balançar sozinha, tomada de pânico, e a poltrona em que o meu alvo purpúreo estivera um momento antes vazia de todo o conteúdo vivo. Agitando os dedos no ar, depois de um impulso rápido da garupa, o indivíduo correu para a sala de música e, no instante seguinte, estávamos a ofegar e a empurrar de ambos os lados da porta, que tinha uma chave que me escapara. Voltei a levar a melhor e, com outro movimento abrupto, Clare, o

Imprevisível, sentou-se ao piano e tocou alguns acordes atrozmente vigorosos, fundamentalmente histéricos e plangentes, com a papada a tremer, as mãos abertas a martelar tensamente as teclas e as narinas a emitir os sons resfolegantes de banda sonora que tinham estado ausentes da nossa briga. Sem deixar de emitir os horríveis ruídos tentou inutilmente abrir, com o pé, uma espécie de arca de marinheiro, que se encontrava pertodo piano. A minha bala seguinte acertou-lhe algures, de lado, e ele levantou-se da cadeira, cada vez mais alto, como o velho, grisalho e louco Nijinski, como o Velho Fiel, como qualquer velho pesadelo meu, ergueu-se a uma altura fenomenal, ou, pelo menos, assim me pareceu, fendendo o ar, ainda aestremecer todo com aquela música negra e rica, de cabeça lançada para trás num urro, uma das mãos comprimidas contra a testa e a outra a agarrar a axila como se tivesse sido mordido por uma vespa. Ficou de pé, de novo reduzido à estatura normal de um homem de roupão, correu para o vestíbulo.

Vejo-me a segui-lo através do vestíbulo, numa espécie de duplo, triplo salto de canguru, de pernas muito tesas, enquanto saltava duas vezes atrás dele e depois entre ele e a porta da rua, num saltar balético rígido, com o objectivo de lhe cortar a passagem, pois a porta não estava convenientemente fechada.

Com um ar subitamente muito altivo e um pouco melancólico, começou a subir a escada larga. Mudando de posição, mas sem realmente o seguir pelos degraus acima, disparei três ou quatro vezes em rápida sucessão, ferindo-o de todas elas.

E de todas as vezes que o atingia, que lhe fazia essa coisa horrorosa, o seu rosto contorcia-se de um modo absurdamente clownesco, como se ele exagerasse a dor. Afrouxava o passo, revirava os olhos e semicerrava-os, soltava um "ah!", feminino e estremecia todas as vezes

que uma bala o atingia, como se lhe estivesse a fazer cócegas - e, todas as vezes que lhe acertava com uma das minhas balas cegas, lentas e desajeitadas, dizia baixinho, com um cómico sotaque britânico, sem deixar de fazer caretas e estremecer horrivelmente e, também, com uma atitude curiosamente desinteressada e até amigável: "Ah, sir, como isso dói! Chega. Ah isso dói atrozmente meu caro suplico-lhe que desista. Ah, é muito doloroso... muito doloroso, deveras... Meu Deus! Ah! Isto é abominável, francamente não devia..." A voz extinguiu-se-lhe lentamente, quando chegou ao patamar, mas continuou a andar firme, apesar de todo o chumbo que eu lhe metera no corpo inchado e, consternado, angustiado, compreendi que, ao contrário de o matar, estava a injectar jactos de energia no pobre diabo, como se as balas fossem cápsulas contendo um elixir inebriante.

Recarreguei a arma com as mãos sujas de preto e ensanguentadas - tocara qualquer coisa em que deixava o seu sangue espesso. Depois reuni-me a ele no andar de cima, com as chaves a tilintar nas minhas algibeiras como moedas de ouro.

Ele arrastava-se de quarto para quarto, a sangrar majestosamente, procurando uma janela aberta, abanando a cabeça e tentando, ainda, dissuadir-me de o assassinar.

Apontei-lhe à cabeça e ele retirou-se para o quarto principal, com um esguicho purpúreo no lugar onde tivera a orelha.

- Vá-se embora, vá-se embora daqui - disse, tossindo e cuspindo.

E, num pesadelo de espanto, vi aquele indivíduo todo sujo de sangue, mas ainda cheio de vida, meter-se na cama e envolver-se na sua caótica roupa. Atingi-o quase à queima-roupa, através dos cobertores, e ele caiu para trás ao mesmo tempo que uma grande bolha vermelha,

com conotações juvenis, se Lhe formava nos lábios, atingia o tamanho de um balão pequeno e desaparecia.

Devo ter perdido o contacto com a realidade durante um segundo ou dois - oh, nada semelhante àquela história de perdi completamente a memória que os criminosos vulgares inventam! Pelo contrário, desejo salientar o fato de que fui responsável por todas as gotas de sangue que ele verteu. Mas deu-se uma espécie de transposição momentânea, como se eu estivesse no quarto conubial e Charlotte doente, na cama. Quilty era um homem muito doente. Segurei um dos seus chinelos em vez da pistola, em cima da qual estava sentado. Depois instalei-me um pouco mais confortavelmente, na cadeira ao lado da cama, e consultei o relógio de pulso, que trabalhava apesar de o vidro ter desaparecido. Toda aquela
triste história demorara mais de uma hora. Ele estava, finalmente, quieto. Em vez de sentir algum alívio, um fardo muito mais pesado do que aquele de que julgara libertar-me estava comigo, estava em mim, estava em cima. Não era capaz de lhe tocar, para me certificar de que estava, realmente, morto. Parecia morto: um quarto do seu " rosto desaparecera e duas moscas esvoaçavam fora de si, como se começassem a tomar consciência de uma sorte inacreditável. As minhas mãos não estavam em melhor estado do que as dele. Lavei-me o melhor que pude, na casa de banho contígua. Agora podia ir-me embora. Quando cheguei ao patamar, fiquei surpreendido ao descobrir que o ruído insistente que, havia momentos, atribuía a uma zoada dos ouvidos, era, na realidade, uma mescla de vozes e música de rádio vinda da sala de baixo.

Encontravam-se lá diversas pessoas, que aparentemente tinham acabado de chegar e bebiam, despreocupadas, as bebidas de Quilty.

Havia um homem gordo sentado numa poltrona e duas jovens beldades pálidas de cabelos pretos, sem dúvida irmãs, mais velha e mais nova (quase uma criança), gravemente sentadas ao lado uma da outra num sofá. Um tipo de rosto corado e olhos azul-safira trazia dois copos da cozinha-bar, onde duas ou três mulheres tagarelavam e faziam tilintar o gelo das bebidas. Parei à porta e anunciei: "Acabo de matar Clare Quilty." "Fez muito bem", redarguiu o tipo corado, enquanto oferecia um dos copos à rapariga mais velha. "Já alguém devia ter feito isso há muito tempo", comentou o gordo. "Que disse ele, Tony?", perguntou uma loura fanada do bar. "Diz que matou o Cue", respondeu-lhe o homem de cara corada. "Bem", observou outro indivíduo inidentificado, erguendo-se num canto, onde estivera acocorado a ver uns discos, "acho que todos nós lhe devíamos fazer isso, um dia destes. De qualquer maneira, será melhor ele descer", disse Tony. "Não podemos esperar mais tempo por ele se queremos ir ao tal jogo." "Ninguém dá uma bebida a este homem?", perguntou o gordo. "Quer uma cerveja?", ofereceu uma mulher de calças compridas, mostrando-ma de longe.

Só as duas raparigas do sofá, ambas vestidas de preto e a mais nova a mexer em qualquer coisa brilhante que tinha à volta do pescoço pálido, só elas não disseram nada; continuaram a sorrir, muito jovens e corrompidas. Quando a música parou, momentaneamente, ouviu-se um ruído súbito na escada. Tony e eu dirigimo-nos para o vestíbulo. Quilty conseguira arrastar-se até ao patamar e ali o podíamos ver, oscilante e pesado. Por fim caiu, desta vez para sempre, num monte purpúreo.

- Despacha-te, Cue - disse Tony, a rir. - Creio que ele ainda está... - voltou para a sala e a música abafou o resto da frase.

Aquilo, pensei, era o fim da engenhosa peça encenada por Quilty para mim. Saí daquela casa com o coração pesado e dirigi-me, debaixo do sol forte, para o meu automóvel. Havia dois outros carros estacionados de ambos os lados, e tive alguma dificuldade em sair.

36

O resto é um pouco vago e enfadonho. Desci a encosta lentamente e pouco depois dei comigo a seguir, com a mesma velocidade indolente, na direcção oposta a Parkington. Deixara o impermeável no boudoir e a camaradinha na casa de banho. Não, não gostaria de viver naquela casa. Perguntei a mim mesmo se um cirurgião genial não conseguiria modificar a sua própria carreira, e talvez todo o destino da espécie humana, ressuscitando o acolchoado Quiltv, Clare Escuro. Não me importava; de um modo geral, desejava esquecer toda aquela história - e, quando soube que ele morrera, a única satisfação que a notícia me deu resumiu-se ao alívio de saber que não precisava de acompanhar mentalmente, durante meses, uma dolorosa e repugnante convalescença, interrompida por toda a espécie de inenarráveis operações e recaídas - e talvez, até, uma visita da sua parte e dificuldade da minha em racionalizá-lo como não sendo um fantasma. Thomas tinha certa razão. É estranho que o sentido do tacto, tão infinitamente menos valioso para os homens do que o da vista, se torne em certos momentos críticos o nosso principal, se não o único, meio de acesso à realidade. Sentia-me todo coberto de Quilty, da sensação daquela refrega antes da sangueira.

A estrada estendia-se por campo aberto e acudiu-me a ideia não como protesto, não como símbolo ou algo parecido, mas apenas como uma experiência nova -, acudiu-me a ideia de que, visto ter desrespeitado todas as leis da humanidade, também podia desrespeitar as leis do trânsito. Por isso desviei-me para o lado esquerdo da estrada, analisei a sensação que isso me causava e

gostei. Era uma agradável fusão diafragmal com elementos de difusa tactilidade, tudo isso realçado pelo pensamento de que não podia haver nada mais próximo da eliminação das leis físicas fundamentais do que conduzir deliberadamente pelo lado errado da estrada. De certo modo, tratava-se de um prurido muito espiritual. Suavemente, sonhadoramente, sem exceder os trinta e cinco quilômetros por hora, viajei por aquele lado estranho. O trânsito era pouco.

Os automóveis que de vez em quando se cruzavam comigo, pelo lado que lhes abandonara, buzinavam brutalmente. Os que vinham na minha direção, hesitavam, desviavam-se bruscamente e gritavam de medo. Pouco depois, reparei que me aproximava de áreas povoadas. Ignorar a luz vermelha foi como beber um golo de Borgonha proibido, quando era criança. Entretanto, surgiam complicações: estava a ser seguido e escoltado. De súbito, à minha frente, vi dois carros colocarem-se de tal maneira que me bloqueavam por completo a passagem. Com um movimento gracioso, saí da estrada e, depois de dois ou três grandes solavancos, subi uma encosta relvosa, entre vacas surpreendidas, e parei, suavemente embalado. Pareceu-me uma espécie de atenciosa síntese hegeliana, unindo duas mulheres mortas. Em breve me tirariam do carro ("Olá, Melmoth, muito obrigado, velho compincha!"). Senti-me ansioso por me render a tantas mãos, sem fazer nada para cooperar, enquanto eles me transportavam, descontraído, confortável, entregando-me preguiçosamente, como um doente, e encontrando um estranho gozo na minha debilidade e no apoio absolutamente digno de toda a confiança que recebia dos polícias e do pessoal da ambulância. Enquanto esperava que corressem para mim na alta encosta, evoquei uma derradeira imagem de maravilha e desespero. Um dia, pouco depois do desaparecimento

dela, um ataque de abominável náusea obrigou-me a parar no fantasma de uma velha estrada da montanha que ora acompanhava, ora atravessava, uma àuto-estrada novinha, com a sua população de ásteres a banhar-se no calor desprendido de uma tarde azul-pálida de fim de Verão. Depois de quase me virar do avesso a tossir, descansei um bocado num rochedo e, a seguir, pensando que o ar suave me poderia fazer bem, dei alguns passos na direcção do parapeito baixo, de pedra, do lado da estrada que dava para um precipício. Aqui pequenos gafanhotos saltavam das ervas secas das bermas. Uma nuvem muito leve abria os braços e aproximava-se de outra um pouco mais substancial, pertencente a outro sistema celeste mais lento. Quando me aproximei do abismo amigável, tive consciência crescente de uma melodiosa unidade de sons que subiam como vapor da pequena cidade mineira que se estendia a meus pés, num recesso do vale. Conseguia-se distinguir a geometria das ruas entre quarteirões de telhados encarnados e cinzentos, e tufos verdes de árvores, e um regato serpenteante, e o brilho, como que de minério, da lixeira da cidade, e para lá dela estradas atravessando a indisciplinada manta de retalhos de campos escuros e claros, e atrás de tudo isso grandes montanhas arborizadas.

Mas ainda mais viva do que essas cores que rejubilavam calmamente - pois há cores e tonalidades que parecem gostar de boa companhia -, mais viva e mais sonhadora ao ouvido do que o olhar, era aquela vaporosa vibração de sons acumulados que não cessavam um momento, na sua subida para a plataforma de granito onde me encontrava, a limpar a boca suja. Não tardei a compreender que todos esses sons eram da mesma natureza, que nenhuns outros sons, além desses, subiam das ruas da cidade transparente, onde as mulheres estavam em casa e os homens a trabalhar.

Leitor! O que eu ouvia era a melodia de crianças a brincar, nada mais do que isso, e tão límpido era o ar no conjunto desse vapor de vozes reunidas, majestosas e insignificantes, longínquas e magicamente próximas, francas e divinamente enigmáticas - nesse conjunto conseguia-se ouvir de vez em quando, como que liberto, um jorro de riso vibrante quase articulado, ou o bater de um bastão de basebol, ou o fragor de um comboio de brincar; mas a distância era tão grande que o olhar não lograva distinguir qualquer movimento nas ruas claramente delineadas. Fiquei a ouvir essa vibração musical na minha encosta altaneira, esses ecos de gritos isolados com uma espécie de murmúrio afectado a servir de fundo - e, de repente, compreendi que o tormento dolorosamente pungente não era a ausência de Lolita a meu lado, e, sim, a ausência da sua voz naquela harmonia.

Esta é, pois, a minha história. Reli-a. Tem agarrada a ela fragmentos de medula, e sangue, e bonitas moscas de um verde-briLhante. Numa ou noutra passagem, sinto o meu esquivo eu furtar-se-me, mergulhar em águas mais negras e mais profundas do que ouso sondar. Camuflei o que pude, para não magoar as pessoas, e estudei muitos pseudónimos, para mim, antes de acertar com um que me pareceu particularmente apropriado. Nos meus apontamentos aparecem sugestões de Otto Otto, e Mesmer Mesmer e Lamber Lamber; mas creio que o escolhido exprime melhor a sordidez inerente. Quando, há cinquenta e seis dias, comecei a escrever Lolita, primeiro na enfermaria psicopática, onde estava sob observação, e depois nesta reclusão bem aquecida, conquanto que tumular, pensei que utilizaria estas notas in toto no meu julgamento, não para salvar a cabeça, evidentemente, mas, sim, para salvar a alma. A meio da composição, porém, compreendi que não poderia exibir a Lolita viva. Talvez utilize passagens destas memórias

em sessões à porta fechada, mas a publicação terá de ser adiada.

Por razões que talvez pareçam mais óbvias do que na realidade são, discordo da pena capital; confio em que esta atitude seja compartilhada pelo juiz que me sentenciar.
Se comparecesse a julgamento perante mim próprio, aplicaria a Humbert, pelo menos, trinta e cinco anos de cadeia por violentarão e retiraria todas as outras acusações. Mas, mesmo assim, Dolly Schiller sobreviver-me-á, provavelmente, muitos anos. Tomei a decisão seguinte, com todo o impacte e toda a validade de um testamento assinado: desejo que este relato só seja publicado quando Lolita já não viver.

Assim, nenhum de nós estará vivo quando o leitor abrir este livro. Mas, enquanto o sangue latejar na minha mão que escreve, tu continuarás a fazer parte da abençoada matéria,
tanto como eu, e ainda poderei falar contigo, daqui para o Alasca. Sê fiel ao teu Dick. Não deixes outros tipos tocarem-te. Não fales com desconhecidos. Espero que ames o teu bebé, assim como espero que o teu marido te trate sempre bem, pois de contrário o meu espírito descerá sobre ele como fumo negro, como gigante dementado, e destrui-lo-á nervo por nervo. E não lamentes C. Q. Havia que escolher entre ele e H. H. e desejava que H. H. existisse pelo menos mais uns meses, para que tu vivesses no espírito de futuras gerações. Penso em auroques e anjos, no segredo dos pigmentos duráveis, em proféticos sonetos, no refúgio da arte. E essa é a única imortalidade que tu e eu podemos compartilhar, minha Lolita.

Nota Biobibliográfica

VLADIMIR NABOKOV nasceu em Sampetersburgo em 1899.

Nasceu numa família aristocrática deixada na miséria pela revolução russa. Em 1919 optou por viver no Ocidente. Formou-se no Trinity College, Cambridge, em 1922, após o que se instalou em Berlim. Compôs ali os seus primeiros escritos em russo, embora posteriormente os tenha traduzido para inglês e publicado com o pseudónimo Vladimir Sirin: Mashenka (1926), King, Queen, I Knave (1928), The Eye (1930), The Defense (1930), Glory (1932), Laughter in the Dark (1932), Despair (1936), Invitation to Be heading (1938), The Gift (1938), The Real Life of Sebastian Knight (1941), Bend Sinister (1947), Lolita (1955), Pnin (1957), Pale Fire (1962), Ada (1969), Transparent Things (1972), Look at the Harle quins! (1974).

Em 1940 foi para os Estados Unidos e tornou-se professor de Literatura na Cornell University (1948-1959). Em 1945 nacionalizou-se norte-americano. Em 1960 instalou-se em Montreux onde viria a falecer em 1977.

Representante ilustre da tradição literária russa, que transpôs brilhantemente para o inglês, reflectiu nas suas obras, com humor e ironia, a realidade da sociedade contemporânea ocidental.

Estão traduzidas para português algumas das suas obras: Riso na Escuridão; O Encantador; A Verdadeira Vida de Sebastian Knight; Pnin; Fogo Pálido; Lolita; Ada, Ou Ardor: Uma Crónica de Família, Transparências, Desespero.

{1} Passaporte que se concede a apátridas e que tem o nome de Fridtjof Nansen, Prémio Nobel da Paz de 1922 pelos serviços prestados a favor dos famintos russos e do repatriamento de prisioneiros em poder dos Russos, etc. Nansen era norueguês.
{2} O autor serve-se da palavra Nonsense - contrassenso- para fazer um trocadilho com Nansen. (N. da T.)
{3} Alusão à rapariga graciosa e ingénua, do mesmo nome, de A Tempestade, de Shakespeare. (N. da T.)
{4} Mann Act, lei de Mann, lê-se como Man Act, que se pode traduzir por Acto de Homem. (N. da T.)

{5}Expressão popular americana: aquele que veste zoot-suit, ou seja, fato de casaco comprido e largo nos ombros e calças amplas, mas a estreitar muito nos tornozelos. (N. da T.)